



Universidade de Brasília – UnB
Instituto de Letras – IL
Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas – LIP
Programa de Pós-Graduação em Linguística – PPGL/ Mestrado

**CONFLUÊNCIA ENTRE DICIONÁRIO ANALÓGICO
E
TESAURO DOCUMENTÁRIO
COMO MODELO DE DICIONÁRIO ANALÓGICO**

Michelle Machado de Oliveira

**Brasília-DF
2010**

MICHELLE MACHADO DE OLIVEIRA

**CONFLUÊNCIA ENTRE DICIONÁRIO ANALÓGICO
E
TESAURO DOCUMENTÁRIO
COMO MODELO DE DICIONÁRIO ANALÓGICO**

Dissertação apresentada ao Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, como parte dos requisitos para obtenção do Grau de MESTRE EM LINGUÍSTICA, pela Universidade de Brasília.

Área de concentração: Teoria e Análise Linguística

Orientadora: Professora Doutora Enilde Faulstich

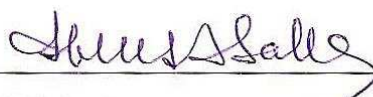
Brasília

2010

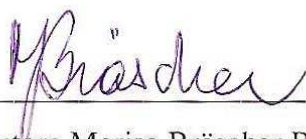
BANCA EXAMINADORA



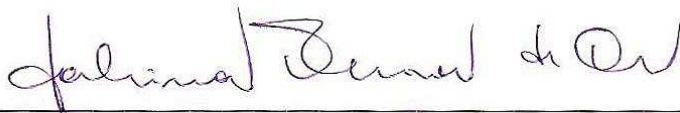
Professora Doutora Enilde Faulstich LIP/UnB
(Presidente)



Professora Doutora Heloisa Maria Moreira Lima Salles LIP/UnB
(Membro efetivo)



Professora Doutora Marisa Bräscher Basilio Medeiros CID/UnB
(Membro efetivo)



Professora Doutora Sabrina Pereira de Abreu UFRGS
(Suplente)

*Ao meu amoroso e poderoso Deus, que é iluminador do meu caminho e merecedor de toda honra e glória,
porque todas as coisas foram criadas por ele e para ele.
Aos meus dedicados pais, que sempre investiram energias, com muito amor, em minha formação.*

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter me dado força e por ter guiado meus passos, pois sem o seu soberano auxílio eu estaria impossibilitada de realizar este trabalho. Ao Espírito Santo, meu ajudador, por ter estado ao meu lado em todos os momentos com a sua doce presença, que trouxe paz e sabedoria.

À minha avó, Geralda, pelas orações e pela contribuição direta e indireta em minha formação.

Aos meus pais, Nilson e Meire, a quem devo minhas conquistas e minha formação, que são frutos do investimento de amor incondicional, da dedicação ao transmitir valores e ensinamentos, do constante incentivo aos estudos, dando-me condições físicas, emocionais, espirituais, intelectuais, para vencer mais uma etapa da vida.

À minha amada orientadora, Professora Doutora Enilde Faulstich, por ter me introduzido nos caminhos das pesquisas acadêmicas, orientando-me com competência e entusiasmo. Sou muito grata ao conhecimento que vem compartilhando comigo desde a Iniciação Científica. Muito obrigada pela paciência, pelo incentivo ao estudo e à pesquisa. Suas ideias foram fundamentais para o desenvolvimento deste trabalho.

Ao meu amor, Rubmayer, pela compreensão, nos momentos que estive ausente, e pela cumplicidade. Sou grata pelo amor que tem por mim, pela sua presença serena, que traz alegria ao meu coração em momentos de paz e de crise, ao ouvir sua voz firme e ao contemplar seu olhar carinhoso.

Aos meus irmãos Wesley e Adriana, pelos momentos de descontração, pelo carinho e pela paciência ao conviver comigo nos momentos difíceis.

Às amigas do Mestrado, em especial as companheiras do Centro de Estudos Lexicais e Terminológicos (Centro Lexterm), Alessandra, Bruna, Cristiane, Cleide, Giselle, Flávia, Marcela, pela amizade, que possibilitou a troca de ideias e o companheirismo nos estudos e nos momentos emocionantes.

Aos funcionários da Universidade de Brasília, pela colaboração, em especial, à Renata, pela excelência e pela simpatia ao prestar os serviços.

Aos professores do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, que semearam o saber com generosidade e com dedicação quando cheguei imatura à Universidade de Brasília.

Aos professores Doutores da banca examinadora, por aceitarem ler e discutir este trabalho.

Ao Senhor Wilson Pereira, coordenador do Centro de Informação e Biblioteca em Educação (CIBEC), por ter disponibilizado o Thesaurus Brased, para o desenvolvimento da pesquisa.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico Tecnológico (CNPq), pelo apoio financeiro.

“Filho meu, se aceitares as minhas palavras e esconderes contigo os meus mandamentos, para fazeres atento à sabedoria o teu ouvido e para inclinares o coração ao entendimento, e, se clamares por inteligência, e por entendimento alçares a voz, se buscares a sabedoria como a prata e como a tesouros escondidos a procurares, então, entenderás o temor do SENHOR e acharás o conhecimento de Deus. Porque o SENHOR dá a sabedoria, e da sua boca vem a inteligência e o entendimento.” Provérbios 2:1-6

RESUMO

Este estudo tem por foco dicionário analógico e tesouro documentário, com base nos princípios teóricos do Léxico, da Terminologia e da Ciência da Informação. São objetivos da pesquisa: i) identificar a estrutura e a funcionalidade de dicionário analógico e tesouro documentário; ii) cotejar dicionário analógico e tesouro documentário; iii) propor um novo modelo de dicionário analógico. A estrutura complexa dos dicionários analógicos e a falta de estudos na literatura sobre dicionário analógico motivou nosso estudo. Analisamos os dicionários analógicos de Roget (1852), Robertson (1859), Boissière (1862), Rouaix (1897), Maquet (1936), Benot (1899), Casares (1941), Spitzer (1936), Bivar (1948), Azevedo (1950), Florenzano (1961) e o tesouro documentário Thesaurus Brasileiro da Educação – Brased – (2001). Adotamos os procedimentos metodológicos, a saber: i) uso do método comparativo-descritivo; ii) preenchimento da ficha lexicográfica de avaliação de dicionário, de Faulstich (1998), e da ficha terminográfica de avaliação de tesouro, a qual adaptamos de Faulstich (1998) e de Gomes et al (2004); iii) análise contrastiva entre as obras avaliadas e iv) proposta metodológica para elaboração de léxicos, dicionários e glossários de Faulstich (2001). Como resultado da pesquisa, percebemos que o Thesaurus de Roget (1852) serviu de modelo para a maioria dos dicionários analógicos existentes e para os tesouros documentários, o que justifica as confluências entre as obras. Foi identificado que as principais confluências entre o tesouro documentário e o dicionário analógico são oriundas dos procedimentos da Terminologia e que o emprego de métodos ontológicos pode aperfeiçoar obras lexicográficas. Assim sendo, conclui-se que há um liame entre a Lexicografia, a Terminologia e a Ciência da Informação e que o compartilhamento de princípios teóricos dessas áreas só tende a enriquecer os modelos de representação do conhecimento. Além disso, percebemos que os dicionários analógicos existentes possuem uma estrutura incoerente que precisa ser reformulada, por isso propomos um novo modelo de dicionário analógico, o qual apresenta critérios fundamentados na literatura do Léxico e da Terminologia.

Palavras-chave: dicionário analógico, tesouro documentário, onomasiologia, relações lexicais, Lexicografia, Terminologia.

ABSTRACT

The present work focuses on the analogic dictionary and the thesaurus documentary, based on the theoretical principles of the Lexicon, Terminology and Information Science studies. The aim of this work is: i) to identify the structure and functionality of the analogic dictionary and the thesaurus documentary, ii) to compare the analogic dictionary and the thesaurus documentary, and iii) to propose a new model for the analogic dictionary. The complex structure of analogic dictionaries and the lack of studies on this subject motivated our study. We analyzed the following analogic dictionaries: Roget (1852), Robertson (1859), Boissière (1862), Rouaix (1897), Maquet (1936), Benot (1899), Casares (1941), Spitzer (1936), Bivar (1948), Azevedo (1950), Florenzano (1961) and thesaurus documentary: Thesaurus Brazilian Education - Brased - (2001). We adopted the following methodological steps: i) use of a comparative-descriptive approach, ii) lexicographic evaluation dictionary form filling (adapted from Faulstich, 1998), and terminographic thesaurus evaluation form filling (adapted from Faulstich, 1998 and Gomes et al, 2004), iii) contrastive analysis of the works assessed, and iv) methodological proposal for the elaboration of lexicons, dictionaries and glossaries (as in Faulstich, 2001). As a result of this research, we realized that the Roget's Thesaurus (1852) served as a model for almost all of the existing analogic dictionaries and thesaurus documentaries, which explains the confluence of the works. We identified that the chief confluences between documentary thesaurus and analogical dictionaries rely on Terminology procedures and that ontological methods can improve the development of lexicographical works. Thus, we conclude that there is a link among Lexicography, Terminology and Information Science as well as that the participation of theoretical principles of these areas enriches knowledge representation models. Also, we realized that analogic dictionaries have an incoherent structure that needs to be reformulated so we proposed a new model for the analogic dictionary, which provides criteria based on literature of Lexicon and Terminology.

Key words: analogic dictionary, thesaurus documentary, onomasiology, lexical relations, Lexicography, Terminology.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Ilustração comparativa do signo linguístico	18
Figura 2: Unidade lexical e suas relações	19
Figura 3: Representação ilustrativa da Onomasiologia e da Semasiologia	21
Figura 4: Escolha onomasiológica do locutor e escolha semasiológica do ouvinte	22
Figura 5: Mecanismos – onomasiológico e semasiológico	23
Figura 6: Parte do plano de classificação de ideias de Azevedo (1950)	40
Figura 7: Parte do quadro sinóptico de categorias de Azevedo (1950)	40
Figura 8: Parte analógica de Azevedo (1950)	41-42
Figura 9: Índice remissivo de Azevedo (1950)	43
Figura 10: Verbetes <i>comida</i> parte alfabética de Casares (1936)	44
Figura 11: Verbetes <i>comida</i> da parte alfabética de Florenzano (1961)	44
Figura 12: Campo <i>arma branca</i> proposto por Faulstich (1980)	46
Figura 13: Representação de uma relação associativa de Saussure (1999)	51
Figura 14: Verbetes <i>divertimento</i> de Azevedo (1950)	59
Figura 15: Ordem completa dos elementos componentes de um verbo de Houaiss (2009)	60
Figura 16: Plano de classificação de ideias de Roget (1936)	77
Figura 17: Verbetes <i>continuidade</i> e <i>descontinuidade</i> de Roget (1936)	78
Figura 18: Plano de classificação de ideias de Robertson (1859)	84
Figura 19: Verbetes <i>contentamento</i> e <i>descontentamento</i> de Robertson (1859)	85
Figura 20: Verbetes de Boissière (1890) com indicação de pronúncia	89
Figura 21: Etimologia do verbo <i>aigle</i> de Boissière (1890)	89
Figura 22: Nota do verbo <i>accoucher</i> de Boissière (1890)	90
Figura 23: Exemplo da estrutura da obra de Boissière (1890)	91
Figura 24: Exemplo da estrutura da obra de Rouaix (1897)	97
Figura 25: Etimologia do verbo <i>grand</i> da obra de Maquet (1936)	101
Figura 26: Exemplo da estrutura da obra de Maquet (1936)	103
Figura 27: Plano de classificação de ideias de Benot (1899)	109
Figura 28: Verbetes <i>direito</i> e <i>improbidade</i> de Benot (1899)	110
Figura 29: Plano de classificação de ideias de Casares (1941)	117
Figura 30: Exemplo da estrutura da obra de Casares (1941)	118
Figura 31: Plano de classificação de ideias de Sptizer (1936)	124

Figura 32: Exemplo da estrutura da obra de Sptizer (1936)	125
Figura 33: Plano de classificação de ideias de Bivar (1948)	132-138
Figura 34: Exemplo da estrutura da obra de Bivar (1948)	139
Figura 35: Plano de classificação de ideias de Azevedo (1950)	146
Figura 36: Verbete <i>zoologia e botânica</i> de Azevedo (1950)	147
Figura 37: Plano de classificação de ideias de Florenzano (1961)	152
Figura 38: Exemplo da estrutura da obra de Florenzano (1961)	153
Figura 39: Verbete <i>escola</i> de Roget (1936)	156
Figura 40: Verbete <i>escola</i> de Robertson (1859)	156
Figura 41: Verbete <i>escola</i> de Benot (1899)	157
Figura 42: Verbete <i>escola</i> de Sptizer (1936)	158
Figura 43: Verbete <i>escola</i> de Azevedo (1950)	158
Figura 44: Verbete <i>escola</i> de Florenzano (1961)	159
Figura 45: Verbete <i>escola</i> da parte alfabética de Florenzano (1961)	159
Figura 46: Verbete <i>escola</i> de Boissière (1862)	160-161
Figura 47: Verbete <i>escola</i> de Rouaix (1897)	162
Figura 48: Verbete <i>escola</i> de Maquet (1936)	163
Figura 49: Verbete <i>escola</i> de Casares (1941)	164
Figura 50: Verbete <i>escola</i> de Bivar (1948)	165
Figura 51: Verbete <i>escola</i> parte alfabética de Casares (1941)	166
Figura 52: Verbete <i>escola</i> parte alfabética de Bivar (1948)	166
Figura 53: Relação gênero-espécie	180
Figura 54: Relação partitiva	180
Figura 55: Relação enumerativa	181
Figura 56: Campo de pesquisa de termos do Brased (2001)	186
Figura 57: Matriz Conceitual do Thesaurus Brased (2001)	188
Figura 58: Estrutura do termo <i>solo</i> no Brased (2001)	192
Figura 59: Ficha terminológica para preenchimento de Proposta de Termos e Conceitos para o Brased (2001)	194-195
Figura 60: Representação do termo <i>escola</i> na estrutura dos termos do Brased (2001)	196
Figura 61: Relações entre conceitos em um subconjunto do domínio sobre plantas	206
Figura 62: Pesquisa do lexema <i>school</i> na WordNet	208
Figura 63: Opções de relações para a categoria substantivo do lexema <i>escola</i> na WordNet	209
Figura 64: Resultado da busca dos merônimos do lexema <i>school</i> na WordNet	210

Figura 65: Proposta de marcas de uso

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Ficha lexicográfica do verbete <i>comida</i>	30
Quadro 2: Ficha lexicográfica do verbete <i>divertimento</i>	31
Quadro 3: Ficha lexicográfica verbete <i>escola</i>	31
Quadro 4: Campos e suas respectivas relações lexicais	48
Quadro 5: Tipos de campos a que pertencem os lexemas do verbete <i>comida</i>	53-55
Quadro 6: Relações lexicais a que pertencem os lexemas do verbete <i>comida</i>	55-56
Quadro 7: Verbetes <i>divertimento</i> de Houaiss (2009)	58
Quadro 8: Capítulo XI, gênero XXXVI, <i>relação civil, profissões e vocação</i> na obra de Wilkins (1668)	63
Quadro 9: Obras onomasiológicas inspiradas no modelo de Roget (1852)	64-65
Quadro 10: Lista de dicionários analógicos selecionados para análise	68
Quadro 11: Quantidade de lexemas nos verbetes selecionados	166-167
Quadro 12: Verbetes <i>pedestre</i> de Señas (2001)	171
Quadro 13: Abreviaturas presentes nos tesouros e suas respectivas significações	181-182
Quadro 14: Campos temáticos do Brased (2001) e informações sobre as subáreas	188-189
Quadro 15: Esclarecimento a respeito dos símbolos no Brased (2001)	190-191
Quadro 16: Estrutura de termos <i>instituição-escola</i> e <i>escola</i> no Brased (2001)	198
Quadro 17: Relações no dicionário analógico e no tesouro documentário	201
Quadro 18: Estrutura do verbete	214

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
1 LEXICOGRAFIA E TERMINOLOGIA: EM DISCUSSÃO SEMASIOLOGIA E ONOMASIOLOGIA	18
1.1 A unidade linguística	18
1.2 Semasiologia e Onomasiologia	19
2 METODOLOGIA DA PESQUISA	27
2.1 Procedimentos metodológicos	27
2.1.1 <i>Percurso metodológico para análise de dicionário analógico</i>	28
2.1.2 <i>Percurso metodológico para análise de tesouro documentário</i>	29
2.1.3 <i>Percurso metodológico para elaboração do novo modelo de dicionário analógico</i>	29
3 ESTUDO DE DICIONÁRIOS ANALÓGICOS (IDEOLÓGICOS)	34
3.1 Afinal: Dicionário analógico ou ideológico?	34
3.2 Para que serve um dicionário analógico?	37
3.3 Estrutura e organização dos lexemas	38
3.3.1 <i>Tipos de campos na constituição dos verbetes</i>	44
3.3.2 <i>As relações lexicais entre os lemas e as unidades linguísticas</i>	48
3.4 A formação dos tipos de campos e as relações lexicais nos grupos analógicos de lexemas no verbe <i>comida</i>	52
3.5 Comparação entre dicionário de língua comum e dicionário analógico	57
4 ANÁLISE DAS OBRAS LEXICOGRÁFICAS ESCOLHIDAS	62
4.1 Breve retrospectiva histórica acerca de obras onomasiológicas	62
4.2 Resenhas lexicográficas dos dicionários escolhidos sob a forma de fichas lexicográficas	67
4.2.1 <i>Introdução: informações acerca das fichas lexicográficas</i>	68
4.2.2 <i>Dicionário analógico do inglês: Roget, 1852.</i>	70
4.2.3 <i>Dicionários analógicos do francês: Robertson, 1859; Boissière, 1862;</i>	

	<i>Rouaix, 1897; Maquet, 1936.</i>	78
4.2.4	<i>Dicionários analógicos do espanhol: Benot, 1899; Casares, 1941</i>	104
4.2.5	<i>Dicionários analógicos do português: Spitzer, 1936; Bivar, 1948; Azevedo, 1950; Florenzano, 1961.</i>	119
4.3	Conclusão parcial como resultado da análise contrastiva das macroestruturas e das microestruturas dos dicionários analógicos selecionados	154
4.4	O papel do conceito em obras lexicográficas analógicas	168
4.5	Aspectos culturais presentes nos verbetes	170
5	LEXICOGRAFIA E TERMINOLOGIA NA ÁREA DO LÉXICO E NA ÁREA DE ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO	173
5.1	Liame entre Lexicologia, Lexicografia, Terminologia e Ciência da Informação	173
5.2	Conotações de <i>thesaurus</i> e de tesauro documentário	175
5.3	Resenha terminológica do Thesaurus Brasileiro da Educação sob a forma de ficha terminográfica	182
5.4	Comentário acerca do termo <i>escola</i>, extraído do tesauro documentário selecionado	195
5.5	Tesauro Documentário X Dicionário Analógico	199
5.6	Tesauro Documentário e a interface com a Terminologia	203
5.7	Ontologia: definição, funcionalidade e estrutura	204
6	NOVO MODELO DE DICIONÁRIO ANALÓGICO	211
6.1	Apresentação de um novo modelo de dicionário analógico	211
6.1.1	<i>Macroestrutura do Novo Dicionário Analógico de Língua Portuguesa</i>	212
6.1.2	<i>Microestrutura do verbete do Novo Dicionário Analógico de Língua Portuguesa</i>	213
6.2	Novo Dicionário Analógico de Língua Portuguesa	218
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	222
	REFERÊNCIAS	226
	ANEXO – A: Verbetes <i>cores e sinais de cavalos</i> de Azevedo (1950) e de Costa (1936)	241

INTRODUÇÃO

Esta dissertação tem como objeto de estudo dicionário analógico e tesouro documentário, com base nos princípios teóricos do Léxico, da Terminologia e da Ciência da Informação. Pretendemos identificar a estrutura e a funcionalidade do dicionário analógico e do tesouro documentário, cotejá-los e propor um novo modelo de dicionário analógico.

A ausência de estudos aprofundados sobre dicionários analógicos e a organização complexa que possuem motivaram esta pesquisa. Ao investigar os repertórios lexicográficos analógicos, percebemos que são organizados de modo diferenciado do dicionário de língua comum, o que despertou em nós a curiosidade em compreender sua estruturação e seu funcionamento. Como o procedimento adotado na elaboração de dicionário analógico é basicamente o onomasiológico, retomamos os estudos das dicotomias onomasiologia e semasiologia.

No desenvolvimento da pesquisa, verificamos que o primeiro dicionário analógico foi nomeado como *Thesaurus of English Words and Phrase Classified and Arranged so as to Facilitate the Expression of Ideas and to Assist in Literary Composition*, de Roget (1852), fato que nos incentivou a desvendar se o tesouro documentário possui relação com a estrutura do dicionário analógico, o que justifica a comparação entre o dicionário analógico e o tesouro documentário neste estudo, a fim de identificar suas confluências.

Por meio das análises de dicionários analógicos e do tesouro documentário *Thesaurus Brasileiro da Educação – Brased – (2001)*, constatamos que os dicionários analógicos existentes não atendem as necessidades do consulente da sociedade atual. Diante disso, propomos um novo modelo de dicionário analógico, com o objetivo de preencher a lacuna na Lexicografia, a qual carece de um repertório lexicográfico analógico coerente.

Adotamos os procedimentos metodológicos, a saber: i) uso do método comparativo-descritivo; ii) preenchimento da ficha lexicográfica de avaliação de dicionário, de Faulstich (1998), e da ficha terminográfica de avaliação de tesouro, a qual adaptamos de Faulstich (1998) e de Gomes et al (2004); iii) análise contrastiva entre as obras avaliadas; e iv) proposta metodológica para elaboração de léxicos, dicionários e glossários, de Faulstich (2001).

Esta dissertação é constituída por 6 capítulos, nos quais são apresentados os conteúdos abordados neste estudo.

No capítulo 1, tratamos da caracterização do signo linguístico na língua comum e na linguagem de especialidade, apresentamos a tradição que associa a Lexicografia à

semasiologia e a Terminologia à onomasiologia e postulamos que os procedimentos semasiológicos e onomasiológicos são empregados tanto na Lexicografia quanto na Terminologia.

No capítulo 2, descrevemos os percursos metodológicos empregados para atingir os objetivos a que nos propomos com o estudo realizado.

No capítulo 3, discutimos a definição de dicionário analógico, delimitamos como a ideologia e a analogia são entendidas nesta pesquisa, identificamos as funcionalidades e a estrutura de organização do dicionário analógico. Posteriormente, apresentamos a revisão de literatura sobre os tipos de campos e as relações lexicais, a fim de investigar como se dão os agrupamentos entre os lemas e as unidades linguísticas em dicionários analógicos. Além disso, comparamos o Dicionário Analógico da Língua Portuguesa, de Azevedo (1950), e o Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa (2009), para mostrar diferenças e semelhanças entre eles.

No capítulo 4, fizemos uma breve retrospectiva histórica acerca de obras onomasiológicas, com vistas a desvendar os autores que influenciaram o surgimento do dicionário analógico. Para analisar os dicionários analógicos que selecionamos, utilizamos a ficha lexicográfica de avaliação de dicionário, de Faulstich (1998), como metodologia e contrastamos as macroestruturas e microestruturas, procedimentos que nos permitiram identificar incoerências nas obras. Ainda neste capítulo, discutimos o papel do conceito em obras lexicográficas analógicas e, por meio de dados, mostramos que a relação entre lema e lexema deve ser feita com base nos conceitos. Expomos como os aspectos culturais estão presentes nos verbetes do dicionário analógico, com a finalidade de demonstrar que cada língua tem sua maneira de estruturar os conceitos.

No capítulo 5, retomamos os conceitos e as aplicações das disciplinas Lexicologia, Lexicografia, Terminologia e Ciência da Informação, com o objetivo de reconhecer a ligação que apresentam entre si, uma vez que os pressupostos teóricos dessas disciplinas contribuem para o desenvolvimento de diversas ciências. Registramos as conotações que o lexema *thesaurus* possui e apresentamos a definição, a estrutura e a funcionalidade dos tesouros documentários. A título de exemplificação da organização do tesouro documentário, analisamos o Thesaurus Brasileiro da Educação (Brased) por meio do uso da ficha terminográfica de avaliação de tesouro, a qual adaptamos de Faulstich (1998) e de Gomes et al (2004), e tecemos um comentário acerca do termo *escola* na obra. Em seguida, cotejamos tesouro documentário e dicionário analógico a fim de compreender as confluências que

possuem. Apresentamos a definição, a estrutura e a finalidade da Ontologia, que é útil no processo de elaboração de obras lexicográficas e terminográficas.

No capítulo 6, apresentamos o Novo Modelo de Dicionário Analógico de Língua Portuguesa.

As reflexões resultantes de toda a pesquisa e as perspectivas para futuros estudos são apresentadas nas Considerações Finais. Posteriormente, encontram-se as Referências, que embasam o estudo realizado, e o Anexo, que possui fragmentos de obras analisadas.

Por último, esclaremos que todas as citações dos autores estrangeiros são traduzidas para o português e, na maioria dos casos, são parafraseadas.

1 LEXICOGRAFIA E TERMINOLOGIA: EM DISCUSSÃO SEMASIOLOGIA E ONOMASIOLOGIA

1.1 A unidade linguística

O léxico de uma língua é formado por unidades linguísticas, especificamente denominadas unidades lexicais, que são signos linguísticos. A noção de signo, já amplamente conhecida tanto na concepção de Saussure (1915) quanto na de Hjelmslev (1943), relaciona significante e significado à expressão e conteúdo, como podemos verificar na figura 1. De maneira comparativa, a figura a seguir ilustra o signo linguístico para os dois autores que mencionamos anteriormente:

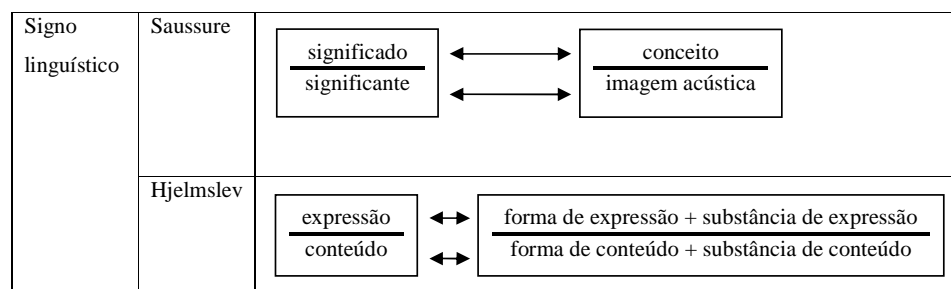


Figura 1: Ilustração comparativa do signo linguístico

Fonte: (MACHADO OLIVEIRA, 2010, adaptado, cf. SAUSSURE, 1999; HJELMSLEV, 1975)

O signo linguístico pode ser caracterizado como lexema e termo. Segundo Faulstich (1996, p. 237-238), “lexema e termo adquirem autonomia linguística, porque pertencem a um domínio exclusivo”. Na língua comum, as unidades lexicais são identificadas como lexema, e na linguagem de especialidade, como termo, sendo que aquele é uma unidade da Lexicografia e este, unidade da Terminologia. Na literatura, tornou-se uma tradição considerar que a Lexicografia é de ordem semasiológica e a Terminologia, de ordem onomasiológica, assim como a figura a seguir representa:

¹ Referência Machado Oliveira, que aparece nas figuras 1 e 3 e nos quadros 1, 2, 3, 4, 5, 6, 9, 10, 11, 17 e 18, foi criada para os fins desta dissertação.

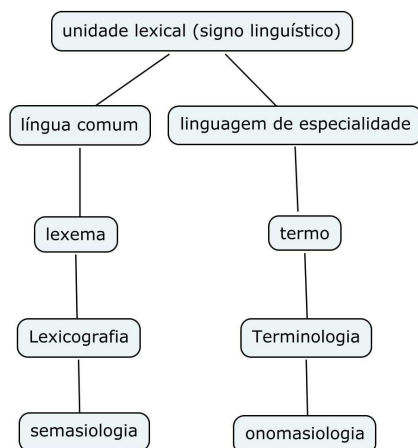


Figura 2: Unidade lexical e suas relações
 Fonte: (FAULSTICH, 1996, adaptado).

Nesta representação, semasiologia alinha-se à Lexicografia e ao lexema numa demonstração de que a unidade lexical é um signo da língua comum. Por sua vez, a onomasiologia está para a Terminologia e para o termo numa comprovação de que a unidade lexical é um signo da linguagem de especialidade. Semasiologia e onomasiologia são objetos de discussão da próxima seção.

1.2 Semasiologia e Onomasiologia

Os termos semasiologia e onomasiologia são de origem grega, sendo que ‘*semasia*’ representa significação, e ‘*ónoma*’ nome (cf. Bueno, 1963, p. 2740, 3686). Além de possuírem diferenças com relação à significação etimológica, contrastam pelas características que possuem.

Segundo Ullmann (1977, p. 15), o estudo da semasiologia surgiu em meados do século XVIII, quando o filólogo clássico Christian Karl Reisig percebeu a necessidade de introduzir uma nova disciplina no ramo da Linguística, pois faltava o estudo do significado, que não caberia dentro dos limites da etimologia e da sintaxe. Por isso, instituiu a semasiologia, que deveria mostrar a evolução da palavra e do significado em um sentido lógico e histórico.

Babini (2006, p. 38) explica que o termo *onomasiologia*, também chamado de *lexicologia comparada*, foi empregado pela primeira vez pelo suíço E. Tappolet em 1895, em

seu trabalho sobre os nomes de família – *Die romanischen Ve rwantschaftsnam en mit besonderer berücksichtigung der französischen unditalienischen Mundarten. Ein Beitrag zur vergleichenden lexikologie*. As investigações científicas sobre onomasiologia, entendida como lexicologia comparada, tiveram grande desenvolvimento, sobretudo no domínio das línguas românicas, uma vez que o latim permitia, para alguns grupos de ideias, resgatar mais de 2.000 anos de história lexical.

Para Baldinger (1970, p. 115), um dos representantes da Semântica Estrutural Europeia, “a semasiologia parte de uma forma (significante) para chegar a uma série de objetos mentais diferentes, mas também é possível escolher o caminho oposto: partir de um objeto mental para examinar todas as formas e significantes (designações) que os realizam.” O caminho oposto a que o autor se refere é o da onomasiologia.

Em uma análise semasiológica, o pesquisador parte do significante (expressão) para o significado (conteúdo), mas, para chegar aos significados das unidades lexicais, analisa as unidades nos contextos, as distribuições contíguas dessas unidades nas frases em que ocorrem, para depois enquadrá-las no campo conceptual a que pertencem (BOULANGER, 2001, p. 18).

Para exemplificarmos o meio por que pode ser feita uma análise semasiológica, podemos utilizar o caminho que o consulente percorre ao tentar descobrir o significado do lexema *esporte*, por exemplo, no Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa (2009), e como resultado encontram-se as acepções seguintes:

1. Prática metódica, individual ou coletiva, de jogo ou qualquer atividade que demande exercício físico e destreza, com fins de recreação, manutenção do condicionamento corporal e da saúde e/ou competição; desporte, desporto.
2. Cada uma ou o conjunto dessas atividades; desporte, desporto.
3. Atividade lúdica ou amadora; hobby, passatempo.
4. Simples, não convencional, não formal (diz-se de traje); informal.

Já, em uma análise onomasiológica, o pesquisador leva em conta uma organização taxionômica, porque primeiro classifica as unidades lexicais para, depois, analisar o funcionamento linguístico, a distribuição e as oposições paradigmáticas. Os signos são distribuídos em 2 eixos: o eixo substitutivo dos sinônimos e o eixo distributivo da rede conceitual (BOULANGER, 2001, p. 19).

Para ilustrar uma análise onomasiológica, podemos enumerar unidades linguísticas também da área de esporte. As unidades lexicais que correspondem à ideia de esporte são as mesmas de uma análise semasiológica, a saber: desporte, desporto, atividade física, atividade

lúdica, *hobby*, passatempo, entre outros. Nesta análise, as unidades lexicais se situam no primeiro eixo, que é o paradigmático, o da substituição das unidades.

Por outro lado, as diferentes unidades lexicais que compõem o campo conceitual da área de esporte são corrida, futebol, hipismo, natação, tênis, esqui, entre outros. Esses signos ilustram o segundo eixo, que é o sintagmático, e que se refere às possibilidades de unidades cabíveis nesse contexto.

Whorf (1980, p. 63) acrescenta que “a semasiologia considera a palavra isolada e a evolução de sua significação, enquanto a onomasiologia parte de uma multiplicidade de expressões que formam um conjunto.” Quando examinamos as significações de um significante, obtemos o campo das significações – semasiológicos, pois a semasiologia parte da palavra para buscar suas diferentes significações. Ao restringir as designações de um conceito, o campo que se apresenta é o das designações – onomasiológicos, tendo em vista que a onomasiologia parte do conceito, da ideia, para buscar os diferentes signos linguísticos que o exprimem. A figura 3 representa tal explicação:

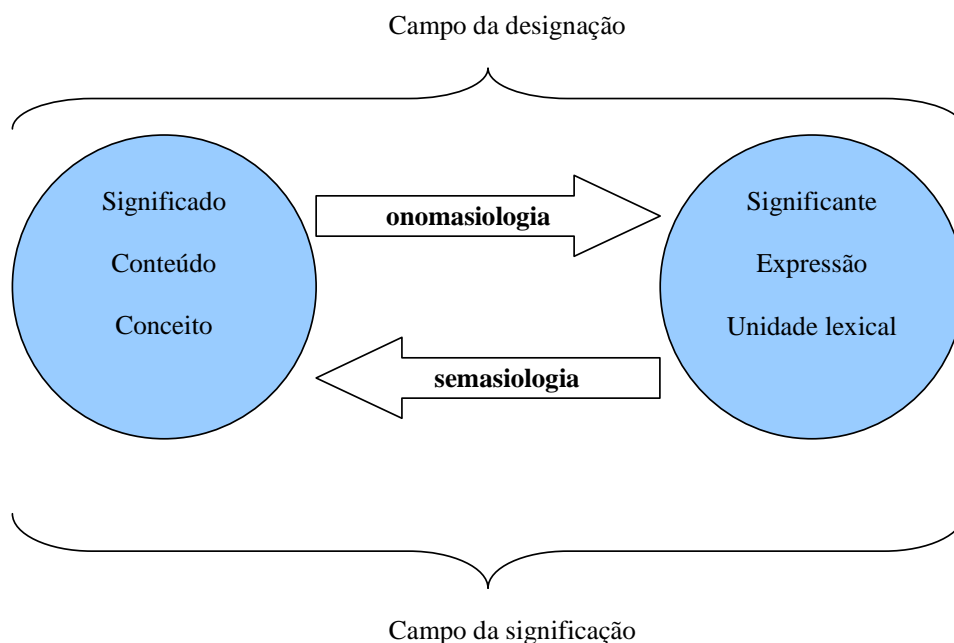


Figura 3: Representação ilustrativa da Onomasiologia e da Semasiologia
Fonte: (MACHADO OLIVEIRA, 2010).

Na literatura que se ocupa da dicionarística, encontramos que as relações entre a designação e conceito são de ordem semasiológica, quer dizer, o ponto de partida do

lexicógrafo é o signo linguístico para chegar à descrição do conceito. Por outro lado, as relações entre conceito e designação são de ordem onomasiológica, ou seja, o ponto de partida do elaborador de dicionário é o conceito para, então, chegar à denominação ou às unidades lexicais que correspondem ao conceito.

Para estabelecer a comunicação, o processo de enunciação é obtido por meio do mecanismo onomasiológico, em que a investigação é utilizada a partir de um estímulo, da substância e da forma mais apropriadas para representá-lo. Cada locutor, a todo momento, tem a possibilidade de escolher entre diversas soluções que são, de modo geral, equivalentes, pois um conceito pode corresponder a diversos signos (POTTIER, 1973, p. 122).

No processo de compreensão, há o mecanismo semasiológico, em que o ouvinte recebe uma mensagem única, sendo que os elementos e suas combinações estão sujeitas a várias interpretações (POTTIER, 1973, p. 130). Por isso, Baldinger ressaltou (1970, p. 269) que “a onomasiologia trata dos problemas relacionados com aquele que fala, e a semasiologia, com aquele que escuta.” As figuras a seguir representam o ponto de vista apresentado por Pottier (1973):

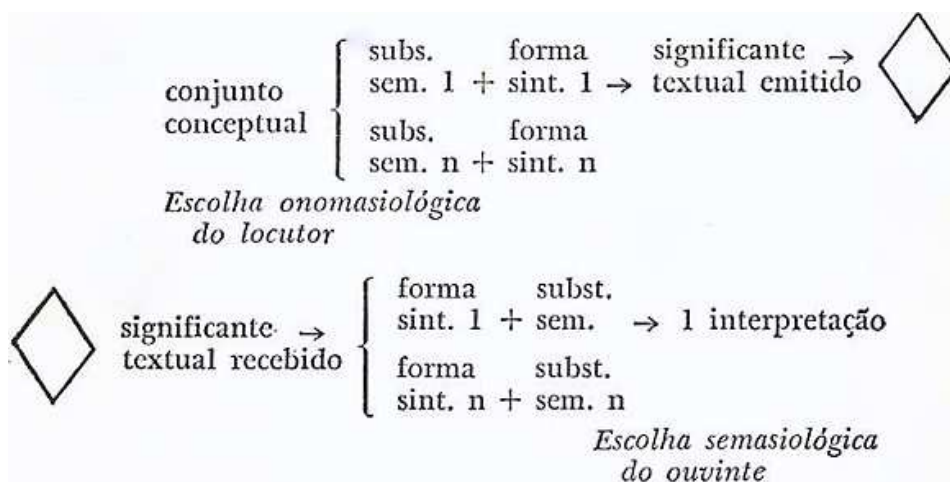


Figura 4: Escolha onomasiológica do locutor e escolha semasiológica do ouvinte
Fonte: (POTTIER, 1973, p. 130).

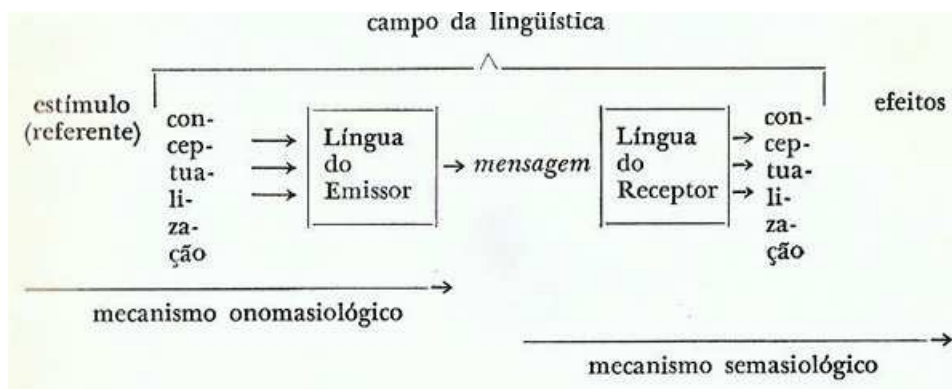


Figura 5: Mecanismos – onomasiológico e semasiológico
 Fonte: (POTTIER, 1973, p. 9).

As figuras 4 e 5 possibilitam-nos interpretar a posição do conceito no âmbito textual. Assim, subentende-se da análise da figura 4, que o locutor faz a escolha do percurso onomasiológico, quando tem o conceito em mente e há a necessidade de encontrar a forma representativa da substância referente ao conjunto conceitual para chegar ao significante textual emitido. Se o ouvinte, por sua vez, está perante um significante textual recebido, que representa um conjunto conceitual, a forma remete à substância, a fim de chegar à interpretação.

Quando o emissor quer enunciar um referente, há um estímulo inicial que deve ser conceitualizado para entrar em um sistema linguístico determinado para que a mensagem seja transmitida. O percurso segue o mecanismo onomasiológico. O percurso inverso ao anterior segue o mecanismo semasiológico, no qual o receptor conceitualiza a mensagem recebida para que seja compreendida, pois a interpretação desta traz efeitos com relação ao que foi enunciado. Podemos inferir essas informações com base na interpretação da figura 5.

A respeito da Lexicografia e da Terminologia, em torno de semasiologia e de onomasiologia, Boulanger (2001, p. 18) afirmou que:

A Lexicografia privilegia uma conduta de análise que se apóia sobre a semasiologia. Esta é o estudo do signo com o objetivo de determinar qual conceito corresponde a ele. A Terminologia privilegia uma conduta de análise que se apóia sobre a onomasiologia. Esta é o estudo do conceito com o objetivo de determinar qual signo corresponde a ele.

A Lexicografia reúne e descreve as unidades lexicais de toda natureza, necessárias ao funcionamento da língua natural, e apresenta os sentidos de cada unidade, conservada na entrada de um dicionário. Essa conduta semasiológica integra a polissemia, pois privilegia a

multiplicação dos sentidos. Cabe, por conseguinte, ao dicionarista proceder ao agrupamento de todas as significações para uma mesma palavra.

A Terminologia reúne e descreve os termos próprios de uma área do conhecimento e, em decorrência, descarta as significações que não são pertinentes ao estudo temático planejado. Por isso, privilegia uma conduta de análise que se apóia na onomasiologia.

Em 1959, Eugen Wüster, no seu livro *A Teoria Geral da Terminologia (TGT)*, considerou que a Terminologia procede de modo onomasiológico por partir dos conceitos, posto que um terminólogo organiza os conceitos em ordem sistemática e, em seguida, busca os significantes que os designam. Assim, fica claro o papel da onomasiologia, principalmente porque surge na obra daquele que é considerado o pai da terminologia moderna.

Para Cabré (1993, p. 92), consoante a Wüster, o lexicógrafo segue o processo semasiológico, passa da forma para o sentido, e o terminólogo, o processo onomasiológico, porque a lista de conceitos constitui uma estrutura nocional, atribui a cada conceito uma denominação que corresponde à forma utilizada pelos especialistas. Essa autora (1993, p. 32-33) ressalta que:

O enfoque do conceito ao termo distingue o método de trabalho da Terminologia daquele que caracteriza a Lexicografia. Os terminógrafos, que são os práticos da Terminologia, têm por objeto a atribuição de denominações aos conceitos: atuam, pois, do conceito para o termo (processo onomasiológico); os lexicógrafos, práticos da Lexicografia, partem da denominação, que é a entrada de dicionário, e a caracterizam funcional e semanticamente: movem-se na direção contrária, do termo para o conceito (processo semasiológico).

A associação da Lexicografia à semasiologia e da Terminologia à onomasiologia é comum entre a grande parte dos pesquisadores. Esse raciocínio tradicional foi ilustrado por meio do esquema na figura 1, desta pesquisa. Seide (2006, p. 1265) justifica o motivo pelo qual a associação tem sido feita de forma tão categórica, ao explicar que “já se tornou tradição, desde 1959, momento em que o campo de estudo da Terminologia foi sistematizado por Eugen Wüster”, o qual fundamentou a disciplina em dicotomias como onomasiologia e semasiologia.

Sob o ponto de vista epistemológico, a semasiologia e a onomasiologia são consideradas como métodos sistemáticos de análise que regem a organização das obras lexicográficas e terminográficas. Porém, essa divisão em 2 sistemas nos parece somente uma forma de descrição, usada para facilitar a organização de léxicos, e não pode, por isso, ser considerada como método, como vem sendo dito na literatura corrente.

Fundamentamos nosso pensamento ao dizer que, nos campos conceituais, os lexemas são uma escolha de natureza onomasiológica, como acontece, por exemplo, com os

dicionários analógicos. Entretanto, se reconhecermos que a recolha de termos tem como ponto de partida as relações de significação no sistema conceitual, na elaboração das definições de dicionários terminológicos, o procedimento utilizado é semasiológico.

Há transferências lexicais entre esses procedimentos, por causa do dinamismo das relações 'lexema' e 'termo'. Não existe uma ponte que realmente os separe, se considerarmos o uso real das palavras na língua. Podemos ver esse percurso de continuidade no processo de vulgarização, em que léxicos saem do estado de termos técnicos ou científicos e entram para a língua comum. Serve de exemplo a primeira acepção de célula no Dicionário eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa (2009), na área de biologia, que é "1. unidade microscópica estrutural e funcional dos seres vivos, constituída fundamentalmente de material genético, citoplasma e membrana plasmática" e, no mesmo verbete, a acepção 8, com sentido figurado para célula: "8. grupo de pessoas com ideal e atuação afins, geralmente políticos". Na primeira acepção, há definição de um termo da área de especialidade, na oitava acepção, ocorre a vulgarização desse termo por metáfora.

Deduzimos, *a priori*, que a Terminologia não usa exclusivamente o mecanismo onomasiológico – do conceito enunciado para a forma, mas retoma, a partir de um estímulo, a substância do signo para chegar ao significante textual recebido → a interpretação. Do mesmo modo, a Lexicografia adota procedimentos onomasiológicos, ao elaborar dicionários analógicos e temáticos, pois o lexicógrafo parte do conteúdo para a expressão na organização dos agrupamentos de lexemas relacionados.

Os procedimentos semasiológicos e onomasiológicos são utilizados em Terminologia, embora estes últimos sejam empregados com mais frequência. A abordagem terminológica vai geralmente do conceito em direção às designações, o que configura, de fato, uma abordagem onomasiológica. No entanto, o tratamento linguístico de um termo requer também que a abordagem semântica se faça presente no momento da análise. Desse modo, o tratamento terminológico leva o pesquisador a ter como ponto de partida a designação para chegar ao conceito; nesse caso a abordagem é semasiológica. Em concordância com nossas ideias, encontramos em Depecker (2002, p. 127, 129) a coincidência de reflexão, pois este autor revela que as abordagens se completam.

Para finalizar este capítulo, em torno da discussão centralizada em semasiologia e onomasiologia, retomemos a noção de signo linguístico. Tanto Saussure (1915) quanto Hjelmslev (1943) postularam que o signo é composto por duas faces. De acordo com Saussure (1915), o signo constitui-se de uma relação entre significado, conceito e significante,

o qual representa a imagem acústica, a forma. Acrescentemos que o conceito não é necessariamente igual ao significado, visto que o conceito é um constructo mental e o significado é de natureza social. Para Hjelmslev (1975, p. 61-63), o signo é formado por expressão e conteúdo, de modo que a expressão equivale ao significante e o conteúdo, ao significado.

A semasiologia e a onomasiologia constituem formas distintas de organizar a composição estrutural e funcional de dicionários, glossários, léxicos e vocabulários para sistematizar léxicos da língua comum ou das linguagens de especialidade. Contudo, não devemos fazer uma separação radical entre métodos de descrição para a Lexicografia e para a Terminologia, pois ambas utilizam os procedimentos onomasiológicos e semasiológicos.

No próximo capítulo, descreveremos a metodologia adotada para o desenvolvimento da pesquisa.

2 METODOLOGIA DA PESQUISA

2.1 Procedimentos metodológicos

Neste capítulo serão desenvolvidos os procedimentos metodológicos, utilizados para alcançar os objetivos da pesquisa, que são: i) identificar a estrutura e a funcionalidade de dicionário analógico e tesouro documentário; ii) cotejar dicionário analógico e tesouro documentário; iii) propor um novo modelo de dicionário analógico.

Empregamos o método comparativo-descritivo na análise dos dicionários analógicos e dos tesouros documentários, que são o *corpus* desta pesquisa, a fim de identificar as características, constatar as semelhanças e diferenças e perceber as confluências.

Revisamos a literatura do âmbito do Léxico, da Terminologia e da Ciência da Informação com o objetivo de retomar conceitos essenciais para que pudéssemos compreender a estrutura do objeto de estudo. Este estudo é fundamentado, principalmente, nos postulados teóricos dos autores, a saber: Baldinger (1970), Ullmann (1970), Pottier (1973), Coseriu (1977), Faulstich (1980, 1987, 1993, 1995, 1998, 2001), Cabré (1993), Gruber (1993, 2005), Sager & Kageura (1994), Guarino (1998), Hüllen (1999, 2004, 2009), Boulanger (2001), Depecker (2002), Almeida & Bax (2003), Gomes et al (2004), Campos & Gomes (2006), Bräscher & Café (2008), entre outros. Acrescentemos que foi necessário retomar os princípios teóricos básicos da Ontologia ao notar que vários dicionários analógicos possuem categorização, que é um procedimento tipicamente ontológico.

Consultamos a definição de cada um dos lexemas do verbete *comida* da obra de Azevedo (1950) nos dicionários Novo Dicionário Aurélio (2004) e Dicionário eletrônico Houaiss de língua portuguesa (2009), para dividi-los em campos nocional, semântico, lexical, associativo, conforme apresentamos no quadro 5 do capítulo 3.

Para proceder à seleção dos dicionários analógicos a serem analisados, realizamos um levantamento bibliográfico junto à Biblioteca Central da Universidade de Brasília – BCE/UnB, à literatura e à internet, a fim de identificar e localizar os principais repertórios analógicos. Como resultado encontramos as obras, que apresentamos, a seguir, em ordem cronológica de publicação:

- *Thesaurus of English words and phrases Classified and Arranged so as to facilitate the expression of ideas and to assist in literary composition*, de Roget (1852);
- *Dictionnaire idéologique: recueil des mots, des phrases, des idiotismes et des proverbes de la langue française classés selon l'ordre des idées*, de Robertson (1859);
- *Dictionnaire Analogique de la langue Française*, de Boissière (1890);
- *Dictionnaire-manuel-illustré des idées suggérées par les mots*, de Rouaix (1897);
- *Diccionario de ideas afines y elementos de tecnologia*, de Benot (1899);
- *Dicionário analógico da língua portuguesa*, de Sptizer (1936);
- *Dictionnaire analogique, répertoire moderne des mots par les idées, des idées par les mots*, de Maquet (1936);
- *Diccionario ideológico de la lengua española*, de Casares (1941);
- *Dicionário geral e analógico da língua portuguesa*, de Bivar (1948);
- *Dicionário analógico da língua portuguesa*, de Azevedo (1950) e
- *Diccionario de ideias semelhantes*, de Florenzano (1961).

Assim sendo, esses dicionários analógicos constituem o *corpus* para análise. Apresentaremos as subseções a seguir, nas quais são descritos, respectivamente, os percursos metodológicos utilizados para análise de dicionário analógico e de tesouro documentário e para elaboração do Novo Modelo de Dicionário Analógico.

2.1.1 Percurso metodológico para análise de dicionário analógico

Para verificar como os dicionários analógicos são organizados, empregamos os procedimentos a seguir:

- i) Analisamos a estruturas dessas 11 obras usando, como metodologia, a ficha lexicográfica de avaliação de dicionário, de Faulstich (1998), conforme descrevemos na seção 4.2.1 do capítulo 4.
- ii) Escolhemos uma ideia em comum que encabeça os verbetes nas obras, a fim de compreender a organização da microestrutura dos dicionários analógicos selecionados. Assim sendo, a ideia selecionada foi *escola, estabelecimento de ensino*.

- iii) Fizemos análise contrastiva das macroestruturas e microestruturas dos dicionários selecionados, o que possibilitou identificar as características distintas, destacando as diferenças que possuem entre si.

2.1.2 *Percurso metodológico para análise de tesouro documentário*

Com a finalidade de analisar a estruturação de tesouro documentário e identificar as confluências que possui com o dicionário analógico, adotados os procedimentos metodológicos subsequentes:

- i) Selecionamos o Thesaurus Brasileiro da Educação – Brased – (2001) para compor o *corpus* da pesquisa, já que é uma obra da área da educação, assim como os verbetes escolhidos para contrastar as microestruturas dos dicionários analógicos.
- ii) Avaliamos o Brased (2001) por meio da resenha lexicográfica, criada com base no preenchimento da ficha terminográfica de avaliação de tesouro, a qual adaptamos de Faulstich (1998) e de Gomes et al (2004).
- iii) Cotejamos dicionário analógico e tesouro documentário.

2.1.3 *Percurso metodológico para elaboração do novo modelo de dicionário analógico*

Na etapa de elaboração do novo modelo de dicionário analógico, procedemos do modo a seguir:

- i) Identificamos o consulente em potencial, que são elaboradores de exercícios de aprendizagem do léxico da língua, de palavras cruzadas, de jogos de palavras; professores; alunos; conferencistas; relatores; compositores; poetas; escritores; tradutores; jornalistas; lexicógrafos; dicionaristas; terminólogos; terminógrafos; pesquisadores; indexadores; documentalistas; e curiosos.
- ii) Delimitamos o *corpus*, que é constituído pelo vocabulário básico da língua portuguesa.
- iii) Organizamos o dicionário em ordem alfabética e sistemática. Estruturamos os verbetes de acordo com a proposta metodológica para elaboração de léxicos, dicionários e

glossários, de Faulstich (2001), que serviu de base para elaboração das fichas lexicográficas, apresentadas a seguir:

Quadro 1: Ficha lexicográfica do verbete *comida*

Número	001	
entrada	comida	
categoria gramatical	s.	
Gênero	f.	
definição	substância que serve para a nutrição do ser vivo.	
fonte da definição	adapt. DUP, 2002.	
substantivo	SIN.	boia, gororoba, manjar, mantimento, papá, ração, rango, refeição, sustento.
	HIPE.	comestível.
	HIP.	arroz, bolo, carne, doce, feijão, frango, iguaria, legume, massa, molho, peixe, salgado, salada, torta, verdura.
	MER.	nutriente.
	CON.	alimentação, almoço, café da manhã, ceia, gula, jantar, lanche, manjar, merenda, nutrição, subsistência, sustentação.
Verbo	[proc.]	alimentar, saborear.
	[aç.]	alimentar, apreciar, chupar, comer, deglutir, mastigar, morder, petiscar, provar, roer, saborear.
	[aç. proc.]	alimentar, digerir, emagrecer, encher, engasgar, engolir, engordar, fartar, ruminar, tomar.

Fonte: (MACHADO OLIVEIRA, 2010).

Quadro 2: Ficha lexicográfica do verbete *divertimento*

Número	002	
Entrada	divertimento	
categoria gramatical	s.	
Gênero	m.	
Definição	atividade que o ser humano faz para se divertir.	
fonte da definição	M.O., 2010.	
substantivo	SIN.	desatenção, descanso, desenfado, distração, diversão, entretém, entretenimento, entretenimento, esparecimento, passatempo, recreação, repouso, solaz.
	HIPE.	lazer.
	HIP.	dança, esporte.
	MER.	bar, boate, cinema, circo, clube, fazenda, jardim zoológico, parque, parque de diversão, praia, sambodrómo, sítio, teatro.
	CON.	alegria, brincadeira, férias, festa, folga, jocosidade, ócio, piada, recreio, riso.
verbo	[proc.]	desenfadar, desenjoar, desentediado, desestressar, distrair, divertir, entreter, folgar, recrear, viajar.
	[aç.]	aventurar, folgar, passear.
	[est.]	descansar.
	[aç. proc.]	descansar, desenfadar, desenjoar, desentediado, desestressar, distrair, divertir, entreter, folgar, passear, recrear, viajar.

Fonte: (MACHADO OLIVEIRA, 2010).

Quadro 3: Ficha lexicográfica verbete *escola*

número	003
entrada	escola
categoria gramatical	s.

gênero	f.	
definição	estabelecimento onde se ministra ensino sistemático.	
fonte da definição	adapt. DUP, 2002.	
substantivo	SIN.	colégio, estabelecimento de ensino, faculdade, instituição de ensino, instituição educacional, liceu, universidade.
	HIP.	academia, creche, escola infantil, escola particular, escola primária, escola pública, escola técnica, jardim de infância, seminário.
	MER.	aluno, apontador, apostila, aprendiz, bacharelado, banheiro, biblioteca, borracha, cadeira, caneta, cantina, carteira, classe, colega, coordenador, corredor, corretivo, diário, dicionário, diretor, discente, discípulo, docente, doutor, doutorando, educando, especialista, estudante, giz, giz de cera, instrutor, lanchonete, lápis de cor, lapiseira, licenciando, livro, mestrando, mestre, mochila, monitor, orientador, orientando, pincel, professor, professorado, quadro, quadro-negro, régua, reitor, sala de aula, sala de estudo, sala dos professor, tutor.
	CON.	alfabetização, aprovação, conhecimento, conteúdo, disciplina, dissertação, doutorado, educação, ensinamento, ensino, especialização, estudo, evasão, exame, expulsão, formação, formatura, graduação, instrução, intervalo, leitura, lição, magistério, matéria, mestrado, monografia, orientação, pós-graduação, prova, recreio, recuperação, reprovação, saber, tese, teste.
verbo	[proc.]	aprender, colorir, desenhar, educar, formar, ouvir.

	[aç.]	admoestar, advertir, apresentar, cabular, colar, cursar, dar, decorar, desenhar, discutir, ditar, doutrinar, estudar, evadir, fazer, formar, frequentar, guiar, instruir, ler, matricular, ministrar, orientar, ouvir, participar, soletrar.
	[aç. proc.]	alfabetizar, apagar, aprender, apresentar, cabular, colorir, copiar, dar, desenhar, doutrinar, educar, ensinar, escrever, expulsar, fazer, formar, instruir, matricular, orientar, pintar, preparar, reprovar, trabalhar, trancar, treinar.

Fonte: (MACHADO OLIVEIRA, 2010).

Embora o Novo Dicionário Analógico de Língua Portuguesa seja uma obra composta pelo vocabulário básico de língua portuguesa, esclarecemos que não aparece na sua feição completa nesta versão da dissertação, posto que incluímos uma amostragem com 3 verbetes.

Conforme apresentamos nas fichas lexicográficas, os verbetes que compõem o novo modelo de dicionário analógico são *comida*, *divertimento*, *escola*, que são propostas reformuladas dos verbetes presentes no *Dicionário analógico da língua portuguesa*, de Azevedo (1950), os quais são apresentados nesta dissertação, conforme as figuras 8, 14 e 24. Para a reformulação dos verbetes de Azevedo (1950), excluimos os lexemas em desuso, os adjetivos, os advérbios e as interjeições.

Acrescentemos que os lexemas que formam os agrupamentos analógicos são apenas os substantivos e os verbos, excluimos as demais categorias gramaticais, pois julgamos que a obra se tornaria abstrata se abrangesse todas as categorias gramaticais. Além do mais, o dicionário de língua comum apresenta, na maioria dos casos, definições sinonímicas para adjetivos, advérbios e interjeições, as quais são constituídas por lexemas analógicos.

No capítulo 3, apresentaremos as características de um dicionário analógico e mostraremos, então, de forma mais detalhada, como a Lexicografia utiliza a abordagem onomasiológica na organização desse tipo de obra.

3 ESTUDO DE DICIONÁRIOS ANALÓGICOS (IDEOLÓGICOS)

3.1 Afinal: dicionário analógico ou ideológico?

Na literatura, os repertórios lexicográficos onomasiológicos são chamados de dicionário analógico, dicionário ideológico, ou dicionário de ideias afins. Para desvendar as semelhanças e diferenças entre esses repertórios, buscamos critérios claros para nomeá-los de forma diferente, uma vez que a maioria dos autores não o fazem. As diversas designações resultam da variação terminológica presente na própria denominação desses dicionários, que nomeiam o mesmo objeto.

Discordamos de Hausmann (1990, p. 1096 apud WELKER, 2005, p. 50), quando este autor afirma que o dicionário analógico é a versão alfabética do dicionário ideológico, ou seja, é organizado com base nos conceitos, mas em ordem alfabética. Essa afirmativa é falsa, tendo em vista que, na prática, esses dicionários não se distinguem dessa forma. Como prova disso, o *Dicionário analógico da língua portuguesa: ideias afins*, de Azevedo (1950), e o *Dicionário analógico da língua portuguesa: tesouro de vocábulos e frases da língua portuguesa*, de Sptizer (1936), foram denominados analógicos, mas não foram constituídos em ordem alfabética. Por sua vez, o *Diccionario ideológico de la lengua española*, de Casares (1941), foi nomeado ideológico, porém está estruturado com base nos conceitos em ordem alfabética. Contudo, os dicionários que se encaixam na definição dada por Hausmann são os analógicos de língua francesa, a saber: *Dictionnaire Analogique de la langue Française*, de Boissière (1862) e o *Dictionnaire analogique, répertoire moderne des mots par les idées, des idées par les mots*, de Maquet (1936).

Segundo Biderman (1984, p. 11), “o ‘dicionário ideológico’ ou ‘analógico’ organiza os conceitos em campos semânticos, ao invés de ordenar as palavras em ordem alfabética como os dicionários comuns.”. Esse tipo de obra lexicográfica é formado por um conjunto de analogias e por um conjunto de ideias. Na etapa de elaboração, os autores pensam em uma ideia e todos os lexemas que remetem a esta são agrupados nos verbetes.

Depois de um cotejo refinado, para os fins desta pesquisa, definimos dicionário analógico (ideológico) como repertório lexicográfico, de caráter onomasiológico, no qual os lexemas são organizados em ordem sistemática, com base nas ideias ou nos conceitos para

chegar às unidades lexicais. Esse repertório lexicográfico possui atributos que o distinguem de um dicionário de língua comum. O consulente pode buscar informação nesse tipo de dicionário mediante um desconhecimento lexical ou esquecimento, a fim de encontrar a expressão exata de um conteúdo que queira vincular. Como, por exemplo, quando o consulente desconhece ou se esquece a expressão para designar o profissional que planeja construção, pode ir até o verbete *profissão* com o objetivo de descobrir ou relembrar a expressão *arquitecto(a)*, a qual veicula a ideia em mente. Podemos observar que o dicionário de língua comum não possibilita que o consulente percorra o caminho onomasiológico desse modo.

Convém investigar o que é ideologia e analogia no âmbito desse tipo de obra lexicográfica. O conceito de ideologia tem mais de uma interpretação dependendo da área em que está inserido. Em Filosofia, Marx e Engels (1977) usam a expressão ideologia, ao se referirem ao sistema das ideias, das representações, que domina o espírito de um homem ou de um grupo social. Nessa mesma área, Althusser (1974, p. 77) elucida que “a ideologia representa a relação imaginária dos indivíduos com as suas condições de existência.” Podemos interpretar que a ideologia representa o conjunto de ideias que as pessoas têm a respeito de algo.

No entanto, Babini (2006, p. 38) esclarece que:

No âmbito das obras lexicográficas, o adjetivo ideológico é frequentemente empregado como sinônimo de onomasiológico. É importante ressaltar que sua origem está ligada a “conjunto de ideias” e os dicionários ideológicos seriam, de acordo com a intenção original, dicionários organizados em função das ideias, e não dicionários com cunho ideológico (no sentido de valores morais ou sociais), como o termo poderia sugerir.

Vemos que, entre os conceitos gerais de ideologia e os mais específicos, como se encontra em Babini, há um fio de aproximação que não dispensa o sentido básico *ideia*, como o ordenador de campos nocionais nos quais se agrupam os itens do pensamento.

Quando o dicionário foi nomeado como ideológico, a intenção era transmitir que a organização da obra se estrutura das ideias para as unidades lexicais, assim representando um repertório lexicográfico constituído por um conjunto de ideias afins. Apesar de a denominação de dicionário ideológico não estar associada ao cunho ideológico de que fala Babini (2006), há traços de cunho ideológico nesse tipo de obra, uma vez que cada cultura estabelece as relações de significado entre as palavras. Roget (1852) já havia afirmado que “o estudo dos termos correlacionados existentes em uma língua particular mostra os costumes das nações que os usam”.

A interferência dos traços de cunho ideológico pode ser encontrada, por exemplo, ao observarmos que o lexema *velório* localiza-se inserido no corpo do verbete *divertimento* no *Diccionario ideológico de la lengua española*, de Casares (1941). Como o velório é motivo de comemoração em alguns países onde o espanhol é falado, foi possível no contexto da cultura dessa sociedade associar velório a divertimento. No entanto, esse comportamento nos causa estranheza, pois, de acordo com a cultura do Brasil, velório é um evento causador de tristeza e não é considerado divertimento. Os costumes brasileiros não permitem associar velório a divertimento, enquanto em outros países tal associação é aceitável pelas tradições do povo.

Ainda, para ampliar a discussão sobre ideologia e analogia, servimo-nos de Basílio (2002, p. 73-74) que chama a atenção para um grau considerável de polissemia no termo analogia. Esse termo é conhecido na literatura linguística sobretudo no sentido da mudança analógica que se estabelece em Linguística Histórica, mormente Fonética Histórica. A ação da analogia seria uma das alternativas viáveis para dar conta das mudanças fonéticas não oriundas de regras ou instâncias de sua não aplicação. Além de ter essa significação, a analogia pode ser entendida como uma identidade de relações. Podemos afirmar que adjetivo análogo corresponde a algo semelhante ou idêntico.

Nesta pesquisa, analogia é entendida como semelhança, e, principalmente, identidade de relações, já que, nas obras em análise, os lexemas estão ligados por conexões de caráter semântico em torno de uma ideia central. Como é sabido, o princípio clássico da analogia foi proposto por Saussure para o tratamento das relações e produtividade lexical. Para Saussure, na edição de sua obra de 1915, uma forma analógica é uma forma feita à imagem de outra(s), segundo uma regra determinada. A analogia é de ordem psicológica, supõe a consciência e a compreensão de uma relação que une as formas entre si e pode ser considerada um aspecto do fenômeno de interpretação (SAUSSURE, 1999, p. 191, 193).

Por meio de regras ou de hábitos pré-determinados pelos falantes de uma língua, as relações entre palavras são estabelecidas. Essas palavras possuem semelhança entre si, seja por terem atributos em comum, ou por causa de motivos intrínsecos. Desse modo, as analogias presentes entre lexemas de uma língua estão sujeitas às interpretações, visto que a sociedade de uma determinada cultura geralmente estabelece as relações analógicas de maneira costumeira e as pessoas passam a empregá-las. Tais relações são abstratas, uma vez que dependem de interpretações subjetivas que as pessoas fazem.

Feitas as considerações sobre dicionário analógico e dadas as explicações de como os termos ideologia e analogia devem ser interpretados neste estudo, apresentaremos a funcionalidade de um repertório lexicográfico analógico na próxima seção.

3.2 Para que serve um dicionário analógico?

Um dicionário analógico é concebido para resolver as dificuldades enfrentadas pelo usuário que precisa fazer uma consulta de caráter onomasiológico. Quando o consulente esquece ou desconhece a expressão adequada para designar determinados conteúdos, o dicionário ideológico funciona como instrumento facilitador, tendo em vista que disponibiliza vários lexemas que estão ligados a uma ideia central.

Neste repertório lexicográfico, o processo de agrupamento dos lexemas se dá por analogia, de modo que possibilita ao consulente desvendar as relações de forma e conteúdo entre palavras – tais como: sinonímia, antonímia, hiperonímia, hiponímia, meronímia, holonímia, conceito conexo. Além disso, podem ser úteis como tesouros por mostrarem os grupos analógicos, auxiliando na delimitação do campo conceitual de uma área.

Ao exercer essas funções, os dicionários analógicos podem ser utilizados por:

- i) elaboradores de exercícios de aprendizagem do léxico da língua, de palavras cruzadas, de jogos de palavras que consultam conjunto de unidades linguísticas afins;
- ii) professores, alunos, conferencistas, relatores que precisam de um leque de opções de palavras na produção oral e escrita e que estão em busca de ampliação de vocabulário;
- iii) compositores, poetas, escritores, tradutores, jornalistas, que procuram arranjos de palavras com significados relacionados;
- iv) lexicógrafos, dicionaristas, terminólogos e terminógrafos que necessitam identificar os campos nocionais, semânticos, léxicos, associativos e as relações lexicais, para estabelecerem as redes remissivas nos dicionários, glossários, léxicos e vocabulários;
- e
- v) pesquisadores, indexadores, documentalistas e curiosos que almejam fazer consultas de caráter onomasiológico e que queiram ver como as palavras de uma língua podem ser categorizadas de maneira sistemática.

Na falta do lexema apropriado para o contexto desejado, o dicionário analógico permite a consulta do conceito para a unidade lexical. Assim sendo, o usuário poderá solucionar os problemas de desconhecimento e de esquecimento dos significantes que representem os significados que necessita empregar, bem como poderá encontrar as relações lexicais que há entre a ideia e os respectivos lexemas relacionados.

3.3 Estrutura e organização dos lexemas

O dicionário analógico atende às necessidades do consulente que quer encontrar uma palavra e suas relações conceituais, quando está com o conceito em mente e não sabe ao certo a unidade lexical adequada para expressá-lo. Assim sendo, os conceitos vão do mais genérico ao mais específico, por meio dos lexemas contidos no plano de classificação, nos quadros sinópticos e nos verbetes.

Como já foi dito, os dicionários analógicos utilizam a abordagem onomasiológica para organizar os lexemas. Esse tipo de dicionário possui, geralmente, a estrutura seguinte:

- i) plano de classificação de ideias;
- ii) quadro sinóptico de categorias;
- iii) parte analógica;
- iv) índice remissivo;
- v) parte alfabética;

O plano de classificação de ideias funciona como um direcionador para chegarmos até outras partes da obra. Localiza-se no início do dicionário, apresenta as ideias gerais selecionadas, divididas e agrupadas de acordo com os critérios estabelecidos pelos autores. As categorias são estabelecidas e enumeradas. A essa forma de numerar os lexemas chamamos de numeração classificatória. Os grupos de ideias relacionados às categorias serão as subcategorias que, por sua vez, possuirão as numerações classificatórias. O plano de classificação é a diretriz, visto que as demais partes estão subordinadas a este plano.

O quadro sinóptico de categorias, composto por um conjunto de associações de ideias, é constituído pelo plano de classificação de ideias bem detalhado, além de incluir os lexemas

que compõem as subdivisões das classificações estabelecidas anteriormente. Esses lexemas serão as palavras-entrada dos verbetes e estão agrupados em subdivisões.

Os lexemas que possuem ideias antagônicas são organizados de modo que, ao lado da palavra-entrada, tem a outra palavra-entrada antagônica em uma coluna à direita. Com base na estruturação do plano de classificação de ideias e do quadro sinótico de categorias, os verbetes são distribuídos na parte analógica, que é o texto do dicionário em si. Essa parte é composta por grupos de palavras afins, os quais foram estabelecidos por relações lexicais e estruturados por meio de campos conceituais, semânticos, lexicais e associativos. Com relação à organização dos verbetes, os itens lexicais são organizados de acordo com suas categorias gramaticais – substantivos, verbos, adjetivos, advérbios, preposições, conjunções, interjeições – e também há, no final de alguns verbetes, fraseologias.

Os verbetes estão ordenados sistematicamente, conforme a numeração classificatória que possuem, a qual foi atribuída na classificação de ideias e no quadro sinótico. Cada palavra-entrada tem o seu número correspondente. Estes números, para maior facilidade de pesquisa, localizam-se no topo de cada página de forma visível.

A parte analógica pode estar organizada de outra maneira: as palavras-entrada ordenadas em ordem alfabética e seus lexemas analógicos podem ou não se apresentarem em ordem alfabética.

Quando o consulente tem uma ideia em mente e deseja encontrá-la, pode procurá-la no índice remissivo, que tem a finalidade de facilitar o manuseio da parte analógica dos dicionários. O índice remissivo, organizado em ordem alfabética, é constituído por lexemas e seus respectivos números remissivos. Esses números foram estabelecidos no plano de classificação de ideias e no quadro sinótico de categorias. Ao localizar o lexema desejado, o consulente deve observar o número remissivo e, em seguida, com base nesse número, pode ir até a parte analógica, na qual encontrará o respectivo verbete referente à ideia pesquisada. Nem todas as palavras contidas no corpo da obra estão presentes no índice. Entretanto, tem, no índice, em compensação, outro termo – sinônimo, antônimo ou análogo – que oferecerá novas ideias ou sugestões.

A parte alfabética pode ser apresentada de duas maneiras: i) lexemas ordenados em ordem alfabética e suas respectivas definições; ii) grupos analógicos de palavras ordenados em ordem alfabética. Não é comum esses dicionários conterem a parte alfabética. Além disso, nem todos os dicionários analógicos trazem as estruturas mencionadas, mas todos possuem a parte analógica.

Escolhemos o lexema *comida* para ilustrar o modo como essas partes aparecem no Dicionário Analógico da Língua Portuguesa, de Azevedo (1950). Constatamos que esse lexema encontra-se registrado na categoria *II – espaço*, na subcategoria *IV – movimento* no plano da classificação de ideias, assim como a figura a seguir nos permite visualizar:

II. ESPAÇO.....	{	I. Em geral	180—191
		II. Dimensões.....	192—239
		III. Forma.....	240—263
		IV. Movimento.....	264—315

Figura 6: Parte do plano de classificação de ideias de Azevedo (1950)
Fonte: (AZEVEDO, 1950, p. VIII).

No quadro sinóptico de categorias, a ideia *comida* está inserida na seção *IV – movimento* e na subclassificação *4º movimento e direção*, com o número 298, como aparece na figura a seguir.

SEÇÃO IV — MOVIMENTO.

1.º Movimento em geral	{	264. Movimento	265. Repouso
		266. Locomoção (viagem por terra)	367. Navegação
		268. Viajante	269. Marinheiro
		270. Transferência (transfusão)	271. Carregador (homens e animais)
2.º Graus de movimento.....	{	272. Veículo	273. Navio (aeronave)
		274. Velocidade	275. Vagareza
3.º Movimento e força...	{	276. Impulso	277. Recuo
		278. Direção	279. Desvio
4.º Movimento e direção	{	280. Precessão (movimento do que vai à frente)	281. Seqüência (movimento do que vai acompanhando)
		282. Progressão (movimento para a frente)	283. Regressão (movimento para trás)
		284. Propulsão (movimento comunicado a um objeto situado adiante)	285. Tração (movimento comunicado a um objeto situado atrás)
		286. Aproximação	287. Retirada
		288. Atração (força centrípeta)	289. Repulsão (força centrífuga)
		290. Convergência	291. Divergência
		292. Chegada	293. Partida
		294. Ingressão	295. Egressão
		296. Recepção (admissão; movimento para dentro, ativamente)	297. Expulsão (movimento para fora, ativamente)
		298. Comida (bebida, alimentos)	299. Excreção (saliva, fezes de homens e de animais)
		300. Inserção (entrada forçada)	301. Extração (saída forçada)
		302. Passagem (movimento através de)	303. Transcursão (movimento para além da meta)
304. Falta (movimento que não atinge a meta)			

Figura 7: Parte do quadro sinóptico de categorias de Azevedo (1950)
Fonte: AZEVEDO (1950: XIII).

Ao procurar o número 298 na parte analógica, deparamos com o verbete, apresentado da seguinte forma:

298. Comida, manjuba (bras.), comer, pasta, cibo, *pabulum*, pábulo, alimento, sustento, lastro, enga, argamassa, comes e bebes (pop.), bonachira, cibato, ciballo, pão, passadio, deglutição, ingestão = sumpção ingerência;

lambadela, lambadura, lambida, mastigação, manducação, papança, mánjua (pop. e ant.), rumação, trituração, mericismo; hipofagia, ictiofagia & *elem. comp.*; glutonaria 957; boca, queixada, dentes, mandíbula, queixo, mento, maxila, goela, estômago, masseter;

tratao sobre regime alimentar: trofologia;

bebida, poto (poét.), poção, gole, trago, gorgolão, hausto, sórvo, beberes, bebes, beberete, beberagem, libação, festim 840; embriaguez 959;

boa nutrição = eutrofia, sustento, subsistência, alibilidade, mantimentos, provisões de boca, gêneros alimentícios, viveres, sustentação, penso;

manutenção, manutenção, provimentos, matalotagem (provisão) 637; ração, bóia (bras.), pitação;

ração ordinária, trivial = treina; comestíveis, virtuais, *ingesta*, trinca-deira, iarnel, viático, iguaria, comezaina, papazana, manjar, guloseima, gulodice, guloseca, paparicos, guisado, quitute, petisco, pitéu, petisqueira, ambrosia, manjar delicioso, acepipes, lambujem, bom passadio, mesa, mesa lauta, tira-jejum (bras.), parva, lastro, desjejum; churrasco (bras.); almoço, almoço ajantarado, lanche, manja, refeição, repasto, colação, jantar = prândio (ant.), ceia, ceia dúbia, sobremesa, sobrepasto, *dessert*, pospasto, postre ou postres, almoço de garfo, *déjeuner à la fourchette*, consoada, merenda, comissariado 637;

(termos depreciativos de comidas): chanfana, massamorda, mistela; prato de meio, prato de resistência, *pièce de resistance*, entrada, *entrée*, *entremet*, *hors d'œuvre*, *relevé*, picado, recheio, *rechariffé*, estufado, oha, *ragout*, *ragu*, *fricassé*, sopa, potagem, *potage*, açorda, gaspacho, caldo, caldaça, caldivana, caldouro, *consommé*, puréia, lacticínios, empada, pastel, pastelão, torta, *vol-au-vent*, pudim, omeleta, fritada, fritura, massas, folhados, condimentos 393; doces 396; aletrias; fidéus, bolo, folar, fogaça;

cardápio, lista, *bill of fare*, *menu*, *table d'hôte*; molho, molhaça, molhanga, maionese, *mayonnaise* ou meionese, bebida, poto, licor, aperitivo, vinho, cerveja, falerno, genebra (*bebida intoxicante*) 959; coquetel, ponche, café, mate, chá, chocolate, jacuba (bras.), chimarrão, casa de pasto 189;

alua, pertences de mesa, salseira, mensório, saladeira, travessa, prato, pratalhaz, pratalhada, talher, talhador, trincho, colher (*receptáculo*) 191;

louça; trem, bateria de cozinha;

rancheiro, cozinheiro (servo) 746.

V. comer, gualdir, papar, dar aos dentes, anafar (animais), alimentar-se, devorar, lambear, chupar, manducar, desjejumar, engolir, deglutir, boiar, engargantar, ingerir, lambar, lambujar, desafaimar, engulipar (pop.), tomar, pastinhar, debicar, petiscar, lambiscar, tasquinhar, comiscar, engulosimar, gulosar, rilhar (pop.), roer;

encher-se, faltar-se, saciar-se, depenicar, paparicar, apaparicar, codear, engordar, ingurgitar (*ser glutão*) 957; mascar, munquir (reg.), mascotar, moer, mastigar, dar à trinca-deira, triturar, trincar, remoer, esmoer, remascar, ruminar, remastigar, esmordicar, esmordagar, morder, digerir;

matar a fome, a sede; repastar-se, saborear, provar, banquetear-se, regalar-se, dar uma dentada;

299. Excreção, descarga, emanção, exalação, exsudação, diaforese, expulsão, secreção, segregação, efusão, extravazamento, corrimento, supuração, aguaceira, salivação, esputagem, sialismo, evacuação, caterese, dejeção, resíduos da digestão, *foeces*, fezes, bosta, merda (chulo), excremento, forcilhão (reg.), troço (bras.), muxinga (pleb.);

alva = *album groecum* = pós de jasmim (do cão), caganitas (de cabra, ovelha); bonicos (de cavalo, camelo); moleja (das aves), dejeções alvinas, jacta, lixo; castanha (de burro), frago (de animais silvestres), estrabo (de bestas e outros animais), bonico (de novilhos), buzeira (de galinha), granita (de cabras e ovelhas), tolhedura (de ave de rapina), guano (de aves marinhas);

soltura, destempero, zoura, diarréia, aguadilha, fluxo de ventre, sanguechuva, dejeção sangüinea, disenteria, saliva, cuspo, perdigoto, baba, babugem, gosma, escarro, gargalho, reuma, coriza, estilecido, mucó, monco, ranho, pingó, pituita, humor branco e viscoso, catarro, defluxo, *ejecta*, *sputa*, *excreta*, lava, exúvia (*impureza*) 653;

hemorragia, hemoptise, metrorragia, menorragia, menorria, mênstruo, menstruação, catamênio, fluxo mensal, visita, fluxo branco, leucorréia, flores brancas, diaforese, transpiração; galactorria.

V. excretar 297; supurar 295.

Adj. excretor, segregatório, pituitário, salivoso, lavoso, loquial, menstrual, catamenial, leucorréico, galactóforo, supurativo, supuratório, excrementício, diarréico, disentérico, muciparo, hemorrágico; bostal.

cravar, atolar os dentes, zampar=comer com avidez, ser bom
 garfo 957; lambarar, dar com tudo no bucho, embuxar, almoçar,
 quebrar o jejum, jantar, merendar, cear, lanchar, encher a mochila
 (pop.), churrasquear (bras.), viver de, passar a, nutrir-se de, alimen-
 tar-se de, absorver, consumir, jejuar pelas almas das canastras;
 nutrir, tratar, alimentar, sustentar, renutrir, engordar, prover de
 sustento, manter, dar bom passadio, refazer, substanciar, aleitar,
 arraçoar, cevar, saginar, arranchar;
 pastar, pastejar, pascer, ratar, roer, dentar, rilhar, beber, escorro-
 pichar, gramar, tomar, gargalaçar, chupar, sugar, sorver, tragar,
 amansar a sede, regar, beber a grandes tragos, emborcar, esvaziar o
 copo (*embriagar-se*) 959; saborear, libar, aspirar, haurir;
 levar, por aos lábios; entornar, dessedentar;
 empinar, emborcar uma garrafa; regar com vinho, decilitrar,
 bebericar, por à boca, matear, amamentar, propinar, ministrar, dar
 de beber.
Adj. comestível, manducável, manducativo, comezinho, édulo,
 vesco (desus.), alibil, alimentar, alimentício, trófico, nutrício, nutri-
 tivo, nutriente, nutrimental, substantífico, altriz, cibário, substancial,
 substancioso, sustentador, sustentante;
 gordo, pingue, rico, medulato, chorudo, sucoso, suculento, hemo-
 plástico, comedouro, lauto, opíparo, farto, dúbio, digerível, mensário,
 cenário, cenatório;
 depascente;
 potável, bíbulo;
 onívoro, ossívoro, carnívoro, melívoro, crudívoro, merdívoro, frutí-
 voro, herbívoro, frugívoro, aerívoro, granívoro, graminívoro, mucí-
 voro, formicívoro, ratívoro, fitívoro, leguminívoro, insetívoro, orizí-
 voro, piscívoro, vermívoro, lardívoro, ovívoro;
 rabaceiro, vegetariano, gaipeiro, carniçal, carniceiro, creófago,
 filófago, fitófago, ictiófago, quelonófago, necrófago, acridófago, opió-
 fago, orizófago, zeófago, homófago, eleófago, galactófago, ofiófago,
 lactífago, aerófago, antropófago, folífago, geófago, papa-gente, roaz.
Adv. comestivelmente & *adj.*; entremesa.
Interj. bom proveito lhe faça!, *benedicite!* vamos à trincadeira!

Figura 8: Parte analógica de Azevedo (1950)
 Fonte: (AZEVEDO, 1950: 129-130).

Azevedo (1950) explicou que “a primeira coluna contém as palavras relacionadas diretamente com a ideia, de que se trata; a segunda coluna traz as acepções antagônicas.” Ao observamos a figura 8 – parte analógica –, fica claro que a ideia antagônica à comida é excreção. Aparentemente, a associação que faz com que *comida* e *excreção* estejam em posição antagônica não é lógica ao consulente de língua comum. Na tentativa de encontrarmos uma relação lógica que justificasse essa associação, identificamos que *comida* e *excreção* foram consideradas pelo autor como parte de um movimento e de uma direção do processo de digestão. Assim sendo, a ideia contrária a comida (algo que se ingere) é excreção (algo que se excreta). As ações de ingerir e excretar são, de fato, antagônicas, uma sendo o começo e a outra o final do processo de digestão, desse modo fica clara a associação entre comida e excreção. No entanto, o consulente dificilmente faria essa associação abstrata, a qual demanda um raciocínio complexo e que não apareceria espontaneamente no momento da busca.

No interior do verbete *comida*, as unidades lexicais estão separadas pelas classes gramaticais substantivo, verbo, adjetivo, advérbio e interjeição. O autor incluiu os lexemas relacionados à ideia *comida* por analogia. Há alguns termos estrangeiros, os quais foram marcados em itálico, tais como: *dessert, déjeuner à la fourchette, pièce de resistance, entrée, entrement, hors d'oeuvre, relevé, ragout, ragu, fricassé, potage, consommé, uol-au-vent, bill of fare, menu, table d'hôte, mayonnaise, benedicite*. Existem também marcas de uso indicadas por abreviaturas entre parênteses, tais como (bras.), (pop.) (ant.), (reg.), (poét.), (desus.). Percebemos que não consta o que significa (poét.) na lista de abreviaturas.

As remissivas, por sua vez, são indicadas pelos números classificatórios e por lexemas relacionados; as que identificamos no verbete em análise são: glotonaria 957, festim 840, embriaguez 959, matalotagem (provisão) 637, comissionado 637, condimentos 393, doces 396, casa de pasto 189, genebra (bebida intoxicante) 959, casa de pasto 189, colher (receptáculo 191), cozinheiro (servo) 746, ingurgitar (ser glutão) 957, ser bom garfo 957. Esses lexemas entre parênteses indicam as palavras mais relacionadas às palavras-entrada, a que os números classificatórios nos remeterão.

Como a entrada *comida* não está presente no índice remissivo, buscamos unidades lexicais relacionadas, chegando ao lexema *alimento*, que remete ao número 298.

alimária	366
alimentar	
comer.....	298
estimular.....	615
alimentício	298
alimento	298
sons de —.....	402a
alinhar	
ordenar.....	58
linha reta.....	246

Figura 9: Índice remissivo de Azevedo (1950)
Fonte: (AZEVEDO, 1950, p. 553).

Buscamos confrontar o dicionário de Azevedo com o de Casares. Não há parte alfabética do dicionário de Azevedo, portanto para exemplificar tal parte, procuramos o mesmo lexema em análise no dicionário de Casares. No verbete que localizamos, há definição para a lexia simples *comida* e para as lexias compostas *comida de carne, comida de pescado*, além de ter o significado de duas expressões, conforme a figura a seguir mostra:

comida. f. **Alimento.** || Porción de alimento que se toma habitualmente a ciertas horas del día o de la noche. || Alimento principal que cada día toman las personas. || Acción de comer. || **de carne.** La que no es permitido tomar más que en día de carne. || **de pescado.** **Vigilia** (comida con abstinencia de carne). | **Cambiar la comida.** fr. **Vomitir.** || **Reposar uno la comida.** fr. Descansar durante la *digestión.

Figura 10: Verbetes *comida* parte alfabética de Casares (1936)
Fonte: (CASARES, 1936, p. 200).

Por sua vez, o Dicionário de ideias semelhantes, de Florenzano (1961), possui a parte analógica em ordem alfabética, de modo que somente a palavra-entrada está nessa ordem, já que os lexemas analógicos foram registrados de forma aleatória. A figura a seguir nos apresenta o verbe *comida* da parte alfabética:

Comida: alimento, nutrição, cibo, cibato, sustento, subsistência, víveres, provisões, munição de boca, forragem, ração, pensão, passadio, pitaça, pão cotidiano; porção, quinhão, parte; preia, presa; dieta, regime; pasto, comes, comedoria(s).

Figura 11: Verbetes *comida* da parte alfabética de Florenzano (1961)
Fonte: (FLORENZANO, 1961, p. 235).

Após mostrarmos o modo como os lexemas se estruturam nos dicionários analógicos com exemplos extraídos desse tipo de repertório lexicográfico, falta esclarecermos como são formados os grupos analógicos, o que será apresentado nas duas seções subsequentes.

3.3.1 Tipos de campos na constituição dos verbetes

Na tentativa de desvendar como se dão os agrupamentos entre os lexemas, verificamos que são organizados com base nos campos e nas relações lexicais. Biderman (1978, p. 150) afirma que “toda palavra abrange uma rede de significação”. Esta rede gera diferentes tipos de

campos de acordo com o modo de organização dos lexemas. O estudo dos campos serve como um método, a fim de organizar as estruturas semânticas do vocabulário de uma língua. Há variação terminológica e conceitual para designar os tipos de campos, a saber: campos semânticos, lexicais ou léxicos, associativos, morfossemânticos, nocionais ou conceituais. Há vários teóricos que postularam esses campos, tais como: Ipsen (1924), Jolles (1934), Porzig (1934), Trier (1934), Weisgerber (1954), Bally (1977), Guiraud (1972), Matoré (1953), Trier (1976) e outros.

Segundo Trier (1934), “campos são realidades vivas intermediárias entre palavras (com status isolado) e a totalidade do vocabulário” (apud LYONS, 1984, p. 253), além disso, “podem ser vistos como setores estreitamente entrelaçados do vocabulário, no qual uma esfera particular está dividida, classificada e organizada de tal modo que cada elemento contribui para delimitar os seus vizinhos e é por eles delimitado” (apud ULLMANN, 1970, p. 510). A definição de Lehrer (1974, p. 1) é a mais clara, na qual campo é designado como “um grupo de palavras estreitamente relacionadas entre si pelo significado, geralmente resumidas por um termo geral.”

Em um primeiro momento, o estudo dos campos parece confuso, como bem fundamenta Rehfeldt (1980, p. 94): “não apenas a nomenclatura varia, como também existem tipos diferentes de campos. Nem sempre é possível distingui-los. Seus limites, os modelos teóricos em que estão fundamentados e o alcance descritivo não aparecem claramente especificados.” Definimos os tipos de campos e os exemplificamos utilizando o campo *arma branca*, apresentado por Faulstich (1980, p. 75) em seu estudo de lexicologia aplicado à linguagem do noticiário policial, assim como o diagrama arbóreo subsequente nos mostra.

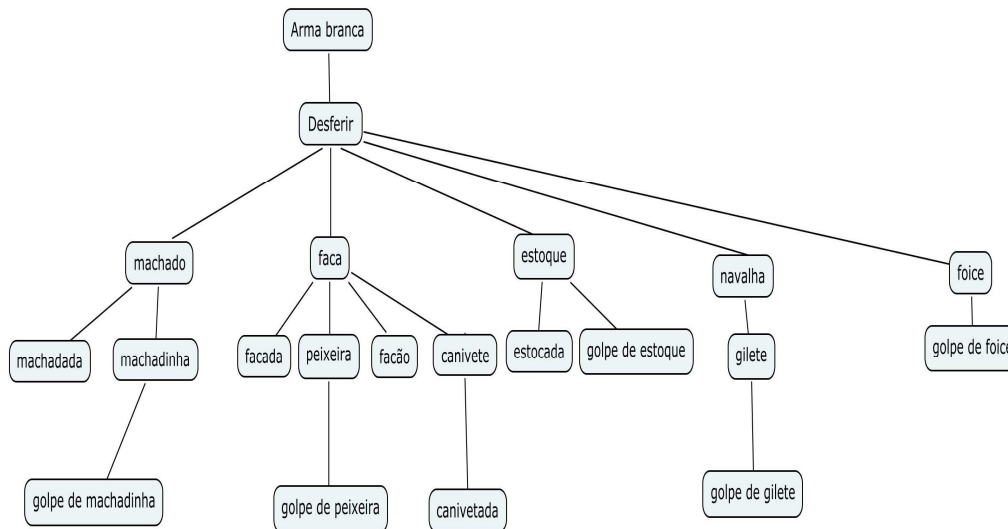


Figura 12: Campo arma branca proposto por Faulstich (1980)
 Fonte: (FAULSTICH, 1980, p. 75, adaptado).

Para Fernandes Leborans (1977, p. 34-35), campo conceitual (também denominado campo nocional) é um “conjunto de conceitos que mantêm entre si uma estreita relação por pertencerem a uma mesma área conceitual”. Podemos entender o campo nocional como o conjunto de conceitos ligados entre si por tratarem de um conceito comum, mas que se diferenciam por condições peculiares de uso. Esse conjunto de conceitos compõe um subconjunto de um sistema de conceito.

O campo conceitual pode ser descrito por meio das relações existentes entre o conceito e outros designativos deste conceito. Ao analisar os dados da figura 12, podemos inferir que o campo conceitual da unidade lexical *arma branca*, é constituído pelos lexemas *desferir*, *machado*, *faca*, *estoque*, *navalha*, *foice*, *machadada*, *machadinha*, *facada*, *peixeira*, *facão*, *canivete*, *estocada*, *golpe de estoque*, *gilete*, *golpe de foice*.

Na literatura, há várias definições para campo semântico e muitas delas são similares à de campo lexical. Para esta pesquisa, servimo-nos das explicações de Vanoye (1981, p. 34) para campo semântico:

O conjunto das significações assumidas por uma palavra num certo enunciado. Após determinar a época de uso de uma palavra, faz-se o levantamento de todos os exemplos, tomando-se o cuidado de não se separar a palavra do seu contexto, e estuda-se o material assim obtido. Trata-se aqui de determinar a significação particular da palavra, levando-se em conta seus empregos, seu sentido denotativo e suas conotações no enunciado.

A fim de verificarmos o campo semântico de uma determinada unidade lexical, podemos considerar os significados que esta apresenta em um dado contexto e identificar os lexemas que possuem qualquer relação de sinonímia com tal unidade. Retomando os dados da figura 12, do ponto de vista diacrônico, o campo semântico de *arma branca* em contextos da linguagem noticiário policial é composto pelos lexemas *machado, machadinha, faca, peixeira, facão, canivete, estoque, navalha, gilete, foice*.

A diferenciação de campo semântico e campo lexical é sutil. Este campo pode também ser denominado campo léxico. Segundo Coseriu (1977, p. 140), “campo léxico é uma estrutura paradigmática constituída por unidades léxicas que compartilham uma zona de significação comum e que se encontram em oposição imediata umas com as outras”. Essa zona de significação comum pode ser entendida como o conjunto de traço comum que os lexemas repartem. As oposições dizem respeito aos traços distintivos, que diferenciam esses lexemas.

Ao retomarmos a ideia que a unidade linguística *arma branca* expressa, neste caso, independentemente da análise do contexto e da ocorrência em uma frase específica, podemos tanto incluir o mesmo conjunto de palavras citado anteriormente como exemplos do campo semântico quanto acrescentar outros lexemas, a saber: prego, parafuso, tesouras, chaves de fenda, agulha, entre outros. Ser um instrumento cortante ou perfurante que servem como arma é o traço comum existentes entre essas unidades lexicais. O campo lexical abrange todas as significações de um lexema, fazendo a descrição de acordo com a sua natureza polissêmica.

A grande maioria dos grupos de palavras dos verbetes de dicionários analógicos é estruturada por campos associativos. De acordo com Ullmann (1970, p. 498):

O campo associativo de uma palavra é formado por uma intrincada rede de associações, baseadas algumas na semelhança, outras na contiguidade, surgindo umas entre sentidos, outras entre nomes, outras ainda entre ambos. Por estar no nível do léxico, o campo é por definição aberto, e algumas das associações estão condenadas a ser subjetivas, embora as mais centrais sejam em larga medida as mesmas para a maioria dos locutores.

Devido ao fato de as palavras estarem rodeadas por rede de associações que as ligam com outras, o campo associativo é abrangente e subjetivo, porque as associações de palavras podem variar de um indivíduo para outro e também estão relacionadas à influência da cultura na língua de forma mais intensa que nos outros campos estudados nesta pesquisa. Para estabelecer o campo associativo de uma unidade lexical, basta incluir todas as palavras que lembram esta unidade, independentemente do tipo de relação que é feita na mente do falante. O campo associativo de *arma branca*, no contexto da pesquisa realizada por Faulstich (1980),

é formado por todos os lexemas apresentados na figura 12: *deferir, machado, faca, estoque, navalha, foice, machadada, machadinha, facada, peixeira, facão, canivete, estocada, golpe de estoque, gilete, golpe de foice, golpe de machadinha, golpe de peixeira, canivetada, golpe de gilete*. No campo associativo do lexema *arma branca*, podemos incluir outros itens lexicais que nos faz lembra esse lexema, tais como, violência, força, assassinato, luta, briga, entre outros.

Nos dicionários analógicos, geralmente os campos são formados por relações lexicais, assim como o quadro subsequente nos mostra:

Quadro 4: Campos e suas respectivas relações lexicais

Campo semântico	sinonímia, hiponímia, conceito conexo, holonímia, meronímia.
Campo lexical	sinonímia, hiponímia, conceito conexo, holonímia, meronímia.
Campo nocional	sinonímia, hiponímia, conceito conexo, holonímia, meronímia.
Campo associativo	sinonímia, hiponímia, conceito conexo, holonímia, meronímia, antonímia.

Fonte: (MACHADO OLIVEIRA, 2010).

Desse modo, geralmente, os campos semânticos e lexicais constituem-se por sinonímia, conceito conexo, holonímia, meronímia; os campos conceituais, por hiperonímia, hiponímia, holonímia, meronímia, conceito conexo, sinonímia; os campos associativos, por hiperonímia, hiponímia, holonímia, meronímia, sinonímia, antonímia, conceito conexo e associativa. Abordaremos essas relações lexicais na próxima seção.

3.3.2 As relações lexicais entre os lemas e as unidades linguísticas

Saussure, na edição de 1915, afirmou que “as palavras que oferecem algo em comum se associam na memória e assim formam grupos dentro dos quais imperam relações muito diversas” (SAUSSURE, 1999, p. 143). Entre a diversidade de relações, há “relações possíveis entre o conjunto significante e o conjunto significado do universo léxico de uma língua natural”, segundo Barbosa (1998, p. 20).

A relação estabelecida pelos autores dos dicionários analógicos aqui analisados, para organizar os lexemas, foi a analógica, de modo que incluíssem dentro de tal relação várias

outras relações lexicais, tais como: sinonímia, hiperonímia, hiponímia, holonímia, meronímia, antonímia, conceito conexo e associativa. Explicitamente, Roget (1852) esclareceu que, em sua obra, “as relações entre as palavras expressam ideias opostas e correlacionadas”.

Ullmann (1970, p. 294) acrescentou que “poucas palavras são completamente sinônimas no sentido de serem permutáveis em qualquer contexto, sem a mais leve alteração do significado objetivo”. Existem, porém, vários motivos que não nos permitem afirmar que há sinonímia perfeita. Um deles é que, muitas vezes, os itens lexicais têm suas respectivas marcas de usos, tais como: diacrônicas, diatópicas, diastráticas (chulo, familiar), diafásicas (formal, informal), diatextuais (gênero textual), diafrequentés (raro, muito raro), e diaevaluativas (pejorativo), o que impossibilita a substituição de lexemas sinônimos nos diversos contextos, tendo em vista que a variação de significado entre os lexemas que podem ser permutáveis altera as condições de verdade da enunciação. Assim sendo, na sinonímia, (x) corresponde a (y) em determinadas circunstâncias, podendo, em casos específicos, substituir (x) por (y) e vice-versa.

Faulstich (1995, p. 287) elucidou que “o sinônimo é relação de identidade, de equivalência com o conceito entrada em um contexto específico”. Diante disso, nessas obras existe ausência de limitação para tal semelhança, posto que a relação de sinonímia, entendida como equivalência ou identidade, é uma relação de implicação bilateral, ou simétrica, e assenta na partilha de propriedades definitórias e funcionais em comum (LYONS, 1984, p. 292). Na obra de Azevedo (1950, p. 31, 44), há os sinônimos *começo/início* do verbete *começo* e *nunca/jamais* do verbete *nunca*, que nos servem a título de exemplificação.

A relação de hiperonímia e de hiponímia em nenhuma parte é mencionada nos dicionários analógicos, mas notamos que estão presentes em seus agrupamentos lexicais. Hiperonímia representa a subordinação entre termo subordinado (hipônimo) e subordinante (hiperônimo), a qual é definível como relação de implicação unilateral (LYONS, 1984, p. 292). A hiponímia, por sua vez, “deve ser entendida como relação de inclusão de significados das unidades em questão, assim é que um subconjunto está incluso em um subconjunto”, conforme Faulstich (1987, p. 42-43).

Como exemplo das relações de hiperonímia e hiponímia, inserido no lema *animal* (X), do dicionário de Azevedo (1950: 156), há os lexemas *leão*, *girafa*, *gorila*, *chimpanzé*, *macaco*, *vaca*, *ovelha*, *porco*, *cavalo*, entre outros (Z). Neste caso, *animal* (X) é hiperônimo, e os lexemas (Z) são os hipônimos, sendo que (Z) \subset (está contido) em (X), mas o inverso, (X) \supset (contém) (Z), nem sempre é totalmente verdadeiro, por isso que a hiperonímia é uma relação de implicação unilateral.

Com relação à holonímia e meronímia, esta denota a parte e aquela, o todo (LOPES & RIO-TORTO, 2007, p. 30). O verbete *corpos celestes* do dicionário de Florenzano (1961, p. 243), serve como exemplo de ocorrência dessas duas relações, pois a palavra-entrada *corpos celestes* é o holônimo e os itens lexicais *estrela, astro, sol, lua, constelação, galáxia* e *Vênus*, os merônimos.

Por outro lado, é amplamente sabido que antonímia relaciona conceitos opostos. No entanto, cabe discussão acerca desse ponto de vista, como o que apresentamos a seguir:

- i) contrário: significa que a negação de um não corresponde necessariamente à afirmação do seu contrário, possui antônimos graduáveis e polares, como ocorre com os lexemas que se situam nos extremos de uma escala de altura, de grandeza, de beleza, de riqueza, entre outros. Não quente nem sempre significa frio, pode significar morno. Os pares de lexemas a seguir servem para exemplificar a noção radical de antonímia: *alto/baixo, grande/pequeno, bonito/feio, rico/pobre, bom/mau, chegar/partir, emprestar/devolver, montar/desmontar* (LOPES & RIO-TORTO, 2007, p. 32, & DEPECKER, 2002, p. 41).
- ii) contraditório: quer dizer que a afirmação de um implica a negação do outro, e vice-versa. A asserção positiva de *p* implica a asserção negativa de *q* e a asserção negativa de *p* implica a asserção positiva de *q*. Podem ser exemplos de contraditório os itens lexicais: *inocente/culpado, par/ímpar, legal/ilegal* (LOPES & RIO-TORTO, 2007, p. 32, & DEPECKER, 2002, p. 41).

Identificamos com facilidade a antonímia nos dicionários analógicos, visto que, no plano sinóptico de categorias, está presente no lado direito de cada unidade lexical o antônimo. Nessa parte do dicionário de Sptizer (1936, p. 13-26), encontramos vários contrários, tais como: *superioridade/inferioridade, aumento/diminuição, passado/futuro, água/terra, doce/amargo, amor/ódio*, entre outros. Ainda dessa obra, selecionamos as unidades linguísticas *vida/morte, obediência/desobediência* e *dependência/independência*, que exemplificam os contraditórios.

Outra relação a comentar é a de conceito conexo, que são lexemas justapostos em um mesmo plano hierárquico, que se encontram em coordenação de significados, e seus conteúdos semânticos são de mesmo valor. Trata-se de uma relação entre unidades lexicais que pertencem à mesma esfera de domínio, mas não são nem hiponímicos, nem equivalentes, nem opositivos. O significado de um remete, por analogia, ao outro (FAULSTICH, 1993a, p. 94-95, 1995, p. 287). No *Diccionario de ideas afines y elementos de tecnologia*, de Benot (1899, p. 70), “Jesús” é um conceito conexo de “Dios”.

Há maior ocorrência de relações associativas nos dicionários sob análise. A formação de grupos lexicais estabelecidos por associação mental pode ser justificado no âmbito da Psicologia e da Linguística, porque o associacionismo, teoria da Psicologia, explica a vida psíquica pelas combinações e re-combinações dos elementos mentais. Assim, unidades lexicais entram em conexão segundo determinados princípios, tais como, contiguidade, semelhança, oposição, criatividade e causalidade. Os métodos das associações são relevantes por propiciar a compreensão dos mecanismos psíquicos inconscientes (SILVEIRA, 1990, p. 29-30). De acordo com um princípio antigo dessa teoria, as ideias complexas provêm da associação de ideias mais simples (MARX & HILLIX, 1974, p. 123).

Podemos inferir que essas associações geram agrupamentos lexicais complexos, por isso o consulente encontra dificuldade ao tentar abstrair a ligação entre diferentes lexemas, que parecem não ter nada em comum pela maneira como aparecem no dicionário analógico.

Relembremos o que diz Saussure, na edição de 1915, ao referir-se à relação associativa:

Os grupos formados por associação mental não se limitam a aproximar os termos que apresentem algo em comum; o espírito capta também a natureza das relações que os unem em cada caso e cria com isso tantas séries associativas quantas relações diversas existam (SAUSSURE, 1999, p. 145).

As associações ocorrem nas línguas, já que as palavras estão cercadas por redes de associação que as ligam com outras unidades lexicais. Algumas dessas associações se baseiam em ligações entre os sentidos, outras são puramente formais, enquanto outras, finalmente, envolvem ao mesmo tempo a forma e o significado (ULLMANN, 1970, p. 498).

A figura, a seguir, representa um exemplo da ocorrência dessa relação na língua.



Figura 13: Representação de uma relação associativa de Saussure (1999)
Fonte: (SAUSSURE, 1999, p. 146).

Ensinar e ensinemos possuem o radical como elemento comum; entre *aprendizagem* e *educação*, a associação pode se fundar na analogia dos significados; *desfiguramento* e *armamento* têm o mesmo sufixo; *elemento* e *lento* são da mesma comunidade acústica. Saussure (1915) ressalta que este último caso é raro e pode passar por anormal, pois o espírito descarta naturalmente as associações capazes de perturbarem a inteligência do discurso.

A relação associativa é mais abrangente que o conceito conexo, tendo em vista que o último abrange lexemas coordenados, os quais herdam características de lexemas superordenados. Essa propriedade faz com que exista um parentesco entre os lexemas, mesmo que existam características específicas que os diferenciem. As relações associativas ocorrem entre itens lexicais que apresentam identidades de sentidos e que fazem parte dos mesmos campos associativos. As relações associativas ocorrem entre itens lexicais que apresentam identidades de sentidos e que fazem parte dos mesmos campos associativos.

No Dicionário Geral e Analógico da Língua Portuguesa, de Bivar (1948, p. 1477), na parte analógica, no verbete *felicidade*, aparecem os seguintes substantivos associadas: *antecéu*, *éden*, *felícia*, *fortuna*, *gozo*, *prosperidade*, *sorte*. A ocorrência dessas unidades linguísticas associadas a este verbete se justificam por causa das analogias costumeiras que os falantes da língua fazem ou fizeram. Se o autor se baseasse apenas no conceito da unidade linguística *felicidade*, vários dos substantivos associados não deveriam estar contidos nesse verbete.

Há uma relação direta entre a associação e a analogia. Em muitos casos, para estabelecer uma relação analógica, é feita uma relação associativa e vice-versa. Ambas são de caráter psicológico e semântico e possuem identidade de relações. Os agrupamentos de lexemas que essas relações unem estão relacionados por terem características em comum ou algum tipo de liame.

3.4 A formação dos tipos de campos e as relações lexicais nos grupos analógicos de lexemas no verbete *comida*

A fim de ilustrar de forma prática como os tipos de campos e as relações lexicais auxiliam a estruturação dos lexemas nos verbetes dos dicionários ideológicos, selecionamos os substantivos presentes no verbete *comida* do dicionário de Azevedo, presente na figura 8, e identificamos os campos e as relações lexicais a que pertencem. Os quadros a seguir mostram

os resultados de estruturação, de modo que as colunas, à esquerda, possuem os tipos dos campos, ou as relações lexicais, e as da direita apresentam os lexemas pertencentes aos respectivos campos e às relações lexicais.

Quadro 5: Tipos de campos a que pertencem os lexemas do verbete *comida*

Tipos de campos	Lexemas
Nocional	acepipes, açorda, aletrias, aliblibdade, alimento, almoço, ambrosia, aperitivo, boia, bolo, bonachira, caldaça, caldivana, caldo, caldouro, chanfana, chocolate, churrasco, cibalho, cibo, colação, comer, comestíveis, consoada, cozinheiro, desjejua, doces, empada, enga, estufado, eutrofia, farnel, fidéus, fogaça, folar, folhados, fritada, fritura, gaspacho, gêneros alimentícios, guisado, gulodice, guloseima, gulosice, iguaria, ingerência, ingestão, jacuba, jantar, lacticínios, lambujem, lanche, maionese, manducação, manja, manjar, mânjua, manjuba, mantimento, massamorda, massas, mastigação, matalotagem, maxila, merenda, mericismo, molhança, molhanga, molho, olha, omeleta, pábulo, pão, paparicos, parva, pastel, pastelão, pasto, petisco, petisqueira, picado, pitaça, pitéu, pospasto, postre, postres, potagem, prândio, pudim, puréia, quitute, ração, rancheiro, refeição, repasto, ruminação, sobremesa, sobrepasto, sopa, subsistência, sustentação, sustento, tira-jejum, torta, trituração, viático, vitualhas, víveres.
semântico	acepipes, açorda, aletrias, alimento, almoço, ambrosia, aperitivo, boia, bolo, bonachira, caldaça, caldivana, caldo, caldouro, chanfana, chocolate, churrasco, cibalho, cibo, colação, comer, comestíveis, consoada, desjejua, doces, empada, enga, estufado, farnel, fidéus, fogaça, folar, folhados, fritada, fritura, gaspacho, gêneros alimentícios, guisado, gulodice, guloseima, gulosice, iguaria, jacuba, jantar, lacticínios, lambujem, lanche, maionese, manja, manjar, mânjua, manjuba, mantimento, massamorda, massas, matalotagem, maxila, merenda, molhança, molhanga, molho, olha, omeleta, pábulo, pão, paparicos, parva, pastel, pastelão, pasto, petisco, petisqueira, picado, pitaça, pitéu, pospasto, postre, postres, potagem, prândio, pudim, puréia, quitute, ração, refeição, repasto, sobremesa, sobrepasto, sopa,

	sustento, tira-jejum, torta, trituração, viático, vitualhas, víveres.
Lexical	acepipes, açorda, aletrias, alimento, almoço, ambrosia, aperitivo, boia, bolo, bonachira, caldaça, caldivana, caldo, caldouro, chanfana, chocolate, churrasco, cibalho, cibo, colação, comer, comestíveis, consoada, desjejua, doces, empada, enga, estufado, farnel, fidéus, fogaça, folar, folhados, fritada, fritura, gaspacho, gêneros alimentícios, guisado, gulodice, guloseima, gulosice, iguaria, jacuba, jantar, lacticínios, lambujem, lanche, maionese, manja, manjar, mânjua, manjuba, mantimento, massamorda, massas, matalotagem, maxila, merenda, molhança, molhanga, molho, olha, omeleta, pábulo, pão, paparicos, parva, pastel, pastelão, pasto, petisco, petisqueira, picado, pitança, pitéu, pospasto, postre, postres, potagem, prândio, pudim, puréia, quitute, ração, refeição, repasto, sobremesa, sobrepasto, sopa, sustento, tira-jejum, torta, trituração, viático, vitualhas, víveres.
associativo	acepipe, acorda, aletrias, alfaia, alibilidade, almoço ajantarado, almoço de garfo, almoço, ambrosia, aperitivo, argamassa, bateria de cozinha, beberagem, beberes, beberete, bebes, bebida, bebida, <i>bill of fare</i> , boca, boia, bolo, bom passado, bonachira, café, caldaça, caldivana, caldouro, cardápio, casa de pasto, ceia dúbia, ceia, cerveja, chá, chimarrão, chocolate, churrasco, cibalho, cibato, colação, colher, comes e bebes, comestíveis, comezaina, comissariado, condimentos, consoada, <i>consommé</i> , coquetel, cozinheiro, <i>déjeuner à la fourchette</i> , desjejua, <i>dessert</i> , doces, embriaguez, empada, entrada, <i>entrée</i> , <i>entrement</i> , estômago, estufado, eutrofia, falerno, farnel, festim, fidéus, fogaça, folar, folhados, <i>fricassé</i> , fritada, fritura, gaspacho, gêneros alimentícios, glutonaria, goela, gole, gorgolão, guisado, gulodice, guloseima, gulosice, hausto, hipofagia, <i>hors d'oeuvre</i> , ictiofagia, iguaria, ingerência, ingerência, <i>ingesta</i> , ingestão, jacuba, jantar, lacticínios, lambedela, lambedura, lambida, lambujem, lanche, libação, licor, lista, louça, maionese, mandíbula, manducação, manja, manjar delicioso, manjar, manjua, manjuba, manutenção, mantimentos, manutenção, massas, masseter, mastigação, mate, maxila, <i>mayonnaise</i> , meionese, mensório, mento, <i>menu</i> , merenda, mericismo, mesa lauta, tira-jejum,

	<p>mesa, molhança, molhanga, molho, omeleta, <i>pabulum</i>, papança, paparicos, papazana, parva, passado deglutição, pastel, pastelão, pasto, penso, pertences de mesa, petisco, petisqueira, picado, <i>pièce de resistance</i>, pitança, pitéu, poção, ponche, pospasto, postre, postres, <i>potage</i>, potagem, potto, prândio, pratalhada, pratalhaz, prato de meio, prato de resistência, prato, provimentos, provisões de boca, pudim, puréia, queixo, quitute, quixadá, ração ordinária, ração, <i>ragout</i>, <i>ragu</i>, rancheiro, <i>rechauffé</i>, recheio, refeição, <i>relevé</i>, repasto, ruminação, saladeira, salseira, sobremesa, sobrepasto, sopa, sôrvo, subsistência, sustentação, sustento, <i>table d'hôte</i>, talhador, talher, torta, trago, travessa, treina, trem, trincadeira, trincho, trituração, trivial, trofologia, <i>uol-au-vent</i>, viático, vinho, vitualhas, víveres.</p>
--	---

Fonte: (MACHADO OLIVEIRA, 2010).

Quadro 6: Relações lexicais a que pertencem os lexemas do verbete *comida*

Relação lexical	Lexemas
sinonímia	alimento, boia, cibalho, cibo, comer, enga, manja, mânjua, manjar, mantimento, pábulo, pasto, refeição, repasto, sustento, vitualhas, víveres.
hiponímia	acepipe, açorda, aletrias, ambrosia, aperitivo, bolo, chocolate, desjeja, doces, empada, estufado, fidéus, fogaça, folar, folhados, fritada, fritura, gaspacho, guisado, gulodice, guloseima, gulosice, jacuba, lacticínios, lambujem, maionese, manjuba, massa, molhança, molhanga, molho, olha, omeleta, pão, paparicos, parva, pastel, pastelão, petisco, petisco, pitéu, pospasto, postres, potagem, pudim, quitute, sobremesa, sobrepasto, sopa, torta.
associativa	acepipe, açorda, aletrias, alfaia, alibilidade, almoço ajantarado, almoço de garfo, almoço, ambrosia, aperitivo, argamassa, bateria de cozinha, beberagem, beberes, beberete, bebes, bebida, <i>bill of fare</i> , boca, boia, bolo, bom passado, bonachira, café, caldaça, caldivana, caldouro, cardápio, casa de pasto, ceia dúbia, ceia, cerveja, chá, chimarrão, chocolate, churrasco, cibalho, cibato, colação, colher, comes e bebes, comestíveis, comezaina, comissariado, condimentos, consoada, <i>consommé</i> , coquetel, cozinheiro, <i>déjeuner à la fourchette</i> , desjeja, <i>dessert</i> , doces, embriaguez,

	empada, entrada, <i>entr�e</i> , <i>entrement</i> , est�mago, estufado, eutrofia, falerno, farnel, festim, fid�us, fogaça, folar, folhados, <i>fricass�</i> , fritada, fritura, gaspacho, g�neros alimentícios, gluttonaria, goela, gole, gorgolão, guisado, gulodice, guloseima, gulosice, hausto, hipofagia, <i>hors d'oeuvre</i> , ictiofagia, iguaria, inger�ncia, inger�ncia, <i>ingesta</i> , ingestão, jacuba, jantar, lacticínios, lambedela, lambedura, lambida, lambujem, lanche, liba�o, licor, lista, lou�a, maionese, mandíbula, manduca�o, manja, manjar delicioso, manjar, manjua, manjuba, manuten�o, mantimentos, manuten�o, massas, masseter, mastiga�o, mate, maxila, <i>mayonnaise</i> , meionese, mens�rio, mento, <i>menu</i> , merenda, mericismo, mesa lauta, tira-jejum, mesa, molhança, molhanga, molho, omeleta, <i>pabulum</i> , papança, paparicos, papazana, parva, passadio degluti�o, pastel, pastelão, pasto, penso, pertences de mesa, petisco, petisqueira, picado, <i>pi�ce de resistance</i> , pitaça, pit�u, po�o, ponche, pospasto, postre, postres, <i>potage</i> , potagem, poto, pr�ndio pratalhada, pratalhaz, prato de meio, prato de resist�ncia, prato, provimentos, provis�es de boca, pudim, pur�ia, queixo, quitute, quixad�, ra�o ordinária, ra�o, <i>ragout</i> , <i>ragu</i> , rancheiro, <i>rechauff�</i> , recheio, refei�o, <i>relev�</i> , repasto, rumina�o, saladeira, salseira, sobremesa, sobrepasto, sopa, s�rvo, subsist�ncia, sustenta�o, sustento, <i>table d'h�te</i> , talhador, talher, torta, trago, travessa, treina, trem, trincadeira, trincho, tritura�o, trivial, trofologia, <i>uol-au-vent</i> , viático, vinho, virtualhas, víveres.
--	--

Fonte: (MACHADO OLIVEIRA, 2010).

No verbete selecionado, surgiram os campos conceituais, semânticos, lexicais, associativos e as rela es lexicais de sinonímia, de hiponímia e associativa. Conforme esperávamos, há a predominância dos campos associativos e das rela es associativas nesse verbete, visto que é a analogia que rege o funcionamento dos dicionários ideológicos.

Há diversas palavras que não são mais usadas na Língua Portuguesa, existem quatorze lexemas que nem estão lexicografadas no Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa (2009), tais como: *caldaça*, *caldivana*, *caldouro*, *cibato*, *manjua*, *manuten o*, *massater*, *meionese*, *mens rio*, *omeleta*, *puréia*, *quixadá*, *trincadeira*, *virtualhas*.

Identificamos vários lexemas do campo conceitual bebida, a saber: *beberagem*, *beberes*, *beberete*, *bebes*, *bebida*, *bebida*, *café*, *cerveja*, *chá*, *chimarrão*, *coquetel*, *genebra*,

hausto, libação, licor, mate, poção, ponche, poto, sôrvo. Para que esse verbete se tornasse mais sistemático e objetivo, tais lexemas poderiam estar na entrada referente à bebida. Além disso, poderiam ter sido eliminados os termos estrangeiros e as palavras repetidas que aparecem duas vezes no interior do verbete, como *lastro, poto* e *sustento*. Contudo, é admirável a recolha minuciosa de itens lexicais que Azevedo (1950) fez, a qual demandou um trabalho árduo.

Para compreender as diferenças e semelhanças entre o dicionário analógico e o dicionário de língua comum, mostraremos na seção subsequente o resultado do cotejo entre as obras selecionadas.

3.5 Comparação entre dicionário de língua comum e dicionário analógico

O dicionário de língua comum é um repertório lexicográfico, de caráter semasiológico, no qual as unidades lexicais são organizadas em ordem alfabética, partindo dos significantes para os significados. As principais funcionalidades do dicionário de língua comum são: i) fornecer informações de natureza fonética, gramatical, semântica, acerca das unidades lexicais de uma língua; ii) esclarecer os significados de lexemas por meio de definições e acepções; e iii) indicar os contextos de uso do lexema por meio das marcas de uso.

Os dicionários analógicos, por sua vez, são repertórios lexicográficos, de caráter onomasiológico, no qual as unidades lexicais são organizadas em ordem sistemática dos significados para os significantes. Os dicionários analógicos servem, principalmente, para: i) disponibilizar agrupamentos de lexemas analógicos; e ii) desvendar as relações lexicais entre a palavra-entrada e os agrupamentos de lexemas analógicos.

O propósito do dicionário analógico não é o de descrever o significado de uma palavra. Dito de outro modo, este tipo de dicionário não responde à questão "O que significa X?", como um dicionário de língua comum. Ao contrário, tem o papel de estabelecer o lugar de X e suas relações no interior de um conjunto nocional e possibilita que, nesse conjunto, as expressões formem um campo conceitual. Assim, se o consulente quer saber um significado, é adequado ir a um dicionário comum, já que o analógico, na maioria das vezes, não dá a definição, apenas apresenta um conjunto de palavras, arranjadas de acordo com as ideias que expressam.

Para identificar semelhanças e diferenças entre dicionário de língua comum e dicionário analógico, apresentaremos, a seguir, os verbetes *divertimento* do Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa (2009) e do Dicionário Analógico da Língua Portuguesa (1950).

Quadro 7: Verbe *divertimento* de Houaiss (2009)

divertimento 1 aquilo que diverte; diversão, distração, entretenimento **2** MÚS no sXVII, pequena ópera com danças **3** MÚS composição leve e lúdica; episódio **4** MÚS m.q. **transição** □ ETIM *divertir* + *-mento* □ SIN/VAR brincadeira, brinco, desenfadamento, desenfado, distração, diversão, entretém, entretenimento, entretenimento, recreação, recreio, refocilamento, solaz; ver tb. sinonímia de *espetáculo*, *jocosidade*, *passatempo* e *patuscada*.

Fonte: (HOUAISS, 2009).

840. Divertimento, entretém (pop.), passatempo, diversão, recreação, entretenimento, entretenimento, desenfado, solaz, esparecimento, encanto, feitiço, esporte, desporto, brinco, alegrias, alívio, distração, desenfado, caçoada, graça, gracejo, troça, pilhéria, gargalhada 838; jocosidade, bufonaria, truanice, arlequinada, funambulismo, *espírito* 842; zombaria, chocarrice, chalaça, travessura, filistria = brincadeira, maganeira, maganice, rapaziada, estroinice, escapadela, gazeto, diabrura, traquinada, traquinice, loucura, farrá, bandarria, farrancho, noitada, festa-rola, folia, recreio, folgado, pândega, jogo, retouço, pepineira, patuscada, reinação, rapioça, franciscanada, funçanata, festa de arromba, folgança, manta (fam.), festa de comes e bebes, bangalé, regabofe, regalório, festim, função, bródio, comezaina, dicongo, banzé, bambochata;

festa rija, rasgada; forrobodó, pagode, galhofaria, serão, sarau, serração da velha, trebelho, dança, pastorela, bolero, regadinho, pavana, chico-da-ronda (bras.), fandango, benzinho-amor, tirana, tatu (bras.), serrana, lundum, dúnia, samba, cançã, sarambeque, salsifre (gr.), arrastapé, sapateado, minuetto, cateretê, valsa, polca, *fox-trot*, *one-step*, *cake-walk*, solo, galope, mazurca, gavota (ant.), jiga, saco de arca (bras.), pírrica (ant.), quadrilha, lanceiros, *schottisch*, tarraga (ant.), zambra (ant.), russiana, polaca, siciliana, saltarello, tarantela, varsovia, romaica, contra-dança, galharda (ant.), *cotillon*, mourisca, sueca, passa-pé (ant.), feliz-meu-bem, charamba (Açóres), siva samoanos), maxixe, cachucha, sapateado, chula, baião, terolero, sarabanda, *soirée*, baile, chacóina (ant.), reunião, tertúlia, chá-dançante, balha, bailarico = balancê, ciranda, cirandinha, seroadá;

(dança de negros): batuque, xiba (bras.), caxambu, chica, cumbé, quimbetes, sarambeque, bendenguê, tangiomanglo, etc.;

festival, repasto = banquete, convívio, festança, festa, festejo, solenidade (*sarau*) 892; bródio, gala, prândio (poét.) = banquete 298; cegada, carnaval, entrudo, amaríntias, agonais, atelanas, heráclias, saturnais, amburbiais, armilústriu, atenências, ambarvais, circense, piquenique, *fête champêtre*, festa campestre, eleutérias, arraial, cavalhadas, volta, passeio, giro, cavalgata, alcanzia, argolinha, pampolinha, mamulengos (bras.), *regozijo* 838; jubileu, aniversário, centenário, bôdas de prata (celebração) 883; fogueira, *feu de joie*, bilbode, fogo de alegria, levantamento de mastro, cocanha = pau de sebo, feriado;

dia de grande, ou pequena gala; dia santificado, dia festival, dias gordos;

lugar de diversão: teatro, cinema, arena, estádio, jardim, passeio público, logradouro, circo, parque, hipódromo;

jogos circenses, desportos atléticos, ginástica, torneio, pugilismo 720; corrida, patinação, *cricket*, *law-tennis*, *base-ball*, peteca, *foot-ball*;

jogos olímpicos, florais, juvenais, de prenda; olimpíada, rapa, barra, petisca, percha (para ginástica), cabra-cega, almolina (ant.), gato-sapato, arreburrinho = jangada, maste (bras.), às escondidas, teté, jogo dos cantinhos, saltinvão, tirolico-tico, raiola, papagaio = pandorga, bilhar, partida, bilharda, palamalho, palamalhar, toque-emboque, cartas, bisca, lambida, *whist*, espenifre (ant.), bacará, ozórias, pacaú, loto, besigue, bóston, víspora, assalto;

jogo de xadrez, de damas, de trique-traque, de gamão, de tocadilho; voltarete, passa-dez, bola, pôquer, jogo, jogata, marimbo, chincalhão, búzio, busca-três, chilindrão, cucarne, carnita, quinquilharia, brinquedos, pé-coxinho, dices, aiaia, boneca, boneco, pião, piorra, pitorra, lanterna mágica, gaita, figurarias, ziguezigue, cegarega, trincolhos, brincolhos, rebatinha, funçanista, funcionista, convidado, bailador, bailão, bailariqueiro, fandanguero, folgazão, regalão, balhadeira, folião, conviva, estróina, comensal, anfitrião.

V. divertir, distrair-se, desenjoar, desenfadar-se, desentediár, recrear-se, folgar, fazer arraial, entregar-se às distrações, tripudiar, entreter-se, alegrar-se, jardinar (pop.), passear, fazer avenida (gal.); entreter, matar o tempo; passear 264; esparecer o espírito;

pascer, apascentar o pensamento; deleitar-se afugentar os cuidados;

escorraçar, afugentar a tristeza; afogar as penas em vinho, *desipere in loco*, ir de charola, foliar, garrir, folgar, folgazar, trebelhar (desus.), pandegar, patuscar, flostriar, passar vida alegre e folgada = pimpar, bosquejar, cabrejar, levar vida de abade, brincar, traquinar, retouçar, saltar, estrinchar, empinar um papagaio, garotar, sair do sério, banquetear = repastar, jogar entrudo, entrudar, dançar, regambolcar, baiar (bras.), dar à perna, mazurcar, sapatear, valsar, polcar, sarambequear, bailar, balhar, batucar, sambar;

arrancar, produzir, excitar, ocasionar, gerar, despertar, provocar, dar lugar a muitas gargalhadas, a gostosas risadas; patinar; pintar a manta, o sete; pintar e bordar.

Adj. divertidor, pitoresco, recreativo, desenfadadico, agradável 829; pândego, rapioqueiro, patusco, bexigueiro, festeiro, brincahã, moicante, gaitero, convival, convival, lusório, gracioso, magano, fandanguero, festival, festivo (poét.), estróina, reinadio, folgazão, jovial, jucundo, festejador, divertido & v.: desenfadativo.

Adv. por tafularia, por divertimento.

Interj. *vive la bagatelle!*, *vogue la guerre!*, abaixo a melancolia!
FRASES: *Deus nobis hæc otia fecit. Dum vivimus, vivamus. Ridendo castigat mores.*

Figura 14: Verbete *divertimento* de Azevedo (1950)
Fonte: (AZEVEDO, 1950, p. 445-447).

As unidades lexicais *brincadeira*, *brinco*, *desenfado*, *distração*, *diversão*, *entretém*, *entretenimento*, *entretimento*, *jocosidade*, *passatempo*, *recreação*, *recreio*, *solaz* são comuns aos verbetes das obras em análise. Feita a comparação dos verbetes, deduzimos que, no Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa (2009), os verbetes analisados são tão analógicos quanto no Dicionário Analógico, porque a descrição é basicamente a mesma, falta a definição lógica², capaz de esclarecer o que é *divertimento*. Porém, a forma de estruturação dos verbetes se diferencia, pois as unidades lexicais são separadas por categorias gramaticais e fraseologias, seguidas por agrupamentos de lexemas analógicos no Dicionário Analógico, enquanto, no Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa, os elementos componentes de um verbete são apresentados conforme a figura subsequente nos mostra:

1 entrada + 2 ortoépia/pronúncia + 3 língua (só pal. ou loc. estrangeiras)/ **marca registrada + 4 classe gramatical** (em sub-blocos e blocos) + **5 datação + 6 acepções: numeração 7 regências** (só verbos)/ qualificativos complementares de conjunções, numerais e pronomes **8 derivação semântica e acepção restritiva** [uso do freq.] + **9 rubrica temática + 10 regionalismo + 11 nível de uso + 12 estatística de emprego + 13 registro diacrônico + plural com sentido próprio + 14 locuções + 15 gramática** (ou uso ou gramática e uso) + **16 etimologia + 17 sinonímia + 18 antonímia + 19 coletivos + 20 homonímia + 21 paronímia + 22 vozes de animais**

Figura 15: Ordem completa dos elementos componentes de um verbete de Houaiss (2009)
Fonte: (HOUAISS, 2009).

Num dicionário analógico, o critério base para a reunião das palavras em grupos é a analogia, por meio da qual os autores desses dicionários entendem as palavras da língua, ligadas umas às outras. Já, num dicionário de língua comum, considerados semasiológicos, o critério base para a reunião das palavras dentro da obra é a ordem alfabética, por isso são também chamados de dicionários alfabéticos.

Os dicionários analógicos, considerados onomasiológicos, por configurarem verbetes com vocabulários que correspondem a uma concepção social e cultural de inclusão genérico-específica, são também considerados dicionários ideológicos. As relações mútuas, de ordem onomasiológica, caracterizam os dicionários analógicos.

Contudo, os dicionários de língua comum e os dicionários analógicos possuem semelhanças, pois ambos apresentam feição ideológica no corpo dos verbetes e relações lexicais – como antonímia e sinonímia. Além disso, podem ser estruturados em ordem

² Segundo Sousa (1995, p. 95), a definição lógica “descreve a realidade designada por uma palavra-entrada começando pelas características mais gerais até as mais concretas”.

alfabética, uma vez que o lexicógrafo pode elaborar os agrupamentos de lexemas, de modo sistemático, e organizá-los em ordem alfabética nos dicionários analógicos.

Neste capítulo, procuramos definir dicionário analógico, identificar suas finalidades, mostrar como são organizados, comparar dicionário de língua comum com o dicionário analógico. No capítulo 4, apresentaremos dicionários onomasiológicos, analisaremos com detalhes os que selecionamos, mostraremos o papel do conceito e os aspectos culturais nesse tipo de repertório lexicográfico.

4.1 Breve retrospectiva histórica acerca de obras onomasiológicas

Os primeiros dicionários que surgiram tinham seus verbetes organizados em ordem alfabética, modo tradicional e comum de estruturação. Com o passar do tempo, dicionaristas perceberam a necessidade da criação de dicionários de caráter onomasiológico, ordenados sistematicamente. Apresentamos um breve estudo diacrônico referente à historiografia desse tipo de repertório lexicográfico.

John Wilkins (1618–1672), bispo anglicano e membro fundador da Royal Society, escreveu a obra *An Essay towards and a Philosophical Language* (1668), um ensaio para uma língua filosófica com um sistema de símbolos que pudesse servir como uma língua universal, a fim de contribuir com o entendimento entre os diferentes povos (HÜLLEN, 1999, p. 251-252). O bispo estabeleceu uma lista com os conceitos universais representados por caracteres, de tipo taquigráfico, de modo que cada caractere expressa um conceito (MINGORANCE, 1994, p. 24).

A obra de Wilkins é considerada “um dos mais importantes trabalhos onomasiológicos na tradição do inglês”, com base em Hüllen (1999, p. 252; 2009, p. 95). O sistema de classificação de conceitos universais de Wilkins foi uma novidade de grande interesse metodológico, inclusive para análise do léxico, ao enfatizar os conceitos relacionados. Os capítulos da obra abrangem as categorias, a saber: noções sobre a linguagem; Deus e o mundo como um tudo; substância, que abordam o reino natural e elementos da história natural; quantidade, que possui entradas que tratam de números da álgebra, unidades de valores, duração, figuras geométricas; qualidade, que trata do poder da alma e do corpo, de habilidades, pertencentes ao seres humanos, como características de caráter e do corpo humano; ação, que são típicas do comportamento humano, como jogos, esportes, artes, negócios; e relações privadas e públicas, que incluem os âmbitos civil, judicial, naval, militar e eclesiástico (HÜLLEN, 1999, p. 251-252; 2004, p. 287-290).

Como exemplo da organização da obra, o capítulo 11, apresenta o gênero XXXVI, o qual possui as palavras que expressam as relações civis, de modo que há a entrada profissões

e vocação, composta de lista de profissões e outros lexemas relacionados em ordem alfabética, assim como o quadro subsequente nos mostra.

Quadro 8: Capítulo XI, gênero XXXVI, *relação civil, profissões e vocação* na obra de Wilkins (1668)

Actor – agriculture – artificer – artisan – bard – bailiff – calling – cargo – carrier – chase – chirurgion – civil lawyer – clerk – comedian – common lawyer – course – course of life – cowherd – craft – critic – dancer on the ropes – dealing – divine – dress a wound – empiric – exercise – fair – farrier – fisher – fodger – follow – fowler – function – game – georgic – handicraft – hawker – herdsman – hinde – hocaspocas – hogherd – huckster – hunter – huntsman – husbandman – interlude – juggle – leach – leggerde – main – manufacture – mariner – market – mart – mechanic – medicine – merchandize – merchant – mountebank – mountebank – mountbank – muse – mystery – occupation – pastor – patient – peddler – personate – pettifogger – philologer – philosopher – physician – play – player – poacher – poem – poet – poetry – pratice – prestigiator – profession – put in use – quacksalver – receipt – regruter – ripier – schoolman – shepherd – shopkeeper – shower of tricks – stage – theatre – tragedian – theology – tillage – trace – trade – traffic – tumbler – use – venison – vocation – workhouse.

Fonte: (HÜLLEN, 2009, p. 96 apud WILKINS, 1668, p. 23)

Seguindo as ideias de Wilkins, no ano de 1797, em francês, Joseph de Maimieux publicou o *Pasigraphie*, que é um sistema de classificação universal, escrito de modo que a arte e a ciência de escrever uma língua pudessem ser lidas e entendidas em qualquer outro idioma, sem necessidade de tradução, no entanto, a obra é extremamente difícil de aplicar (ROGET, 1852, p. xxvii).

Se retornarmos no tempo, outra obra classificada em forma sistemática foi *Vocabulary of the Sanscrit Language*, de Améra Sinhá (1808), traduzida para o inglês por Colebrooke em 1808, que possui um plano de classificação das ideias com um vocabulário deficiente e imperfeito. Em 1835, David Botoh publicou, em Londres, *An analytical dictionary of the English language*, escrito para agrupar as palavras de acordo com a relação das ideias.

O grande marco na história da onomasiologia se deu em 1852, quando Roget publicou o *Thesaurus of English Words and Phrase Classified and Arranged so as to Facilitate the Expression of Ideas and to Assist in Literary Composition*, que é o primeiro dicionário analógico. A obra serviu de modelo para o surgimento desse tipo de repertório lexicográfico

no mundo, assim como demonstramos no quadro a seguir, respectivamente, o ano de publicação, o dicionário, o autor e a língua:

Quadro 9: Obras onomasiológicas inspiradas no modelo de Roget (1852)

Ano de publicação	Dicionário	Autor	Língua
1859	<i>Dictionnaire idéologique: recueil des mots, des phrases, des idiotismes et des proverbes de la langue française classés selon l'ordre des idées</i>	Robertson	Francês
1878	<i>Deutscher Sprachschatz</i>	Sanders	Alemão
1892	<i>Deutscher Wortschatz</i>	Schelling	Alemão
1899	<i>Diccionario de ideas afines y elementos de tecnologia</i>	Benot	Espanhol
1934	<i>Der Deutsche Wortschatz nach Sachgruppen</i>	Dornseiff	Alemão
1936	Dicionário analógico da língua portuguesa: tesouro de vocábulos e frases da língua portuguesa	Spitzer	português
1941	<i>Diccionario ideológico de la lengua española</i>	Casares	Espanhol
1948	Dicionário Geral e Analógico da Língua Portuguesa	Bivar	português
1950	Dicionário analógico da língua portuguesa: ideias afins	Azevedo	português
1961	Dicionário de ideias semelhantes	Florenzano	português
1961	<i>New roget's thesaurus of the english language in dictionary form library edition.</i>	Lewis	Ingles
1962	<i>The American thesaurus of slang</i>	Berrey e Van Den Bark	Ingles
1964	<i>English Historical Thesaurus</i>	Samuels	Ingles
1962	<i>Roget's thesaurus of english words and phrases</i>	Dutch	Ingles

1967	<i>Roget's pocket thesaurus</i>	Mawson	Inglês
1971	<i>Dictionnaire onomasiologique de l'ancien occitan</i>	Baldinger	Francês
1982	<i>Roget's thesaurus of english words and phrases</i>	Lloyd	Inglês
1992	<i>Roget's Internacional Thesaurus</i>	Chapman	Inglês

Fonte: (MACHADO OLIVEIRA, 2010).

Por meio das informações presentes no quadro 9, podemos notar que Roget influenciou, pelo menos, 18 obras, das quais 6 são em inglês; 4, em português; 3, em alemão; 2, em francês; e 2, em espanhol.

Boissière, por sua vez, lançou, no ano de 1862, em Paris, o *Dictionnaire Analogique de la langue Française*, repertório completo das palavras para as ideias e das ideias para as palavras, que se tornou o segundo modelo de dicionário analógico. A estrutura desse dicionário funcionou como um modelo para organização de outros repertórios de língua francesa, tais como: o *Dictionnaire-manuel-illustré des idées suggérées par les mots*, de Paul Rouaix (1897), e o *Dictionnaire analogique, répertoire moderne des mots par les idées, des idées par les mots*, de Charles Maquet (1936).

Mingorance (1994, p. 25) afirmou que, de acordo com a base metodológica da tradição lexicográfica francesa, os dicionários analógicos começaram com a obra sistemática *Le Robert Méthodique*, conhecida como *Dictionnaire méthodique de la langue française*, elaborada nos anos 70, sob a direção de Alain Rey e Josette Rey-Debove. No entanto, os dicionários analógicos surgiram muito tempo antes e foram inspirados, principalmente, por Roget (1852) e por Boissière (1862).

“*Thesaurus* de Roget é um dicionário analógico organizado em categorias conceituais, cujo objetivo era permitir que um termo fosse encontrado a partir da ideia que expressava, ao contrário do que ocorre nos dicionários convencionais”, segundo Marroni (2006, p. 72).

O *Thesaurus* de Roget é mais que uma lista de sinônimos, é um dicionário, porque permite o usuário encontrar a palavra exata que precisa para um propósito específico. Deve ser utilizado quando temos uma ideia, porém não sabemos ou não lembramos a palavra que possa expressá-la da melhor maneira ou quando desejamos um jeito mais preciso e efetivo para dizer o que algo significa.

O plano de classificação de Roget apresenta uma estrutura complexa, influenciada pelos trabalhos do anglicano bispo Wilkins (1668) e do filósofo grego Aristóteles (384-322

a.C). Roget se baseou no sistema de categorização do bispo (1668), com o objetivo de estabelecer um esquema conceitual universal e contribuir para o entendimento mútuo mediante o conhecimento da sistematização dos conceitos fundamentais da ciência (MINGORANCE, 1994, p. 24).

O filósofo, por sua vez, propôs um sistema de classificação de categorias universais que serve de base para classificar qualquer entidade. Em seus tratados de lógica, cujo conjunto recebeu a denominação de *Organon* (335 a.C), inclui a obra *Categorias*, que possui estudos referentes aos elementos do discurso e dos termos da linguagem. Nessa obra, há a classificação do que existe no mundo, chamada de categorização natural, postulada em 10 categorias básicas: substância, quantidade, qualidade, relação, lugar, tempo, posição, maneira de ser, ação e paixão (SANTOS, 1995, p. 20).

O plano de categorização de Roget (1852) possui as categorias *relações abstratas, espaço, matéria, intelecto, vontade, afeições*. Assim sendo, é nítido que a obra do filósofo e a do médico possuem em comum as categorias *quantidade, relação, lugar, tempo*. Diante disso, é possível inferir que o esquema aristotélico serviu de base para o *Thesaurus*. Com relação à influência de Wilkins, notamos que há em comum a categoria *quantidade*. No quadro sinóptico de categorias, existem subcategorias que foram influenciadas pela obra do bispo, posto que a classe *afeições* do *Thesaurus* apresenta características em comum com a categoria qualidade de *An Essay towards and a Philosophical Language*. Desse modo, fica clara a contribuição do bispo no modelo de Roget.

Dezenas de editores revisaram o *Thesaurus* original, acrescentaram mais palavras, mudaram a categorização, mas a maioria das edições é chamada de *Thesaurus de Roget's* em reverência ao autor. Um dos critérios primordiais para analisar a proximidade com a versão original é por meio da similaridade entre o plano de classificação de ideias, parte que rege a organização geral da obra.

A versão de Lewis (1961), *New roget's thesaurus of the english language in dictionary form library edition*, é um exemplo claro da alteração feita no modelo original de 1852, visto que está em ordem alfabética, não seguiu o modelo de classificação de Roget, nem tem o índice remissivo, apresenta-se totalmente alterada. Nesta obra, há a informação de que Lewis (1961) criou um plano de classificação de ideias diferente do modelo de Roget (1852).

Para elaboração desta pesquisa, utilizamos a versão de 1936 da obra de Roget, pois, entre as obras que consultamos, foi a que mais se aproxima da original, que, por sua vez, é rara. De acordo com o modelo original do plano de classificação de Roget (1852), os lexemas foram organizados em 6 categorias conceituais: *relações abstratas, espaço, matéria, intelecto,*

vontade, *afeições*, as quais se subdividem em seções. Cada seção possui sua respectiva numeração, para que a ideia que lhe corresponda possa ser consultada.

O plano segue um padrão lógico. As 3 primeiras classes cobrem o mundo externo. *Relações abstratas* possui ideias como existência, relação, quantidade, ordem, número, tempo, mudança, causa; *espaço* preocupa-se com dimensões, forma, movimento; *matéria* trata do mundo físico e percepções humanas por meio dos 5 sentidos. As últimas 3 classes abordam o mundo interno de seres humanos. *Intelecto* abrange os desejos humanos, a mente humana; *vontade* trata da volição, do coração humano e da alma; *afeições* acrescenta as emoções, a religião e a moralidade (LLOYD, 1984, p. ix).

A organização das ideias-chave na obra obedece ao sistema de classificação em que as categorias estão dispostas do mais abstrato para o mais concreto, de modo que permite encontrar uma palavra que se ajuste às necessidades do escritor, sem que, de início, ele saiba qual é ela.

Segundo Jarmasz (2003, p. 7, 18), a ontologia explícita no *Thesaurus* fornece um sistema de classificação para todos os conceitos, que podem ser expressos por meio de palavras do Inglês e está presente nas 6 classes. Abordaremos a questão da ontologia na seção 5.7 do capítulo 5.

Apesar da categorização utilizada na obra ser bastante complexa e não parecer tão lógica quanto deveria ser, para reconhecer o mérito de Roget, é suficiente pensar no contexto lexicográfico da época em que a obra foi publicada e no trabalho intelectual que o autor teve ao elaborar os agrupamentos analógicos. No século XIX, era comum os dicionários serem organizados em ordem alfabética, não havia muitos repertórios lexicográficos em ordem sistemática. Além de elaborar a obra em uma ordem diferente da tradicional, acrescentou a categorização das palavras e incluiu o índice remissivo, resultado de um denso trabalho de reflexão intelectual.

A fim de identificar como os dicionários analógicos se organizam na prática, elaboramos resenhas lexicográficas dos dicionários escolhidos sob a forma de fichas lexicográficas, sendo que 7 fichas são de obras mencionadas no quadro 10, conforme apresentaremos na seção seguinte.

4.2. Resenhas lexicográficas dos dicionários escolhidos sob a forma de fichas lexicográficas

4.2.1 Introdução: informações acerca das fichas lexicográficas

Elaboramos resenhas lexicográficas de 11 dicionários analógicos, os quais são apresentados no quadro, a seguir, conforme a ordem cronológica de publicação, o título do dicionário e o autor.

Quadro 10: Lista de dicionários analógicos selecionados para análise

Ano de publicação	Título do Dicionário	Autor
1852	<i>Thesaurus of English Words and Phrase Classified and Arranged so as to Facilitate the Expression of Ideas and to Assist in Literary Composition</i>	Roget
1859	<i>Dictionnaire idéologique: recueil des mots, des phrases, des idiotismes et des proverbes de la langue française classés selon l'ordre des idées</i>	Robertson
1862	<i>Dictionnaire Analogique de la langue Française</i>	Boissière
1897	<i>Dictionnaire-manuel-illustré des idées suggérées par les mots</i>	Rouaix
1899	<i>Diccionario de ideas afines y elementos de tecnologia</i>	Benot
1936	<i>Dictionnaire analogique, répertoire moderne des mots par les idées, des idées par les mots</i>	Maquet
1936	Dicionário analógico da língua portuguesa: tesouro de vocábulos e frases da língua portuguesa	Spitzer
1941	<i>Diccionario ideológico de la lengua española</i>	Casares
1948	Dicionário Geral e Analógico da Língua Portuguesa	Bivar
1950	Dicionário analógico da língua portuguesa: ideias afins	Azevedo
1961	Dicionário de ideias semelhantes	Florenzano

Fonte: (MACHADO OLIVEIRA, 2010).

Empregamos a Ficha de avaliação de dicionários e glossários científicos e técnicos, de Faulstich (1998: 234-235), como método para redigir as resenhas lexicográficas. A ficha é composta por 5 partes: i) sobre o autor; ii) sobre a apresentação da obra pelo autor; e iii) sobre a apresentação material da obra. Registramos, a seguir, a ficha completa.

FICHA LEXICOGRÁFICA DE DICIONÁRIOS, GLOSSÁRIOS CIENTÍFICOS E TÉCNICOS

Título:

Autor:

Editora/ edição/ data:

Local de publicação:

1. Sobre o autor

- 1.1. Trata-se de pessoa reconhecida na área de dicionarística ou de terminologia?
- 1.2. Fez parte de grupo de pesquisa da área de dicionarística ou de terminologia?
- 1.3. Qual a formação acadêmica do autor principal e dos participantes do grupo de pesquisa?
- 1.4. Qual a profissão exercida na época da publicação da obra em análise?

2. Sobre a apresentação da obra pelo autor

- 2.1. Há introdução na qual apareçam claramente:
 - a) os objetivos da obra?
 - b) o público para o qual o conteúdo se dirige?
 - c) as informações sobre como consultar o dicionário ou vocabulário?
 - d) referências à bibliografia de onde foi extraído o *corpus*?
- 2.2. Há bibliografia de consulta justificada pelo autor?

3. Sobre a apresentação material da obra

- 3.1. Há prefácio redigido por personalidade reconhecida na área de dicionarística? Científica, técnica?
- 3.2. A família tipográfica empregada é adequada à faixa etária do usuário?
- 3.3. As ilustrações, se houver, estão adequadas à microestrutura informacional?
- 3.4. A utilização de negrito, de itálico e de outros recursos gráficos está de acordo com o equilíbrio visual da obra?
- 3.5. Os verbetes são apresentados em ordem alfabética? Em ordem sistemática?
- 3.6. A obra contempla uma só língua? Mais de uma?
- 3.7. O formato do dicionário ou vocabulário permite manuseio prático e fácil?
- 3.8. A obra está editada em suporte informatizado?
- 3.9. A qualidade do acabamento garante a sua durabilidade?
- 3.10. O sistema de abreviações e de símbolos aparece corretamente no corpo do texto?
- 3.11. A obra possui ampla divulgação?

4. Sobre o conteúdo

- 4.1. Há entradas que se referem a áreas de especialidade? Elas configuram de modo completo a área à qual se referem?
- 4.2. Os verbetes apresentam:
 - a) categoria gramatical?
 - b) gênero?
 - c) sinonímia?
 - d) variante(s) da entrada?
 - e) variante(s) da definição?
 - f) existem critérios para distinguir homonímia de polissemia? Quais?
 - g) há emprego de marcas de uso? Como se classificam?
 - h) indicação de área ou subárea de especialidade?
 - i) contexto? (exemplo ou abonação?)
 - j) equivalente(s)?
 - k) formação da palavra?
 - l) indicação de pronúncia?
 - m) origem?
 - n) etimologia?
 - o) divisão silábica?
 - p) remissivas úteis entre conceitos?
 - q) fontes?
 - r) notas?
- 4.3. A definição é constituída de um enunciado de uma só frase?
- 4.4. A definição leva em conta o nível de discurso do usuário?

5. **Sobre a edição e publicação**

5.1. Recomenda-se a edição e a publicação da obra?

5.2. Quais serão os principais pontos de difusão da obra?

Apresentaremos as resenhas lexicográficas, respectivamente, do dicionário analógico do inglês – Roget (1852); dos dicionários analógicos do francês – Robertson (1859), Boissière (1862), Rouaix (1897), Maquet (1936); dos dicionários analógicos do espanhol – Benot (1899), Casares (1941) e dos dicionários analógicos do português – Sptizer (1936), Bivar (1948), Azevedo (1950). Incluímos o item 5.3. *Ilustração da obra*, no qual inserimos os planos de classificação de ideias e verbetes das obras.

4.2.2 *Dicionário analógico do inglês: Roget, 1852.*

- Título: *Thesaurus of English Words and Phrase Classified and Arranged so as to Facilitate the Expression of Ideas and to Assist in Literary Composition*
- Autor: Peter Mark Roget
- Editora/data: Longmans/1936
- Local de publicação: Toronto

1. **SOBRE O AUTOR**

1.1. *Trata-se de pessoa reconhecida na área de dicionarística ou de terminologia?*

Sim. Peter Mark Roget (1779-1869), inglês, tornou-se conhecido mundialmente devido à sua obra lexicográfica, que serviu de modelo para a criação de vários dicionários e para o surgimento de tesouros documentários.

1.2. *Fez parte de grupo de pesquisa da área de dicionarística ou de terminologia?*

Não é mencionado. Segundo Hüllen (2004, p. 17), Roget teve a preocupação em compilar conhecimentos científicos e organizá-los de forma útil para as pessoas consultarem. Assim sendo, podemos constatar que ele adotou princípios de dicionarística ao elaborar a obra e também os de terminologia ao publicar *Syllabus of a Course of Lectures on Anatomy and Physiology* em 1806, juntamente com os autores B. Gibson e J. Hutchinson.

1.3 *Qual a formação acadêmica do autor principal e dos participantes do grupo de pesquisa?*

Roget aos quatorze anos começou a estudar medicina e se tornou médico. Além disso, foi professor de fisiologia da Royal Institution (1833-1836). A profissão de Roget impulsionou a classificação lexicográfica do Thesaurus (WOLF, 1982, p. 329). Iniciou a organização de palavras por meio de notas geradas quando era professor. O médico tinha como um passatempo fazer listas de palavras e agrupar juntas as que eram relacionadas entre si.

1.4. *Qual a profissão exercida na época da publicação da obra em análise?*

Roget estava aposentado no cargo de Secretário da Royal Society em Londres aos 73 anos quando a obra foi publicada.

2. SOBRE A APRESENTAÇÃO DA OBRA PELO AUTOR

2.1. *Há introdução na qual apareçam claramente:*

a) *os objetivos da obra?*

Na introdução, o autor afirma que a obra tem como objetivo fornecer ajuda para as pessoas que precisam ou querem expressar suas ideias, a fim de facilitar a atividade literária e melhorar os usos estilísticos da utilização de uma linguagem ao possibilitar o encontro da palavra certa para representar um conceito. A obra é útil no processo de tradução do inglês para outra língua.

b) *o público para o qual o conteúdo se dirige?*

O conteúdo da obra se dirige aos que desejam expressar seus pensamentos.

c) *as informações sobre como consultar o dicionário ou vocabulário?*

O autor escreveu a introdução com informações sobre a obra, tais como: a sua funcionalidade, as classes que compõem o plano de classificação, no entanto não explica com detalhes como a obra pode ser consultada. Todas as palavras que o autor conhecia ou que poderiam ser encontradas nos dicionários, classificou em uma ou mais categorias. Adotou princípios de arranjos que lhe pareceram os mais simples e naturais, apresentou as ideias de forma óbvia, a fim de que o objeto desejado fosse rapidamente encontrado. Notamos a ausência de explicações sobre como pode ser consultado o quadro sinóptico de categorias, a parte analógica e o índice.

d) *referências à bibliografia de onde foi extraído o corpus?*

Não. Na introdução, o autor menciona ter adotado o mesmo princípio empregado nas disciplinas de história natural, para fazer a classificação das palavras, o que justifica o fato de as divisões em grupos corresponderem às famílias naturais da botânica e zoologia. Assim sendo, a filiação das palavras apresenta uma rede analógica e uma filiação natural de plantas e

animais. No prefácio, o médico se refere à obra *An Essay towards and a Philosophical Language*, do bispo John Wilkins (1668), a qual possui um sistema de símbolos que serve como uma língua universal. Em concordância com as ideias do bispo, Roget afirmou que o plano de classificação de seu Thesaurus pode ser aplicado para todas as línguas. Diante disso, podemos inferir que Roget não extraiu o *corpus* da obra de Wilkins, mas acatou a ideia do bispo sobre a língua universal.

2.2. *Há bibliografia de consulta justificada pelo autor?*

Não. O autor apenas declara ter adotado princípios da história natural e faz menção à língua universal, mas não apresenta justificativas sobre as bibliografias de consulta. Hüllen (2009, p. 63) afirma que “Roget não justifica no prefácio a base filosófica de sua obra detalhadamente por planejar servir a todos em suas necessidades linguísticas.” A observação de Hüllen é aceitável, pois, como Roget não reconheceu explicitamente a teoria que adotou, o Thesaurus poderia ser usado pelos mais diversos consulentes, tendo em vista que não estaria sobrecarregada com determinada teoria.

3. SOBRE A APRESENTAÇÃO MATERIAL DA OBRA

3.1. *Há prefácio redigido por personalidade reconhecida na área de dicionarística? Científica, técnica?*

Na obra, há o prefácio da primeira edição, de 1852, escrito pelo próprio autor, e o prefácio escrito por John L. Roget. Roget afirmou ter começado a escrever a obra em 1805, momento em que compilou uma lista das palavras bastante usadas, projetou o sistema de classificação e um catálogo de classes de palavras em uma pequena escala, a fim de suprir suas deficiências pessoais. Durante 50 anos, foi aprimorando sua obra, principalmente depois que se aposentou, quando percebeu que poderia ser usada por outras pessoas. Apesar de ter gasto muito tempo para elaborar sua obra, o autor reconheceu que havia inúmeras deficiências e imperfeições, mas declarou que foi o melhor que pôde realizar.

3.2. *A família tipográfica empregada é adequada à faixa etária do usuário?*

Sim. O tipo e o tamanho da fonte são apropriados. No entanto, como os verbetes são constituídos, na maioria das vezes, por enormes listas de palavras, o autor deveria ter estabelecido critérios para agrupar os lexemas de forma mais organizada e menos abrangente.

3.3. *As ilustrações, se houver, estão adequadas à microestrutura informacional?*

Não há ilustrações.

3.4. *A utilização de negrito, de itálico e de outros recursos gráficos está de acordo com o equilíbrio visual da obra?*

As palavras-entrada poderiam estar em negrito. O modo de organizar as colunas não traz um equilíbrio visual.

3.5. *Os verbetes são apresentados em ordem alfabética? Em ordem sistemática?*

Os verbetes são apresentados em ordem sistemática, uma vez que as palavras e as frases estão classificadas, não de acordo com pronúncia ou ortografia, mas de acordo com seus significados, conforme Roget explicou na introdução da obra. A obra possui plano de classificação (cf. figura 16 – **5.3 Ilustração da obra**, p. 77), quadro sinóptico de categorias e parte analógica e índice remissivo. Peter elaborou 1.000 grupos diferentes, ou categorias, de palavras relacionadas. Os lexemas são distribuídos em 6 classes no plano de classificação, que rege a organização da obra, subdivididas em seções. A primeira classe compreende as ideias derivadas das relações mais gerais e abstratas entre as coisas, tais como: existência, relação, quantidade, número, tempo. A segunda categoria se refere ao espaço e às ideias relacionadas, inclusive movimento ou mudança de lugar. A terceira classe contém ideias sobre o mundo material, a saber: propriedades da matéria, como solidez, fluidez, calor, som, luz. A quarta classe inclui as ideias relativas ao intelecto e suas operações, incluindo a aquisição, retenção e comunicação de ideias. A quinta classe contém ideias que derivam do exercício da vontade, tais como: escolha, intenção, a utilidade, ação, antagonismo, autoridade, propriedade, etc. A sexta classe engloba todas as ideias derivadas de operações provenientes das faculdades afetivas e morais, inclusive sensações, emoções, paixões, sentimentos morais e religiosos.

Cada uma das classes e das seções são subdivididas no quadro sinóptico de categorias, sendo que as classes e as subcategorias possuem seus respectivos números classificatórios, que são as entradas da parte analógica. Para que o consulente encontre a ideia desejada, pode procurá-la no plano de classificação de ideias e no quadro sinóptico de categorias, a fim de localizar o lexema ou outro lexema relacionado e, em seguida, observar o número classificatório correspondente. Outro caminho que o consulente pode utilizar é dirigir-se ao índice, que possui lexemas organizados em ordem alfabética e agrupados juntamente com outros que expressam uma ideia semelhante, os quais remeterão por meio do número classificatório à ideia que o consulente deseja encontrar.

Na parte analógica, após os números classificatórios e as palavras-chave, estão os agrupamentos analógicos. Os lexemas são agrupados analógicos por categorias gramaticais adjetivos, verbos, advérbios e interjeições e pelas expressões idiomáticas. Tanto no quadro sinóptico de categorias quanto na parte analógica, as palavras-chave são dispostas em duas colunas, de modo que cada grupo de expressões está ao lado do grupo que constitui os seus opostos. Quando a ideia não está em relação de oposição, localiza-se no centro da linha,

indicando uma ideia neutra.

3.6. *A obra contempla uma só língua? Mais de uma?*

Sim. O dicionário é monolíngue e contempla apenas a língua inglesa.

3.7. *O formato do dicionário ou vocabulário permite manuseio prático e fácil?*

Sim. A obra não é volumosa, pode ser manuseada com facilidade.

3.8. *A obra está editada em suporte informatizado?*

Não.

3.9. *A qualidade do acabamento garante a sua durabilidade?*

Sim. A encadernação é resistente, a capa é feita por um papel grosso e coberta por um tecido.

3.10. *O sistema de abreviações e de símbolos aparece corretamente no corpo do texto?*

A abreviatura c. não aparece na lista de abreviatura, embora esteja presente no corpo do texto. Além disso, embora o sistema de símbolos apareça corretamente no corpo do texto, falta esclarecimento do autor com relação ao uso de símbolos, pois o consulente não tem acesso às informações referentes à utilidade de recursos gráficos que aparecem, tais como: travessão (–) e sinal tironiano (&).

3.11. *A obra possui ampla divulgação?*

Sim. O thesaurus de Roget é um dos mais bem-sucedidos dicionários de língua inglesa, o que pode ser notado por meio das diversas edições e reimpressões. A obra representa um marco da lexicografia mundial, porque impulsionou a produção de vários dicionários onomasiológicos, impactou a lexicografia europeia como nenhum dicionário havia feito anteriormente. “Há 6 edições britânicas da obra depois da primeira: Roget 1879, editado por John Lewis Roget; Roget 1925, editado por Samuel Romilly Roget; Roget 1962, editado por Robert A. Dutch; Roget 1982, editado por Susan M. Lloyd; Roget 1987 and Roget 1998, ambas editadas por Betty Kirkpatrick”, com base em Hüllen (2009, p. 22). Roget supervisionou 25 edições e continuou publicando até o seu falecimento aos 90 anos (JARMASZ: 2003, p. V). As edições posteriores mudaram a forma de organização da obra, sendo que o resultado da reformulação dos arranjos de palavras foi feito para inserir perfil mais adequado ao leitor dos dias atuais.

4. SOBRE O CONTEÚDO

4.1. *Há entradas que se referem a áreas de especialidade? Elas configuram de modo completo a área à qual se referem?*

Há entradas da área de especialidade, mas não configuram a área a que se referem de

modo completo.

4.2. Os verbetes apresentam:

a) categoria gramatical?

Sim. As categorias gramaticais substantivos, adjetivos, verbos, advérbios e interjeições são indicadas por meio de suas respectivas abreviaturas marcadas em negrito.

b) gênero?

Não.

c) sinonímia?

Sim. Nos agrupamentos analógicos presentes na parte analógica, após as palavras-entrada, são apresentados os sinônimos.

d) variante(s) da entrada?

Sim. As variantes das entradas são apresentadas entre colchetes antes das palavras-entrada, conforme ocorre na entrada de numeração classificatória 69, na qual a palavra-entrada *continuidade* possui como variante de entrada os lexemas *sequência interrompida* (cf. figura 17 – **5.3. Ilustração da obra**, p. 78).

e) variante(s) da definição?

Não. A obra não apresenta definição.

f) existem critérios para distinguir homonímia de polissemia? Quais?

Como a obra apresenta agrupamentos analógicos, não há critérios para distinguir homonímia e polissemia.

g) há emprego de marcas de uso? Como se classificam?

Não.

h) indicação de área ou subárea de especialidade?

Não.

i) contexto? (exemplo ou abonação?)

Não.

j) equivalente(s)?

Não. O dicionário é monolíngue, por isso não apresenta equivalentes.

k) formação da palavra?

Não.

l) indicação de pronúncia?

Não.

m) origem?

Não.

n) *etimologia?*

Não.

o) *divisão silábica?*

Não.

p) *remissivas úteis entre conceitos?*

Embora o autor não tenha informado, notamos que as remissivas são indicadas por: i) sinal tiraniano (&), abreviatura c. e números classificatórios ou lexemas, destacados em itálico e entre parênteses, mais números classificatórios, como, por exemplo: &c. 421; &c. (*luz*) 420; ii) sinal tiraniano (&) e abreviaturas das classes gramaticais indicadas em itálico, tais como: &c. *v.*, &c. *adj.* O último tipo de remissiva apresentado não é coerente por ser muito abrangente a ponto de ser desnecessário para os consulentes. Acrescentemos que falta padronizar o uso das remissivas.

q) *fontes?*

Não.

r) *notas?*

Não.

4.3. *A definição é constituída de um enunciado de uma só frase?*

Não. A obra não apresenta definição.

4.4. *A definição leva em conta o nível de discurso do usuário?*

Não. A obra não apresenta definição.

5. *SOBRE A EDIÇÃO E PUBLICAÇÃO*

5.1. *Recomenda-se a edição e a publicação da obra?*

Diante da falta de recursos à época em que a obra foi publicada, podemos considerar o Thesaurus de Roget o verdadeiro tesouro da língua inglesa por causa da recolha vocabular lexicografada e da inovadora estrutura onomasiológica apresentada. A obra, além de ter sido a primeira a agrupar por analogia os lexemas, foi o primeiro repertório lexicográfico organizado com base em um plano de classificação. O usuário tem dificuldade de entender a lógica de organização da obra, uma vez que o autor não explica de forma detalhada como a obra pode ser consultada, além do mais, é organizada de modo complexo. A obra poderia ser facilmente manuseada se as palavras-entrada estivessem apresentadas em ordem alfabética, ao invés dos verbetes serem organizados com base na numeração classificatória. Apesar de o autor ter tentado classificar as ideias com simplicidade, na maioria das vezes, não encontramos a ideia que procuramos, não nos parece lógica a forma com que categorizou as unidades linguísticas,

do ponto de vista da estrutura dos dicionários tradicionais, que apresentam entrada + definição. Contudo, foi relevante o trabalho árduo que o autor teve ao elaborar o Thesaurus, pode deixar uma contribuição que marcou a lexicografia, com a criação do primeiro dicionário analógico. Além disso, o modo com que Roget categorizou as unidades linguísticas mostra a cultura do povo na época em que a obra foi publicada.

5.2. *Quais serão os principais pontos de difusão da obra?*

Não é mencionado. Sabemos que a obra foi divulgada pelo mundo. A primeira edição é raríssima, mas outras edições ainda hoje podem ser encontradas em sebos, bibliotecas. Em comemoração aos 150 anos de publicação da obra original de 1852, Chapman lançou, em 2002, a edição de aniversário do *Thesaurus Internacional Roget* para homenagear Roget, a qual pode ser encontrada em livrarias de países de língua inglesa.

5.3. *Ilustração da obra*

	Sect.	Nos.
I. ABSTRACT RELATIONS	1. EXISTENCE	1-8
	2. RELATION	9-24
	3. QUANTITY	25-57
	4. ORDER	58-83
	5. NUMBER	84-105
	6. TIME	106-139
	7. CHANGE	140-152
	8. CAUSATION	153-179
II. SPACE	1. GENERALLY	180-191
	2. DIMENSIONS	192-239
	3. FORM	240-263
	4. MOTION	264-315
III. MATTER	1. GENERALLY	316-320
	2. INORGANIC	321-356
	3. ORGANIC	357-449
IV. INTELLECT	1. FORMATION OF IDEAS	450-515
	2. COMMUNICATION OF IDEAS	516-599
V. VOLITION	1. INDIVIDUAL	600-736
	2. INTERSOCIAL	737-819
VI. AFFECTIONS	1. GENERALLY	820-826
	2. PERSONAL	827-887
	3. SYMPATHETIC	888-921
	4. MORAL	922-975
	5. RELIGIOUS	976-1000

Figura 16: Plano de classificação de ideias de Roget (1936)

Fonte: (ROGET, 1936, p. xxviii).

69. [Uninterrupted sequence.] Continuity.—N. continuity; consecution, -tiveness &c. *adj.*; succession, round, suite, progression, series, train, chain; cat-, concat-enation; catena; scale; gradation, course, constant flow, perpetuity.

procession, column; retinue, *cortège*, cavalcade, rank and file, line of battle, array.

pedigree, genealogy, lineage, race &c. 166.

rank, file, line, row, range, tier, string, thread, team; suit; colonnade.

V. follow in -, form- a series &c. *n.*; fall in.

arrange in a -series &c. *n.*; string together, catenate, file, thread, graduate, tabulate.

Adj. continu-ous, -ed; consecutive; progressive, gradual; serial, successive; immediate, unbroken, entire; linear; in a -line, - row &c. *n.*; uninter-rupted, -mitting; unremitting; perennial, ever-green; constant.

Adv. continuously &c. *adj.*; *seriatim*; in a -line &c. *n.*; in -succession, - turn; running, gradually, step by step, *gradatim*, at a stretch; in -file, - column, - single file, - Indian file.

70. [Interrupted sequence.] Discontinuity.—N. discontinuity; disjunction &c. 44; anacoluthon, *non sequitur*; interruption, break, fracture, flaw, fault, split, crack, cut; gap &c. (*interval*) 198; solution of continuity, *cæsura*; broken thread; parenthesis, episode; rhapsody, patchwork; intermission; alternation &c. (*periodicity*) 138; dropping fire.

V. be -discontinuous &c. *adj.*; alternate, intermit.

discontinue, pause, interrupt; inter-vene; break, - in upon; interpose &c. 228; break -, snap- the thread; disconnect &c. (*disjoin*) 44.

Adj. discontinuous, unsuccessive, broken, interrupted, *décousu*; dis-, un-connected, discrete, disjunctive; fitful &c. (*irregular*) 139; spasmodic, desultory, intermit-ting &c. *v.*, -tent; alternate; recurrent &c. (*periodic*) 138; few and far between.

Adv. at intervals; by -snatches, - jerks, - skips, - catches, - fits and starts; skippingly, *per saltum*; *longo intervallo*.

Figura 17: Verbetes *continuidade e descontinuidade* de Roget (1936)

Fonte: (ROGET, 1936, p. 27).

4.2.3 Dicionários analógicos do francês: Robertson, 1859; Boissière, 1862; Rouaix, 1897; Maquet, 1936.

A) Robertson, 1859.

- Título: *Dictionnaire idéologique: recueil des mots, des phrases, des idiotismes et des proverbes de la langue française classés selon l'ordre des idées*
- Autor: Théodore Robertson
- Editora/data: BookSurge Publishing/1859

- Local de publicação: Paris

1. SOBRE O AUTOR

1.1. Trata-se de pessoa reconhecida na área de dicionarística ou de terminologia?

Não é mencionado. Por ter publicado materiais didáticos de ensino de língua, como livros, dicionários e coleções de textos literários, vários autores usaram seus materiais, de modo que se tornou conhecido pelo seu método de ensino, chamado de “método de Robertson” (HÜLLEN, 2009, p. 76).

1.2. Fez parte de grupo de pesquisa da área de dicionarística ou de terminologia?

Não é mencionado.

1.3. Qual a formação acadêmica do autor principal e dos participantes do grupo de pesquisa?

Não é mencionado. “Foi professor de Inglês na França e na Germânia e professor de francês na Inglaterra”, segundo Hüllen (2009, p.76)

1.4. Qual a profissão exercida na época da publicação da obra em análise?

Não é mencionado.

2. SOBRE A APRESENTAÇÃO DA OBRA PELO AUTOR

2.1. Há introdução na qual apareçam claramente:

a) os objetivos da obra?

Na introdução, a autor menciona que a obra fornece a ideia para que a palavra seja encontrada, por isso as palavras e frases da língua estão listadas, não de acordo com a pronúncia ou ortografia, mas de acordo com o significado.

b) o público para o qual o conteúdo se dirige?

Sim. O conteúdo da obra se dirige ao homem que escreve e não tem em sua memória as palavras apropriadas para expressar uma ideia.

c) as informações sobre como consultar o dicionário ou vocabulário?

Na introdução, apesar de ter informações sobre como a obra pode ser consultada, falta explicações detalhadas para ajudar o consulente a entender a estrutura de organização do dicionário. A introdução de Robertson é praticamente uma tradução literal da introdução de Roget (1852), acrescentou apenas poucos parágrafos, como o que mostra, por meio de exemplos, as vantagens da organização que não segue a ordem alfabética ao falante que está procurando sinônimo e palavras relacionadas pela semântica.

d) referências à bibliografia de onde foi extraído o corpus?

Na introdução, Robertson afirmou ter aplicado o plano de classificação de Roget à língua francesa com a permissão do médico.

2.2. *Há bibliografia de consulta justificada pelo autor?*

Sim. Robertson afirmou que adotado o plano de classificação de palavras e frases de Roget (1852), que é aplicável a todos os idiomas, embora tenha declarado que não teria feito melhor, mas teria feito de outro modo. Contudo, o autor utilizou o modelo de classificação do Thesaurus de Roget (1852) por admirar a sua organização e por considerar a obra de Roget um verdadeiro compêndio da metafísica, lógica e retórica, reconhece que Roget fez para o idioma o que Lavoisier fez para a química e que Jussieu Linnaeus fez para Botânica.

3. SOBRE A APRESENTAÇÃO MATERIAL DA OBRA

3.1. *Há prefácio redigido por personalidade reconhecida na área de dicionarística? Científica, técnica?*

O prefácio foi redigido pelo próprio autor.

3.2. *A família tipográfica empregada é adequada à faixa etária do usuário?*

Sim. O tamanho e o tipo da fonte são adequados à faixa etária do usuário, a qual é abrangente.

3.3. *As ilustrações, se houver, estão adequadas à microestrutura informacional?*

Não.

3.4. *A utilização de negrito, de itálico e de outros recursos gráficos está de acordo com o equilíbrio visual da obra?*

O modo de organizar as colunas não traz um equilíbrio visual. Na parte analógica, os números classificatórios são indicados em negrito e as palavras-entrada em caixa alta, seria mais adequado se as palavras-entrada estivessem marcadas em negrito.

3.5. *Os verbetes são apresentados em ordem alfabética? Em ordem sistemática?*

Os verbetes são organizados em ordem sistemática. A obra é regida pelo plano de classificação do universo em categorias, composta pelo plano de classificação (cf. figura 18 – 5.3. *Ilustração da obra*, p. 84), quadro sinóptico de categorias, parte analógica e índice remissivo. A primeira classe compreende as ideias derivadas das relações mais gerais e abstratas entre as coisas, tais como: existência, relação, quantidade, número, tempo. A segunda categoria se refere ao espaço e ideias relacionadas, inclusive movimento ou mudança de lugar. A terceira classe contém ideias sobre o mundo material, a saber: propriedades da matéria, como solidez, fluidez, calor, som, luz. A quarta classe inclui as ideias relativas ao intelecto e suas operações, como aquisição, retenção e comunicação de ideias. A quinta classe

contém ideias que derivam do exercício da vontade, tais como: escolha, intenção, a utilidade, ação, antagonismo, autoridade, propriedade, etc. A sexta classe engloba todas as ideias derivadas de operações provenientes das faculdades afetivas e morais, inclusive sensações, emoções, paixões, sentimentos morais e religiosos.

De acordo com a categorização do plano de classificação e do quadro sinóptico de categorias que os lexemas são organizados na obra. As subdivisões do quadro sinóptico de categorias permitem o entendimento dos detalhes mais minuciosos da organização da obra. Usando esse quadro, com um pouco de prática, o leitor pode descobrir como encontrar facilmente a ideia que ele quer expressar. Para facilitar a investigação, cada categoria e cada grupo possuem um número específico, de modo que diante de uma dificuldade é possível recorrer ao índice alfabético, que indica o número do grupo solicitado.

Muitas vezes acontece que a mesma palavra admite várias aplicações, ou pode conter diferentes significados. Ao consultar o índice, o leitor depara com os números e os grupos nos quais podem encontrar a palavra em todas as suas conotações, usando mais palavras impressas em itálico.

Na parte analógica, após os números classificatórios e as palavras-chave, estão os agrupamentos analógicos. Os lexemas são agrupados analógicos são agrupados por categorias gramaticais adjetivos, verbos, advérbios e interjeições e pelas expressões idiomáticas (cf. figura 19 – 5.3. *Ilustração da obra*, p. 85). Tanto no quadro sinóptico de categorias quanto na parte analógica, as palavras-chave são dispostas em duas colunas, de modo que cada grupo de expressões está ao lado do grupo que constituem os seus opostos. Quando a ideia não está em relação de oposição, localiza-se no centro da linha, indicando uma ideia neutra.

3.6. *A obra contempla uma só língua? Mais de uma?*

Sim. Como o dicionário é monolíngue, contempla apenas a língua francesa.

3.7. *O formato do dicionário ou vocabulário permite manuseio prático e fácil?*

Sim. A obra não é volumosa, pode ser manuseada com facilidade.

3.8. *A obra está editada em suporte informatizado?*

Não.

3.9. *A qualidade do acabamento garante a sua durabilidade?*

A obra consultada está disponível na internet, não foi possível consultar a versão impressa, por isso não é possível avaliar a qualidade do acabamento.

3.10. *O sistema de abreviações e de símbolos aparece corretamente no corpo do texto?*

Sim. Há uma padronização com relação ao uso de abreviaturas. O único símbolo que a obra possui é um traço no final de determinados verbetes para indicar o término deles.

3.11. A obra possui ampla divulgação?

Não é mencionado.

4. SOBRE O CONTEÚDO

4.1. Há entradas que se referem a áreas de especialidade? Elas configuram de modo completo a área à qual se referem?

Há entradas da área de especialidade, mas não configuram a área à que se referem de modo completo.

4.2. Os verbetes apresentam:

a) categoria gramatical?

Sim. As categorias gramaticais adjetivos, verbos, advérbios e interjeições são indicadas por meio de suas respectivas abreviaturas marcadas em itálico. Apesar de os verbetes começarem com os substantivos, não têm marcação para indicar esta classe gramatical.

c) sinonímia?

Sim. Nos agrupamentos analógicos presentes na parte analógica, após as palavras-entrada, são apresentados os sinônimos.

d) variante(s) da entrada?

Sim. As variantes da entrada aparecem antes das palavras- entrada, como, por exemplo, à esquerda da palavra-entrada *coragem* há a variante da entrada *ausência de medo*.

e) variante(s) da definição?

Não. A obra não apresenta definição.

f) existem critérios para distinguir homonímia de polissemia? Quais?

Como a obra apresenta agrupamentos analógicos, não há critérios para distinguir homonímia e polissemia.

g) há emprego de marcas de uso? Como se classificam?

Não.

h) indicação de área ou subárea de especialidade?

Não.

i) contexto? (exemplo ou abonação?)

Não.

j) equivalente(s)?

É um dicionário monolíngue, por isso não tem equivalente.

k) formação da palavra?

Não.

l) *indicação de pronúncia?*

Não.

m) *origem?*

Não.

n) *etimologia?*

Não.

o) *divisão silábica?*

Não.

p) *remissivas úteis entre conceitos?*

Sim. As remissivas são indicadas por meio de números classificatórios que são apresentados entre parênteses.

q) *fontes?*

Não.

r) *notas?*

Não.

4.3. *A definição é constituída de um enunciado de uma só frase?*

Não. A obra não apresenta definição.

4.4. *A definição leva em conta o nível de discurso do usuário?*

Não. A obra não apresenta definição.

5. *SOBRE A EDIÇÃO E PUBLICAÇÃO*

5.1. *Recomenda-se a edição e a publicação da obra?*

A obra é o primeiro dicionário analógico de língua francesa, que merece prestígio, pois o autor teve o trabalho árduo ao aplicar o plano de classificação de Roget (1852) do inglês para o francês. A obra serve como um difusor da cultura da época, pois o modo com que os agrupamentos analógicos foram estabelecidos revelam hábitos da sociedade. No entanto, o consulente tem dificuldade em entender a lógica de organização da obra, por ser complexa. Para que a obra se tornasse mais clara ao consulente, as entradas dos verbetes e a organização da classificação poderiam ser organizadas em ordem alfabética, e não regida de acordo com a numeração classificatória. Diante disso, recomenda-se a edição e a publicação da obra desde que seja reformulada.

5.2. *Quais serão os principais pontos de difusão da obra?*

A obra é rara, não é encontrada em bibliotecas brasileiras e nem em sebos.

5.3. Ilustração da obra

PLAN DE CLASSIFICATION.

Classes.	Sections.	Nos	
I. RAPPORTS ABSTRAITS.	1. EXISTENCE.....	4	à 8
	2. RELATION.....	9	— 26
	3. QUANTITÉ.....	25	— 57
	4. ORDRE.....	58	— 83
	5. NOMBRE.....	84	— 108
	6. TEMPS.....	106	— 139
	7. CHANGEMENT.....	140	— 152
	8. CAUSALITÉ.....	153	— 179
II. ESPACE.....	1. EN GÉNÉRAL.....	180	— 191
	2. DIMENSIONS.....	192	— 239
	3. FORME.....	240	— 263
	4. MOUVEMENT.....	264	— 315
III. MATIÈRE.....	1. EN GÉNÉRAL.....	316	— 320
	2. INORGANIQUE.....	321	— 356
	3. ORGANIQUE.....	357	— 449
IV. INTELLIGENCE.....	1. FORMATION DES IDÉES.....	450	— 515
	2. COMMUNICATION DES IDÉES.....	516	— 599
V. VOLONTÉ.....	1. INDIVIDUELLE.....	600	— 736
	2. MUTUELLE.....	737	— 849
VI. AFFECTIONS.....	1. EN GÉNÉRAL.....	820	— 826
	2. PERSONNELLES.....	827	— 887
	3. SYMPATHIQUES.....	888	— 921
	4. MORALES.....	922	— 975
	5. RELIGIEUSES.....	976	— 1000

Figura 18: Plano de classificação de ideias de Robertson (1859)
 Fonte: (ROBERTSON, 1859, p. XIV).

<p>831. CONTENTEMENT, satisfaction, aise, sérénité, paix du cœur. Bien-être, vie commode. Modération, patience, résignation. <i>Phr.</i> Des jours sereins. Contentement passe richesse. <i>V.</i> Etre content, etc., s'accommoder de, se contenter de, patienter. <i>Phr.</i> Tirer parti de. Prendre en bonne part. Etre à son aise. Se mettre à son aise. Passer son envie de quelque chose. Etre comme le poisson dans l'eau. Il est riche qui est content. Rendre content, etc., contenter, mettre à l'aise, concilier, satisfaire, gratifier, rasséréner. <i>Phr.</i> A votre aise. <i>Adj.</i> Content, satisfait, à l'aise, coi, confortable, optimiste. Patient, résigné, serein. <i>Phr.</i> De bonne humeur. Rien ne trouble la sérénité de ses jours. <i>Adv.</i> Ainsi soit-il, amen, grâce à Dieu, Dieu merci, Dieu soit loué, tant mieux. <i>Phr.</i> A la guerre comme à la guerre.</p> <hr style="width: 10%; margin: 10px auto;"/> <p><i>Phr.</i> De mauvaise humeur. Contrariant, peu satisfaisant. <i>Int.</i> Diable ! Diantre ! C'est un meurtre ! Tant pis ! Qu'est-ce à dire ?</p>	<p>832. MÉCONTENTEMENT, désappointement, mortification, contrariété. Inquiétude, chagrin, nostalgie, maladie du pays, mal du pays, murmure, grognement. <i>Phr.</i> <i>Laudator temporis acti.</i> <i>V.</i> Etre mécontent, etc., s'attrister, regretter (833), murmurer (839), grommeler, gronder, maugréer, se plaindre, bougonner, grogner, sourciller. <i>Phr.</i> Faire la grimace. Rire du bout des dents, du bout des lèvres. Rire jaune. Regarder de travers. Mettre son bonnet de travers. Avoir le visage allongé, la mine allongée, Faire la mine, Faire la moue. Faire une laide mine. N'être pas à la noce. Avoir l'oreille basse. Froncer le sourcil. Causer du mécontentement, etc., mécontenter, mortifier, désappointer. <i>Phr.</i> Mettre à quelqu'un le marché à la main. Ce n'est pas pour vous que le four chauffe. <i>Adj.</i> Mécontent, malcontent, pessimiste, mortifié, désappointé, inquiet, soucieux, sourcilleux. Murmurant, exigeant, grognon, grognard, grogneur.</p>
---	--

Figura 19: Verbete *contentamento* e *descontentamento* de Robertson (1859)
 Fonte: (ROBERTSON, 1859, p. 255).

B) Boissière, 1862.

- Título: *Dictionnaire Analogique de la langue Française*
- Autor: Jean Baptiste Boissière Prudência
- Editora/data: Boyer/1862.
- Local de publicação: Paris

1. **SOBRE O AUTOR**

1.1. *Trata-se de pessoa reconhecida na área de dicionarística ou de terminologia?*

Não é mencionado.

1.2. *Fez parte de grupo de pesquisa da área de dicionarística ou de terminologia?*

Não é mencionado.

1.3 *Qual a formação acadêmica do autor principal e dos participantes do grupo de pesquisa?*

Não é mencionado. Por meio de pesquisas, notamos que o autor era filósofo.

1.4. *Qual a profissão exercida na época da publicação da obra em análise?*

Não é mencionado.

2. *SOBRE A APRESENTAÇÃO DA OBRA PELO AUTOR*

2.1. *Há introdução na qual apareçam claramente:*

a) *os objetivos da obra?*

No prefácio, o autor deixa claro que o objetivo principal da obra é preencher uma lacuna na Lexicografia e fornecer, pela primeira vez, uma forma conveniente para encontrar as palavras, quando se tem apenas a ideia, de modo que auxilie as falhas de memória.

b) *o público para o qual o conteúdo se dirige?*

Sim. Os escritores, tradutores, versificadores, palestrantes que preparam seus discursos podem utilizar a obra para ampliar o pensamento ao terem acesso a palavras que ajudam expressar o que desejam.

c) *as informações sobre como consultar o dicionário ou vocabulário?*

Tanto no prefácio quanto na seção **Explicações Indispensáveis**, há informações sobre como consultar o dicionário, na qual o autor detalha bem como os recursos da obra podem ser utilizados.

d) *referências à bibliografia de onde foi extraído o corpus?*

Não.

2.2. *Há bibliografia de consulta justificada pelo autor?*

Não.

3. *SOBRE A APRESENTAÇÃO MATERIAL DA OBRA*

3.1. *Há prefácio redigido por personalidade reconhecida na área de dicionarística? Científica, técnica?*

O prefácio foi redigido pelo próprio autor.

3.2. *As ilustrações, se houver, estão adequadas à microestrutura informacional?*

Não.

3.3. *A utilização de negrito, de itálico e de outros recursos gráficos está de acordo com o equilíbrio visual da obra?*

Sim. Na segunda parte, as palavras-entrada são indicadas em negrito e em caixa alta, os lexemas analógicos são também apresentados em negrito. Nos agrupamentos analógicos, é frequente o uso de um travessão para separar diferentes ideias. Admiramos a padronização da apresentação dos recursos gráficos.

3.4. *Os verbetes são apresentados em ordem alfabética? Em ordem sistemática?*

Os verbetes são apresentados em ordem sistemática e alfabética. O autor justifica que foi necessário utilizar a velha maneira juntamente com a nova para atingir o objetivo primordial do dicionário. Assim sendo, cada verbete é apresentado em ordem sistemática e alfabética. A obra possui duas partes. A primeira parte, localizada na parte superior de cada página, apresenta palavras-entrada em ordem alfabética e suas respectivas remissivas. Após a primeira parte, há a segunda, composta por palavras-entrada, que representam as ideias centrais da língua, e em seguida, aparecem os lexemas relacionados às ideias centrais agrupados por analogia. Geralmente, cada lexema vem acompanhado de uma definição e de outros lexemas relacionados à palavra-entrada. Tanto as palavras-entrada quanto os agrupamentos de lexema analógicos são organizados em ordem alfabética (cf. figura 23 – 5.3. *Ilustração da obra*, p. 91).

3.5. *A obra contempla uma só língua? Mais de uma?*

Sim. A obra contempla a língua francesa, já que é um dicionário monolíngue.

3.6. *O formato do dicionário ou vocabulário permite manuseio prático e fácil?*

A obra que acessamos foi a que está disponível na internet, assim sendo não é possível fazer avaliação sobre o seu formato.

3.7. *A obra está editada em suporte informatizado?*

Não. A obra está impressa e está digitalizada na internet.

3.8. *A qualidade do acabamento garante a sua durabilidade?*

Não podemos avaliar a qualidade do acabamento, uma vez que tivemos acesso à obra apenas pela internet.

3.9. *O sistema de abreviações e de símbolos aparece corretamente no corpo do texto?*

Sim. Os lexemas da primeira parte que encabeçam uma ideia principal na segunda parte são indicados por meio de asterisco. Na segunda parte da obra, à frente de certos lexemas inseridos nos verbetes, há números arábicos. Os lexemas que possuem os mesmos números servem para indicar que são relacionados mais estritamente entre si, o que auxilia o consulente, uma vez que pode ler apenas os lexemas mais ligados ao significado que procura.

3.10. *A obra possui ampla divulgação?*

Sim. A obra serviu de inspiração para a criação de outros dicionários analógicos de língua francesa, tais como: o *Dictionnaire-manuel-illustré des idées suggérées par les mots*, de Paul Rouaix (1897), e o *Dictionnaire analogique, répertoire moderne des mots par les idées, des idées par les mots*, de Charles Maquet (1936).

4. **SOBRE O CONTEÚDO**

4.1. *Há entradas que se referem a áreas de especialidade? Elas configuram de modo completo a área à qual se referem?*

Há entradas que se referem a algumas áreas de especialidade, tais como: marinha, botânica, direito, mas não configuram de modo completo as áreas.

4.2. *Os verbetes apresentam:*

a) *categoria gramatical?*

Na segunda parte da obra, há marcação das classes gramaticais por meio de abreviaturas.

b) *gênero?*

Sim. Na primeira parte, por meio de abreviaturas sf., sm., s. são indicados, respectivamente, se os substantivos são de gênero feminino, masculino, ou de 2 gêneros.

c) *sinonímia?*

Sim. Embora a sinonímia não esteja marcada de forma explícita na obra, nos agrupamentos analógicos há sinônimos, tais como:

d) *variante(s) da entrada?*

Sim.

e) *variante(s) da definição?*

Não.

f) *existem critérios para distinguir homonímia de polissemia? Quais?*

Não. As palavras que possuem mais de um significado e que são relacionadas entre si são apresentadas em um mesmo verbete.

g) *há emprego de marcas de uso? Como se classificam?*

Sim. As marcas de uso são indicadas por meio de abreviaturas destacadas em itálico após as definições. As marcas de uso apresentam unidades lexicais de áreas de especialidade – como botânica, marinha, direito, entre outros –, além de indicar os lexemas populares, em desuso e antigos.

h) *indicação de área ou subárea de especialidade?*

Há indicação de algumas áreas de especialidade por meio de abreviaturas.

i) *contexto? (exemplo ou abonação?)*

Não.

j) *equivalente(s)?*

Não.

k) *formação da palavra?*

Não.

l) *indicação de pronúncia?*

Sim. Quando a pronúncia é irregular, encontra-se entre parênteses, sendo que não é feita transcrição fonética, mas uma representação com as letras do alfabeto, assim como a figura a seguir nos mostra nos verbetes **abcés**, **abdest**, **abdômen** da primeira parte da obra.

Abcés (cè), sm. V. *tumeur*.
Abdala ou Abdallah, sm. V.
Perse.
Abdélavi, sm. V. *courge*.
Abdest (dèste), sm. V. *la-*
ver.
Abdication, sf. **Abdiquer**, v.
V. abandon, destitué.
Abditolarve, sm. V. 2 *in-*
secte.
Abdomen (mène), sm. V.
ventre.

Figura 20: Verbetes de Boissière (1890) com indicação de pronúncia

Fonte: (BOISSIÈRE, 1890, p. 6).

m) *origem?*

Não.

n) *etimologia?*

Sim. Na seção que há as explicações essenciais, o autor destaca que a etimologia ajuda compreender o significado real da palavra e afirma que as palavras em grego ou em latim, são, obviamente, enraizadas em várias palavras em francês. Em determinadas palavras-entrada que possuem as ideias principais, o autor apresenta entre parênteses o que chamou de etimologia, assim como a figura a seguir nos mostra.

(*) **AIGLE**
 (En latin, *aquila*; en grec, *adlos*.)

Figura 21: Etimologia do verbete *aigle* de Boissière (1890)

Fonte: (BOISSIÈRE, 1890, p. 22).

o) *divisão silábica?*

Não.

p) remissivas úteis entre conceitos?

As remissivas são indicadas por meio da abreviatura V.

q) fontes?

Não.

r) notas?

Sim. Na segunda parte da obra, após determinadas ideias centrais aparecem notas.

Como, por exemplo, no verbete *accoucher*, conforme a figura a seguir nos mostra:

NOTA. — Ce groupe n'est donné ici que d'une manière très-incomplète, et il en sera de même de plusieurs autres. Comme le Dictionnaire Analogique doit servir de livre d'étude, il serait peu convenable de mettre sous les yeux des jeunes gens certains mots qui ne peuvent être utiles qu'aux hommes mûrs. On trouvera tous ces mots dans un supplément qui sera publié à part, pour les personnes qui en feront la demande spéciale.

Figura 22: Nota do verbete *accoucher* da obra de Boissière (1890)
Fonte: (BOISSIÈRE, 1890, p. 12).

4.3. A definição é constituída de um enunciado de uma só frase?

Sim. As definições são breves, dão apenas uma breve noção do significado do lexema ao consulente.

4.4. A definição leva em conta o nível de discurso do usuário?

Sim.

5. SOBRE A EDIÇÃO E PUBLICAÇÃO

5.1. Recomenda-se a edição e a publicação da obra?

Apesar de a obra ter sido escrita há muito tempo, é surpreendente a padronização que apresentou. A inclusão de definições também é um ponto positivo. Atualmente, a obra é útil como difusora da cultura da época, além de colaborar com a elaboração de outras obras do tipo, devido ao aproveitamento da recolha de lexemas que ainda hoje são analógicos. A obra pode ser reformulada, atualizada para que seja publicada em outro formato.

5.2. Quais serão os principais pontos de difusão da obra?

Não é mencionado. A obra é rara, o que dificulta o seu acesso.

5.3. Ilustração da obra

<i>calme.</i> Équarrir (<i>ko</i>), v. Équarrissage, sm. Équarrissement, sm. Équarrisseur, sm. Équarri-soir, sm. V. tailler, tuer, peau, 1 et 2 percer.	distant, a. V. distance. Équier (<i>kié</i>), sm. V. scie. Équilatéral (<i>kui</i>), a. 36. Équilatère, a. V. géométrie. Équilboquet (<i>kié</i>), sm. V. mortaise.	Équipée (<i>ki</i>), sf. V. conduite, folie, hardi. Équipement (<i>ki</i>), sm. Equipper, v. V. bagage, habillement, soldat, à navire, harnais, garnir, moquer. Équipet (<i>ki</i>), sm. V. 3 navire.	valoir, v. 142. V. égal, prix.
Équateur (<i>koua</i>), sm. V. astronomie, géographie, boussole.	Équilibre (<i>ki</i>), sm. Équilibrer, v. V. égal, fixe, compenser, 2 droit, accord.	Équipet (<i>ki</i>), sm. V. 3 navire.	ER, AIR, ERS.
Équation (<i>koua</i>), sf. V. égal, mathématiques, planète.	Équillibré (<i>ki</i>), sm. V. balancier.	Équipet (<i>ki</i>), sm. V. fusil.	ERA, AIRA devant i, UERA.
Équatorial (<i>koua</i>), a. 36. V. astronomie, géographie.	Équimultiple (<i>kui</i>), a. sm. V. multiple.	Équipollence (<i>ki-polle-lan</i>), sf. Equipollent, a. sm. Equipoller, v. V. égal.	Érable, sm. V. 2 urdre, sucre.
Équerre (<i>ké</i>), sf. V. 2 droit, 2 géométrie, étoile, tuyau, 2 serrure.	Équinoxial, a. 36. V. astronomie, saison, 2 fleur, cadran.	Équipondérance (<i>ki</i> ou <i>kui</i>), sf. Equipondérant, a. V. égal, poids.	Éradication, sf. V. arracher, détruire, racine.
Équestre (<i>kouéssé-tre</i>), a. V. cheval, sculpture, chevalerie.	Équipage (<i>ki</i>), sm. V. bagage, voiture, matelot, habillement, pompe, outil, 2 tiras, chasse.	Équisétacé (<i>kui</i>), a. Equisétacée, sf. Equisétique, a. V. plante.	Éraffement, sm. Érafler, v. Éraflure, sf. V. déchirer, froter.
Équianglé (<i>kui</i>), a. V. angle.	Équipe (<i>ki</i>), sf. V. 2 bateau, 2 vapeur.	Équitable (<i>ki</i>), a. Équitablement, adv. V. juste.	Éraillé (<i>m</i>), a. part. Éraillément, sm. Érailler, v. Éraillure, sf. V. déchirer, 2 étoffe, 2 ail, froter.
Équidifférence (<i>kui</i>), sf. V. mathématiques.		Équitation (<i>kui</i>), sf. (*)	Érasmien, a. 27. V. grec.
Équidistance (<i>kui</i>), sf. Équi-		Équité (<i>ki</i>), sf. V. juste.	Érater, v. V. rate.
		Équivalence (<i>ki</i>), sf. Équivalent, a. sm. 188. Équi-	Érato, sf. V. muse.

(*) ÉQUITATION

Action ou art de monter à cheval.

Abéquiter, s'enfuir à cheval. *Inus.*
Académie, école d'équitation; — Académique; — Académiste, celui qui tient une académie ou qui la fréquente.
Acheminé (cheval), déjà un peu dressé; — Acheminement; — Acheminer, commencer à dresser.
A-coup, mouvement saccadé ou arrêt brusque.
Affermir la bouche d'un cheval.
Aides: les aides de la voix, du talon, des cuisses, etc.
Air, mouvement: airs bas; airs relevés; demi-air.
Amazone, femme qui va à cheval; son habillement.
Anabate, courait à cheval dans les jeux.
Aplombs du cheval, ses postures.
Appui: ce cheval à l'appui bon, lourd, etc.
Appuyer l'éperon; — Appuyer des deux.
Arçons: perdre ou vider les arçons; être ferme dans ou sur les arçons.
Arrêt: former l'arrêt du cheval; — l'Arrêter sur ses hanches; — l'Arrêter sur cul.
Arrondir, dresser à manier en rond.
Assurer la bouche du cheval, l'accoutumer à souffrir le mors.
Attaquer un cheval, l'éperonner.
Avertir un cheval; — Avertissement.
Ballottade, air relevé, espèce de saut.
Basse, calade.
Beau partir, vigueur au partir.
Bégayer, remuer la tête de bas en haut.
Bricoler, passer adroitement entre les boissons.
Bride: aller à toute bride, à bride abattue.
Brise-con, casse-con.

Brûler le pavé, aller très-vite.
Cadouce, mouvement réglé; — Cadencé.
Calade, ou basse, terrain en pente où l'on fait galoper le cheval.
Caracole, mouvement en rond; — Caracoler.
Casse-con, ou brise-con, celui qui monte les chevaux non dressés ou vicieux; cavalier plus hardi qu'habile.
Cavalcade, marche ou promenade à cheval.
Cavaller, celui qui va à cheval: bon, beau, mauvais cavalier, etc.
Centaure, peut désigner un homme qui est presque toujours à cheval.
Chambrière, fouet de manège.
Changement de main; — Changer de main, porter la tête du cheval d'une main à l'autre.
Charivari, pantalon garni de cuir en dedans qu'on mettait pour monter à cheval.
Cheval de bois, pour apprendre à voltiger.
Chevater, marcher de côté.
Chevauchée, chemin fait à cheval; — Chevauchement; — Chevaucher, aller à cheval: chevaucher court ou long, avec des étriers courts ou longs; — Chevaucherie; — Chevaucheur.
Cirque, théâtre d'exercices équestres à Paris.
Cours (cheval de deux), qui n'obéit pas facilement.
Confirmer un cheval, achever de le dresser.
Contre-poids, aplomb du cavalier sur la selle.
Contre-temps, mesure ou cadence interrompue en maniant.
Courbette, pieds de devant levés et rabattus aussitôt; — Courbeter, faire des courbettes.
Courrier, estafette. V. poste.
Courses de chevaux. V. CHEVAL.

Figura 23: Exemplo da estrutura da obra de Boissière (1890)

Fonte: (BOISSIÈRE, 1890, p. 501).

C) Rouaix, 1898.

- Título: *Dictionnaire-manuel-illustré des idées suggérées par les mots*
- Autor: Paul Rouaix
- Editora/data: Armand Colin/1898
- Local de publicação: Paris

1. SOBRE O AUTOR

1.1. *Trata-se de pessoa reconhecida na área de dicionarística ou de terminologia?*

Não é mencionado. Sabemos que, no âmbito da dicionarística, elaborou também o *Dictionnaire des Arts décoratifs à l'usage des artisans, des artistes, des amateurs et des écoles* (1890).

1.2. *Fez parte de grupo de pesquisa da área de dicionarística ou de terminologia?*

Não é mencionado.

1.3. *Qual a formação acadêmica do autor principal e dos participantes do grupo de pesquisa?*

Apesar de não ter sido mencionado na obra, constatamos, por meio de pesquisas sobre o autor, que foi um grande estudioso da história das artes plásticas nos diversos períodos da história, além de dominar bem as normas de língua francesa, o que possibilitou que publicasse *Grammaire Elementaire, Theorie Et Exercices, Classes Elementaires Et Primaires* (1946).

1.4. *Qual a profissão exercida na época da publicação da obra em análise?*

Não é mencionado, no entanto notamos por meio de pesquisas que era escritor na época da publicação da obra em análise.

2. SOBRE A APRESENTAÇÃO DA OBRA PELO AUTOR

2.1. *Há introdução na qual apareçam claramente:*

a) *os objetivos da obra?*

No prefácio, o autor afirma que a obra resolve a dificuldade de passar da ideia à palavra. A obra surgiu com intuito de disponibilizar aos alunos o instrumento para que encontrem elementos de verdadeira utilidade. Assim sendo, o dicionário em análise contribui com os consulentes ao oferecer as palavras, para que vençam a pobreza vocabular, evitando a repetição de palavras e a inadequação.

b) *o público para o qual o conteúdo se dirige?*

A obra se dirige ao público seja criança, seja adulto, que deseja estudar o francês de forma proveitosa ao contribuir para que possam escrever a ideia desejada, principalmente quando se tem a ideia em mente, mas não sabem onde localizá-la no dicionário.

c) *as informações sobre como consultar o dicionário ou vocabulário?*

Não.

d) *referências à bibliografia de onde foi extraído o corpus?*

Não.

2.2. *Há bibliografia de consulta justificada pelo autor?*

Não.

3. **SOBRE A APRESENTAÇÃO MATERIAL DA OBRA**

3.1. *Há prefácio redigido por personalidade reconhecida na área de dicionarística? Científica, técnica?*

O prefácio foi redigido pelo próprio autor.

3.2. *A família tipográfica empregada é adequada à faixa etária do usuário?*

A família tipográfica empregada é adequada ao público adulto, mas não serve às crianças, por não ter um leiaute atrativo.

3.3. *As ilustrações, se houver, estão adequadas à microestrutura informacional?*

As ilustrações são apresentadas em cores pretas e brancas e se localizam no final do dicionário. Como a obra se dirige à criança também, seria mais adequado que fossem coloridas, para que se tornassem mais atrativas.

3.4. *A utilização de negrito, de itálico e de outros recursos gráficos está de acordo com o equilíbrio visual da obra?*

Sim. As palavras-entrada dos verbetes são apresentadas em negrito e as remissivas, em itálico. O recurso de apresentar cada lexema em uma linha, apesar de ocupar mais espaço, facilita a consulta do usuário, uma vez que a obra fica mais organizada.

3.5. *Os verbetes são apresentados em ordem alfabética? Em ordem sistemática?*

Os verbetes são apresentados em ordem sistemática e alfabética. O autor identificou ideias principais e formou agrupamentos analógicos de lexemas relacionados a estas ideias. Cada uma das ideias principais são as palavras-entrada dos verbetes, as quais são organizadas em ordem alfabética. Os lexemas analógicos relacionados às palavras-entrada são organizados em ordem sistemática.

3.6. *A obra contempla uma só língua? Mais de uma?*

A obra é monolíngue, contempla apenas a língua francesa.

3.7. *O formato do dicionário ou vocabulário permite manuseio prático e fácil?*

A obra é de tamanho pequeno, permite manuseio prático; na parte superior de cada página, possui letras iniciais de lexemas que podem ser localizados rapidamente. Por outro lado, os lexemas analógicos poderiam estar agrupados em ordem alfabética, para facilitar a consulta.

3.8. *A obra está editada em suporte informatizado?*

Não.

3.9. *A qualidade do acabamento garante a sua durabilidade?*

Sim. A capa é feita por um papel grosso, coberta por um tecido e a encadernação é resistente.

3.10. *O sistema de abreviações e de símbolos aparece corretamente no corpo do texto?*

Não possui lista de abreviaturas, apesar de utilizar a abreviatura V., que indica as remissivas.

3.11. *A obra possui ampla divulgação?*

Sim. A obra pode ser facilmente encontrada em sebos e em algumas bibliotecas das grandes e antigas universidades. A obra tem mais de doze edições pela editora Armand Colin e vem sendo editada, até o ano de 2009, pela editora LGF, sob o título “*Trouver le mot juste dictionnaire des idées suggérées par les mots*”.

4. *SOBRE O CONTEÚDO*

4.1. *Há entradas que se referem a áreas de especialidade? Elas configuram de modo completo a área à qual se referem?*

Não.

4.2. *Os verbetes apresentam:*

a) *categoria gramatical?*

Não. Apesar de o autor não indicar as categorias gramaticais dos lexemas, o autor procurou organizar os agrupamentos analógicos nos verbetes incluindo primeiro os substantivos e depois os verbos.

b) *gênero?*

Não.

c) *sinonímia?*

Sim. As sinonímias podem ser encontradas nos agrupamentos analógicos, como, por exemplo, no verbete *ataque*, que há o lexema *agressão*, que pode produzir sinonímia em

determinados contextos.

d) variante(s) da entrada?

Não.

e) variante(s) da definição?

Não.

g) há emprego de marcas de uso? Como se classificam?

Não.

h) indicação de área ou subárea de especialidade?

Não.

i) contexto? (exemplo ou abonação?)

Não.

j) equivalente(s)?

Não.

k) formação da palavra?

Não.

l) indicação de pronúncia?

Não.

m) origem?

Não.

n) etimologia?

Não.

o) divisão silábica?

Não.

p) remissivas úteis entre conceitos?

Sim. As remissivas são indicadas por meio das abreviaturas V. e a palavra relacionada, o que gera a circularidade entre os lexemas, facilitando a compreensão do significado.

q) fontes?

Não.

r) notas?

Não.

4.3. A definição é constituída de um enunciado de uma só frase?

Não. A obra não apresenta definição, apenas os lexemas agrupados por analogia, como afirma o autor.

4.4. A definição leva em conta o nível de discurso do usuário?

Não. A obra não possui definição.

5. **SOBRE A EDIÇÃO E PUBLICAÇÃO**

5.1. ***Recomenda-se a edição e a publicação da obra?***

Recomenda-se a edição e a publicação da obra desde que seja reformulada. O autor foi muito abrangente ao tentar dirigir sua obra a crianças, pois elas não saberão utilizá-la, devido à estruturação complexa da obra, a qual não tem uma introdução com as instruções sobre como pode ser consultada, além de não possuir uma organização atrativa o suficiente para o público infantil, uma vez que o dicionário para criança necessita de um leiaute diferenciado. Além disso, como o dicionário foi elaborado há mais de um século, há agrupamentos analógicos que estão defasados, precisam ser reestruturados, pois, de acordo com a cultura da sociedade atual, não fazem mais sentido. Como, por exemplo, no verbete *atleta* (figura 24 – 5.3. *Ilustração da obra*, p. 97), encontramos o lexema *gladiador*, associação típica da sociedade da época, o que não se aplica à contemporaneidade. Contudo, a recolha vocabular pode ser aproveitada para compor o corpus de um dicionário analógico estruturado de modo mais coerente.

5.2. ***Quais serão os principais pontos de difusão da obra?***

Não é mencionado.

5.3. ***Ilustração da obra***

ATE	— 40 —	ATT
colure	usine	prix
équinoxe	work-house	palme
équinoxial	atermoyer	agonothète
précession	V. <i>attoubrer</i>	athlote
solstice	athéisme V.	athlétique
solsticial	<i>Dieu, philosophie</i>	acrobatique
lever	Athènes	gymnique
mouvement diurne	athénien	funambulesque
coucher	attique	V. aussi <i>gymnas-</i>
décours	athlète	<i>tique</i>
déclin	gladiateur	athrepsie
déclinaison [dien]	hercule	V. <i>maladie</i>
passage au méridien	lutteur	atlante
point culminant	forain	V. <i>colonne</i>
culmination	saltimbanque	atlas V. <i>carte</i>
éc"pse	gymnasiarque	atmosphère
phase	boxeur	V. <i>air</i>
aspect	acrobate	atoll V. <i>île</i>
émersion	funambule	atome V. <i>division</i>
immersion	équilibriste	atomisme
occultation	pugiliste	V. <i>philosophie</i>
verre fumé	discobole	atone V. <i>faible</i>
syzygie	pancratiaste	atour V. <i>toilette</i>
opposition	laniste	atout V. <i>cartes</i> ²
conjonction	gymnastique	atrabilaire
lunette	jeu	V. <i>caractère</i>
télescope	tour de force	âtre V. <i>cheminée</i>
astrolabe	exercice	atroce V. <i>cruel,</i>
équatorial	boxe	<i>laid</i>
héliostat	savate	atrophie V. <i>fai-</i>
micromètre	lutte	<i>blesse, maladie</i>
cercle mural	combat	attabler V. <i>repas</i>
radiomètre	joute	attacher
quadrant	paume	V. <i>assembler, en-</i>
quart de cercle	pentathlo	<i>semble, lien</i>
octant	pancrace	attaque
sexant	pugilat	agression
cosmographique	bâton	assaut
astronomique	escrimo	offensive
cosmologique	saut	abordage
astronome	voltige	choc
V. <i>étoiles</i>	tremplin	heurt
astuce V. <i>habile-</i>	trapèze	charge
<i>té, hypocrisie</i>	académie	irruption
asymétrie	gymnase	guet-apens
V. <i>irrégulier</i>	cirque	fausse attaque
asymptote	arène	feinte
V. <i>géométrie</i>	palestro	provocation
atavisme	stale	cartel
V. <i>héritage</i>	mail	défi
ataxie	gant	brusque
V. <i>maladie</i>	gantilet	impétueuse
atelier	ceste	imprévue
laboratoire	poids	à main armée
officine	ha'tère	agressif
ouvroir	disque	offensif
chantier	balancier	assaillant
manufacture	anneau	
		agresseur
		provocateur
		attaquer
		engager la lutte
		en venir aux pri-
		ses [mains
		en venir aux
		tomber sur
		fondre
		sauter sur
		se porter en avant
		se jeter
		s'élancer
		se ruer
		donner
		tomber à bras
		raccourcis
		se livrer à une
		attaque
		commencer
		c'est le lapin qui
		a commencé
		assaillir [sivo
		prendre l'offen-
		aborder
		charger
		provoquer
		défier
		attarder
		V. <i>attoubrer</i>
		atteindre
		V. <i>toucher, arriver</i>
		atteinte V. <i>coup</i>
		atteler V. <i>voiture,</i>
		<i>cheval, harnais</i>
		attelle V. <i>harnais</i>
		atteloire
		V. <i>harnais</i>
		attenant V. <i>bord</i>
		attendre
		s'attendre à
		guetter
		être dans l'attente
		être aux aguets
		faire le guet
		être sur les char-
		bons
		être sur le grill
		être sur les épines
		faire antichambre
		languir
		se morfondre
		poser
		s'impatienter
		être sur le qui-
		vive [tience
		griller d'impa-
		être de planton

Figura 24: Exemplo da estrutura da obra de Rouaix (1897)

Fonte: (ROUAIX, 1897, p. 40).

D) Maquet, 1936.

- Título: *Dictionnaire analogique, répertoire moderne des mots par les idées, des idées par les mots*
- Autor: Maquet
- Editora/data: Larousse, 1936
- Local de publicação: Paris

1. SOBRE O AUTOR

1.1. *Trata-se de pessoa reconhecida na área de dicionarística ou de terminologia?*

Não é mencionado.

1.2. *Fez parte de grupo de pesquisa da área de dicionarística ou de terminologia?*

Não é mencionado.

1.3. *Qual a formação acadêmica do autor principal e dos participantes do grupo de pesquisa?*

Maquet era professor de francês.

1.4. *Qual a profissão exercida na época da publicação da obra em análise?*

Não é mencionado.

2. SOBRE A APRESENTAÇÃO DA OBRA PELO AUTOR

2.1. *Há introdução na qual apareçam claramente:*

a) *os objetivos da obra?*

No prefácio, o autor mencionou que o objetivo da obra é oferecer palavras desconhecidas ou esquecidas ao escritor, pois disponibiliza grupos de palavras que podem ser encontrados pelo jogo de analogias.

b) *o público para o qual o conteúdo se dirige?*

Oferece ajuda valiosa para o escritor, pois a coleção de palavras presentes no dicionário é uma ferramenta indispensável para aqueles que desejam expressar seus pensamentos, uma vez que fornece as palavras desconhecidas ou esquecidas, funcionando como auxiliar de pensamento, conforme o autor relatou no prefácio.

c) *as informações sobre como consultar o dicionário ou vocabulário?*

No prefácio e na breve seção **Instruções para o uso do dicionário**, há informações sobre como consultar o dicionário, as quais deixam a desejar, pois faltam esclarecimentos

sobre a forma de estruturação da obra. Como, por exemplo, na segunda parte da obra, há lexemas separados por ponto-final e, em alguns casos, por travessão, mas não há informação sobre o porquê dessa variação no modo de estruturar a obra.

d) *referências à bibliografia de onde foi extraído o corpus?*

O autor reconhece ter revisado e reformulado a obra de Boissière, de modo que tentou manter o plano geral e as grandes divisões, mas declarou ter feito alterações, as quais fazem com se distingam.

2.2. *Há bibliografia de consulta justificada pelo autor?*

Não.

3. *SOBRE A APRESENTAÇÃO MATERIAL DA OBRA*

3.1. *Há prefácio redigido por personalidade reconhecida na área de dicionarística? Científica, técnica?*

O prefácio foi redigido pelo próprio autor.

3.2. *A família tipográfica empregada é adequada à faixa etária do usuário?*

Sim. Como o dicionário é de pequeno porte, o tamanho das fontes também é pequeno, mas possibilita uma boa visualização ao consulente.

3.3. *As ilustrações, se houver, estão adequadas à microestrutura informacional?*

Não há ilustrações.

3.4. *A utilização de negrito, de itálico e de outros recursos gráficos está de acordo com o equilíbrio visual da obra?*

A primeira e a segunda parte poderiam ter sido estruturadas separadamente, pois o modo como são organizadas não contribui para que haja o equilíbrio visual da obra, assim como também não é apropriado as palavras-entrada da primeira parte serem lematizadas em caixa alta por causarem poluição visual. Por outro lado, admiramos a padronização com que os recursos gráficos e os lexemas são apresentados. As ideias centrais, que são as palavras-entrada, apresentam-se em negrito e em caixa alta. Dentro dos verbetes, os lexemas em caixa alta servem para indicar que encabeçam outros verbetes. Os subgrupos de lexemas relacionados às ideias centrais também estão em negrito, as palavras estrangeiras são indicadas em itálico.

3.5. *Os verbetes são apresentados em ordem alfabética? Em ordem sistemática?*

O dicionário é dividido em duas partes. A primeira parte está na parte superior das páginas, na qual há um glossário de palavras francesas organizado em ordem alfabética. Nesta parte, não existem as definições para as palavras, apenas há remissões, que levarão o

consulente a encontrar o grupo analógico, no qual o lexema pode ser encontrado na segunda parte. Na segunda parte, os verbetes foram apresentados em ordem sistemática e alfabética. O autor identificou ideias principais e formou agrupamentos analógicos de lexemas relacionados a estas ideias. Cada uma das ideias principais são as palavras-entrada dos verbetes, as quais foram organizadas em ordem alfabética. Os lexemas analógicos relacionados às palavras-entrada foram organizados em ordem sistemática. Inseridos nos verbetes, há subgrupos, os quais possuem grupos de lexemas relacionados entre si.

3.6. *A obra contempla uma só língua? Mais de uma?*

O dicionário contempla apenas a língua francesa.

3.7. *O formato do dicionário ou vocabulário permite manuseio prático e fácil?*

Sim. A obra é de tamanho pequeno, possui 591 páginas.

3.8. *A obra está editada em suporte informatizado?*

Não.

3.9. *A qualidade do acabamento garante a sua durabilidade?*

Sim. A encadernação é resistente, a capa é feita de papelão e revestida de tecido.

3.10. *O sistema de abreviações e de símbolos aparece corretamente no corpo do texto?*

Na seção **Instruções para o uso do dicionário**, há os significados das abreviaturas que indicam o gênero feminino, masculino, plural e as remissivas.

3.11. *A obra possui ampla divulgação?*

Não é mencionado.

4. SOBRE O CONTEÚDO

4.1. *Há entradas que se referem a áreas de especialidade? Elas configuram de modo completo a área à qual se referem?*

Não.

4.2. *Os verbetes apresentam:*

a) *categoria gramatical?*

Não.

b) *gênero?*

Sim. Na primeira parte da obra, o gênero é indicado por meio de abreviaturas.

c) *sinonímia?*

Sim. As sinonímias podem ser reconhecidas no conjunto de palavras de cada verbete.

d) *variante(s) da entrada?*

Não.

e) *variante(s) da definição?*

Não.

f) *existem critérios para distinguir homonímia de polissemia? Quais?*

Não. Como a obra não apresenta definição, não há necessidade de distinguir homonímia de polissemia.

g) *há emprego de marcas de uso? Como se classificam?*

Sim. As marcas de uso indicam lexemas antigos e os familiares, sendo este último aplicado especialmente para palavras que pertencem ao baixo calão.

h) *indicação de área ou subárea de especialidade?*

Não.

i) *contexto? (exemplo ou abonação?)*

Não.

j) *equivalente(s)?*

Não. Como a obra é monolíngue, não possui equivalentes.

k) *formação da palavra?*

Não.

l) *indicação de pronúncia?*

Não.

m) *origem?*

Não.

n) *etimologia?*

Sim. Apresenta a etimologia de determinadas palavras-entrada, como, por exemplo, o verbete *grand*, que é seguido pela informação, a saber: latin, *magnus*; grec, *meGas*, conforme a figura subsequente nos mostra.

GRAND
(latin, *magnus*; grec, *meGas*)

Figura 25: Etimologia do verbete *grand* da obra de Maquet (1936)
Fonte: (MAQUET, 1936, p. 264).

o) *divisão silábica?*

Não.

p) *remissivas úteis entre conceitos?*

Sim. As remissivas são indicadas pela abreviatura V. e serve para remeter a primeira parte à segunda parte (cf. figura 26 – 5.3. *Ilustração da obra*, p. 103).

q) *fontes?*

Não.

r) *notas?*

Não.

4.3. *A definição é constituída de um enunciado de uma só frase?*

A obra não possui definição para os lexemas.

4.4. *A definição leva em conta o nível de discurso do usuário?*

Não apresenta definição.

5. **SOBRE A EDIÇÃO E PUBLICAÇÃO**

5.1. *Recomenda-se a edição e a publicação da obra?*

Não. A forma de apresentação da obra é confusa, os agrupamentos analógicos são muito abrangentes. A primeira e a segunda parte são apresentadas simultaneamente, o que é desnecessário. Para que a obra seja reeditada e publicada, precisa ser refeita. No entanto, a infinidade de agrupamentos analógicos não pode ser desprezada, pois serve como fonte de consulta para dar suporte à elaboração de outros dicionários analógicos.

5.2. *Quais serão os principais pontos de difusão da obra?*

Apesar de não ter sido mencionado os principais pontos de difusão da obra, constatamos que a obra é de fácil acesso, pois mesmo estando esgotada na editora, pode ser encontrada em sebos.

5.3. *Ilustração da obra*

<p>VERROU, m. Verrouiller. V. serrure, fermer. VERRUE, f. V. peau. VERS, m. V. poésie. VERSANT, m. V. côté, oblique, montagne. VERSATILE. V. changer, léger. VERSE. V. pluie. VERSEMENT, m. V. payer. Verser. V. renverser, répandre, coucher, bas, voiture, jet. VERSET, m. V. psaume, poésie, Bible. VERSEUSE, f. V. café. VERSIFICATEUR, m. V. poésie. VERSIFICATION, f. Versifier. V. poésie, rime. VERSION, f. V. expliquer, traduire, raconter. VERSO, m. V. page, côté, ar-</p>	<p>rière, superficie, opposé. VERSOIR, m. V. charrue. VERSTE, f. V. distance. Vert. V. couleur, santé, bois, cuir, fruit, jeune. VERT-DE-GRIS, m. V. oxyde. VERTÈBRE, f. V. os, dos. VERTÈBRÉ, m. V. animal. VERTICAL, V. droit. VERTICALE, f. V. ligne. VERTICILLE, m. V. fleur. VERTIGITÉ, f. V. boussole. Vertige, m. V. attirer, tourner, folie. VERTIGINEUX, V. vertige. Vertu, f. V. bien, chaste, mœurs, capable, ange. VERTUEUX, V. conduite, pur, bon. VERTUGADIN, m. V. habillement.</p>	<p>VERVE, f. Verveux. V. enthousiasme, éloquence, spirituel, style. VERVEINE, f. V. plante. VERVEUX, m. V. filet. VÉSANIE, f. V. folie. VESCE, f. V. pois, fourrage. VÉSICAL, V. vessie. VÉSICANT, Vésication, f. V. caustique. VÉSICATOIRE, m. V. médicament, caustique, ulcère, pus. VÉSICULE, f. V. bouton, bile. VESPASIENNE, f. V. urine. VESPER, m. Vespéral. V. soir. VESSER, V. flatuosité. Vessie, f. V. urine, boule. VESTALE, f. V. vierge. VESTE, f. V. habillement. VESTIAIRE, m. V. théâtre.</p>
---	---	---

Sortes de verre. — Verres à une base. Silicatisation. — Verres potassico-calciques, sodico-calciques (Verrerie fine. Verre blanc. Crown-glass). — Verres potassico-plombeux (Cristal. Flint. Strass). — Verre à base d'alcali, chaux, alumine et fer (Verre vert. Verre de bouteille. Chambourin). — Emaux. Titanates. Boro-silicates (Verroterie. Fausses pierres. Email de poterie).

Fabrication. — Sable siliceux. Potasse. Soude. — Mélange. Fritte. Groisil. Masse en fusion. Maclage (brossage). Fiel de verre (impuretés). Masse vitreuse. — Refroidissement. Recuite.

Four. Ouvreaux. Pots. Canne. Paraison. Pontil. — Souffler, soufflage. Façonnage. Torciner. Mouler. Soufflage mécanique. — Ciseaux. Pinces. — Verre à vitre. Cylindres. Coupage. Etendage. Étirage à plat. — Glaces. Coulage. Tables. — Verres d'optique. Coulage au moule. Polissage.

Verre étiré. Verre poli. Verre perforé. Verre dépoli. Verre trempé. Verre filé. Verre givré. Verre émaillé. Verre de sécurité, etc.

Relatif au verre. — Verrerie. Verrier. Hyalurgie. — Vitreux. Hyalin. — Vitrifier, vitrification, vitrifiable. — Vitrier. Diamant à couper. — Harmonica. — Papier de verre.

VERSER

Verser un liquide. — Verser, verseur, verseuse. — Répandre. Epanche. Epancher. — Affusion. Effusion. Libation. — Décanter, décantation. — Transvaser, transvasement. Transvider.

Soutirer, soutirage. Tirer (au tonneau). Dépoter. — Déverser.

Autres façons de verser. — Renverser. Verser. — Être renversé. Verser (culbuter). Verse. Tomber sur le côté. — Payer. Verser. Versement. — Confier. Epancher.

VERT

Nuances. — Vert émeraude. Vert pomme. Vert bouteille. Vert empire. Vert antique.

Vert céladon. Vert porracé. Vert amande. Vert Véronèse. Vert Schweinfurt. Vert Guignet. Vert malachite. Vert minéral. Vert d'alizarine.

Verdâtre. Glauque. Vert olivâtre. Prasin. Smaragdin. — Sinople (en blason).

Choses vertes. — Verdure. Légume vert. Herbe verte. Fruit vert. — Terre verte. Vert-de-gris. Verdet. — Verdier (oiseau). — Verdurette (broderie). — Chlorophylle.

Relatif au vert. — Verdir, verdissement. Verdoyer, verdolement, verdoyant. — Viridité. Viridifiant. — Verdeur. Être vert. — Langue verte.

VERTIGE

Formes de vertige. — Vertige simple, apoplectique, angiopathique, auriculaire, laryngé, stomacal, etc. — Donner le vertige. Vertigineux. — Etourdir, étourdissement. — Enivrer, ivresse. — Eblouir, éblouissement. Entêter.

Tournoyer, tournoiement. — Vertigo. Vercoquin. Tournis.

VERTU

Qui concerne la vertu. — Vertu, vertueux. Morale, moral. Conscience, consciencieux. Sagesse, sage. Sainteté, saint. — Moralité. Austérité. Intégrité. — Chasteté. Prudence. Pudeur.

Homme de bien. Femme de bien. Dragon de vertu. Lucrèce. Rosière. — Edifier, édification. Bon exemple, exemplaire. — Prix Monthyon.

Vertus cardinales. Justice. Prudence. Tempérance. Force. — Vertus théologiques. Foi. Espérance. Charité.

VESSIE

(latin, *vesica*; grec, *cystis*)

Organe. — Vessie. Uretères. Urètre. Col de la vessie. Prostate. — Muscle compresseur. — Vésical. Vésico-prostatique. — Voies urinaires. URINE.

Figura 26: Exemplo da estrutura da obra de Maquet (1936)

Fonte: (MAQUET, 1936, p. 579).

4.2.4 Dicionários analógicos do espanhol: Benot, 1899; Casares, 1941.

A) Benot, 1899.

- Título: *Diccionario de ideas afines y elementos de tecnologia*
- Autor: Eduardo Benot Rodriguez
- Editora/ data: M. Núñez Samper/1899.
- Local de publicação: Madrid

1. SOBRE O AUTOR

1.1. *Trata-se de pessoa reconhecida na área de dicionarística ou de terminologia?*

Não é mencionado.

1.2. *Fez parte de grupo de pesquisa da área de dicionarística ou de terminologia?*

Não é mencionado.

1.3. *Qual a formação acadêmica do autor principal e dos participantes do grupo de pesquisa?*

Eduardo Benot e Rodríguez (1822-1907) foi filólogo, escritor, membro da Real Academia, matemático, astrônomo e político espanhol, professor no Observatório de São Fernando.

1.4. *Qual a profissão exercida na época da publicação da obra em análise?*

Não é mencionado.

2. SOBRE A APRESENTAÇÃO DA OBRA PELO AUTOR

2.1. *Há introdução na qual apareçam claramente:*

a) *os objetivos da obra?*

No prefácio, o autor (1899, p. VII) menciona que “só com um dicionário deste tipo se terá em mãos todos os recursos de linguagem para expressar conceitos, imagens e emoções”. Sua obra abre o caminho para as pessoas que estão lutando com as dificuldades de escrever, pois o escritor pode rapidamente escolher a opção mais adequada, que não apareceria por meio de sua memória lexical de ideias. Sobre cada assunto, oferece os vocábulos que a língua disponibiliza para uma expressão.

b) *o público para o qual o conteúdo se dirige?*

Segundo informações do prefácio, o conteúdo da obra se dirige aos escritores.

c) ***as informações sobre como consultar o dicionário ou vocabulário?***

Na seção advertência, há explicações detalhadas referentes ao manuseio da obra.

d) ***referências à bibliografia de onde foi extraído o corpus?***

No prefácio, o autor esclarece que sua obra não é uma tradução do *Thesaurus* de Roget, porque estes tipos de dicionários não podem ser traduzidos integralmente, mas declara ter seguido com toda fidelidade o plano de classificação de Roget (1852).

2.2. ***Há bibliografia de consulta justificada pelo autor?***

Conforme informações do prefácio, o modelo da obra de Roget (1852) serviu de base para Benot Rodriguez devido ao êxito indiscutível que obteve e havia uma lacuna na lexicografia de língua espanhola, uma vez que não existia nenhum dicionário de ideias afins com o plano de Roget.

3. **SOBRE A APRESENTAÇÃO MATERIAL DA OBRA**

3.1. ***Há prefácio redigido por personalidade reconhecida na área de dicionarística? Científica, técnica?***

Não há informação a respeito de quem redigiu o prefácio, que possui a finalidade da obra e informações a respeito da historiografia dos dicionários de caráter onomasiológicos, pressupomos que foi próprio autor.

3.2. ***A família tipográfica empregada é adequada à faixa etária do usuário?***

O tamanho da fonte, o tipo da fonte e o espaçamento entre linhas são adequados à faixa etária do usuário.

3.3. ***As ilustrações, se houver, estão adequadas à microestrutura informacional?***

Não há ilustrações.

3.4. ***A utilização de negrito, de itálico e de outros recursos gráficos está de acordo com o equilíbrio visual da obra?***

Sim. Apesar de haver vários lexemas em cada verbete da parte analógica, o autor não organizou todos em um único parágrafo, deu espaço entre eles, o que gerou o equilíbrio visual da obra. A numeração classificatória, as palavras-entrada e as categorias gramaticais estão destacadas em negrito. Os lexemas estrangeiros foram grafados em itálico.

3.5. ***Os verbetes são apresentados em ordem alfabética? Em ordem sistemática?***

Os verbetes são apresentados em ordem sistemática. A obra é composta por classificação (cf. figura 27 – 5.3. *Ilustração da obra*, p. 109), quadro sinóptico de categorias, primeira parte e segunda parte. A classificação apresenta as ideias gerais selecionadas,

divididas e agrupadas em 6 categorias, subdivididas em 24 seções e com a numeração classificatória de 1 a 1.000.

O quadro sinóptico de categorias, composto por um conjunto de associações de ideias, é constituído pela classificação mencionada anteriormente acrescida de mais subdivisões e lexemas, os quais são as palavras-entrada dos verbetes. Neste quadro, do lado direito dos lexemas, geralmente, aparecem outros lexemas que correspondem às ideias antagónicas.

Com base na estruturação da classificação de ideias e do quadro sinóptico de categorias, os verbetes são distribuídos na primeira parte, que é formada por grupos de palavras afins. Com relação à organização dos verbetes, os itens lexicais são organizados de acordo com suas categorias gramaticais – substantivos, verbos, adjetivos, advérbios, preposições, conjunções, interjeições – e também há no final de alguns verbetes fraseologias (cf. figura 28 – **5.3. Ilustração da obra**, p. 110). Assim sendo, os verbetes são apresentados de acordo com a numeração classificatória que possuem, a qual foi atribuída na classificação e no quadro sinóptico de categorias. Cada palavra-entrada tem o seu número classificatório.

A segunda parte é formada pelo índice remissivo, organizado em ordem alfabética, constituído por lexemas e seus respectivos números remissivos estabelecidos de acordo com a numeração classificatória da classificação e do quadro sinóptico de categorias. Nessa parte, em cada palavra-entrada, há a ideia central em negrito e seus grupos de palavras relacionados e as respectivas numerações classificatórias. Tudo com sua respectiva numeração à frente para que o consulente possa encontrar na parte primeira. Nem todas as palavras contidas no corpo da obra estão presentes no índice.

3.6. *A obra contempla uma só língua? Mais de uma?*

O dicionário é monolíngue e contempla a língua espanhola.

3.7. *O formato do dicionário ou vocabulário permite manuseio prático e fácil?*

Não. Como os lexemas na parte analógica são organizados com bastante espaçamento, a obra é volumosa. O consulente tem dificuldade em entender a lógica de organização da obra, a qual é complexa. A obra poderia ser facilmente manuseada se as palavras-entrada estivessem apresentadas em ordem alfabética, ao invés dos verbetes serem organizados com base na numeração classificatória em ordem sistemática.

3.8. *A obra está editada em suporte informatizado?*

Não.

3.9. *A qualidade do acabamento garante a sua durabilidade?*

Sim, a encadernação é resistente e a capa é feita por um papelão grosso.

3.10. *O sistema de abreviações e de símbolos aparece corretamente no corpo do texto?*

São poucas as abreviaturas apresentadas. A abreviatura **N.** aparece em todos os verbetes para indicar os substantivos, no entanto, **N.** não está na lista de abreviaturas. Abaixo da lista de abreviaturas, há a observação de que os números que encabeçam as palavras-entrada representam as categorias e que as palavras em itálico indicam grupos de palavras relacionados que podem se localizados por meio dos seus respectivos números. No entanto, ao consultar o dicionário notamos que nem todas as palavras em itálico possuem o número que remeterá ao verbete onde pode ser encontrada.

3.11. *A obra possui ampla divulgação?*

Não é mencionado.

4. SOBRE O CONTEÚDO

4.1. *Há entradas que se referem a áreas de especialidade? Elas configuram de modo completo a área à qual se referem?*

Há entradas da área de especialidade, mas não configuram a área à que se referem de modo completo.

4.2. *Os verbetes apresentam:*

a) *categoria gramatical?*

Sim. Os agrupamentos de lexemas analógicos são separados de acordo com as classes gramaticais.

b) *gênero?*

Não.

c) *sinonímia?*

Não.

d) *variante(s) da entrada?*

Não.

e) *variante(s) da definição?*

Não.

f) *existem critérios para distinguir homonímia de polissemia? Quais?*

Os lexemas são organizados por agrupamentos analógicos, por isso os critérios de distinção entre homonímia e polissemia não se aplicam à obra.

g) *há emprego de marcas de uso? Como se classificam?*

Não.

h) *indicação de área ou subárea de especialidade?*

Não.

i) contexto? (exemplo ou abonação?)

Não.

j) equivalente(s)?

Como o dicionário é monolíngue, não tem equivalente.

k) formação da palavra?

Não.

l) indicação de pronúncia?

Não.

m) origem?

Não.

n) etimologia?

Não.

o) divisão silábica?

Não.

p) remissivas úteis entre conceitos?

Sim. As remissivas são marcadas por meio da indicação dos números categóricos entre parênteses, as quais evitam a repetição desnecessária e ajudam a constituir os significados relacionados.

q) fontes?

Não.

r) notas?

Não.

4.3. A definição é constituída de um enunciado de uma só frase?

Não apresenta definição, apenas grupos analógicos de lexemas.

4.4. A definição leva em conta o nível de discurso do usuário?

Não apresenta definição.

5. SOBRE A EDIÇÃO E PUBLICAÇÃO

5.1. Recomenda-se a edição e a publicação da obra?

A obra é o primeiro dicionário analógico de língua espanhola, o qual adotou o plano de classificação de Roget (1852). Como a obra de Roget é complexa, consequentemente, o modo de organização no dicionário Benot não é muito claro ao consulente. Para que a obra se tornasse mais clara ao consulente, as entradas dos verbetes e a organização da classificação poderiam ser apresentadas em ordem alfabética, ao invés de serem regidas pela numeração

classificatória. O plano de classificação não parece lógico do ponto de vista da estrutura dos dicionários tradicionais. Diante disso, recomenda-se a edição e a publicação da obra desde que seja reformulada.

Excluído: .

5.2. *Quais serão os principais pontos de difusão da obra?*

Não é mencionado. Apesar de ser uma obra rara, pode ser encontrada em bibliotecas, sebos, além de estar digitalizada na internet, o que facilita o acesso em nível mundial.

5.3. *Ilustração da obra*

CLASIFICACIÓN

	Secciones.	Numeros.
Clases. I. RELACIONES ABSTRACTAS	I. EXISTENCIA.....	1 al 8
	II. RELACIÓN.....	9 — 24
	III. CANTIDAD.....	25 — 57
	IV. ORDEN.....	58 — 83
	V. NÚMERO.....	84 — 105
	VI. TIEMPO.....	106 — 139
	VII. CAMBIO.....	140 — 152
	VIII. CAUSA.....	153 — 170
II. ESPACIO.....	I. EN GENERAL.....	180 — 191
	II. DIMENSIONES.....	192 — 239
	III. FORMA.....	240 — 283
	IV. MOVIMIENTO.....	284 — 315
III. MATERIA.....	I. EN GENERAL.....	316 — 320
	II. INORGÁNICA.....	321 — 356
	III. ORGÁNICA.....	357 — 449
IV. ENTENDIMIENTO.....	I. FORMACIÓN DE LAS IDEAS.....	450 — 515
	II. COMUNICACIÓN DE LAS IDEAS.....	516 — 599
V. VOLICIÓN.....	I. INDIVIDUAL.....	600 — 736
	II. INTERSOCIAL.....	737 — 819
VI. AFECCIONES.....	I. EN GENERAL.....	820 — 826
	II. PERSONALES.....	827 — 887
	III. SIMPÁTICAS.....	888 — 921
	IV. MORALES.....	922 — 975
	V. RELIGIOSAS.....	976 — 1000

Figura 27: Plano de classificação de ideias de Benot (1899)

Fonte: (BENOT, 1899, p. X).

<p>924. Prerrogativa.—N. Prerrogativa, privilegio, legitimidad, derecho, derecho adquirido, gracia, inmunidad, exención, excusa, etc., primacía, supremacía, predominio, hegemonía, privanza, valimiento, favoritismo, etc., prescripción, título, dignidad, categoría, pretensión, etc., licencia, permiso, pasaporte, libertad, manumisión, franquicia, fueros, etc., sanción, fallo, visto bueno, autoridad, prestigio, crédito, <i>garantía</i>, seguridad, prenda, fianza, constitución, ley, ordenanza, etc. V. Privilegiar, privar. tener derecho a, estar facultado por, estar exento de, predominar, tener predicamento, eximir, exentar, tener licencia, permiso, etc., liberar, manumitir, etc., tener fueros, privilegios etc., tener autoridad, tener privilegio, dar el visto bueno, hacer bueno, abonar, hacer mérito de, encarecer, asumir, arregar responsabilidad, santificar, legalizar, ordenar, prescribir etc. Adj. Privilegiado, jurídico, legal, inmune, exento, exepuado, excluído, excusado, privado, válido, favorito, prescrito, etc., facultado, mandado, ordenado, legalizado, santificado. Adv. Con derecho a, con facultades para, <i>ex officio, selon les règles de jure, jure dicino, Dei gratia.</i> Fr. <i>Ciris Romanussum.</i> Todavía hay clases. De vos a mí no hay reproche. ¿En qué bodegaón he mos comido juntos?</p>	<p>925. Ilegalidad.—N. Ilegalidad, injusticia, informalidad, venalidad, corrupción, prevaricación, prevaricato, inmoralidad, etc., <i>malud prohibitum</i>, falsedad, falsis, falacia, falsificación, lo ilegítimo, usurpación, falta de derecho, contravención del código, atropello, arbitrariedad, exacción, depredación, malversación, abuso, vejación, expoliación, despojo, violación, atentado, imposición, coacción, etc. V. Infringir, quebrantar las leyes, ser ilegal, injusto, informal, ser venal, corromperse, prevaricar, falsear, falsificar, contravenir, usurpar, atropellar, vejar, depredar, abusar. Adj. Ilegal, injusto informal, venal, prevaricador, inmoral, falso, falaz, falsificado, ilegítimo, arbitrario, abusivo, etc. Adv. <i>Contra bonos moros</i>, contra ley, injustamente. Fr. El que hizo la ley hizo la trampa. Más falso que el alma de Judas. Pleitos tengas y los ganas, etc.</p>
--	--

Figura 28: Verbetes *direito e improbidade* de Benot (1899)
Fonte: (BENOT, 1899, p. 828).

B) Casares, 1942.

- Título: *Diccionario ideológico de la lengua española*
- Autor: Júlio Casares
- Editora/data: Gustavo Gili/1942
- Local de publicação: Barcelona

1. SOBRE O AUTOR

1.1. Trata-se de pessoa reconhecida na área de dicionarística ou de terminologia?

Sim. Júlio Casares é reconhecido na área de dicionarística. Publicou outras obras no âmbito na lexicografia, tais como: *Nuevo concepto del Diccionario de la lengua y otros problemas de lexicografía y gramática* (1941), *Introducción a la lexicografía moderna* (1950), entre outras.

1.2. Fez parte de grupo de pesquisa da área de dicionarística ou de terminologia?

Não é mencionado.

1.3 Qual a formação acadêmica do autor principal e dos participantes do grupo de pesquisa?

Julio Casares (1877-1964) foi crítico literário, lexicógrafo, diplomata, delegado, violinista. Estudou Direito ao mesmo tempo em que era violinista. Foi delegado na Sociedade das Nações de Genebra em 1921, ano em que ingressou na Real Academia Espanhola, entidade na qual foi secretário perpétuo, a partir de 1936.

2. SOBRE A APRESENTAÇÃO DA OBRA PELO AUTOR

2.1. Há introdução na qual apareçam claramente:

a) os objetivos da obra?

Na seção *plano da obra e instruções para seu uso*, o autor especifica que a finalidade essencial da obra consiste em disponibilizar ao leitor, mediante um inventário metódico, palavras que possam ajudá-lo a dar forma a um conceito, ainda que encontre algumas palavras que não sejam tão adequadas ao que procura, pode contribuir para que chegue até a ideia desejada. Para alcançar essa finalidade, o autor sistematizou o vocabulário por meio da reunião de grupos conceitualmente homogêneos que possuem relação com uma determinada ideia.

b) o público para o qual o conteúdo se dirige?

O conteúdo da obra se dirige ao leitor.

c) as informações sobre como consultar o dicionário ou vocabulário?

Na obra, há as seções *plano da obra e instruções para seu uso*, que contêm informações detalhadas sobre como o dicionário deve ser consultado.

d) referências à bibliografia de onde foi extraído o corpus?

Não há informações referentes à bibliografia de onde o corpus foi extraído.

2.2. Há bibliografia de consulta justificada pelo autor?

O autor apenas esclarece no prefácio que os precursores imediatos da classificação ideológica da obra foram Roget, na Inglaterra (1852), e Boissière, na França (1862) e que os especialistas, os quais ajudaram a elaborar a obra, propuseram modificações na maneira de organizar as ideias. Além disso, Casares menciona que o *Dictionnaire des idées suggerées par les mots*, de Rouaix, presta excelente serviço e é de grande difusão nos países de língua francesa, e que corresponde exatamente por sua estrutura (mas fica muito aquém, em termos de riqueza de vocabulário) à parte analógica do *Diccionario ideológico de la lengua española*.

3. SOBRE A APRESENTAÇÃO MATERIAL DA OBRA

3.1. *Há prefácio redigido por personalidade reconhecida na área de dicionarística? Científica, técnica?*

O prefácio foi redigido pelo próprio autor.

3.3. *As ilustrações, se houver, estão adequadas à microestrutura informacional?*

Não há ilustrações.

3.4. *A utilização de negrito, de itálico e de outros recursos gráficos está de acordo com o equilíbrio visual da obra?*

Sim, a obra está organizada de forma visual bem equilibrada. Na parte analógica, as palavras-entrada são apresentadas em negrito e em caixa alta.

3.5. *Os verbetes são apresentados em ordem alfabética? Em ordem sistemática?*

Os verbetes são apresentados em ordem sistemática e alfabética. A organização macroestrutural foi dividida em 3 partes: I- parte sinóptica, II- parte analógica, III- parte alfabética. A parte sinóptica é formada pelo plano de classificação de ideias (cf. figura 29 – 5.3. *Ilustração da obra*, p. 117) e pelo quadro sinóptico de categorias. Esse plano está dividido em 38 categorias, as quais se subdividem em 2.000 grupos no quadro sinóptico de categorias, formados por grupos de palavras conceitualmente homogêneos. Inseridos nesses quadros, do lado direito das palavras, há as suas respectivas ideias contrapostas, as quais facilitam ao consulente fazer analogias que o leve a encontrar o lexema que deseja.

A Parte Analógica agrupa as palavras de acordo com divisões do plano de classificação de ideias e do quadro sinóptico de categorias, sendo que os 2.000 grupos de ideias afins estão apresentados em ordem alfabética e encabeçam os verbetes. Há grupos formados exclusivamente por sinônimos e também por outros tipos de relações. O autor agrupou variados lexemas em cada verbete, a fim de ter a obra bem abrangente, de modo que facilitasse a conexão entre grupos afins, possibilitando o contato entre facetas que apresentam maior analogia.

No interior de cada verbete, os lexemas são apresentados separados por categorias gramaticais, na ordem, a saber: substantivos, verbos, adjetivos, advérbios, preposições, interjeições (cf. figura 30 – **5.3. Ilustração da obra**, p. 118). As locuções e as frases figuradas são incluídas na categoria gramatical a que suas funções correspondem.

A ordem de organização dos substantivos traz respectivamente: sinônimos, aumentativos e diminutivos, depreciativos, coletivos, nomes que designam partes de uma coisa. Quando uma série de substantivos aparece divididos em seções separadas por espaços em branco, esse modo de organização serve para mostrar que os substantivos dessa seção têm mais afinidade com os restantes da mesma série.

Em seguida, estão os verbos, que podem ser transitivos, intransitivos e reflexivos. Depois dos verbos, há os substantivos que representam a ação e os efeitos dos verbos, nomes de agente, de lugares em que atuam e dos instrumentos utilizados. Há a separação entre os verbos que têm por sujeito uma pessoa e os verbos cujo sujeito é uma coisa (animal, objeto, etc). Depois dos verbos, podem aparecer os substantivos que denotam agentes, lugares em que atuam e os instrumentos que utilizam.

Com relação à organização dos adjetivos, os que se referem ao sujeito são separados dos que correspondem ao objeto. Contudo, nem todos os grupos possuem todos os itens enumerados acima, pois poucos são tão completos.

Para economizar espaço são omitidos: aumentativos e diminutivos de formação regular; advérbios terminados com o sufixo – mente, que não tem aceção especial, derivados e compostos formados ocasionalmente. Uma determinada palavra pode aparecer em várias seções de um grupo quando possui diferentes aceções ou categorias gramaticais.

A parte alfabética contém lexemas em ordem alfabética e suas respectivas definições, assim como nos dicionários de língua comum. O que essa parte tem de especial, com relação aos outros dicionários de língua comum, é que serve como índice da parte analógica. Todas as palavras, locuções, frases registradas na parte alfabética, bem como suas diversas aceções, remetem aos grupos analógicos em que cada uma delas se encontra.

3.6. *A obra contempla uma só língua? Mais de uma?*

O dicionário é apenas de língua espanhola.

3.7. *O formato do dicionário ou vocabulário permite manuseio prático e fácil?*

O dicionário possui 1.444 páginas, é grosso e de tamanho médio. As diferentes partes são separadas por uma folha de papel cartão de cor preta, o que facilita o percurso do consulente.

3.8. *A obra está editada em suporte informatizado?*

Não.

3.9. *A qualidade do acabamento garante a sua durabilidade?*

Sim. A encadernação é resistente e a capa do dicionário é feito de um papelão grosso, as folhas são de boa qualidade.

3.10. *O sistema de abreviações e de símbolos aparece corretamente no corpo do texto?*

O sistema de abreviações e de símbolos aparece corretamente no corpo do texto. Na subseção **instruções**, o autor explica com detalhes os símbolos presentes na obra. Os asteriscos anteriores às palavras servem para remeter da parte alfabética para a parte analógica e podem preceder indistintamente os substantivos, os adjetivos e os verbos. Quando a expressão que serve de chave é formada por mais de um lexema, há asterisco antes primeira palavra e depois da última. Se uma palavra-entrada antecedida por um asterisco possui mais de uma acepção, a acepção que indica a remissão feita pelo asterisco é marcada pelo uso do símbolo (→). Podemos notar que o autor, além de ter adotado os símbolos e ter estabelecido às remissões, preocupou-se em indicá-las corretamente no corpo da obra.

3.11. *A obra possui ampla divulgação?*

Não é mencionado.

4. SOBRE O CONTEÚDO

4.1. *Há entradas que se referem a áreas de especialidade? Elas configuram de modo completo a área à qual se referem?*

Há algumas entradas que se referem a áreas de especialidade, de modo que não configuram de modo completo a área à qual se referem. Na parte alfabética, as áreas de especialidade são indicadas por meio de abreviaturas destacadas em negrito e presentes antes da acepção.

4.2. *Os verbetes apresentam:*

a) *categoria gramatical?*

Sim. Na parte alfabética, as categorias gramaticais são indicadas por meio de abreviaturas destacadas em itálico após as palavras-entrada.

b) *gênero?*

Sim. Na parte alfabética, os gêneros são indicados por meio de abreviaturas após as palavras-entrada.

c) *sinonímia?*

Sim. Na subseção **plano da obra**, há a informação de que os sinônimos são os primeiros a serem apresentados nos verbetes da parte analógica. Notamos que a relação de

sinonímia não é indicada no corpo do dicionário.

d) variante(s) da entrada?

Não.

e) variante(s) da definição?

Não.

f) há emprego de marcas de uso? Como se classificam?

Sim. As marcas de uso são apresentadas por meio de abreviaturas e coincidem com as marcas de usos propostas por Strehler (1997, p. 73-81), na obra em análise são encontradas marcas estilísticas, temporais, de frequência, de linguagens de especialidade.

h) indicação de área ou subárea de especialidade?

Sim. Na parte alfabética, por meio de abreviaturas iniciadas por letra maiúscula e em itálico, há indicação de áreas de especialidade, tais como: antropologia, biologia, botânica, embriologia, medicina, paleontologia, patologia, religião, entre outras. Tanto a área quanto a subárea de especialidade são marcadas, como, por exemplo, a Medicina (Med.) e a Patologia (Pat.), matemática (Mat.) e álgebra (Alg.).

i) contexto? (exemplo ou abonação?)

Não.

j) equivalente(s)?

Não.

k) formação da palavra?

Não.

l) indicação de pronúncia?

Não.

m) origem?

Na maioria dos casos, não indica a origem dos lexemas, apenas há essa indicação para as palavras latinas, marcadas por meio da abreviatura lat.

n) etimologia?

Não.

o) divisão silábica?

Não.

p) remissivas úteis entre conceitos?

Remissivas indicadas por meio da abreviatura V. e por meio de asteriscos, as quais são úteis e evidenciam as redes léxico-semânticas entre as unidades linguísticas relacionadas entre si, de modo que dispensa a repetição desnecessária de definições.

q) *fontes?*

Não.

r) *notas?*

Não.

4.3. *A definição é constituída de um enunciado de uma só frase?*

Nas páginas introdutórias, o autor explica que a definição indica o gênero próximo e a última diferença, o que permite identificar convenientemente a coisa definida, pois em toda definição está implícito o resultado de uma classificação anterior.

4.4. *A definição leva em conta o nível de discurso do usuário?*

Sim. A definição é compreensível aos diversos consulentes.

5. **SOBRE A EDIÇÃO E PUBLICAÇÃO**

5.1. *Recomenda-se a edição e a publicação da obra?*

A obra é uma ótima fonte que pode contribuir para o enriquecimento vocabular do consulente.

5.2. *Quais serão os principais pontos de difusão da obra?*

Não é mencionado.

5.3. *Ilustração da obra*

PLAN GENERAL DE LA CLASIFICACIÓN IDEOLÓGICA

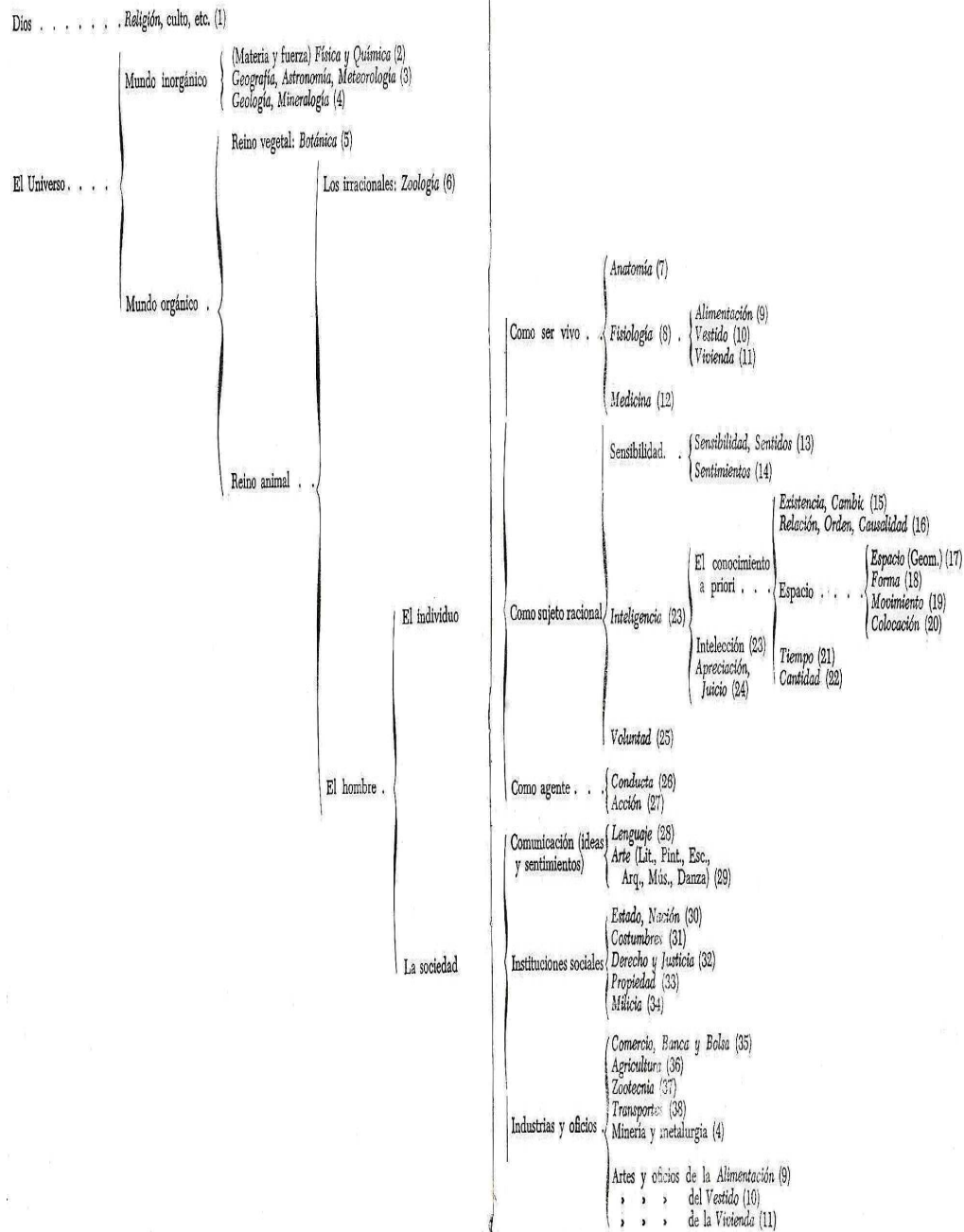


Figura 29: Plano de clasificación de ideas de Casares (1941)
 Fonte: (CASARES, 1941, p. XXXV).

DELICADO

DENSIDAD

<p>tierno gachón pamplinoso pamplinero remilgado dengoso denguero niquitoso monero mitotero alcorzado menino fufi que mesingo</p> <p>descontentadizo malcontentadizo exigente sibarita escolimoso esquilimoso ridículo impertinente irritable sentido susceptible picañoso picañón quejicoso quejilloso cosquilloso caramiloso puntilloso puntoso puntoso repeloso regañón duplicente pellilloso quisquilloso vidrioso asqueroso ascoso desabrido</p> <p>delicadamente regaladamente muellemente melifluamente abemoladamente primorosamente puldamente como peras en ta- baque remilgadamente</p> <p>[huy!]</p> <p>—</p> <p>DELICADO (V. <i>Delicadeza</i>)</p> <p>—</p> <p>DELINCUENTE (V. <i>Delito</i>)</p> <p>—</p> <p>DELINEACION (V. <i>Dibujo</i>)</p> <p>—</p> <p>DELINEAR (V. <i>Dibujo</i>)</p> <p>—</p> <p>DELIRAR (V. <i>Locura</i>)</p> <p>—</p> <p>DELITO (32)</p> <p>delito falta incumplimiento injusticia infracción pecado</p>	<p>crimen atentado exceso demasia deformidad cusidelo delito notorio » flagrante tentativa conato</p> <p>circunstancia » agravante nocturnidad premeditación dolo » malo alevosia [za abuso de confian- » de superio- ridad reincidencia despoblado en cuadrilla menosprecio allanamiento de morada escalamiento escalo parentesco vagancia</p> <p>circunstancia exi- » mente imprudencia defensa locura</p> <p>circunstancia aten- » tante [cañón arrebato y obce- intención amenaza borrachera</p> <p>delincuencia codelincuencia culpa criminalidad complicidad</p> <p>derecho penal » criminal criminología correcionalismo mero imperio enjuiciamiento sentencia castigo expiación extradición</p> <p>cuero del delito » de delito ficha antropomé- trica huellas dactilares</p> <p>delinquir perpetrar cometer incurrir reñiditir consumar infringir violar contravenir atentar encubrir receptor ofender calumniar matar robar estafar malversar desfalcar expender prevaricar premeditar arrogarse</p>	<p>usurpar confesar negar</p> <p>delinquimiento perpetración implicación encubrimiento delito de lesa ma- jestad crimen de lesa majestad (traición, etc. V. <i>Deslealtad</i>) alta traición piratería conspiración conjuración conjura desacato desobediencia rebelión rebeldía perturbación blasfemia falsedad subrepción obrepcción falsificación perjuicio fullería denegación de auxilio</p> <p>prevaricación malversación peculado prevaricato baratería depredación concusión soborno</p> <p>aborto lesión grave [ve » menos gra- golpe herida muerite (violenta) desafío</p> <p>deshonestidad adulterio violación estupro rapto</p> <p>ofensa afrenta calumnia amenaza</p> <p>robo receptación peculado estafa contrabando usurpación imprudencia te- meraria</p> <p>delincuente indiciado criminal cometedor agraviador infractor transgresor traspasador receptor hechor malhechor maleante facineroso forajido apache</p> <p>autor cómplice codelincuento coorreo</p>	<p>consorte encubridor receptor perista polinche garitero capa guardacapas abrigador reincidente</p> <p>agresor asesino enemigo vulnerable sacamantecas bandolero bandido [dos capitán de bandi- ladrón incendiario quemador petrolero prevaricador malversador concusionario expendedor</p> <p>reo rea acusado inculpado procesado criminoso penado penante reo de Estado doble rematado [luz forzado de disciplinante de siervo de la pena lapso convicto confeso confidente inconfeso</p> <p>criminalista correcionalista</p> <p>delictivo delictuoso punible reprensible penal criminal criminoso alto frustrado encubierto obrepcción</p> <p>mixti fori en flagrante en fragante in fraganti en cuadrilla</p> <p>—</p> <p>DEMÉRITO (V. <i>Mercimiento</i>)</p> <p>—</p> <p>DEMONIO (1)</p> <p>demonio demoñojo demoñuelo demonche diablo diabla diablesa diablillo diablero</p>	<p>diaño dianche mengue enemigo tentador espíritus serpiente el malo el pecado ángel de tinieblas » malo enemigo malo diablo cojuelo familiar espíritu inmundo » maligno » infernal demonio incubo » súcubo</p> <p>lucifer luzbel belcebú satanás satán ayacúa pateta patillas mandinga candinga cachano catete mefistófeles anticristo antecristo leviatán cachidiablo larvas lemures</p> <p>demonología demonografía demonolatria diablismo ocultismo infierno</p> <p>endemoniar espiritar endiablarse [blo revestirse el dia-</p> <p>desendemoniar desendiablarse exorcizar conjurar</p> <p>pacto obsesión demonomania demoniomania conjuro exorcismo</p> <p>endemoniado endiablado poseído poseo energúmeno arrepticio</p> <p>exorcista exorcizante</p> <p>diabólico diabesco demoniaco satánico luciferino mefistofélico</p> <p>diabólicamente</p> <p>—</p> <p>DEMOSTRA- CIÓN (V. <i>Manifestación</i>)</p> <p>—</p>	<p>DENEGAR (V. <i>Negativa</i>)</p> <p>—</p> <p>DENSIDAD (2)</p> <p>densidad cohesión dureza maciez consistencia condensación concentración cuerpo crasitud espesor trabazón viscosidad compactibilidad compacidad turbiedad obscuridad continuidad tupa compresión condensabilidad pelmazo hebra areometría</p> <p>condensar espesar encrasar engrosar encerrar trabar batir dar cuerpo</p> <p>apelmazar desmullir apretar tupir compactar</p> <p>aglutinarse coagularse poderse cortar hacer madeja hacer hebra</p> <p>areómetro densímetro aerómetro pesalicores pesaliches galactómetro lactómetro</p> <p>condensador condensante condensativo espesativo</p> <p>denso compacto macizo sólido pesado impenetrable espeso tupido consistente mazacote mazorra caliginoso viscoso pegajoso (pastoso, etc. V. <i>Pasta</i>) (grasiento, etc. V. <i>Grasa</i>) condensable compatible</p> <p>densamente macizamente</p> <p>—</p>
---	---	---	---	--	--

Figura 30: Exemplo da estrutura da obra de Casares (1941)
Fonte: (CASARES, 1941, p. 127).

4.2.5 Dicionários analógicos do português: Spitzer, 1936; Bivar, 1948; Azevedo, 1950; Florenzano, 1961.

A) Spitzer, 1936.

- Título: *Dicionário analógico da língua portuguesa: tesouro de vocábulos e frases da língua portuguesa*
- Autor: Carlos Spitzer, S. J.
- Editora/data: Editora Globo/1936
- Local de publicação: Porto Alegre

1. SOBRE O AUTOR

1.1. *Trata-se de pessoa reconhecida na área de dicionarística ou de terminologia?*

Tornou-se conhecido após a publicação de sua obra, que foi o primeiro dicionário analógico de Língua Portuguesa.

1.2. *Fez parte de grupo de pesquisa da área de dicionarística ou de terminologia?*

Não é mencionado.

1.3. *Qual a formação acadêmica do autor principal e dos participantes do grupo de pesquisa?*

O autor fez curso de teologia e de filosofia.

1.4. *Qual a profissão exercida na época da publicação da obra em análise?*

A obra foi publicada quatorze anos após a morte do autor.

2. SOBRE A APRESENTAÇÃO DA OBRA PELO AUTOR

2.1. *Há introdução na qual apareçam claramente:*

a) *os objetivos da obra?*

Nas páginas introdutórias, na seção **finalidade da obra**, há o esclarecimento de que o objetivo do dicionário é fornecer um apanhado global, racionalmente distribuído da língua portuguesa; dar palavra ou locução que é ignorada ou que desapareceu da memória; evitar repetição de palavra e impropriedades resultantes do desconhecimento de inúmeros vocábulos e das locuções analógicas, sinonímicas e antonímicas; obrigar o escritor que procura uma palavra ou locução a percorrer o grupo analógico das que ele imagine que sejam associadas

por ligação ideológica.

b) o público para o qual o conteúdo se dirige?

Nas páginas introdutórias, na seção **finalidade da obra**, há o esclarecimento de que:

o Dicionário Analógico da L. P. se destina primeiramente a todos os escriptores, a todos os que manejam a penna, como jornalistas, oradores, conferencistas e estudantes; em segundo logar aos curiosos, estudiosos, apaixonados do nosso idioma, que encontrarão na sua leitura ocasião de enriquecer e augmentar os conhecimentos tanto da língua como das ideas: cada novo termo entendido e apprendido traz nova idea.

c) as informações sobre como consultar o dicionário ou vocabulário?

Nas páginas iniciais, há bibliografia do autor, informações sobre a obra e o seu manuseio. Sptizer explica com detalhes como a obra pode ser consultada.

d) referências à bibliografia de onde foi extraído o corpus?

Não.

2.2. Há bibliografia de consulta justificada pelo autor?

Não. Apesar da semelhança entre o plano de classificação e o quadro sinóptico de categorias do Thesaurus de Roget (1852), o autor não menciona ter se baseado no modelo desse thesaurus.

3. SOBRE A APRESENTAÇÃO MATERIAL DA OBRA

3.1. Há prefácio redigido por personalidade reconhecida na área de dicionarística? Científica, técnica?

Não há prefácio.

3.2. A família tipográfica empregada é adequada à faixa etária do usuário?

Sim. O tipo e o tamanho da fonte, o espaçamento entre linhas são adequados à faixa etária do usuário.

3.3. As ilustrações, se houver, estão adequadas à microestrutura informacional?

Não há ilustrações.

3.4. A utilização de negrito, de itálico e de outros recursos gráficos está de acordo com o equilíbrio visual da obra?

As palavras-entrada e as categorias gramaticais são indicadas em negrito de forma padronizada. Nos verbetes, há lexemas entre parênteses e em itálico, mas o autor não indicou os critérios que fizeram com que os lexemas fossem organizados dessa forma. Além disso, o recurso gráfico utilizado para separar os verbetes são traços e colunas. Em alguns casos, o alinhamento da classe gramatical vem deslocada com relação às demais, essa formatação é desnecessária e não é coerente.

3.5. Os verbetes são apresentados em ordem alfabética? Em ordem sistemática?

O verbete é estruturado em ordem sistemática, em conformidade com o número classificatório. Nos verbetes, os lexemas são separados por categoria gramatical, os que pertencem à mesma classe gramatical são separados pelo uso da vírgula. A obra é composta por plano de classificação (cf. figura 31 – **5.3. Ilustração da obra**, p. 117), quadro sinóptico de categorias, parte analógica e índice remissivo. O plano de classificação é constituído pela divisão de ideias gerais em 6 classes, as quais foram subdivididas em 39 seções. As seções possuem os números correspondentes, que chamamos de numeração classificatória. As ideias gerais são reduzidas e sintetizadas no Plano de Classificação. Esse plano é constituído por um plano científico de categorias filosóficas e funciona como uma diretriz geral da obra, posto que as demais partes se subordinam a sua classificação. O quadro sinóptico de categorias é formado pelo detalhamento da divisão feita no plano de classificação, de modo que apresenta as seções subdivididas em 688 subcategorias. Cada subcategoria do quadro sinóptico é a palavra-entrada de um verbete e possui um número classificatório correspondente. O índice remissivo indica o número correspondente a cada grupo de palavras que expressam uma ideia ou as relacionadas a esta. No dicionário, o autor se propôs a colecionar todas as palavras e locuções da língua portuguesa, não dicionarizando alfabeticamente, partindo das palavras para as ideias, mas associando-as pelo liame ideológico, partindo das ideias para as palavras e locuções (cf. figura 32 – **5.3. Ilustração da obra**, p. 118).

Na seção **título da obra**, encontramos a informação de que “a obra não associa pelo liame ideológico só as palavras e locuções analógicas (as que têm pontos de semelhança entre si), mas também as synonymicas (as que têm o mesmo sentido ou sentido aproximado) e as antonymicas (as que têm sentido oposto)”, o que nos permite compreender como os agrupamentos analógicos são feitos pelos verbetes.

3.6. A obra contempla uma só língua? Mais de uma?

A obra contempla a língua portuguesa.

3.7. O formato do dicionário ou vocabulário permite manuseio prático e fácil?

Sim. A obra é de tamanho médio, não muito grossa.

3.8. A obra está editada em suporte informatizado?

Não.

3.9. A qualidade do acabamento garante a sua durabilidade?

A encadernação é boa, mas a capa é feita por um papelão e por um tecido, que não são muito resistentes.

3.10. O sistema de abreviações e de símbolos aparece corretamente no corpo do texto?

A obra não possui lista de abreviaturas, no entanto, no corpo dos verbetes aparece a abreviatura ‘v.’ e as categorias gramaticais estão indicadas por abreviaturas.

3.11. A obra possui ampla divulgação?

A obra foi reimpressa várias vezes, principalmente de 1952 a 1958, pela mesma editora, alterando somente as mudanças ortográficas da língua portuguesa.

4. SOBRE O CONTEÚDO

4.1. Há entradas que se referem a áreas de especialidade? Elas configuram de modo completo a área à qual se referem?

Há entradas da área de especialidade, mas não configuram a área à que se referem de modo completo.

4.2. Os verbetes apresentam:

a) categoria gramatical?

Sim, os grupos analógicos de lexemas estão separados pelas categorias gramaticais substantivo, verbo e adjetivo, as quais são indicadas, respectivamente, por meio das abreviaturas.

b) gênero?

Em nenhuma parte do dicionário há indicação de gênero.

c) sinonímia?

O autor mencionou na apresentação da obra a presença de sinonímias na organização dos agrupamentos analógicos. Deduzimos que, em alguns casos, a sinonímia está marcada entre parênteses.

d) variante(s) da entrada?

Sim. As variantes da entrada são marcadas entre parênteses e em itálico.

e) variante(s) da definição?

Não.

g) há emprego de marcas de uso? Como se classificam?

Não.

h) indicação de área ou subárea de especialidade?

Não.

i) contexto? (exemplo ou abonação?)

Não.

j) equivalente(s)?

Não.

k) formação da palavra?

Não.

l) indicação de pronúncia?

Não.

m) origem?

Não.

n) etimologia?

Não.

o) divisão silábica?

Não.

p) remissivas úteis entre conceitos?

Sim. As remissivas são indicadas por meio da abreviatura V. e da numeração classificatória, as quais remetem a palavras relacionadas por analogia.

q) fontes?

Não.

r) notas?

Não.

4.3. A definição é constituída de um enunciado de uma só frase?

Não apresenta definição. O autor ressalta que seria bom para o consulente se tivesse as definições das palavras, mas isso não seria viável porque a obra se tornaria muito volumosa, o que dificultaria sua ampla divulgação.

4.4. A definição leva em conta o nível de discurso do usuário?

Não apresenta definição.

5. SOBRE A EDIÇÃO E PUBLICAÇÃO

5.1. Recomenda-se a edição e a publicação da obra?

Como a obra difunde aspectos da cultura brasileira da época, pode ser aperfeiçoada e reeditada com alterações. O plano de classificação e o índice não ajudam o consulente encontrar o que quer, por isso sugerimos que seja adotada outra forma de categorização. Muitos lexemas lexicografados no dicionário estão em desuso e poderiam ser retirados da obra. Além disso, será mais coerente adotar critérios para agrupar os lexemas afins, para que o consulente possa compreender a forma de organização da obra. Assim sendo, recomenda-se a edição e a publicação da obra desde que seja reformulada.

5.2. Quais serão os principais pontos de difusão da obra?

Não é mencionado. Apesar de estar esgotada na editora, no Brasil, pode ser encontrada em bibliotecas e em sebos.

5.3. Ilustração da obra

PLANO DE CLASSIFICAÇÃO

CLASSE.	SECÇÃO.	Numeros.			
I. <i>Relações-abstractas</i>	I. Existencia	1— 8			
	II. Relação	9— 24			
	III. Quantidade	25— 52			
	IV. Ordem	53— 69			
	V. Numero	70— 80			
	VI. Tempo	81—103			
	VII. Mudança	104—113			
	VIII. Causa	114—128			
II. <i>Espaço</i>	I. Em geral	129—139			
	II. Dimensões	140—176			
	III. Forma	177—195			
	IV. Moção	196—223			
III. <i>Materia</i>	I. Em geral	224—228			
	II. Anorganica	229—254			
	III. Organica	255—319			
IV. <i>Faculdade cognoscitiva</i>	I. Formação de idéas ..	I. Operação do entendimento em geral ...	320—321		
		II. Condição anterior a operação do entend.	322—332		
		III. Material para o raciocínio	333—341		
		IV. Processo do raciocínio	342—346		
		V. Resultado do raciocínio	347—358		
		VI. Extensão do pensamento	361—364		
		VII. Creador do pensamento	365—367		
	II. Comunicação de idéas	I. Natureza das idéas (Communicabilidade)	368—377		
		II. Modo de comunicação	378—392		
		III. Meio de comunicação	393—415		
		V. <i>Faculdade volitiva</i>	I. Vontade individual'	I. Vontade em geral ..	416—434
				II. Vontade prospectiva	435—484
				III. Vontade em acção ..	485—492
				IV. Vontade contrariada	493—506
V. Resultado da acção	507—512				
II. Vontade intersocial ..	I. Em geral		513—528		
	II. Em particular		529—535		
	III. Debaixo de condição		536—543		
	IV. Relação commutativa		544—567		
	VI. <i>Faculdade affectiva</i>		I. Em geral	568—574	
II. Pessoal		575—621			
III. Sympathica		622—641			
IV. Moral		642—674			
V. Religiosa		675—688			

Figura 31: Plano de classificação de ideias de Sptizer (1936)

Fonte: (SPTIZER, 1936, p. 12).

308. Unicolor — S. uma cõr, sin-
geleza na cõr.

V. ter uma cõr, ser unicolor.

A. unicolor, sem variedade de cõ-
res, sem listras, singelo.

queada, galinha d'Angola, leopardo, onça, pantera, jaguar, ovo
de tico-tico, arlequim, casaco de palhaço, e polichinelo; vestido
feito de amostras, coberta de remendos, mármore de cõr, jaspe,
ônix, mosaico, azulejo, embutido (*obra de*), xadrez, camaleão,
campão (*mármore*), gorgulho (*seixos*), ruão, gredelém: (*azul e*
vermelho), capirote (*boi com cabeça e pescoço de uma cõr*), cavalo
cabeça de moiro, cavalo moiro, pombinho, maculação, estrias,
tulipa, iridescência, madre-pérola, tartaruga.

V. ter muitas cõres variegadas, variegar, mosquear, tatuar, lis-
trar, enxadrezar, engradar, embutir peças de cõr diferente, co-
lorir, sarapintar, cambiar, mudar, variar as cõres, opaliscar, iri-
sar, mudar de cõres como camaleão, corar, descorar, riscar, azu-
lejar, esbater, matizar, enlaivar, estriar.

A. bi-tri-multicolor, multicolor, variegado, sarapintado, sarapan-
tão, policromo, branco e vermelho, suriverde, verde-negro, co-
mo arco-iris, nas cõres do arco-iris, mosqueado, tatuado, riscado,
listrado, com riscas, listras, esmaltado, esbatido, azulejado, em
xadrez, cambiante, matizado, como camaleão, embutido de, furta-
cor, versicolor, iriado, pedrês, enlaivado, laivo, pedrado, acatasso-
lado (*cambiante*), catassol (*furta-cor*), atavanado, di-tri-cro-
miático, Calidoscópico, opalino, iridescente, nacarado, pombinho,
com veios, loiros.

310. Branco (v. 312) — S. bran-
cura, branquidão, alvura, albor, pó de
arroz, alvaiade, giz, neve, gélo, gea-
da, alabastro, marfim, leite, papel,
prata, caladura, branquejo, bandeira
branca, arroz, farinha, mármore, can-
dura, branca (*can.*), branquearia, ros-
tinho de tauria, albificação, estiola-
ção, leite virginal (*cosmético*).

V. branquear, branquejar, alvejar,
caiar, pintar de branco, cobrir de pó,
cobrir de pó de arroz, enfarinhar,
dealbar, curar, corar brancento, jas-
pear, embranquecer, polvilhar, tau-
xiar, estiolar, pratear, esbranquiçar.

A. branco, pálido, alabastrino,
ebúrneo, cõr de leite, alvo, alvinitente,
branco como pomba, puro, níveo,
cândido, fulo (*pálido*), branqueador,
arminado (*ter armin.*), malha (*branca*
no rosto), ralbalvo, argentino, exalvi-
gado.

309. Variegado; multicolor — S.
variedade de cõres, policromia, ma-
tiz, cambiante, arco-iris, borboleta,
beija-flor, colibri, roda de pavão, pa-
pagaio, alazão, zebra, tigre, pele mos-

311. Prêto (v. 313) — S. pretidão,
pretura, negridão, negrura, tinta pre-
ta, azeviche, cõr preta, carvão, éba-
no, creiom, fuligem, graxa preta para
sapatos, bitume, piches, alcatrão, pez,
basalto, asfalto, murzelo, negro. prê-
to, africano, melanose, melasicterícia,
melasma, carocho, carocha, sumagre,
sópia, tinta da China (*bastão*), ferrão
(*de silva*), melaina (*pigmento dos*
negros), nigrificação, enfuscação.

V. negrojar, tsnar, denegrir, ene-
greecer, calcinar, escurecer, pintar de
prêto, de piche, cobrir de fuligem,
tingir de prêto, sumagrar, ensuma-
grar.

A. prêto, negro, tsnado, queimado,
negrejante, prêto como carvão, cõr de
azeviche, tenebroso, escuro, cõr de
ébano, olhinegro, sombrio, fuliginoso.

Figura 32: Exemplo da estrutura da obra de Sptizer (1936)
Fonte: (SPTIZER, 1936, p. 12).

B) Bivar (1948)

- Título: *Dicionário Geral e Analógico da Língua Portuguesa*
- Autor: Artur Bivar
- Editora/data: Ed. Ouro/1948.
- Local de publicação: Portugal

1. SOBRE O AUTOR**1.1. *Trata-se de pessoa reconhecida na área de dicionarística ou de terminologia?***

Tornou-se conhecido após a publicação de sua obra.

1.2. *Fez parte de grupo de pesquisa da área de dicionarística ou de terminologia?*

Não é mencionado.

1.3. *Qual a formação acadêmica do autor principal e dos participantes do grupo de pesquisa?*

Não há informação sobre a formação acadêmica do autor. Diversos especialistas contribuíram para o desenvolvimento da obra. Conforme consta na lista de colaboradores, foram consultados 25 profissões de diversas áreas, tais como: náutica, aviação, pescarias, biologia, zoologia, física, eletricidade e mecânica, botânica, agricultura, religião, mineralogia, música, desportos, etc.

1.4. *Qual a profissão exercida na época da publicação da obra em análise?*

O dicionário passou por vários longos anos de produção. Em uma primeira tentativa, a obra já estava quase concluída quando um incêndio na Universidade de Lovaina, na Bélgica, acabou com todo o trabalho de 15 anos. Perante um perseverante esforço, o autor retomou a produção, mas faleceu na época em que ele dava os últimos retoques no trabalho.

2. SOBRE A APRESENTAÇÃO DA OBRA PELO AUTOR**2.1. *Há introdução na qual apareçam claramente:*****a) *os objetivos da obra?***

Na seção **nota dos coordenadores**, há informação de que, com a obra, pretende-se atingir pelo menos as seguintes finalidades, por um processo de consulta ao alcance de todos: encontrar prontamente o vocábulo apropriado à ideia a traduzir; relacionar entre si as ideias afins e defini-las nos seus vários aspectos; concentrar o vocabulário de determinado assunto, seja de medicina, de náutica, de mecânica, de direito, de religião ou de qualquer outro ramo

de conhecimento ou atividade. No prefácio, Gaspar Machado menciona que a função principal do dicionário analógico em análise é sugerir a palavra que se desconhece, evocar a que não se lembra ou que se nega.

b) o público para o qual o conteúdo se dirige?

Gaspar Machado delimita o público-alvo para o qual a obra se dirige ao afirmar que:

O estudante de ciências físicas e naturais, de história e de filologia, encontra ali quadros e esquemas que lhes resumem páginas compactadas de exposição compendial. O artista colhe rapidamente informações precisas sobre um nome ou uma escola, o filósofo recorda ideias sobre um sistema; e para o filólogo a mina é inesgotável. Mas é, sobretudo, a composição que tira maiores vantagens, porque para o escritor é especialmente concebido um dicionário analógico.

c) as informações sobre como consultar o dicionário ou vocabulário?

Na seção **nota dos coordenadores**, há explicações sobre como a obra pode ser consultada. No prefácio, Gaspar Machado esclareceu que o processo de agrupamento dos lexemas utiliza a analogia – daí lhe vem o nome, a analogia de caráter semântico, dispondo em torno de uma ideia central todas as que lhe estão ligadas por conexão, quer dizer pelas relações de contiguidade espacial e temporal, de sinonímia e antonímia, de variação, de tantas outras cujos liames a psicologia estuda.

d) referências à bibliografia de onde foi extraído o corpus?

O Dicionário Contemporâneo, de Caldas Aulete e Santos Valente, e a Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, foram consultados, segundo esclarecimentos presentes na seção **nota dos coordenadores**.

2.2. Há bibliografia de consulta justificada pelo autor?

Não há justificativa para a consulta da bibliografia.

3. SOBRE A APRESENTAÇÃO MATERIAL DA OBRA

3.1. Há prefácio redigido por personalidade reconhecida na área de dicionarística? Científica, técnica?

O prefácio foi redigido por Gaspar Machado.

3.2. A família tipográfica empregada é adequada à faixa etária do usuário?

Sim, o tamanho e o tipo da fonte, o espaçamento entre letras e linhas são adequados.

3.3. As ilustrações, se houver, estão adequadas à microestrutura informacional?

Não há ilustrações.

3.4. A utilização de negrito, de itálico e de outros recursos gráficos está de acordo com o equilíbrio visual da obra?

Sim. As palavras-entrada estão indicadas em negrito, as categorias gramaticais, em

itálico. Há também outros lexemas em itálico, mas o autor não mencionou o critério que adotou para fazer essa marcação. No dicionário geral, as diferentes acepções de um mesmo verbete são indicadas por meio de um símbolo que é um traço.

3.5. *Os verbetes são apresentados em ordem alfabética? Em ordem sistemática?*

O dicionário é dividido em duas partes, sendo que a primeira possui o dicionário geral e a segunda, o dicionário analógico. Neste, os verbetes são apresentados em ordem sistemática e alfabética e naquele, em ordem alfabética. Na parte analógica, foi feita uma categorização das unidades linguísticas, a qual está presente no plano de classificação, que possui 4 partes, que são as categorias principais, a saber: noções gerais, matéria, matéria e espírito – o homem, espírito (cf. figura 33 – **5.3. *Ilustração da obra***, p. 125-131). Cada uma das categorias está dividida em capítulos, somando 38 capítulos no total, os quais estão subdivididos em 300 e 3 seções. O detalhamento dessa classificação é feito no corpo do dicionário analógico no quadro sinóptico de categorias, o qual não está presente no início da obra, mas sim distribuído no início de cada parte. O quadro sinóptico é constituído por partes, capítulos, seções e lexemas. No dicionário analógico, esses lexemas são as palavras-entrada, as quais estão seguidas por lexemas afins, organizados em ordem alfabética, acompanhados por definições (cf. figura 34 – **5.3. *Ilustração da obra***, p. 132). No quadro sinóptico de categorias, cada lexema possui um número que indica a sua classificação, a qual serve para relacionar o dicionário geral ao analógico, pois esses números estão inclusos, em cada acepção, funcionando como um índice alfabético dos lexemas dos agrupamentos analógicos e a via mais eficaz para chegar até eles. Os coordenadores acentuaram que não houve da parte do autor a preocupação de apresentar uma sistematização filosófica ou científica, mas sim uma classificação prática, acessível ao maior número de pessoa e, por isso mesmo, de fácil compreensão.

3.6. *A obra contempla uma só língua? Mais de uma?*

Por ser um dicionário monolíngue, contempla apenas a língua portuguesa.

3.7. *O formato do dicionário ou vocabulário permite manuseio prático e fácil?*

A obra possui a configuração volumosa, compostas por 3 grandes e grossos volumes, o que dificulta o seu manuseio.

3.8. *A obra está editada em suporte informatizado?*

Não.

3.9. *A qualidade do acabamento garante a sua durabilidade?*

Sim, a capa é feita por um papelão grosso e resistente, no entanto, como a obra é muito volumosa, a encadernação é fácil de descolar com o uso intenso.

3.10. O sistema de abreviações e de símbolos aparece corretamente no corpo do texto?

Sim. Há uma lista com 4 páginas de abreviaturas, no corpo do dicionário, encontramos abreviaturas destacadas em itálico.

3.11. A obra possui ampla divulgação?

A obra não possui ampla divulgação, por ser muito volumosa.

4. SOBRE O CONTEÚDO

4.1. Há entradas que se referem a áreas de especialidade? Elas configuram de modo completo a área à qual se referem?

A obra cobre de forma exaustiva diversas áreas de especialidade.

4.2. Os verbetes apresentam:

a) categoria gramatical?

Sim. No dicionário geral, cada palavra-entrada possui sua respectiva categoria gramatical, indicada por meio de abreviatura destacada em itálico. No dicionário analógico, em cada lexema, que compõe o agrupamento de ideias afins, há a indicação da sua categoria gramatical, no entanto, a classe gramatical das ideias centrais, que encabeçam os verbetes, não são indicadas.

b) gênero?

Sim. No dicionário geral, o gênero é indicado por meio de abreviatura destacada em itálico. No dicionário analógico, em cada lexema, que compõe o agrupamento de ideias afins, há a indicação do gênero, no entanto, não há a marcação do gênero das ideias centrais, que encabeçam os verbetes.

c) sinonímia?

Embora no prefácio esteja informado a ocorrência de sinonímias, no corpo do dicionário, não são indicadas.

d) variante(s) da entrada?

Não.

e) variante(s) da definição?

Não.

f) existem critérios para distinguir homonímia de polissemia? Quais?

Não.

g) há emprego de marcas de uso? Como se classificam?

Sim. As marcas de uso são indicadas apenas no dicionário geral por meio de abreviaturas em itálico.

h) indicação de área ou subárea de especialidade?

Há indicação da área de especialidade por meio de abreviaturas destacadas em itálico logo depois da entrada, antes da definição.

i) contexto? (exemplo ou abonação?)

Não.

j) equivalente(s)?

Não, o dicionário é monolíngue.

k) formação da palavra?

Não.

l) indicação de pronúncia?

Não.

m) origem?

Não.

n) etimologia?

Sim. Na seção nota dos coordenadores, há o esclarecimento de que o dicionário a princípio teria 3 partes geral, analógica e etimológica, mas esta última não pode ser concluída devido ao falecimento do autor. Para aproveitar a recolha dos estudos etimológicos que o autor já havia feito, foram incluídos na parte do dicionário geral. Nem todas as entradas apresentam as informações etimológicas, e várias dessas informações não são muito confiáveis, como, por exemplo, no verbete **aba**, em que aparece a seguinte informação entre parênteses “Étimo muito duvidoso: lat. *alapa*? esp. *alabeo*? ar. *aba*?”), nem o autor sabia o que é correto.

o) divisão silábica?

Não.

p) remissivas úteis entre conceitos?

Sim, no dicionário geral, são indicados os grupos analógicos relacionados às palavras-entrada por meio das remissões feita pelos números classificatórios.

q) fontes?

Não.

r) notas?

Não.

4.3. A definição é constituída de um enunciado de uma só frase?

Sim. Há definições breves tanto no dicionário geral quanto no analógico, as quais são acompanhadas de sinônimos, hiperônimos, antônimos, entre outros.

4.4. *A definição leva em conta o nível de discurso do usuário?*

Sim. Apesar de ter várias definições da área de especialidade, são compreensíveis aos diversos consulentes.

5. SOBRE A EDIÇÃO E PUBLICAÇÃO

5.1. *Recomenda-se a edição e a publicação da obra?*

Em consonância com a afirmação de Gaspar Machado ao declarar que “grande será a dívida de reconhecimento da cultura portuguesa para com autor deste Dicionário Geral e Analógicos”, pois a recolha vocabular que ele fez abrange as diversas áreas de especialidade e mostra aspectos culturais da sociedade da época. No entanto, como a primeira parte, que é o dicionário de língua comum, é composta por 2 volumes, sendo que cada deles possui cerca de 1.500 páginas, e a segunda parte, que é o dicionário analógico, possui cerca de 1800 páginas, não é vantajoso republicar a obra, a menos que seja reduzida. Acrescentemos que a obra está sobrecarregada de terminologia, que é desnecessária ao consulente de língua comum. Além disso, o sistema de categorização é bastante complexo, precisa de ser repensado.

5.2. *Quais serão os principais pontos de difusão da obra?*

A obra não teve sequência editorial por ser muito volumosa, característica que dificultou o seu manuseio, devido à ocorrência de terminologias técnicas e científicas.

5.3. *Ilustração da obra*

Plano da classificação do «dicionário analógico»

1.ª Parte — NOÇÕES GERAIS

Cap. I — EXISTÊNCIA

- Sec. I — Generalidades — 1
 " II — Acontecimento — 12
 " III — Modificações na existência — 26
 " IV — Causalidade — 51
 " V — Finalidade — 63

Cap. II — RELAÇÃO E ORDEM

- Sec. I — Relação — 100
 " II — Ordem — 125

Cap. III — UNIÃO — 200

Cap. IV — QUANTIDADE

- Sec. I — Generalidades — 300
 " II — Porção — 307
 " III — Aumento, abundância e excesso — 312
 " IV — Diminuição e carência — 327
 " V — Peso e pressão — 333

Cap. V — ESPAÇO

- Sec. I — Generalidades — 400
 " II — Posição — 407
 " III — Dimensões:
 A Generalidades — 413
 B Comprimento, largura e altura — 416
 C Distância — 422
 D Superfície — 429
 E Volume — 436
 Sec. IV — Forma:
 A Generalidades — 442
 B Formas lineares — 454
 C Formas de superfície — 464

D Formas várias — 488

E Alterações de formas — 490

- Sec. V — Acondicionamento e revestimento — 503
 " VI — Localização:
 A Generalidades — 508
 B Designações comparativas — 510
 C Suporte — 511
 D Situação e relações de lugar — 533

Cap. VI — TEMPO

- Sec. I — Generalidades — 600
 " II — Duração — 615
 " III — Divisões — 634

Cap. VII — MOVIMENTO

- Sec. I — Generalidades — 700
 " II — Ausência de movimento — 705
 " III — Parar e conter — 708
 " IV — Rapidez e lentidão — 710
 " V — Direcção e mudança de direcção — 717
 " VI — Movimento contrariado — 725
 " VII — Formas de movimento:
 A Indiscriminadas — 727
 B Andar e viajar — 739
 C Aproximação e afastamento — 753
 D Movimento para a frente — 767
 E Movimento para trás — 772
 F " " cima — 774
 G " " baixo — 778
 H " " dentro — 790
 I " " fora — 805
 J " " circulatório — 815
 L Movimento através e para além de — 822
 M Movimento oscilatório — 826

2.ª Parte — MATÉRIA

Cap. I — MATÉRIA EM GERAL

- Sec. I — Generalidades — 900
 " II — Corpo e sua composição — 903
 " III — Estados — 907
 " IV — Mudanças de estado — 924

- Sec. V — Propriedades:
 A Gerais — 932
 B Dos sólidos — 946
 C " fluidos — 956
 Sec. VI — Qualidades:
 A Generalidades — 963

- B Boas — 955
- C Más — 976
- D Estéticas — 983
- E Limpo e sujo — 992

Cap. II — CRISTALOGRAFIA — 1050

Cap. III — SOM

- Sec. I — Generalidades — 1100
- " II — Espécies de som — 1107
- " III — Vozes — 1119
- " IV — Silêncio — 1129

Cap. IV — LUZ

- Sec. I — Generalidades — 1203
- " II — Iluminação — 1214
- " III — Sombra e escuridão — 1220
- " IV — Óptica — 1224
- " V — Fotografia — 1242

Cap. V — COR

- Sec. I — Generalidades — 1250
- " II — As cores — 1263

Cap. VI — CALOR

- Sec. I — Generalidades — 1300
- " II — Combustão — 1315

Cap. VII — ELECTRICIDADE E MAGNETISMO — 1350

Cap. VIII — QUÍMICA

- Sec. I — Generalidades — 1400
- " II — Operações químicas — 1407
- " III — Elementos — 1411
- " IV — Ligas metálicas — 1454
- " V — Compostos minerais e orgânicos — 1457
- " VI — Química biológica — 1524
- " VII — Substâncias extraídas dos vegetais — 1530
- " VIII — Substâncias extraídas dos animais — 1531
- " IX — Química industrial — 1540

Cap. IX — MATÉRIA INORGÂNICA

Div. I — ASTRONOMIA

- Sec. I — Generalidades — 1600
- " II — Astros — 1605

Div. II — METEOROLOGIA

- Sec. I — Generalidades — 1650
- " II — Pressões atmosféricas — 1652
- " III — Ventos — 1655
- " IV — Evaporação e nuvens — 1650
- " V — Chuva, orvalho, gelo e saraiva — 1653
- " VI — Clima — 1670
- " VII — Influências climatéricas — 1676

Div. III — SÓLIDOS — A TERRA

- Sec. I — Orientação — 1700
- " II — A terra e o seu estudo — 1707

- Sec. III — Morfologia terrestre e fenómenos geográficos — 1720

" IV — Geologia:

- A Generalidades — 1739
- B Deformação da crosta terrestre — 1742
- C Movimento da crosta terrestre — 1744
- D Vulcanismo — 1746
- E Erosão — 1747
- F Alterações de rochas — Meteorismo — 1751
- G Estratigrafia — 1752
- H Pré-história — 1758
- I Paleontologia — 1759

Sec. V — Rochas:

- A Petrologia — 1760
- B Petrografia:
 - 1 — Generalidades — 1762
 - 2 — Rochas eruptivas — 1764
 - 3 — Rochas sedimentares — 1775
 - 4 — Rochas metamórficas — 1796

Sec. VI — Minerais:

- A Generalidades — 1800
- B Propriedades — 1803
- C Mineralogia específica — 1808
- D Jazigos minerais — 1852
- E Utilização dos minerais — 1856
- F Minérios:
 - 1 — Generalidades — 1863
 - 2 — Nomes — 1864
 - 3 — Minas — 1865

Div. IV — LÍQUIDOS

Sec. I — Líquidos em geral:

- A Generalidades — 1900
- B Líquidos em repouso — 1905
- C " " movimento — 1907
- D Máquinas hidráulicas — 1929
- E Hidrometria — 1953

Sec. II — Reservatórios — 1954

- " III — Quedas de água e nascentes — 1958
- " IV — Correntes de água — 1944
- " V — Portos — 1955
- " VI — Mar — 1958
- " VII — Saneamento — 1968

Div. V — GASES E VAPORES — 1990

Cap. X — MATÉRIA ORGÂNICA

Div. I — VIDA

Sec. I — Vida — 2000

" II — Doença:

- A Generalidades — 2100
- B Variedades — Tipos:
 - 1 — Generalidades — 2101
 - 2 — Perturbações funcionais — 2102
 - 3 — Alterações do metabolismo — 2107
 - 4 — Lesões anatómicas — 2111
 - 5 — Infecções — 2120
 - 6 — Doenças epidémicas e infecciosas — 2125
- C Causas — 2133
- D Sintomas — 2142
- E Transmissão — 2145
- F Terapêutica:
 - 1 — Generalidades — 2147

- 2 — Medicamentos — 2150
- G Medicina — 2167
- H " Veterinária — 2171
- I Cirurgia — operações — 2173
- J Radiografia
- L Curandeiro — 2175
- M Cura — 2176
- N Saúde — 2177
- Sec. III — Morte — 2180

Div. II — PLANTAS

- Sec. I — Generalidades — 2200
- " II — Divisões — 2202
- " III — A vida da planta — 2203
- " IV — Doenças — 2220
- " V — Partes das plantas — 2226
- " VI — A planta e o meio — 2315
- " VII — Plantas fósseis — 2326
- " VIII — Plantas úteis:
 - A Generalidades — 2327
 - B De boas madeiras — 2328
 - C Sobreiro e cortiça — 2333
 - D Alimentares — 2335
 - E Condimentares e estimulantes — 2361
 - F Tabaco e ópio — 2371
 - G De frutos comestíveis. Frutos — 2373
 - H Aromáticas — 2403
 - I Oleaginosas — 2406
 - J Industriais — 2409
 - L Medicinais — 2414
 - M Têxteis — 2424
 - N Taninosas — 2425
 - O Hortenses — 2426
 - P Tintórias — 2430
 - Q Ornamentais e trepadeiras — 2435
 - R Úteis à agricultura e silvestres — 2443
 - S Outras
- Sec. IX — Diversas — 2444
 - A Aquáticas — 2445
 - B Venenosas — 2445
 - C Patogênicas — 2447
 - D Parasitas — 2448

- Sec. X — Produtos de plantas — 2449
- " XI — Grupos naturais — 2450

Div. III — ANIMAIS

- Sec. I — Generalidades — 3000
- " II — Corpo — 3011
- " III — Tecidos — 3013
- " IV — Órgãos e funções:
 - A Generalidades — 3014
 - B Partes do corpo — 3016
 - C Apêndices — 3029
 - D Locomoção e seus órgãos — 3031
 - E Tegumento — 3041
 - F Nutrição e seus órgãos — 3043
 - G Glândulas e secreções — 3046
 - H Respiração e seus órgãos — 3047
 - I Circulação e seus órgãos — 3050
 - J Excreção e seus órgãos — 3055
 - L Reprodução e seus órgãos — 3058
 - M Sistema nervoso central — 3063
 - N Sistema nervoso periférico — 3064
 - O Sistema nervoso simpático — 3070
- Sec. V — Desenvolvimento — 3071
- " VI — Os animais e o meio — 3082
- " VII — Animais úteis:
 - A Generalidades — 3100
 - B Comestíveis — 3101
 - C Domésticos — 3120
 - D Agrícolas não domésticos — 3191
 - E Industriais — 3195
 - F Medicinais — 3202
 - G Aromáticos — 3204
 - H Ornamentais — 3206
- Sec. VIII — Animais nocivos:
 - A Generalidades — 3220
 - B Depredadores — 3221
 - C Patogênicos — 3228
 - D Agressivos — 3230
 - E Venenosos — 3244
 - F Vetores de agentes patogênicos
- Sec. IX — A caça — 3260
- " X — A pesca — 3272
- " XI — Grupos naturais — 3300

3.ª Parte — MATÉRIA E ESPÍRITO — O HOMEM

Cap. I — GENERALIDADES

- Sec. I — T. gerais — 3700
- " II — Designações segundo a idade — 3706
- " III — Designações segundo a constituição — 3711
- " IV — Designações segundo o aspecto — 3720

Cap. II — O CORPO HUMANO

- Sec. I — Generalidades — 3750
- " II — Partes do corpo:
 - A Cabeça — 3754
 - B Pescoço — 3802
 - C Tronco — 3805
 - D Membros — 3822

- E Aparelhos e sistemas — 3848
 - 1 — Aparelho digestivo — 3849
 - 2 — " respiratório — 3868
 - 3 — " circulatório — 3876
 - 4 — " urinário — 3885
 - 5 — " sexual — 3894
 - 6 — Sistema nervoso — 3907
 - 7 — Órgãos do movimento — 3917
 - 8 — Outros órgãos e sistemas — 3927
 - 9 — Pele — 3928
 - 10 — Glândulas — 3934

Cap. III — SENTIDOS

- Sec. I — Sensação — 4000
- " II — Vista — 4001

- Sec. III — Ouvido — 4022
 " IV — Olfato — 4024
 " V — Gosto — 4029
 " VI — Tacto — 4037

Cap. IV — IDEIAS

- Sec. I — Espírito — 4100
 " II — Inteligência — 4102
 " III — Deficiências e perturbações — 4111
 " IV — Elaboração de ideias:
 A Atenção, aplicação e prudência — 4124
 B Investigação — 4135
 C Percepção — 4142
 D Memória — 4143
 E Imaginação — 4148
 Sec. V — Raciocínio:
 A Formas — 4156
 B Resultados — 4165
 Sec. VI — Conhecimento — 4169
 " VII — Ciências — 4197
 " VIII — Filosofia — 4200
 " IX — Matemática
 A Generalidades — 4250
 B Número — 4252
 C Pesos e medidas — 4275
 D Aritmética — 4291
 E Conjuntos. Álgebra abstracta — 4305
 F Algoritmos de simetria. Análise combinatória. Determinantes — 4306
 G Álgebra — 4308
 H Geometria — 4315
 I Trigonometria — 4337
 J Geometria analítica — 4341
 L Geometria descritiva e projectiva — 4344
 M Análise infinitesimal — 4345
 N Probabilidades — 4352
 O Matemática aplicada — 4353

Cap. V — VONTADE

- Sec. I — Generalidades — 4400
 " II — Intenção — 4403
 " III — Deliberação — 4404
 " IV — Influência na vontade — 4417
 " V — Transigência e intransigência — 4422
 " VI — Coragem e persistência — 4445
 " VII — Responsabilidade — 4464
 " VIII — Afecções e ausência da vontade — 4468
 " IX — Desejo — 4472

Cap. VI — ACÇÃO

- Sec. I — Generalidades — 4500
 " II — Direcção e mando — 4517
 " III — Execução de funções — 4524
 " IV — Exemplo — 4538
 " V — Começo da acção — 4532
 " VI — Intensidade e meios de acção:
 A — Mecânica geral — 4538
 B — Meios de acção — 4547
 Sec. VII — Trabalho — 4557
 " VIII — Ritmo de acção — 4563
 " IX — Perfeição e validade da acção — 4565
 " X — Pedir, dar e receber — 4575
 " XI — Auxílio — 4585

- Sec. XII — Segurar e conservar — 4591
 " XIII — Outras acções — 4600
 " XIV — Resultado da acção — 4605
 " XV — Repetição da acção — 4611
 " XVI — Obstáculos à acção — 4614
 " XVII — Liberdade e coacção — 4624
 " XVIII — Provocação, ofensa e prejuízo — 4636
 " XIX — Violência e luta — 4649

Cap. VII — SENTIMENTOS E QUALIDADES DO HOMEM

- Sec. I — Sentimentos:
 A Sensibilidade — 4700
 B Amor e ódio — 4704
 C Ira e serenidade — 4730
 D Alegria e prazer — 4750
 E Tristeza, dor e consolação — 4765
 F Medo — 4787
 G Vergonha — 4795
 Sec. II — Moderação — 4797
 " III — Carácter — 4800
 " IV — Moralidade — 4804
 " V — Bondade e maldade — 4811
 " VI — Apresentação:
 A Aspecto — 4854
 B Modéstia e imodéstia — 4852
 Sec. VII — Valor pessoal — 4877
 " VIII — Apeço e entusiasmo — 4884
 " IX — Qualidades em relação a:
 A Sociabilidade:
 1 — Sociabilidade e cortesia — 4892
 2 — Respeito e protecção — 4910
 3 — Egoísmo — 4920
 B Divulgação — 4928
 C Acção — 4934

Cap. VIII — EXPRESSÃO E COMUNICAÇÃO DE IDEIAS E DE SENTIMENTOS

- Sec. I — Interpretação — 5000
 " II — Modos de comunicação
 A Chamar, perguntar e responder — 5005
 B Divulgação — 5010
 C Expor e indicar — 5041
 D Crítica e seus efeitos — 5053
 E Discussão e seus efeitos — 5081
 F Astúcia e manha — 5101
 Sec. III — Meios de comunicação
 A Sinal — 5120
 B Língua:
 1 — Generalidades — 5127
 2 — Línguas — 5145
 3 — Gramática — 5173
 4 — Oral — 5221
 5 — Gráfica — 5240
 C Transmissão à distância — 5450
 Sec. IV — Belas Artes:
 A Generalidades — 5290
 B Artes do espaço:
 1 — De superfície — 5297
 2 — De volume — 5320
 C Artes do tempo:
 1 — Literatura:

- a — Historia da literatura — 5336
- b — Géneros literários — 5340
- 2 — Música :
 - a — Generalidades — 5360
 - b — Ritmo — 5361
 - c — Teoria — 5369
 - d — Harmonia — 5379
 - e — Composição — 5383
 - f — Instrumentos — 5388
 - g — Vozes e cantos — 5407

Cap. IX — HOMEM EM SOCIEDADE

- Sec. I — Vida política :
 - A O Estado — 5500
 - B O governo — 5506
 - C Os serviços públicos — 5511
 - D Representação nacional — 5514
 - E Partidos políticos — 5519
- Sec. II — Território e urbanização — 5530
- " III — Jerarquia :
 - A Evolução cultural — 5538
 - B Classes sociais — 5542
- Sec. IV — Cargos :
 - A Desempenho de funções — 5555
 - B Superiores e subalternos — 5561
 - C Altas funções — 5567
 - D Magistrados clássicos — 5572
 - E Mando — 5575
- Sec. V — Relações familiares :
 - A Ramos familiares — 5579
 - B Casamento — 5588
 - C Estado civil — 5592
 - D Parentela — 5594
- Sec. VI — Vida em sociedade :
 - A Vida de relação — 5596
 - B Gregarismo — 5599
 - C Regras de bom tom — 5604
- Sec. VII — Grupo :
 - A Agrupamento — 5611
 - B Quantidade — 5616
 - C Agremiação — 5618
 - D Colecção — 5624
 - E Etnografia — 5627
- Sec. VIII — Povos e raças :
 - A Das raças em geral — 5635
 - B Dos povos em geral — 5638
 - C Povos da Europa — 5642
 - D Povos da Ásia — 5668
 - E Povos da África — 5690
 - F Povos das Américas — 5710
 - G Povos do Brasil — 5718
 - H Povos da Oceania — 5758

Cap. X — DISTRACÇÕES, JOGOS E DESPORTOS

- Sec. I — Generalidades — 5800
- " II — Festas — 5808
- " III — Espectáculos — 5810
- " IV — Danças — 5830
- " V — Jogos :
 - A Generalidades — 5840
 - B Jogos e competições — 5845
- " VI — Educação física — 5867

- A Jogos educativos — 5858
- B Ginástica — 5882
- C Desportos — 5886

Cap. XI — EXÉRCITO

- Sec. I — Generalidades — 6000
- " II — Organização militar — 6020
- " III — Estratégia — 6049
- " IV — Tática — 6057
- " V — Operações — 6051
- " VI — Balística — 6081
- " VII — Fortificações — 6085
- " VIII — Administração do Exército — 6093
- " IX — Serviços administrativos — 6099
- " X — Material de guerra — 6109
- " XI — Instalações militares — 6147
- " XII — Direito de guerra — 6154
- " XIII — Paz — 6157
- " XIV — O exército e a ordem pública — 6158
- " XV — Policiamento — 6159

Cap. XII — DIREITO

- Sec. I — Generalidades — 6200
- " II — Direitos e deveres — 6201
- " III — Lei — 6206
- " IV — Direitos das obrigações — 6213
- " V — Garantias — 6218
- " VI — Representação — 6219
- " VII — Pessoal — 6221
- " VIII — Processo — 6227
- " IX — Provas — 6235
- " X — Infracções — 6236
- " XI — Penas — 6246
- " XII — Tribunal — 6255

Cap. XIII — PROPRIEDADE

- Sec. I — Generalidades — 6301
- " II — Formas — 6305
- " III — Sujeito — 6308
- " IV — Direitos — 6301
- " V — Objecto — 6311
- " VI — Transferência de propriedade — 6317
- " VII — Utilização — 6357
- " VIII — Encargos da propriedade — 6370
- " IX — Garantias da propriedade — 6371

Cap. XIV — ECONOMIA E FINANÇAS

- Sec. I — Sentimentos de economia — 6400
- " II — Generalidades — 6404
- " III — Partes da economia — 6405
- Sec. IV — Escolas e doutrinas — 6405
- " V — Fenómenos económicos — 6407
- " VI — Valor — 6409
- " VII — Meios de produção — 6420
- " VIII — Meios de troca — 6423
- " IX — Comércio — 6455
- " X — Contabilidade — 6475
- " XI — Títulos de crédito — 6480
- " XII — Finanças — 6484
- " XIII — Finanças públicas — 6489

Cap. XV — ARTES, OFÍCIOS E INDÚSTRIAS

- Sec. I — Generalidades — 6550
 " II — Indústrias da argila e da areia — 6563
 " III — Artes e indústrias de metais — 6586
 " IV — Artes e indústrias da madeira — 6615
 " V — Indústrias do papel e do cartão — 6635
 " VI — Indústria do tabaco — 6640
 " VII — Indústria de preparação de peles — 6643
 " VIII — Outras artes, ofícios e indústrias — 6650

Cap. XVI — AGRICULTURA

- Sec. I — Generalidades — 6700
 " II — Edifícios agrícolas e construções rurais — 6701
 " III — Pessoal — 6703
 " IV — Máquinas, ferramentas e utensílios — 6704
 " V — Terrenos — 6709
 " VI — Adubação — 6717
 " VII — Cultivo:
 A Generalidades — 6718
 B Preparação da terra — 6719
 C Cultura das plantas — 6724
 Sec. VIII — Colheita, preparação e conservação dos produtos agrícolas — 6738
 Sec. IX — Produtos secundários das plantas — 6745
 Sec. X — Culturas especiais e indústrias respectivas:
 A Generalidades — 6747
 B De cereais — 6748
 C Do linho — 6752
 D Do vinho — 6755
 E Do azeite — 6777
 F Do açúcar — 6782
 G De plantas silvestres — 6785

Cap. XVII — ALIMENTAÇÃO

- Sec. I — Generalidades — 6800
 " II — Preparação de alimentos — 6813
 Sec. III — Alimentos:
 A Generalidades — 6820
 B Comidas — 6822
 C Bebidas — 6860
 Sec. IV — Refeições — 6875

Cap. XVIII — TECIDOS, VESTUÁRIO E CALÇADO

- Sec. I — Tecidos e seu fabrico:
 A Fabrico — 6900
 B Tecidos — 6908
 Sec. II — Costura — 6921
 " III — Roupas — 6935
 " IV — Vestuário e calçado:
 A Generalidades — 6938
 B Peças de vestuário — 6951
 C Partes das peças de vestuário — 6985
 D Calçado e meias — 6990
 Sec. V — Adereços e adornos — 7002
 " VI — Vestuário antigo — 7011

Cap. XIX — CONSTRUÇÃO CIVIL E RECHEIO DA CASA

Div. I — ARQUITECTURA

- Sec. I — Generalidades — 7100
 " II — Elementos de construção — 7101
 " III — Construções arquitectónicas — 7105
 " IV — Estética e crítica — 7118

Div. II — CONSTRUÇÃO CIVIL

- Sec. I — Generalidades — 7120
 " II — Materiais de construção — 7125
 " III — Instrumentos de trabalho — 7146
 " IV — Pessoal — 7149
 " V — Trabalhos segundo os materiais empregados — 7150
 " VI — Partes e fases da construção — 7152
 " VII — Espécies de construções — 7179
 " VIII — Edifício — 7189

Div. III — RECHEIO DA CASA

- Sec. I — Mobiliário — 7220
 " II — Roupas de casa — 7235
 " III — Recipientes e utensílios — 7240
 " IV — Objectos de ornamentação — 7255

Cap. XX — TRANSPORTES E COMUNICAÇÕES

Div. I — GENERALIDADES

- Sec. I — Caminhos — 7300
 " II — Frete e carga — 7307

Div. II — TRANSPORTES TERRESTRES

- Sec. ún. — Veículos — 7310

Div. III — NÁUTICA

- Sec. I — Armada — 7331
 " II — Marinha de guerra — 7335
 " III — Marinha mercante — 7350
 " IV — Navios — 7353
 " V — Embarcações — 7429
 " VI — Barcos — 7440
 " VII — Navegar — 7448
 " VIII — Navegação — 7450
 " IX — Manobras — 7458
 " X — Marinharia — 7464
 " XI — Remar — 7482
 " XII — Profissões — 7487
 " XIII — Arsenal — 7488
 " XIV — Direito marítimo — 7493
 " XV — Bandeiras — 7494
 " XVI — Corso — 7498
 " XVII — Pirataria — 7499

Div. IV — AVIAÇÃO

- Sec. I — Aeronáutica — 7510
 " II — Aviação — 7517
 " III — Avião — 7523
 " IV — Aerostação — 7529
 " V — Balão — 7531

4.ª Parte — ESPÍRITO

Cap. I — RELIGIÃO

- Sec. I — Generalidades — 7600
 " II — Deus — 7621
 " III — Panteísmo — 7628
 " IV — Politeísmo:
 A Generalidades — 7632
 B Mitologias rudimentares — 7638
 C Mitologia clássica — 7645
 D Animismo — 7659
 Sec. V — Dualismo — 7673
 " VI — Monoteísmo:
 A Judaísmo — 7674
 B Muçulmanismo — 7675
 C Cristianismo:

- 1 — Generalidades.
 2 — Catolicismo.
 a — Generalidades — 7685
 b — Papa — 7691
 c — Vida religiosa secular — 7694
 d — Vida religiosa regular — 7706
 e — Templos e suas partes — 7726
 f — Sacramentos — 7738
 g — Liturgia — 7745
 h — Anjos e santos — 7754
 i — Heresias e cismas — 7757
 3 — Protestantismo — 7758
 4 — Igreja ortodoxa — 7750

Cap. II — SUPERSTIÇÕES — 7762

Figura 33: Plano de classificação de ideias de Bivar (1948)
 Fonte: (BIVAR, 1948, p. XVII-XXIII).

Regrar, *v. t.* uniformizar.
Regular, *adj.* uniforme.
Unidade, *s. f.* uniformidade.
Uniforme, *adj.* que tem uma só forma; **uniformidade**, *s. f.* qualidade do que é uniforme; **uniformar** ou **uniformizar**, *v. t.* tornar uniforme; **uniformização**, *s. f.* acto ou efeito de uniformizar.

POLIMORFIA — 450

Biforme, *adj.* que tem duas formas. Que tem duas qualidades de flores (falando-se de plantas).

Dimorfia ou **dimorfismo**, *s. m.* qualidade daquilo que é dimorfo.

Dimorfo, *adj.* que pode tomar duas formas diferentes.

Diversiforme, *adj.* que tem forma variável.

Multiforme, *adj.* que tem muitas formas; que se manifesta de diversas maneiras; *sinón.*: **multimodo**; **multiforme**; **polimorfo**.

Plástico, *adj.* que é susceptível de receber diferentes formas ou de ser modelado com os dedos: *substâncias plásticas*.

Polimorfia, *s. f.* ou **polimorfismo**, *s. m.* propriedade do que é polimorfo; pluralidade de formas.

Polimorfo, *adj.* sujeito a variar de forma; *v. multiforme*.

Quadriforme, *adj.* que apresenta quatro formas.

Septiforme, *adj.* que tem sete formas.

Triforme, *adj.* que tem três formas.

DEFORMIDADE — 451

Abatatar, *v. t.* tornar largo, disforme; *deprec.* dar forma de batata.

Aleijado, *s. m. e adj.* que tem deformidade física; **aleijamento**, *ant. o m. q. aleijão*, *s. m.* deformidade física ou moral.

Alquebrar, *v. t.* deformar-se por alquebramento.

Anamorfose, *s. f.* *v. n.º 442*.

Anfractuoso, *adj.* disforme, tortuoso; *v. n.º 457*.

Deformar, *v. t.* alterar a forma de; tornar deforme; **deformação**, *s. f.* acto ou efeito de deformar; **deformador**, *adj.* aquele ou aquilo que deforma ou pode deformar; **deformável** que se pode deformar; **indeformável**, que não se pode deformar.

Deformativo, *adj.* que produz deformidade.

Deforme, *adj.* que perdeu a forma habitual ou cuja forma é irregular e desagradável; *sinón.*: **disforme**.

Deformidade, *s. f.* estado ou qualidade daquilo que é deforme, ou de quem é deforme.

Deformar, *v. t. o m. q. deformar*, etc. Cf. C. milo, Noites VII, 84.

Disformar, *v.* deformar.

Estropiar, *v. t.* deformar.

Malfeito, *adj.* deforme.

Torpe, *adj.* disforme.

DESEFIGURAR — 452

Demudar, *v. t.* alterar, transformar: desfigurar (nas feições humanas); transtornar.

Desfigurar, *v. t.* alterar o aspecto normal; desfear; *sinón.*: **desafeioar**; **delaidar**; **deturpar**; **enfunicar**; **transformar**; **transtornar**.

INFORME (sem forma determinada) — 453

Amorfia, *s. f.* deformidade; carência de forma determinada.

Amorfo, *adj.* que não tem forma determinada.

Anamórfico, *adj.* que não tem forma.

Informe, *adj.* que não tem forma ou feição.

Informidade, *s. f.* estado daquele ou daquilo que é informe.

V. também os números anteriores.

B) FORMAS**Lineares****DIREITO — 454**

Desamartelar, *prov. minh.* endireitar (o que estava amartelado ou amolgado); **desamolgar**.

Desamolgar, *v. t.* endireitar ou aplanar (o que estava amolgado).

Direito, *adj.* que não apresenta deflexão ou inclinação, seguindo sempre linha recta; tenso, sem encolhas ou anfractuosidades.

Endireitar, *v. t.* tornar direito; *sinón.*: **corrigir**, **descurvar**, **desempenar**, **desentortar**, **rectificar**.

Engravitar-se, *v. p.* endireitar-se; *sinón.*: **engrilar-se**.

Erecto, *adj.* direito verticalmente; *sinón.*: **aprumado**.

Entesar, *v. t.* tornar direito, tenso; *sinón.*: **retesar**.

Hirto, *adj.* todo direito, retesado, *v. antesar*; *sinón.*: **erecto**; **inteiriçado**.

Rectiforme, *adj.* que tem forma direita, como a linha recta.

Rectilíneo, *adj.* que está em linha recta; que tem forma de linha recta; formado de linhas rectas. Direito.

Recto, *adj.* que se não inclina para parte nenhuma; que pode coincidir, em todos os pontos, com o raio visual.

TORTO — 455

Cambado ou **cambaio**, *adj.* torto; que entorta as pernas; **cambaixo**; **desajeitado**; **zambro**; **zembro** ou **zaimbro** (*trasm.*) e **zambota** (*bras.*).

Desentortar, *v. t.* endireitar.

Entortar, *v. t.* tornar torto; *v. i.* andar torto; **entortadura**, *s. f.* acto ou efeito de entortar.

Gajato, *s. m. prov. trasm.* qualquer coisa torta.

Figura 34: Exemplo da estrutura da obra de Bivar (1948)

Fonte: (BIVAR, 1948, p. 150).

C) Azevedo, 1950.

- Título: *Dicionário analógico da língua portuguesa: ideias afins*
- Autor: Francisco Ferreira dos Santos Azevedo
- Editora/data: Companhia Editora Nacional/1950
- Local de publicação: São Paulo

1. SOBRE O AUTOR

1.1. Trata-se de pessoa reconhecida na área de dicionarística ou de terminologia?

O Professor Ferreira dos Santos tornou-se reconhecido na área de dicionarística por ter se dedicado por muito tempo à organização de um dicionário brasileiro de ideias afins.

1.2. Fez parte de grupo de pesquisa da área de dicionarística ou de terminologia?

Não é mencionado.

1.3. Qual a formação acadêmica do autor principal e dos participantes do grupo de pesquisa?

Após ter cursado o Liceu de Goiás, o Francisco Ferreira dos Santos Azevedo (1875-1942), bacharelou-se em Agrimensura pela Escola de Minas de Ouro Preto. Em 1903, tornou-se Professor do Liceu de Goiás, onde atuou na cadeira de geografia e matemática. O autor era conhecido como “Professor Ferreira”.

1.4. Qual a profissão exercida na época da publicação da obra em análise ?

O Professor Ferreira faleceu antes da publicação da obra em análise, que foi lançada em 1950, 8 anos após a sua morte.

2. SOBRE A APRESENTAÇÃO DA OBRA PELO AUTOR

2.1. Há introdução na qual apareçam claramente:

a) os objetivos da obra?

Na seção **nota explicativa**, há a declaração de que a obra funciona como um auxiliar eficaz, de manuseio simples e de grande riqueza. Dada uma ideia, a obra tem a finalidade de indicar as palavras que podem expressar essa ideia ou que com ela tem analogia. Foi para remover essas constantes dificuldades que o Professor Ferreira dos Santos dedicou inúmeros anos de sua vida ao trabalho paciente de pesquisar, colecionar e ordenar ideologicamente palavras e expressões da língua portuguesa. Como cada ideologia, cada emoção, cada necessidade, cada profissão requer o conhecimento de uma parte do vocabulário que não é a de uso comum, os dicionários são úteis, principalmente, os de ideias afins. Na apresentação da

edição de 1974, há as informações de que a obra é o primeiro “thesaurus” da língua portuguesa, com vistas a proporcionar a correta manipulação da língua escrita, charadas, palavras cruzadas e é um instrumento fundamental para técnicos em documentação e computação.

b) *o público para o qual o conteúdo se dirige?*

A obra é direcionada aos usuários da língua que, ao falarem ou ao escreverem, sentem falta de palavras precisas com que podem exprimir exatamente uma ideia ou com que podem evitar repetições desagradáveis.

c) *as informações sobre como consultar o dicionário ou vocabulário?*

Na seção manuseio do dicionário, há orientações breves sobre como o consulente pode utilizar a obra.

d) *referências à bibliografia de onde foi extraído o corpus?*

Na seção **nota explicativa**, o revisor José Baptista da Luz, da Companhia Editora Nacional, relatou que Azevedo adotou a classificação das palavras segundo o sistema de Peter Mark Roget. Esse revisor declarou que a Companhia Editora Nacional terminara a parte final do dicionário – organização e disposição da matéria, o quadro sinóptico, além de terem acrescentado mais verbetes. Ao analisarmos o Vocabulário Analógico de Firmino Costa, identificamos que Azevedo copiou alguns lexemas e definições desse vocabulário, mas fez pequenas adaptações. No dicionário de Azevedo (1950), no verbete *cores e sinais de cavalos* (ver ANEXO A), a maioria dos lexemas e das definições são iguais ou bem similares aos da obra de Costa (1936).

2.2. *Há bibliografia de consulta justificada pelo autor?*

Apesar de não haver esclarecimento do autor com relação à bibliografia, o revisor José Baptista da Luz mencionou que o Professor Ferreira “adotou a classificação das palavras segundo o sistema de Peter Mark Roget por ser o método mais racional e o que mais apresenta facilidade na expressão de ideias.”

3. SOBRE A APRESENTAÇÃO MATERIAL DA OBRA

3.1. *Há prefácio redigido por personalidade reconhecida na área de dicionarística? Científica, técnica?*

Não há um prefácio, mas sim a seção titulada nota explicativa, redigida pelo revisor José Baptista da Luz da Companhia Editora Nacional.

3.2. *A família tipográfica empregada é adequada à faixa etária do usuário?*

O tamanho da fonte, o espaçamento entre linhas são elementos que facilitam a leitura

do dicionário. No entanto, como os verbetes são compostos, geralmente, por enormes listas de palavras, o autor deveria ter estabelecido critérios para agrupar os lexemas de forma mais organizada.

3.3. *As ilustrações, se houver, estão adequadas à microestrutura informacional?*

Não há ilustrações.

3.4. *A utilização de negrito, de itálico e de outros recursos gráficos está de acordo com o equilíbrio visual da obra?*

Sim. Na primeira parte, que possui o dicionário analógico, as palavras-entrada e seus respectivos números classificatórios são destacados em negritos, as frases e os lexemas estrangeiros, em itálico. Há também outros lexemas destacados em itálicos, mas não é compreensível o critério, tendo em vista que o autor não os especificou. Na segunda parte, as palavras-entrada são indicadas em negrito.

3.5. *Os verbetes são apresentados em ordem alfabética? Em ordem sistemática?*

Os verbetes são apresentados em ordem sistemática, em conformidade com o número classificatório. A obra é constituída por: classificação das palavras, quadro sinóptico de categorias, primeira parte, que é o dicionário analógico, e índice remissivo. A classificação de palavras possui 6 categorias, subdivididas em 24 seções, numeradas de 1 a 1.000 (cf. figura 35 – 5.3. *Ilustração da obra*, p. 139). O quadro sinóptico de categorias é formado pelo detalhamento da divisão feita na classificação de palavras, de modo que apresenta as 6 categorias subdivididas em 1.000 subcategorias acompanhadas da numeração classificatória. A primeira parte da obra contém, dispostos em colunas, os lexemas, que expressam as diferentes acepções, variantes e matizes de uma mesma ideia. Cada subcategoria do quadro sinóptico é a palavra-entrada de um verbete e possui um número classificatório correspondente. Nos verbetes, os lexemas estão separados por categoria gramatical. O índice remissivo indica o número correspondente a cada grupo de palavras que expressam uma ideia ou as relacionadas a esta.

3.6. *A obra contempla uma só língua? Mais de uma?*

A obra é um dicionário monolíngue de língua portuguesa.

3.7. *O formato do dicionário ou vocabulário permite manuseio prático e fácil?*

O dicionário é de tamanho médio, não muito grosso, permite o fácil manuseio.

3.8. *A obra está editada em suporte informatizado?*

Não.

3.9. *A qualidade do acabamento garante a sua durabilidade?*

A encadernação é de boa qualidade. O revestimento do dicionário é de papelão grosso.

3.10. *O sistema de abreviações e de símbolos aparece corretamente no corpo do texto?*

Há uma breve lista de abreviaturas. Percebemos que não consta o que significa (poét.) na lista de abreviaturas e nem V.

3.11. *A obra possui ampla divulgação?*

A primeira edição foi esgotada, a segunda e a terceira edição foram lançadas em Brasília. Aquela, em 1974, pela editora Coordenada e esta, em 1983, pela Thesaurus e também estão esgotadas.

4. SOBRE O CONTEÚDO

4.1. *Há entradas que se referem a áreas de especialidade? Elas configuram de modo completo a área à qual se referem?*

Há entradas da área de especialidade, mas não configuram a área à que se referem de modo completo.

4.2. *Os verbetes apresentam:*

a) *categoria gramatical?*

As categorias gramaticais adjetivos, verbos, advérbios e interjeições são indicadas por meio de suas respectivas abreviaturas marcadas em negrito e em itálico. Apesar de os verbetes começarem com os substantivos, não têm marcação para indicar esta classe gramatical.

b) *gênero?*

Não.

c) *sinonímia?*

Sim. Nos agrupamentos analógicos presentes na parte analógica, após as palavras-entrada, são apresentados os sinônimos.

d) *variante(s) da entrada?*

Sim. Quando há variantes das entradas, são indicadas entre parênteses, antes das palavras- entrada, assim como ocorre nas entradas de numerações classificatórias 368 e 369, visto que a variante da entrada Zoologia é Ciência dos animais e a variante da entrada Botânica, Ciência das plantas, entre parênteses (cf. figura 36 – 5.3. *Ilustração da obra*, p. 140)

e) *variante(s) da definição?*

Não.

f) *existem critérios para distinguir homonímia de polissemia? Quais?*

Como a obra apresenta agrupamentos analógicos, não há critérios para distinguir

homonímia e polissemia.

g) *há emprego de marcas de uso? Como se classificam?*

Apesar de não haver explicações nas páginas introdutória da obra referentes às marcas de uso, notamos que são indicadas por abreviaturas entre parênteses, tais como: (bras.), (pop.), (ant.), (reg.), (poét.), (desus.).

h) *indicação de área ou subárea de especialidade?*

Não.

i) *contexto? (exemplo ou abonação?)*

Não.

j) *equivalente(s)?*

É um dicionário monolíngue, por isso não tem equivalente.

k) *formação da palavra?*

Não.

l) *indicação de pronúncia?*

Não.

m) *origem?*

Não.

n) *etimologia?*

Não.

o) *divisão silábica?*

Não.

p) *remissivas úteis entre conceitos?*

As remissivas são indicadas pelos números classificatórios, pelos lexemas relacionados à palavra-entrada e pela abreviatura V. que remete a outro lexema. No interior dos verbetes, geralmente, as remissões aos adjetivos são feitas nos lexemas da classe gramatical advérbio, as quais são indicadas da seguinte forma “& adj.”. No entanto, esse tipo de remissiva não é coerente para os consulentes, tornando-se, nesse caso, desnecessária.

q) *fontes?*

Não.

r) *notas?*

Não.

4.3. *A definição é constituída de um enunciado de uma só frase?*

Não há definições nesta obra.

4.4. *A definição leva em conta o nível de discurso do usuário?*

Não há definições nesta obra.

5. SOBRE A EDIÇÃO E PUBLICAÇÃO

5.1. *Recomenda-se a edição e a publicação da obra?*

É necessário reconhecermos que o autor venceu uma série de dificuldades, tendo em vista que, em Goiás, na época em que a obra foi elaborada, não havia elementos informativos suficientes, faltavam fontes de consulta, mas, mesmo com essas limitações, conseguiu produzir uma obra que tem seu lugar marcado dentro da literatura nacional. Apesar de haver falhas na obra, não podemos desprestigiá-la, pois serve como um difusor da cultura brasileira da época, além de possuir uma grande recolha de palavras relacionadas criadas após vinte anos de trabalho, que podem ser úteis à elaboração de outras obras lexicográficas.

5.2. *Quais serão os principais pontos de difusão da obra?*

Como o autor é goiano, a obra é bastante conhecida em Goiás. Além disso, foi difundida em todo Brasil e pode ser facilmente encontrada nas bibliotecas nacionais e nos sebos. No jornal opção, edição nº 1592 de 2006, há o registro da declaração do músico e escritor Chico Buarque de Holanda, afirmando que o dicionário do Professor Ferreira é seu livro de estimação, o qual é uma herança do pai. Isto significa que a obra-prima do professor goiano também era utilizada pelo historiador e ensaísta Sérgio Buarque de Holanda, autor do clássico Raízes do Brasil e pai de compositor. O Dicionário Analógico é considerado o mais importante livro escrito por um goiano.

5.3. *Ilustração da obra*

CLASSIFICAÇÃO DAS PALAVRAS

<i>Classes</i>	<i>Seções</i>	<i>Números</i>
I. RELAÇÕES ABSTRATAS	I. Existência.....	1— 8
	II. Relação.....	9— 24
	III. Quantidade.....	25— 57
	IV. Ordem.....	58— 83
	V. Número.....	84—105
	VI. Tempo.....	106—139
	VII. Mudança.....	140—152
	VIII. Causa.....	153—179
II. ESPAÇO.....	I. Em geral	180—191
	II. Dimensões.....	192—239
	III. Forma.....	240—263
	IV. Movimento.....	264—315
III. MATÉRIA.....	I. Em geral.....	316—320
	II. Inorgânica.....	321—356a
	III. Orgânica.....	357—449
IV. INTELECTO.. ..	I. Formação das idéias.....	450—515
	II. Comunicação das idéias ..	516—599
V. VONTADE.....	I. Individual.....	600—736
	II. Com referência à sociedade	737—819
VI. AFEIÇÕES.....	I. Em geral.....	820—826
	II. Pessoais.....	827—887
	III. Simpáticas.....	888—921
	IV. Morais.....	922—975
	V. Religiosas.....	976—1000

Figura 35: Plano de classificação de ideias de Azevedo (1950)

Fonte: (AZEVEDO, 1950, p.VIII).

<p>368. (Ciência dos animais) Zoologia, zoonomia, zoografia, zootecnia, zootomia, zootaxia, zooética, zoogenia, zoogeografia, morfologia, zoísmo, zoomorfismo, zoomorfose, zoomorfia, antropologia, mastologia, mastozoologia, ornitologia, saurologia, ictiologia, ofiologia, insetologia, entomologia, mericologia, malacologia, helmintologia, herpetologia, paleontologia, cetologia, ictiotomia, ictiografia, aracnologia, cetografia, taxidermia, quelonografia, zoologista, zoonomista, entomologista, insetologista, aracnólogo, zoógrafo, zoomania.</p> <p><i>V.</i> zoografar.</p> <p><i>Adj.</i> zoológico, zoonômico & <i>subst.</i>; ictiográfico, ictiológico & <i>subst.</i>; ictióideo.</p>	<p>369. (Ciência das plantas) Botânica, herborização, fitografia, fitologia, dendrologia, micologia, rodologia, pomologia, fungologia, algologia;</p> <p>flora, flórua, Pomona, Ceres;</p> <p>jardim botânico 371; horto, <i>siccus</i>, herbário, herbolário, herborista, herborizador, botânico, Lineu, pomólogo.</p> <p><i>V.</i> botanizar, herborizar.</p> <p><i>Adj.</i> botânico, herborizador.</p>
--	---

Figura 36: Verbetes *zoologia* e *botânica* de Azevedo (1950)
 Fonte: (AZEVEDO, 1950, p.162).

D) Florenzano, 1961.

- Título: *Dicionário de Ideias Semelhantes*
- Autor: Everton Florenzano
- Editora/ edição/ data: 1961
- Local de publicação: Rio de Janeiro

1. SOBRE O AUTOR

1.1. *Trata-se de pessoa reconhecida na área de dicionarística ou de terminologia?*

Não é mencionado.

1.2. *Fez parte de grupo de pesquisa da área de dicionarística ou de terminologia?*

Não é mencionado.

1.3. *Qual a formação acadêmica do autor principal e dos participantes do grupo de pesquisa?*

Não é mencionado.

1.4. *Qual a profissão exercida na época da publicação da obra em análise?*

Não é mencionado.

2. SOBRE A APRESENTAÇÃO DA OBRA PELO AUTOR

2.1. Há introdução na qual apareçam claramente:

a) os objetivos da obra?

O objetivo da obra é oferecer ao leitor o meio seguro e prático de livrar-se dos embaraços vocabulares quando falta a expressão adequada capaz de bem traduzir a mensagem a transmitir-se ou quando foge um grupo inteiro de ideias, conforme informações da nota introdutória.

b) o público para o qual o conteúdo se dirige?

Na seção nota introdutória, o editor consagra a obra “à gloriosa classe dos professores, escritores, jornalistas, estudantes e tantos profissionais que fazem da palavra instrumento com que forjem o pão do espírito.”

c) as informações sobre como consultar o dicionário ou vocabulário?

Nas páginas introdutórias, há a seção “método de consulta” que explica brevemente como a obra pode ser consultada.

d) referências à bibliografia de onde foi extraído o corpus?

Na seção nota introdutória, o editor menciona que a obra foi baseada nas experiências de inúmeros autores e destacou ter adotado a metodologia, em boa parte, do *Internacional Thesaurus of English Words and Phrases*, de Peter Mark Roget.

2.2. Há bibliografia de consulta justificada pelo autor?

O editor justificou que a metodologia do *Internacional Thesaurus of English Words and Phrases*, de Roget, foi utilizada por não conhecer outra que a superasse.

3. SOBRE A APRESENTAÇÃO MATERIAL DA OBRA

3.1. Há prefácio redigido por personalidade reconhecida na área de dicionarística? Científica, técnica?

Não há prefácio.

3.2. A família tipográfica empregada é adequada à faixa etária do usuário?

A família tipográfica empregada é adequada à faixa etária do usuário, tendo em vista que o tipo e o tamanho da fonte são apresentados em um tamanho bom.

3.3. As ilustrações, se houver, estão adequadas à microestrutura informacional?

Não há ilustrações.

3.4. A utilização de negrito, de itálico e de outros recursos gráficos está de acordo com o equilíbrio visual da obra?

As palavras-entrada e os lexemas que marcam a mudança de uma classe gramatical para outra estão em negrito e em caixa alta, de modo que falta um equilíbrio visual da obra. A

fim de proporcionar esse equilíbrio, seria melhor que apenas as palavras-entrada estivessem em caixa alta.

3.5. Como é constituída a obra?

A obra é constituída por nota introdutória, método de consulta, plano de classificação, esquema de geral de assuntos, 1ª Classificação por grupos de ideias, índice alfabético de consulta e 2ª classificação por ordem alfabética.

A nota introdutória e o método de consulta apresentam informações gerais sobre a obra e seu modo de manuseá-la. O plano de classificação possui 9 categorias, chamada de noções fundamentais, que são marcadas por letras, de a à i. As categorias são subdivididas em subclasses, denominadas grupos analógicos variáveis, pelos quais se distribuem centenas de série afins, a que se subordinam vocábulos correlacionados por assuntos (cf. figura 37 – **5.3. Ilustração da obra**, p. 145). Em seguida, vem o “esquema geral de assuntos”, que possui o detalhamento do plano de classificação, com os grupos analógicos variáveis subdivididos e numerados. Na primeira parte do dicionário de ideias afins, a entrada é constituída por número classificatório, por lexema e pelo conjunto de lexemas afins. O número classificatório é composto por uma letra, referente a uma das noções do plano de classificação, e por um número arábico, correspondente aos lexemas da subclasse, conforme a divisão feita no plano de classificação. Assim sendo, os verbetes estão apresentados de forma sistemática, sendo que cada série analógica se constitui de substantivos, adjetivos e verbos, em suas variadas acepções – na ordem citada, (cf. figura 38 – **5.3. Ilustração da obra**, p. 146). O índice alfabético de consulta é constituído por lexemas apresentados em ordem alfabética e seus respectivos números classificatórios. Após identificar esse número, o consulente deve ir até a primeira parte, para que possa encontrar o que deseja. A 2ª classificação por ordem alfabética é formada pelos lexemas e seus respectivos grupos analógicos de ideias afins, sendo que as palavras-entrada estão em ordem alfabética, mas as ideias afins estão organizadas de modo sistemático. Há subgrupos inseridos dentro de verbetes, os quais estão em negrito e apresentam-se deslocados à direita com relação ao alinhamento dos outros lexemas nos verbetes.

3.6. A obra contempla uma só língua? Mais de uma?

A obra contempla apenas a língua portuguesa por ser um dicionário monolíngue.

3.7. O formato do dicionário ou vocabulário permite manuseio prático e fácil?

O formato do dicionário ou vocabulário permite manuseio prático e fácil, é de tamanho pequeno e fino, possui um formato bem portátil.

3.8. A obra está editada em suporte informatizado?

Não.

3.9. *A qualidade do acabamento garante a sua durabilidade?*

A qualidade do acabamento não garante a sua durabilidade, a capa é feita de um material que não é resistente.

3.10. *O sistema de abreviações e de símbolos aparece corretamente no corpo do texto?*

A obra não contém sistema de abreviações, mas na 2ª classificação por ordem alfabética, os antônimos são apresentados indicados por meio da abreviatura Anton.

3.11. *A obra possui ampla divulgação?*

Não.

4. SOBRE O CONTEÚDO

4.1. *Há entradas que se referem a áreas de especialidade? Elas configuram de modo completo a área à qual se referem?*

Não.

4.2. *Os verbetes apresentam:*

a) *categoria gramatical?*

Não.

b) *gênero?*

Não.

c) *sinonímia?*

Na seção método de consulta, há o esclarecimento de que a sinonímia foi tratada com acentuada graduação, desde equivalências diretas a sutilezas aparentemente paradoxais, a fim de possibilitar seleção do desejado, em margens das mais amplas.

d) *variante(s) da entrada?*

Não.

e) *variante(s) da definição?*

Não.

f) *existem critérios para distinguir homonímia de polissemia? Quais?*

Não. Os lexemas são organizados por grupos analógicos do significado para o significante, o que dispensa a adoção de critérios que distingam homonímia e polissemia.

g) *há emprego de marcas de uso? Como se classificam?*

Não.

h) *indicação de área ou subárea de especialidade?*

Não.

i) contexto? (exemplo ou abonação?)

Não.

j) equivalente(s)?

Não.

k) formação da palavra?

Não.

l) indicação de pronúncia?

Não.

m) origem?

Não.

n) etimologia?

Não.

o) divisão silábica?

Não.

p) remissivas úteis entre conceitos?

Na parte da 1ª Classificação por grupos de ideias, não há remissivas, faltando assim a correlação entre os lexemas relacionados. Na parte 2ª classificação por ordem alfabética, existem as remissivas, que são úteis por conduzirem o consulente até os lexemas relacionados, são indicadas por meio da palavra ‘ver’.

q) fontes?

Não.

r) notas?

Não.

4.3. A definição é constituída de um enunciado de uma só frase?

Não há definições na obra.

4.4. A definição leva em conta o nível de discurso do usuário?

Não há definições na obra.

5. SOBRE A EDIÇÃO E PUBLICAÇÃO

5.1. Recomenda-se a edição e a publicação da obra?

É o dicionário analógico mais fino e portátil, o editor mencionou que a obra incluiu séries analógicas, que têm o mérito de serem correntes, variadas e modernas, porquanto foi evitado lexicografar palavras arcaicas, desusadas ou regionais, o que reflete sua preocupação em criar uma obra que não fosse volumosa.

Listar as palavras-entrada em ordem alfabética é um ponto positivo, pois assim o consulente pode encontrar o agrupamento analógico desejado com mais facilidade. Para que a obra se tornasse mais criteriosa, o autor poderia ter organizados os lexemas no interior dos verbetes também em ordem alfabética. Após realizar algumas modificações, recomenda-se edição e publicação da obra.

5.2. *Quais serão os principais pontos de difusão da obra?*

Não é mencionado. A obra pode ser encontrada em bibliotecas brasileiras e em sebos.

5.3. *Ilustração da obra*

PLANO DE CLASSIFICAÇÃO

A) NOÇÕES ABSTRATAS	— Subclasses: Medida, Número, Ordem, Relação, Ser.
B) NOÇÕES AFETIVAS	— Subclasses: Generalidades, Índole, Instituições, Reações Emotivas, Simpatias.
C) NOÇÕES DINAMICAS	— Subclasses: Causalidade, Dimensões, Espaço, Forma, Movimento, Tempo, Transição.
D) NOÇÕES ESTÉTICAS	
E) NOÇÕES FÍSICAS	— Subclasses: Materialidade, Sensações, Vitalidade.
F) NOÇÕES INTELECTIVAS	— Subclasses: Ideação, Informação, Linguagem.
G) NOÇÕES MORAIS	— Subclasses: Critério, Vontade.
H) NOÇÕES RELIGIOSAS	
I) NOÇÕES SOCIAIS	— Subclasses: Atividades, Relações Econômicas, Relações Humanas.

Figura 37: Plano de classificação de ideias de Florenzano (1961)

Fonte: (FLORENZANO, 1961, p. 11).

G-32 TEMPERANÇA: moderação, continência, abstinência, abstenção, frugalidade, parcimônia, sobriedade, restrição, abnegação, desinteresse; ascetismo, vegetarianismo, proibição, lei seca. **TEMPERADO:** moderado, abstinente, frugal, parcimonioso, sóbrio, asceta, vegetariano, vegetarista, abstêmio. **ABSTER-SE:** moderar, ser abstêmio, ser frugal, restringir-se, conter-se, guardar-se, resguardar-se.

G-33 INTEMPERANÇA: animalismo, sensualidade, luxúria, voluptuosidade, volúpia, prazeres da matéria, vida farta, abundância, imoderação, incontinência, dissipação, farra, deboche, imoralidade, devassidão, libertinagem, orgia, boêmia, bacanal. **IMODERADO:** descomedido, sem regra, sensual, luxurioso, voluptuoso, incontinente, libidinoso, concupiscente, dissoluto, devasso, libertino, bruto, porcino, asinino, bestial, animal, epicurista, sibarita, mimado, ébrio, bêbedo, pecaminoso, pecador. **EXCEDER-SE:** farrear, viver na orgia, embriagar-se, mergulhar no vício, chafurdar na lama do pecado, comer demais, beber muito, entregar-se aos prazeres, perder-se, levar má vida, ser dissoluto (libertino, etc.).

G-34 ASCETISMO: asceticismo, puritanismo, severidade, austeridade, mortificação, penitência, martírio, suplício (imposto a si mesmo). **ASCETA:** anacoreta, ermitão, eremita, monge, trapista, dervixe, faquir, iogue, mártir, santo, puritano, quacre. **JEJUM:** regime, dieta, frugalidade, privação de alimento, fome, morte por fome, seca, falta, carência; falta de apetite, inapetência, anorexia; rações, racionamento, mingua, sexta-feira, quaresma, quadragésima.

G-35 GULA: gulodice, glutonaria, glutoneria, glutônia, epicurismo, gastronomia, voracidade, avidez, apetite de lobo. **FESTIM:** banquete, comezaina, rega-bofe, folguedo, festança. **GLUTÃO:** comilão, pantagruel, ogre, porco, sensualista, epicurista, papão, voraz, devorador, ávido, sôfrego. **FARTAR-SE:** forrar as tripas, encher-se, comer à tripa forra, entalar-se, entupir-se, entupigaitar, repletar-se, saciar-se, regalar-se.

G-36 SOBRIEDADE: abstinência total, temperança, abstenção, (ver "Temperança").

G-37 EMBRIAGUEZ: ebriedade, inebriamento, êxtase, enlevação, libação, bacanal, intoxicação, dipsomania, alcoolismo. **BEBIDA:** drinque, gole, pinga, álcool, caninha, branquinha, líquido, beberagem, poção, coquetel, chope, cerveja, vinho, vermute, vodca, cidra, batida. **BÊBEDO:** beberrão, bêbado, pau-d'água, cachaceiro, ébrio, embriagado, alto, boiando, tocado, tonto, na chuva, na mona, eufórico, alcoolizado, intoxicado; alcoólatra, grogue, cheio, com a cara cheia, bicudo, dipsomaniaco, esponja, enxugador, azul, caneado, espigaitado, chumbado, chumbeado, floreado, milhado, molhado, pegado, quente, esquentado, pingado, roído, tomado, torrado, triscado, trolado, troviscado, xambregado, zorro. **EMBRIAGAR-SE:** inebriar-se, alcoolizar-se, intoxicar-se, ficar tocado, ficar em estado eufórico, tomar bebedeira, cair (entrar) na água, encher-se, encher a cara, virar, entornar, mandar para as cabeceiras, fazer as águas, rolar as águas, embebedar-se, esquentar o peito, molhar o bico, traçar um óleo, pôr óleo, quebrar a munheca, virar um martelo, tomar um porco, suspender um pileque.

Figura 38: Exemplo da estrutura da obra de Florenzano (1961)

Fonte: (FLORENZANO, 1961, p. 150).

Após ter avaliado as obras por meio do preenchimento das fichas lexicográficas, faremos análise contrastiva das macroestruturas dos dicionários analógicos, a fim de identificar as semelhanças e divergências que apresentam entre si.

4.3 Conclusão parcial como resultado da análise contrastiva das macroestruturas e das microestruturas dos dicionários analógicos selecionados

Por meio das resenhas lexicográficas que elaboramos, podemos identificar 3 tipos de dicionários analógicos, que nomeamos como: i) sistemático classificatório, como Roget (1852), Robertson (1859), Benot (1899), Sptizer (1936), Azevedo (1950) e Florenzano (1961); ii) alfabético-sistemático, como Boissière (1862), Rouaix (1897) e Maquet (1936); e iii) sistemático classificatório alfabético, como Casares (1941) e Bivar (1948).

Os dicionários analógicos sistemáticos-classificatório são os que seguem o modelo de Roget (1852), constituído por plano de classificação, quadro sinóptico de categorias, parte analógica e índice remissivo. Percebemos que Robertson (1859), Benot (1899) e Azevedo (1950) utilizaram todo o plano de classificação de Roget, até a numeração classificatória e as palavras-entrada são as mesmas. Sptizer (1936) empregou várias categorias iguais a de Roget (1852), mas fez alterações quanto ao modo de categorizar os lexemas, embora haja semelhanças entre os planos de classificação das obras. Contudo, enquanto a obra do médico apresenta 1.000 categorias, a do padre, 688 categorias. Babini (2003: 72) comparou a obra de Roget e Sptizer e pode concluir que este “apresenta um número menor de grupos de palavras analógicas e as funções de busca do Índice são bem reduzidas se comparadas às do *Thesaurus*.”

A obra de Florenzano (1961), por sua vez, foi elaborada com base na versão alterada de Roget, intitulada *Internacional Thesaurus of English Words and Phrases*, por isso apresenta o plano de classificação diferente do original de Roget (1852). A primeira parte da obra de Florenzano (1961), “1ª Classificação por grupos de ideias”, é constituída pelo plano de classificação de ideias, quadro sinóptico de categorias e parte analógica, conforme a estrutura do *Thesaurus* de Roget (1852). A segunda parte, “2ª classificação por ordem alfabética”, que apresenta as palavras-entrada em ordem alfabética, foi uma inovação feita por Florenzano (1961), no modo de organizar e de facilitar a consulta.

O modelo alfabético-sistemático surgiu com a publicação do *Dictionnaire Analogique de la langue Française*, de Boissière (1862), que serviu de inspiração tanto para Rouaix (1897) quanto para Maquet (1936). O modelo mencionado é constituído pelas palavras-entrada, que são as ideias-chave, em ordem alfabética, seguidas por lexemas que apresentam analogia com a palavra-entrada, o que forma uma organização sistemática.

Acrescentemos que várias ideias-chave de Boissière estão presentes nos dicionários de Rouaix (1897) e de Maquet (1936), tais como: *blessure*, *grand*, *mediocre*, entre outros. Nas obras de Boissière e de Maquet, há a primeira parte, que se localiza na parte superior de cada página e apresenta palavras-entrada em ordem alfabética e suas respectivas remissivas. O *Dictionnaire-manuel-illustré des idées suggérées par les mots*, de Rouaix (1897), diferencia-se das obras de Boissière (1862) e de Maquet (1936) por não apresentar uma primeira parte.

O dicionário analógico sistemático classificatório alfabético é o modelo mais adequado que identificamos ao contrastá-lo com os demais. O modelo foi empregado por Casares (1941) e por Bivar (1948), possui plano de classificação, quadro sinóptico de categorias, parte analógica e parte alfabética. O diferencial com relação aos outros modelos é a inclusão da parte alfabética, que funciona como um dicionário de língua comum por possuir os lexemas em ordem alfabética e suas respectivas definições. As categorizações do léxico feitas por Casares (1941) e por Bivar (1948) possuem características de suas autorias, não são meras cópias do plano de classificação de Roget (1852).

Casares afirmou ter se inspirado em Roget (1852) e em Boissière (1862), notamos que ele apresentou características típicas das obras de ambos autores. As semelhanças com a obra de Roget (1852) podem ser verificadas na obra de Casares (1941) por meio da presença do plano de classificação, quadro sinóptico de categoria e organização dos lexemas por categorias gramaticais na parte analógica. Assim como Boissière estruturou as ideias-chave em ordem alfabética, incluiu definições aos lexemas analógicos, Casares (1941) adotou a estruturação similar, apesar de ter feito adaptações ao acrescentar as definições na parte alfabética.

A obra de Bivar (1948) possui uma quantidade exagerada de nomenclatura técnica, a categorização é muito complexa, as palavras-entrada e os lexemas analógicos não são organizados em ordem alfabética na parte analógica, características que dificultam a pesquisa do consulente.

Com o objetivo de contrastar as microestruturas dos dicionários analógicos selecionados, escolhemos a ideia *escola*, apresentá-la-emos do modo como pode ser encontrada nos verbetes e nas estruturas dos dicionários. A ideia *escola* encabeça os verbetes

de todas as obras em análise, exceto a de Bivar (1948), na qual a ideia foi lematizada na entrada *estabelecimento de ensino*. As figuras subsequentes contêm, respectivamente, os verbetes das obras de: Roget (1852), Robertson (1859), Benot (1899), Sptizer (1936), Azevedo (1950), Florenzano (1961) – modelo sistemático classificatório; Boissière (1862), Rouaix (1897), Maquet (1936) – alfabético-sistemático; e Casares (1941), Bivar (1948) – sistemático classificatório alfabético.

542. School.—N. school, academy, university, *alma mater*, college, seminary, Lyceum; instit-ute, -ution, *conservatoire*; *palazstra*, *gymnasium*: day -, boarding -, public -, preparatory -, elementary -, primary -, infant -, dame's -, grammar -, middle class -, Board -, County -, Council -, parochial -, denominational -, Sunday -, National -, British and Foreign -, collegiate -, secondary -, continuation -, night -, correspondence -, secretarial -, military -, law -, medical -, business -, technical- school; technical -, training- college; Polytechnic; training ship; *Kindergarten*, nursery, *crèche*, reformatory.

pulpit, desk, reading desk, ambo, class-, lecture-room, theatre, amphitheatre, forum, stage, rostrum, platform, hustings, tribune.

school -, horn -, text- book; grammar, primer, abecedary, rudiments, manual, *vade mecum*, Lindley Murray, Cocker.

professor-, lecture-, reader-ship; chair; schoolmaster &c. 540.

School Board, Council of Education; *propaganda*.

Adj. scholastic, academic, collegiate; educational.

Adv. *ex cathedrâ*.

Figura 39: Verbetes *escola* de Roget (1936)

Fonte: (ROGET, 1936, p. 184-185).

542. École, académie, université, *alma mater*, collège, séminaire, lycée, athénée, pépinière, institut, institution, maison d'éducation, pension, pensionnat, demi-pension, externat, classe, gymnase, conservatoire, étude, salle d'étude, faculté, manège, prytanée, quartier, Sorbonne.

Phr. Les bancs de l'école.

Rudiments, *vade-mecum*, abécédaire, croix-de-par-Dieu, livre de classe, manuel.

Professorat, provisorat, chaire, tribune, amphithéâtre, forum, rostrum, rostres.

Adj. Scolastique, académique, scolaire, universitaire.

Adv. *Ex cathedrâ*.

Figura 40: Verbetes *escola* de Robertson (1859)

Fonte: (ROBERTSON, 1859, p. 1490).

542. Escuela.—M. Escuela, instituciones de enseñanza, universidad,
instituto de segunda enseñanza,

colegios, escuelas municipales,
escuelas públicas, gratuitas, etc.,
escuelas de párvulos,
escuelas pías, escuelas laicas,
clases, clases elementales, superiores, etc., clases de adorno,
amiga,
colegio de párvulos,
colegio de niños,
colegio de niñas, de señoritas, etc., academia de corte, pinacoteca,
liceo, ateneo,
sociedades económicas, centros docentes,
centros instructivos,
gimnasio, seminario,
academias, reales academias,
real academia de la lengua, de la historia,
de ciencias exactas, físicas y naturales,
de jurisprudencia, de medicina,
de bellas artes, etc.,
escuela superior, normal y elemental,
escuela superior de comercio, de agricultura, etc.,
escuela de artes y oficios,
escuela de ingenieros, de caoallería, de infantería, politécnica,
etc.,
superior de guerra,
granjas modelos, jardín botánico, zoológico, de aclimatación,
museos, museo de historia natural,
museo de pintura y escultura, museo de artillería, de marina, etc.,
museo de reproducciones artísticas,
escuela de grabado y modelado,
bibliotecas, biblioteca nacional,
bibliotecas generales, provinciales, populares, etc.,
clínicas, colegio de San Carlos, hospitales,
colegios navales,
escuelas de medicina, farmacia, veterinaria, etc.,
escuela de guardias marinas,
escuela taurina, velodromo, etc., picadero,
sala de armas, escuela náutica, escuela naval.
escuela flotante, buque escuela,
museo pedagógico, escuela peripatética, universidades árabes,
escuela Frœbel, jardines de la infancia,
Oxford, Cambridge, Salamanca, Alcalá (complutense),
Bolonia, Colonia, Edimburgo, Braga, la Sorbona, etc.

Figura 41: Verbetes *escola* de Benot (1899)
Fonte: (BENOT, 1899, p. 428-429).

390. Escola (v. 386-389) — S. instituto de ensino, estabelecimento de educação, casa de formação, provação, noviciado, Prado, cancha, circo, escola de esgrima, sala de gymnastica, escola publica, particular, mixta, de meninos, para meninas, parochial, normal, districtal, confessional, de instrucção primaria, de primeiras lettras; aula, collegio, lyceo, creche, jardim da infancia, escola de latim, gymnasio, polytechnica, escola de engenharia, militar; universidade, escola mercantil, nautica; conservatorio (*de musica*), lyceu, escola de artes, seminario, curso, casa de labor, pensão, casa de pensão, internato, externato, alma-mater, faculdade de medicina, academia de direito, 1.º, 2.º, 3.º, 4.º, 5.º, 6.º, anno; curso preliminar, preparatorio; classe, ministerio da instrucção publica, licção, ensino, thema, exercicios de redacção, composiçao, analyse (*logica, grammatical*); grammatica, traducção, versao, contas, escripta, calligraphia, desenho, caderno, livro, borrão, (*borrador*), apostilla, revisao, caderno limpo, materia de ensino, ler, escrever, leitura, soletração, selecta, anthologia, historia universal, patria, natural; sciencias, geographia, catecismo, religião, cartilha, 1.º, 2.º, 3.º livro de leitura; arthmetica, compendio, tratado, chrestomathia, autor, trecho, dictionario, vocabulario, infolio, in-quarto, tabellas chronologicas, taboada, mappa, mappamundi, mappa mural, atlas, globo, tinteiro, apara, penna de aço, penna de pedra, lapis, lapiseira, pedra, giz, estante, banco, cadeira, exame, promoçao, acto escolar, programma escolar, castigo, palmatoria, mensalidade, pê á pá, bêabá, as tristes (*Coimbra*).

A. ter, receber thema; pasar, dar a licção, dar conta della; traduzir, verter, tirar em linguagem, fazer themas, repetir, fazer contas, soletrar, escrever (*callig.*), desenhar, corrigir thema, examinar, fazer, prestar exame; dar castigo, ficar preso.

Figura 42: Verbete *escola* de Sptizer (1936)

Fonte: (SPTIZER, 1936, p.179-180).

542. Escola, faculdade, academia, palestra, universidade, alma mater, colégio, ginásio, liceu, seminário, prítaneu, ateneu, casa de educação, educandário, instituto, estabelecimento de ensino, instituto propedêutico, internato, internado, externato, escola normal, escola-modêlo, escola politécnica, escola de minas, grupo escolar, curso complementar, jardim de infância, *Kindergarten*, conservatório, estudantaria, aula, classe;

púlpito, ambom (ant.), cátedra; catedrilha, cadeira, cadeira professoral, anfiteatro, sugesto, tribuna, rostro, tablado, plataforma; professorado, magistério, regência, docência, livre docência; congregação, corpo docente, corpo discente, mestrança.

V. academiatar, encartar, diplomar.

Adj. universitário, acadêmico, academiatar, ginásial, escolar, escolástico, educacional, politécnico, liceal, anfiteatral, anfiteátrico.

Figura 43: Verbete *escola* de Azevedo (1950)

Fonte: (AZEVEDO, 1950, p.266).

F-90 ESCOLA: academia, colégio, ginásio, universidade, liceu, seminário, instituto, ateneu, instituição de ensino, jardim da infância, escola dominical. **CLASSE:** divisão, turma, aula, série. **SALA DE AULA:** auditório, anfiteatro, laboratório, pátio, alpendre, sala de conferências, salão nobre; carteira, estrado, escrivaninha, púlpito, plataforma. **CARTILHA:** carta de abecê (ABC), beabá, livro de leitura, gramática, livro didático.

Figura 44: Verbetes *escola* de Florenzano (1961)
Fonte: (FLORENZANO, 1961, p. 137).

ESCOLA: academia, colégio, ginásio, universidade, liceu, seminário, instituto, ateneu, instituição de ensino, jardim-da-infância, escola dominical. (Ver, também: "Classe", "Sala de Aula" e "Cartilha".)

Figura 45: Verbetes *escola* da parte alfabética de Florenzano (1961)
Fonte: (FLORENZANO, 1961, p. 271).

(*) ÉCOLES

(En latin, *schola* remplacé par *scol.*)

- 2 **Affiche**, composition que les écoliers des jésuites affichaient en un lieu public.
- Amphithéâtre**, grande salle avec bancs en gradins, où l'on fait des cours.
- Antécédent**, professeur de droit. (vx)
- 4 **Application** (école d'), où l'on met la théorie en pratique.
- Ardaises**, sur lesquelles les écoliers écrivent et calculent avec un crayon d'ardoise appelé quelquefois *touché*.
- 1 **Ardeur**, écolier sorti des humanités.
- 4 **Arts**: école d'arts et métiers, école professionnelle.
- 4 **Aufile**, première école des jeunes enfants.
- 4 **Atmosphère**, lieu où l'on fait des cours.
- 4 **Bancs**, sur lesquels s'asseyaient les écoliers: être encore sur les bancs; y renvoyer.
- Barbécote**, maître d'école portant une longue barbe. (vx)
- Bourse**, pension fournie par faveur pour l'entretien et l'instruction d'un élève: demi-bourse; — Boursier, écolier qui a une bourse.
- Branches d'études**, facultés, divers objets d'étude.
- Bruit-commère** (faire l'école), aller se promener pendant le temps de la classe.
- 2 **Cahier**, sur lequel l'écolier écrit ses devoirs, les dictées du maître, etc.; cahiers d'histoire, de philosophie, etc.
- 1 **Cancro**, écolier qui ne fait aucun progrès. *Pop.*
- 1 **Capéon**, boursiers du collège de Montaigu.
- 1 **Carabin**, étudiant en chirurgie et en médecine.
- Carte d'étudiant**.
- Carton ou gibecière** d'écolier.
- Censeur** d'un collège.
- 4 **Centrale** (école), fondée pour plusieurs villes, plusieurs cantons, etc.
- Chaire**, siège du professeur; sa fonction, son titre: chaire de cinquième, de seconde, de rhétorique, etc.
- Chargé d'un cours**, professeur provisoire.
- 4 **Charitéennes** (écoles), dirigées par les frères de Saint-Yon, qu'on appelle abusivement *ignorantins*.
- Classes**, salle d'école; temps que les écoliers y restent; division dans le cours des études (il y a les classes de philosophie, de rhétorique, de seconde, etc.); aller en classe, faire ses classes, suivre les études d'un collège.
- Classique**, propre aux études des collèges.
- 4 **Collège**, école publique pour le latin, le grec, etc. — Collège de France, où se font des cours publics; — Collégial; — Collégien, écolier d'un collège.
- 1 **Commune**, ou municipale (école).
- 2 **Composé**, du-concours, faire une — Composition, devoir fait en — Concours, lutte entre écoliers pour obtenir la première place ou un prix: grand concours de la Sorbonne.
- 4 **Confraternelle**, camarade d'études, de classe, etc.
- Conférences**, leçon dans laquelle le maître confère avec les élèves; maître de conférences.
- 3 **Congé**; dispense de travail, permission de jouer, de sortir. V. *Apros*.
- 4 **Conservatoire**, école de musique, de danse, de déclamation.
- 2 **Copie**, devoir fait par l'élève pour être remis au professeur.
- Corps enseignant**, tous les professeurs.
- Correspondant**, celui qui veille sur un enfant pendant qu'il est en pension loin de ses parents.
- 2 **Copie**, copie au net du devoir après les corrections faites.
- Cours d'études**: faire un cours, enseigner; suivre un cours, aller prendre les leçons d'un maître.
- Couloir**, valet de collège.
- 2 **Devoir**, travail à faire ou fait par l'écolier.
- 2 **Dictée**, ce que le maître dicte; — Dicté, dire à haute voix pour que les écoliers écrivent les mots.
- Diplôme**, ou brevet d'étude; — Diplômé; — Diplôme. V. *SAVANT*.
- 1 **Discipline**, écolier; — Disciplinable; — Disciplinaire, qui se rapporte à la — Discipline, soumission des élèves; règle à laquelle on les astreint; — Discipliner.
- Portoir**, salle où couchent les pensionnaires.
- Écolage**, prix payé pour l'école.

- École**, celui qui tenait l'école attachée à une cathédrale, à une église.
- 4 **Écolier**, celui qui reçoit l'instruction dans une école.
- Économat**, fonction d' — Économiste, celui qui est chargé de la dépense.
- 4 **Éducateur**; — Éducation; — maison d'Éducation; Éduquer. V. *INSTRUCTION*.
- 4 **Élémentaire** (école), ou primaire, ou petite école
- 4 **Élève**, écolier; celui qu'on instruit.
- Émérite** (professeur), admis à la retraite.
- Émoulu**: fruits amoulu du collège, qui en est sorti dernièrement.
- Émulation**, ardeur pour l'étude qui porte les écoliers à rivaliser entre eux; — Émule, condisciple avec qui on rivalise d'ardeur.
- Enseignement**; — Enseigner. V. *INSTRUCTION*.
- Étude**, application pour apprendre; temps consacré à étudier; salle où les écoliers étudient en commun.
- 1 **Étudiant**, écolier; étudiant en droit, en médecine, etc. V. *ASSOCIATION*.
- EXAMEN**: passer ses examens; subir un examen; commission d'examen; — Examineur; — Examiner.
- 3 **Exeat**, permission de sortir. On dit aussi *une sortie*.
- 3 **Exemptum**, billet donné comme récompense jet qui exempte d'un pensum.
- 2 **Exercice**, devoir; manière ou mesure selon laquelle est distribué l'enseignement: collèges de plein exercice; — Exercice public, interrogation des élèves et leurs réponses en public.
- 4 **Externat**, école où l'on ne reçoit que des — Externes, écoliers qui logent et sont nourris en dehors de l'école.
- Fervale**, palette pour frapper les écoliers; coup donné avec cette palette. On dit aussi *pedale*.
- Foncteur** (père), se dit par dénigrement pour maître d'école.
- 4 **Fruit sec**, écolier qui échoue dans ses examens.
- 4 **Galoches et martins**, élèves externes des anciennes écoles.
- 4 **Gillotin**, ancien nom des boursiers de Sainte-Barbe.
- Grammaire** (classes de), depuis la septième jusqu'en quatrième.
- Grammatiste**, maître de grammaire. *Ins.*
- 4 **Grimmel**, — Grime, — Grimelin, petit écolier espiègle.
- 4 **Gymnase**, école pour les exercices du corps; — Gymnasiarque, s'est dit pour principal de collège. V. *GYMNASTIQUE*.
- 1 **Humaniste**, celui qui étudie ou qui sait les — Humanités, études du collège avant la philosophie.
- Incorporation**. V. *CHRÉTIENNE* dans ce groupe.
- Inscription** (prendre ses), se faire — Inscire.
- Inspecteur**; — Inspecteur; — Inspection des écoles; — comité d'inspection; — délégués cantonal; sous-inspecteur; etc.
- 4 **Institution**, établissement d'instruction publique; — Institutur, celui qui dirige une école; — Institution, maison d'enseignement supérieur tenue par un particulier; chef d'institution; — Institutrice, femme qui tient une école.
- INSTRUCTION**; — Instruire; — enseigner; etc.
- 4 **Internat**, école où l'on reçoit des — Internes, écoliers qu'on nourrit et qu'on loge.
- 1 **Jeunes de langues**, jeunes-gens qui étudient pour être drogman.
- Leulin** (le pays), le quartier des écoles à Paris.
- 2 **Leçon**, instruction donnée ou reçue; ce qu'il faut apprendre par cœur.
- Lecteur**, a été employé dans le sens de professeur, et — Lecture, pour leçon du professeur.
- Mère** tel auteur, l'expliquer en classe.
- 4 **Niveau**, collège supérieur; à certaines époques, collège royal, national, etc.; — Lycéen, écolier d'un lycée.
- Magistère**, maître d'école: *jurare per verba magistris; magister dixit*; — Magistral, qui sent le maître.
- Maître et maîtresse d'école** (Denys le Jeune fut maître)

- tre d'école à Corinthe); — Maître d'étude, celui qui préside aux études et aux récréations.
- 4 **Maîtrise**, école des enfants de chœur.
- 4 **Mancanterie**, école de chant d'un chapitre pour les enfants de chœur.
- 4 **Médressé**, collège musulman.
- 4 **Militaires** (écoles): d'artillerie, de cavalerie, de Saint-Cyr; etc.
- Minerval**, droit payé aux professeurs par les élèves. (vx)
- 1 **Moniteur**, élève chargé d'avertir ou de diriger les autres; moniteur général; — Monitrice, fille qui fait la fonction de moniteur.
- 4 **Mutuelle** (école), ou d'enseignement mutuel, selon la méthode de Lancaster.
- 4 **Normale** (école), où l'on forme des professeurs.
- 4 **Nourrison**, peut se dire pour élève.
- 4 **Orthomatique** (école), où l'on suit de bonnes méthodes.
- Ouvrir une école**. On dit aussi: tenir une école.
- 4 **Palatine** (école), attachée au palais de Charlemagne.
- Pédagogie**, art d'instruire les enfants; — Pédagogique; — Pédagogiquement; — Pédagogisme; — Pédagogue, maître d'une école d'enfants.
- Pédant**, se dit par dénigrement d'un professeur; — Pédanter, enseigner le latin et le grec; — Pédanterie; — Pédantesque; etc.
- 4 **Pension**, maison d'éducation pour des internes;
- 1 prix annuel payé par chaque — Pensionnaire, élève qui est en pension; — Pensionnat, internat; — maître de pension.
- 2 **Pensum**, tâche extraordinaire imposée comme punition; tant de lignes, tant de vers à copier.
- 4 **Épinière** de jeunes-gens, peut se dire d'une école.
- 1 **Philosophe**, élève de — Philosophie, la plus haute classe d'un collège.
- Pion**, chien de cour, se disent par dénigrement pour maître d'étude.
- 4 **Polytechnique** (école), où l'on enseigne plusieurs, c'est-à-dire presque tous les arts scientifiques.
- Préau**, lieu fermé où jouent les élèves.
- Préfet des études**, chef des maîtres d'étude.
- 4 **Préparatoire** (école).
- 4 **Primaire ou élémentaire** (école).
- Principal**, chef d'un collège; — Principalat.
- Prix**, récompense: distribution des prix.
- Professeur**, enseigner; — Professeur celui qui enseigne: professeur titulaire, suppléant, agrégé; — Professoral; — Professorat. V. INSTRUCTION.
- Promoteur**, inspecteur. (vx)
- 4 **Proviseur**, chef d'un lycée.
- 4 **Prytanée**, lieu d'enseignement public.
- 1 **Pupille**, peut se dire pour élève.
- Quadrivium**, ou physique, cours d'études qui comprenait l'arithmétique, la géométrie, la musique et l'astronomie.
- Quartier**: les élèves de tel quartier.
- Quinquennium**, cours d'études de cinq ans; certificat d'études.
- Récréation**, temps donné pour jouer; lieu où les écoliers jouent.
- Réfectoire**, lieu où mangent les élèves.
- Régent**, professeur; — Régent, exercer comme régent.
- 4 **Régimentaire** (école), établie dans chaque régiment.
- Rentrée des classes**, des élèves, après les vacances.
- Répéter**, donner une leçon particulière sur le devoir même de la classe; — Répétiteur, celui qui répète; — Répétition, action de répéter.
- Retenir un écolier**, le mettre en — Retenue, privation de jeu ou de sortie.
- 1 **Rhétoricien**, élève de — RHÉTORIQUE, classe où l'on étudie les règles du style et de l'éloquence.
- Scolaire**, qui se rapporte aux classes: année scolaire, depuis une grande vacance jusqu'à l'autre; — Scolarité (droit de); — Scolastique, appartenant à l'école; — la Scolastique, l'enseignement qui se faisait par des arguments en forme; — Scolastique-ment.
- 4 **Secondaire** (école), où l'on enseigne le latin, le grec, etc.
- 4 **Séminaire** (grand), école de théologie (on dit quelquefois par dénigrement *capucinère*); — petit Séminaire, collège tenu par des prêtres attachés à une église; — Séminariste, élève d'un séminaire.
- 1 **Septennaire**, qui avait enseigné pendant sept ans.
- Simultané** (enseignement), donné en même temps à un grand nombre d'élèves, opposé à *individuel*.
- 4 **Sorbonne**, établissement où jadis on enseignait la théologie, et où maintenant on fait divers cours publics à Paris; — sorbonique; — sorboniste.
- Sous-maître**, professeur au-dessous d'un maître.
- 4 **Spéciale** (école).
- 4 **Supérieure** (école), ou du degré supérieur.
- Suppléance**, fonction de — Suppléant, celui qui remplace le professeur.
- Tableau noir**, sur lequel on écrit ou trace des figures avec de la craie.
- 2 **Thème**, devoir qui consiste à traduire dans la langue même qu'on apprend.
- Titulaire** (professeur).
- Trivium**, ou éthique, cours d'études qui comprenait la grammaire, la rhétorique et la dialectique.
- Trousseau**, quantité d'habits, linge, etc., qu'apporte un pensionnaire.
- Universel** (enseignement), système Jacotot.
- Universitaire**; — UNIVERSITÉ, corps dirigeant l'enseignement public, distribuant les grades, etc.
- 3 **Vacance**, ou — Vacances, temps où les classes sont suspendues.
- 2 **Version**, devoir qui consiste à traduire de la langue qu'on apprend dans celle qu'on sait.
- 1 **Vétérain**, écolier qui double ou redouble une classe pendant une autre année; opposé à *nouveau*.
- 4 **Vétérinaire** (école), où l'on enseigne la médecine appliquée aux animaux: école d'Alfort.

Figura 46: Verbete *escola* de Boissière (1862)

FONTE: (BOISSIÈRE, 1862, p. 443-445).

école	scolarité
université	cour
collège	quartier
lycée	parloir
asile	réfectoire
institution	brimade
pension	brimer
pensionnat	dortoir
maison d'éduca-	lavabo
internat [tion	économat
externat	cachot
cours	cellule
conférence	banc
faculté	banc d'honneur
conservatoire	gradin
gymnase	rang
athénée	pupitre
prytanée	encrier
séminaire	chaire
école primaire	tableau
é. mutuelle	craie
é. supérieure	éponge
é. secondaire	meuble scolaire
é. normale	boulier
é. préparatoire	carte
é. spéciale	patère
é. libre	oculaire
é. communale	écolâtre
é. laïque	surveillant
é. chrétienne	maître
é. religieuse	maître d'études
é. militaire	scolaire
é. régimentaire	classique
é. professionnelle	frais d'études
é. industrielle	bourse (obtenir
é. commerciale	une)
é. d'application	V. professeur, en-
classe	seignement
amphithéâtre	
laboratoire	
étude	

Figura 47: Verbetes *escola* de Rouaix (1897)
 Fonte: (ROUAIX, 1897, p.164).

ÉCOLE
(latin, *schola*)

L'enseignement. — Université. Enseignement supérieur, secondaire, primaire, technique. — Facultés des lettres, des sciences, de droit, de médecine, de pharmacie. Ecoles de droit, de médecine, de pharmacie. — Instituts.

Lycées et Collèges de garçons. Lycées et Collèges de jeunes filles. Classes de sciences, de philosophie, de lettres, de grammaire. Premier et Deuxième cycle. — Ecoles primaires supérieures. Ecoles primaires élémentaires. Cours complémentaires. Ecoles enfantines. Ecoles maternelles.

Ecoles techniques. Ecoles professionnelles. Ecoles pratiques de commerce et d'industrie. Œuvres post-scolaires. — Ecole des sourds-muets. Ecole des jeunes aveugles.

Enseignement libre.

Principales écoles spéciales. — Ecole normale supérieure. Ecole normale secondaire de jeunes filles. Ecoles normales primaires. — Ecole polytechnique. Ecole de Saint-Cyr. Ecole navale. Ecoles militaires. — Ecole des mines. Ecole des ponts et chaussées. Ecole supérieure d'électricité. Ecole centrale des arts et manufactures. Ecole de physique et chimie industrielles. Ecoles des arts et métiers. Conservatoire des arts et métiers. — Institut agronomique. Ecole des eaux et forêts. Ecoles d'agriculture. — Ecole des Hautes études commerciales. Ecoles supérieures de commerce. — Ecole des Beaux-Arts. Conservatoire de musique et de déclamation. — Ecole des Chartes. — Ecole des Hautes études. — Ecole des Sciences politiques. — Ecole coloniale. — Ecole d'Athènes, de Rome. — Ecoles du service de santé militaire, maritime. — Ecoles dentaires. — Ecole vétérinaire d'Alfort. — Ecole d'hydrographie. — Séminaires. — Prytanée.

Maîtres et élèves. — Universitaire. Professeur. Chargé de cours. Maître de conférences. Professeur adjoint. Maître répétiteur. Instituteur. Maître d'école. Magister. Pion. — Recteur. Doyen de faculté. Inspecteur général. Inspecteur d'académie. Proviseur. Censeur. Principal. Directeur d'école. Econome. Chef d'institution. Préfet des études. — Titulaire. Suppléant. Emérite (retraité).

Pédagogue. Educateur. Humaniste.

Pédant. — Pédagogie. Propédeutique. Enseignement. Méthode. Education.

Etudiant. Lycéen. Collégien. Normalien. — Ecolier. Externe. Interne ou Pensionnaire. Boursier. — Elève. Disciple. Potache. Condisciple. Camarade. Vétéran. Nouveau. — Fruit sec. Cancre. Crétin.

Vie scolaire. — Classes. Etudes. Devoirs. Leçons. Explications. Conférences. Cours. — Exercices. Compositions. Copies. Corrections. Interrogations. Colles. — Places. Nominations. Notes trimestrielles. Bulletin hebdomadaire. Tableau d'honneur. Exemption. Bon point. Livret scolaire. — Concours. EXAMENS. Prix. Diplôme. Baccalauréat. Brevet. — Salle de classe. Etude. Dortoir. Réfectoire. — Gymnase. Cour de récréation. Quartier. Terrain de jeux. Préau. — Parloir. — Chaire. Pupitre. Table. Tableau noir. — Sortie. Rentrée. Vacances. Congés. Promenade. — Discipline scolaire. Conseil de discipline. Retenue. Piquet.

Figura 48: Verbete *escola* de Maquet (1936)
Fonte: (MAQUET, 1936, p.182).

ESCUELA (28)	colación	palmatoria
escuela	enseñanza	puntero
maestra	aprendizaje	
amiga	exámenes	escolar
miga	reválida	escolástico
labor	bachilleramiento	calasancio
kindergarten	licenciamiento	normalista
jardín de la infancia	doctoramiento	universitario
chafallada	grado	académico
peneca	magisterio	facultativo
estudio	bachillerato	cuodlibético
menores	licenciatura	cuodlibetal
mínimos	licencia	rectoral
colegio	doctorado	doctoral
escuelas pías	rectorado	académicamente
alumnado	rectoría	escolásticamente
externado	cancelato	—
taller	cancelariato	
laboratorio	bedelia	
seminario	catedrático	
plantel	profesor	ESCULTOR
academia	maestro	(N. Escultura)
(academias especiales, de infantería, militar, de aduanas, etc.)	universitario	—
conservatorio	claustro	
escuela normal	facultad	
instituto de segunda enseñanza	gremio	
instituto general y técnico	licencia de artes	
liceo	rector	
gimnasio	vicerector	
universidad	decano	
estudio general	pavorde	
escuelas	juez de estudio	
(escuelas especiales, de arquitectura, de comercio, de agricultura etc.)	primicerio	
facultad mayor	primicerio	
teología	moderante	
derecho	paraninfo	
filosofía	maestrescuela	
filosofía y letras	estacionario	
ciencias	bedel	
medicina	(alumno, discípulo, etc. V. <i>Aprendizaje</i>)	
farmacia	graduando	
	sustentante	
	laureando	[cia]
	doctorando	primero en licencia
	primero en licencia	segundo en licencia
	rótulo	
aprender	título	
estudiar	bachiller	
actuar	bacalarío	
repetir	bachiller en artes	
examinarse	licenciado	
aprobar	deán	
recibirse	maestro	
revalidarse	doctor	
bachillerarse	universidad (locolegio [cal])	
licenciarse	academia	
tomar la borla	escuela	
arrastrar bayetas	mensaje	
rectorar	cátedra	
	aula	
graduar	clase	
conferir	catedrilla	
bachillerar	claustro	
licenciar	claustrillo	
doctorar	general	
	paraninfo	
acto	rectoría	
tesis	decanato	
pública	toza	
conferencia	capirote	
paso	capelo	
	borla	
repetición	muceta	
reparación	firulo	
vespertina	diploma	
sabatina	panza de burra	
dominical	cáncana	
alfonsina	palmeta	
vejamen		
cuodlibeto		
mesilla		
loable		
acordada		

Figura 49: Verbete *escola* de Casares (1941)
 Fonte: (CASARES, 1941, p. 168-169).

ESTABELECEMENTOS DE ENSINO-5028

Academia, *s. f.* escola de instrução superior: **alunato**, *s. m.* escola de novigos: **ateneu**, *s. m.* nome de certos estabelecimentos de ensino: **cânones**, *s. m. pl.* antiga faculdade da Universidade de Coimbra: **colégio**, *s. m.* estabelecimento de ensino: **congregação**, *s. f.* conselho dos lentes: **escola**, *s. f.* casa de ensino:

escolar, *adj.*; **pós-escolar**, *adj.*; **pré-escolar**, *adj.*: **estudaria**, *s. f.* casa onde se estuda: **externato**, *s. m.* estabelecimento onde se recebem alunos externos; **ginásio**, *s. m.* liceu: **instituto**, *s. m.* título de alguns estabelecimentos de instrução: **jardim-escola**, *s. m.* escola com jardim anexo: **liceu**, *s. m.* estabelecimento público; **pensionato**, *s. m.* colégio de dentro; **politécnico**, *adj.* que abrange muitos ramos de ensino: **semi-internato**, *s. m.* escola onde se recebem alunos semi-internos; **universidade**, *s. f.* instituto de ensino superior: **aula**, *s. f.* sala em que os escolares recebem as lições: **turma**, *s. f.* cada um dos grupos em que se divide uma numerosa classe de estudantes.

Anagnosigrafia, *s. f.* arte de ensinar a ler e a escrever ao mesmo tempo: **anagnosígrafo**, *s. m.*: **autodidáctica**, *s. f.* arte de aprender por si próprio: **autodidacta**, *s. m.*: **autodidáctico**, *adj.*: **autodidagmático**, *adj.*: **autodidaxia**, *s. f.*: **erotemática**, *s. f.* sistema de pedagogia que consiste em interrogações: **erotematismo**, *s. m.*: **heurística**, *s. f.* ciência da investigação: **heurotemático**, *adj.*: **legografia**, *s. f.* descrição das leis: **legográfico**, *adj.*: **livre-docência**, *s. f.* ensino livre: **maiêntica**, *s. f.* método socrático de ensino: **maiêntico**, *adj.*: **polimatia**, *s. f.* instrução extensa e variada: **teste**, *s. m.* conjunto de provas que se impõem a estudantes, com o fim de apreciar o seu desenvolvimento mental.

Figura 50: Verbetes *escola* de Bivar (1948)

Fonte: (BIVAR, 1948, p. 1517).

escuela. f. Establecimiento público donde se da a los niños la instrucción primaria. || Establecimiento público donde se da cualquier género de instrucción. || *Enseñanza que se da o que se adquiere. || Conjunto de profesores y alumnos de una misma enseñanza. || Método peculiar de enseñar. || *Filos. Doctrina, principios y sistema de un autor. || Conjunto de obras *literarias o *artísticas, que, por presentar caracteres comunes o por corresponder a determinada región o época, se consideran formando grupo aparte. || Conjunto que forman los autores de dichas obras. || fig. Lo que en algún modo alecciona o da ejemplo y *experiencia. || pl. Sitio donde estaban los estudios generales. || **Escuela normal.** Aquella en que se hacen los estudios necesarios para el título de maestro de primera enseñanza. || **Escuelas Pías.** *Orden religiosa* de clérigos regulares fundada por San José de Calasanz, que se dedican a la educación y a la enseñanza de niños pobres.

Figura 51: Verbetes *escola* parte alfabética de Casares (1941)
Fonte: (CASARES, 1941, p. 354).

Escola, s. f. Casa ou estabelecimento em que se recebe ensino de ciências, letras ou artes (5028). || Exemplo (4528): || Fig. Experiência (4138). || Conjunto de alunos de uma escola (5034). || Sistema ou seita (5519) || Carácter comum às obras de ciência ou arte; estilo (5292). || Gir. Bras. Casa de jogo (5853).

Figura 52: Verbetes *escola* parte alfabética de Bivar (1948)
Fonte: (BIVAR, 1948, p. 1301).

Com relação ao modelo sistemático classificatório, o quadro a seguir mostra a quantidade aproximada de lexemas que compõem o verbete em análise nos dicionários de Roget (1852), Robertson (1859), Benot (1899), Sptizer (1936), Azevedo (1950), Florenzano (1961) e que são iguais aos de Roget (1852).

Quadro 11: Quantidade de lexemas nos verbetes selecionados

Autores	Quantidade de lexemas no verbete <i>escola</i>	Quantidade de lexemas em comum com os de Roget no verbete <i>escola</i>

Roget	75	
Robertson	45	22
Benot	97	12
Sptizer	145	16
Azevedo	66	22
Florenzano	36	7

Fonte: (MACHADO OLIVEIRA, 2010).

Verificamos que as obras de Roget (1852), Robertson (1859), Benot (1899), Sptizer (1936), Azevedo (1950) possuem grandes semelhanças. Os verbetes *escola* de Roget (1852), Robertson (1859), Benot (1899), Azevedo (1950) possuem o mesmo número classificatório arábico (542), o que nos mostra que *escola* situa-se na subdivisão *maneiras de comunicação*, subcategoria *comunicação das ideias*, classe IV- *Intelecto*. Florenzano (1961) apresenta a classificação com a letra do alfabeto juntamente com o número classificatório (F-90), que corresponde à categoria *noções intelectuais*. Sptizer (1936) apresenta a estrutura similar à de Roget, pois o verbete *escola* possui a numeração classificatória 390, pertencente à *classe IV – palavras que exprimem faculdade cognoscitiva, seção II – modo de comunicação, divisão comunicação de ideias*. Os agrupamentos de lexemas analógicos são separados por categorias gramaticais nas obras de Roget (1852), Robertson (1859), Benot (1899), Azevedo (1950), Sptizer (1936). Nos verbetes selecionados, Robertson (1859) lexicografou a fraseologia no primeiro grupo de substantivos e Benot (1899) apresentou só os substantivos, de modo que deu um espaçamento entre os lexemas. O verbete na obra de Florenzano (1961) não é separado por categoria gramatical, não é tão similar ao Thesaurus de Roget (1852) por ser sido inspirado pelo *Internacional Thesaurus of English Words and Phrases*, que é uma versão modificada do modelo original de Roget. Bivar (1948), por sua vez, categorizou o verbete estabelecimento de ensino no *capítulo VIII – expressão e comunicação de ideias e de sentimentos, seção II – modos de comunicação*. De modo geral, as categorizações apresentam semelhanças nas obras de Roget (1852), Robertson (1859), Benot (1899), Stpizer (1936), Bivar (1948) e Florenzano (1961).

No que diz respeito ao modelo alfabético-sistemático, percebemos que, na obra de Boissière (1862), os lexemas são organizados em ordem alfabética, acompanhados por grupos de lexemas analógicos e em algumas vezes por definições, distribuídos em duas colunas. Rouaix (1897) organizou cada lexema analógico em uma linha, Maquet (1936) distribuiu os

lexemas analógicos em subgrupos, destacados em negrito, e as suas ideias relacionadas em seguida.

Quanto ao modelo sistemático classificatório alfabético, Casares (1941) apresenta em ordem alfabética a palavra-entrada e os agrupamentos de lexemas analógicos, os quais são apresentados pelas categorias gramaticais substantivos, verbos, adjetivos, advérbios, preposições, interjeições, embora o autor não tenha feito a marcação dessas categorias explicitamente. Apesar de o autor ter explicado, na apresentação da obra, que, depois dos verbos, há substantivos que denotam agentes, lugares em que atuam e os instrumentos que utilizam, no entanto, as unidades lexicais *ação, tese, conferência, etapa*, entre outros, não se encaixam nos casos em que o autor mencionou. Assim sendo, a forma de organização das unidades lexicais nos verbetes não é coerente ao consulente. A característica de organizar os lexemas analógicos por categorias gramaticais Casares (1941) herdou de Roget (1852).

Na obra de Bivar (1948), a palavra-entrada e os lexemas analógicos são apresentados em ordem sistemática, sendo que estes são acompanhados por suas classes gramaticais, gêneros e definições. Essa obra ficaria mais coerente se os lexemas analógicos fossem organizados em ordem alfabética.

Podemos concluir que, entre as obras avaliadas, a mais coerente é a de Casares (1941), posto que, em sua parte analógica, as palavras-entrada são apresentadas em ordem alfabética, ao invés de serem organizadas em ordem sistemática, como em Roget (1852), Robertson (1859), Benot (1899), Sptizer (1936), Azevedo (1950), que possuem categorização confusa. Além disso, o lexicógrafo da obra de língua espanhola apresenta a estrutura de classificação mais lógica em relação aos outros dicionários avaliados e teve o trabalho de explicar de forma minuciosa como a obra pode ser consultada ao redigir as páginas introdutória, que possui a seção **Instruções para o uso do dicionário**, permitindo que o consulente compreenda a organização da obra. A inclusão da parte alfabética é útil por complementar a parte analógica, o que só tende a enriquecer a pesquisa do consulente. Contudo, verificamos que não há um dicionário analógico coerente que atenda àquele que deseja realizar buscas onomasiológicas, uma vez que os repertórios lexicográficos existentes apresentam categorizações complexas e organização da microestrutura de modo confuso.

4.4 O papel do conceito em obras lexicográficas analógicas

Os agrupamentos de lexemas, em muitos verbetes dos dicionários analógicos, são inclusos por analogia, sem terem relação conceitual. Como resultado disso, há listas de palavras compiladas com base em relações associativas, de modo que, muitas vezes, não fazem sentido. No entanto, é essencial que a relação entre as palavras-entrada e os grupos de lexemas analógicos sejam estabelecidos tendo o conceito como ponto de partida, para que sejam agrupados lexemas que possuem características em comum, gerando um repertório lexicográfico coerente.

Para compreender o papel do conceito nas obras lexicográficas analógicas, é necessário definir conceito, que é a unidade de pensamento construído por meio de abstração sobre as propriedades comuns a um conjunto de objetos (ISO 1087, 1990). Assim sendo, conceito pode ser entendido como construto mental, constituído por atributos em comum, que representam propriedades de um objeto ou de uma classe de objetos. O construto mental serve para classificar os objetos, a fim de ordenar os conhecimentos do mundo.

No dicionário analógico da língua portuguesa, de Azevedo (1950, p. 446), o verbebo *divertimento* apresenta o lexema *russianas*, o qual é definido por Aurélio (2004) como “antigas botas de couro dito da Rússia”. Após retomarmos ao conceito do lexema *russianas*, percebemos que não há relação conceitual entre *divertimento* e *russianas*. Na tentativa de encontrar sentido entre os lexemas mencionados, deduzimos que, em eventos de lazer, as pessoas costumavam calçar russianas. No entanto, os conceitos de *divertimento* e *russianas*, não possuem atributos em comum e nem seus conceitos são relacionados, o que impossibilita a identificação da relação de significado que seja capaz de captar as possibilidades de proximidade entre os lexemas. O exemplo mostra associações incoerentes entre lexemas, as quais são frequentes nos dicionários analógicos existentes.

Para elaborar um dicionário analógico, os lexemas podem ser agrupados juntos se possuírem relação lexical em comum, o que demonstra proximidade entre conceitos. Os lexemas que possuem relações lexicais em comum compartilham características e, conseqüentemente, seus conceitos apresentam relações entre si. Citemos como exemplo, a relação entre os lexemas *comida* e *refeição*, uma vez que aquele é conceito conexo deste, logo, *comida* e *refeição* compartilham características por serem da mesma esfera de domínio e por seus significados serem coordenados entre si, e, portanto, correlacionados.

Por fim, podemos concluir que o consulente terá disponível um dicionário analógico com agrupamentos analógicos coerentes, quando o ponto de partida para estabelecer a relação entre o lema e os lexemas for os seus conceitos, que podem ser identificados por meio das relações lexicais e conceituais entre os lexemas. Contudo, por mais próximo que estejam

lexemas e conceitos, os aspectos culturais influenciam na organização da obra, conforme mostraremos na próxima seção.

4.5 Aspectos culturais presentes nos verbetes

O dicionário de língua assume o papel de código normativo de um sistema linguístico, além de ser um componente de expressão cultural e ideológica. Isso porque o léxico, em virtude de sua natureza primeira de nomear, é semanticamente coextensivo à cultura que o suporta e à realidade por ele recortada (KRIEGER, 2007, p. 295-296).

A significação, correspondente ao sentido de um signo considerado como signo na língua, atualiza-se de acordo com a língua, sendo que cada uma tem os significados para os conceitos. A estruturação das línguas induz a estruturações de significados diferentes, já que uma língua dá forma ao conceito.

Destacou Ullmann (1970, p. 523) que:

Um campo semântico não reflete apenas as ideias, os valores e as perspectivas da sociedade contemporânea; cristaliza-as e perpetua-as também; transmite às gerações vindouras uma análise já elaborada da experiência através da qual será visto o mundo, até que a análise se torne tão palpavelmente inadequada e antiquada que todo o campo tenha que ser refeito.

Em concordância com o autor, afirmamos que os campos semânticos das unidades lexicais de uma língua refletem aspectos culturais de seus falantes por mostrarem como interpretam as coisas ao redor. Os campos semânticos geralmente são mantidos por outras gerações, mas também podem sofrer mudanças diacrônicas e sincrônicas.

Como exemplo de mudança diacrônica refletidas nos campos semânticos, no repertório lexicográfico analógico de Rouaix (1897, p. 40), há o lexema *gladiador* inserido no verbete *atleta*, o que reflete a visão de mundo do século XIX. Em um dicionário analógico atual, os lexemas *gladiador* e *atleta* não são relacionados, pois os costumes dos povos foram modificados ao longo do tempo, de modo que a unidade lexical *gladiador* não faz parte dos agentes presentes na sociedade moderna e não é incluso na categoria atleta.

Os sistemas conceituais, os campos semânticos não são iguais nas diferentes línguas e há palavras que se referem a objetos específicos da cultura da língua (CABRÉ 1993, p. 97). Diante disso, convém retomarmos a questão da aplicação do modelo do Theusaurus de Roget (1852), de língua inglesa, a várias línguas. Como cada língua tem sua maneira de estruturar os

conceitos e de descrever o mundo, não é coerente traduzir um dicionário de uma língua para outra, é necessário fazer adaptações, assim como Robertson (1859), Benot (1899), Azevedo (1950) fizeram na microestrutura dos verbetes de suas obras.

No entanto, no que diz respeito à macroestrutura das obras de Robertson (1859), Benot (1899) e Azevedo (1950), foi feita cópia do plano de classificação de Roget (1852), procedimento inadequado, pois cada sociedade apresenta suas particularidades na maneira de interpretar a realidade e cada “língua forma campos semânticos que lhes são próprios”, conforme Depecker (2002: 133). Um dos motivos do plano de classificação de Roget (1852) nos causar estranheza é que os lexemas foram categorizados em língua inglesa e ainda no século XIV.

As obras lexicográficas possuem um panorama dos aspectos culturais das sociedades em que estão inseridas. Um falante de língua portuguesa não associa *pedestre* a *esporte*, pois em nossa sociedade não tem sentido a relação entre esses conceitos, porém, para os falantes da língua espanhola, o lexema *pedestre* é considerado um item lexical do campo conceitual *esporte*. O *Señas: Diccionario para la enseñanza de la lengua española para brasileños* (2001, p. 960) mostra a marcação de uso do lexema *pedestre* na área esporte por meio da abreviatura DEP., traz a definição e indica o equivalente em Português usando o símbolo □, conforme o quadro a seguir nos mostra:

Quadro 12: Verbetes *pedestre* de Señas (2001)

<p>Pedestre: adj. DEP. (carrera) que se hace a pie, andando o corriendo: este domingo se celebrará una carrera ~ □ pedestre.</p>
--

Fonte: (SEÑAS, 2001, p. 960) adaptado.

No dicionário de Casares (1941), o lexema *pedestre* localiza-se inserido no verbete *esporte*, o que não ocorre nos dicionários analógicos de Língua Portuguesa. Embora o lexema *pedestre* seja o mesmo em espanhol e em português, possui marcas de uso distintas. Em uma determinada língua, em um dado momento, o falante de uma sociedade cria relações entre conceitos em certos contextos, as quais não necessariamente existem em outras línguas, pois os grupos humanos categorizam e definem os lexemas de acordo com suas respectivas visões do mundo.

Mesmo que existam padrões universais de categorização, como ocorre com os conceitos terminológicos da zoologia, por exemplo, as línguas, os momentos históricos, influenciam as maneiras de organizar os conceitos. Como o dicionário representa o estado da

língua em determinado período em que os lexemas foram compilados, reflete a estruturação dos conceitos de acordo com a visão cultural da sociedade da época, assim tanto o dicionário de língua comum quanto o dicionário analógico nos mostram aspectos culturais presentes nos verbetes.

Em síntese, com base nos estudos feitos neste capítulo, foi possível compreender as obras que influenciaram a formação de dicionários analógicos, por meio da retrospectiva histórica realizada, identificar os tipos de organização de dicionários analógicos, por meio das macroestruturas e das microestruturas, descrever o papel do conceito e os aspectos culturais nas obras lexicográficas analógicas. No próximo capítulo, identificaremos a relação entre Lexicologia, Lexicografia, Terminologia e Organização do Conhecimento, ao revisar a literatura e ao cotejar tesouro documentário e dicionário analógico.

5 LEXICOLOGIA, LEXICOGRAFIA E TERMINOLOGIA NA ÁREA DO LÉXICO E NA ÁREA DE ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO

5.1. Liame entre Lexicologia, Lexicografia, Terminologia e Ciência da Informação

A Lexicologia e a Lexicografia têm como o principal objeto de estudo o léxico, que é o “conjunto de palavras duma língua”, conforme Rey Debove (1984, p. 50) definiu. A Lexicologia descreve as palavras da língua, que se ocupa das estruturas e regularidades dentro da totalidade do léxico de um sistema individual ou de um sistema coletivo, procura dar conta do léxico da língua geral. Tem por finalidade explicar da forma mais adequada possível o funcionamento do léxico do falante. Tal funcionamento inclui a estruturação e a categorização lexical e gramatical. A Lexicografia descreve os princípios para elaboração de dicionários, apresenta as significações das palavras (HAENSCH, 1982, p. 3; CABRÉ, 1993, p. 80; FAULSTICH, 1997, p. 82, BIDERMAN, 2001, p. 14).

A Terminologia, por sua vez, sistematiza o léxico das linguagens de especialidade e é formada por conjunto dos princípios e das bases conceituais que determinam o estudo dos termos. Proceder ao estudo linguístico dos termos, reunir famílias terminológicas ou rede onomasiológicas ou campos terminológicos são tarefas da Terminologia. O termo terminologia além de designar a disciplina, pode ter mais duas acepções: conjunto dos princípios e dos métodos utilizados em um trabalho terminológico e conjunto de termo de uma área de especialidade (CABRÉ, 1993, p. 82; FAULSTICH, 1997, p. 82).

A Lexicologia, a Lexicografia e a Terminologia são disciplinas do âmbito da Linguística que se ocupam do estudo do léxico em diversas áreas. Na construção do dicionário analógico, princípios das disciplinas Lexicologia, Lexicografia e Terminologia precisam ser empregados. Na elaboração de modelos de representação do conhecimento, são utilizados princípios de Lexicologia, de Lexicografia, e, principalmente, de Terminologia, de Documentação e de Ciência da Informação.

Para que possamos nos situar no âmbito das ciências em que nosso estudo está envolvido, acrescentemos que a Ciência da Informação é a disciplina a qual organiza e representa os conhecimentos e as informações e que possui interfaces com outras áreas. O

tesauro, um dos nossos objetos de estudo, está inserido no âmbito da Ciência da Informação, por ser um tipo de modelo de representação do conhecimento que serve para recuperar informação. Ao indexar termos em tesouros, princípios metodológicos da Documentação são adotados. Segundo Cabré (1993, p. 111), a Documentação é:

“uma disciplina relativamente recente que se ocupa dos documentos que contêm informação. Tem, como a Terminologia, caráter multidisciplinar, já que se aplica a qualquer ciência ou atividade humana. É também uma atividade prática, que tem como objetivo facilitar o acesso à informação aos especialistas e usuários que dela necessitam.”

Assim sendo, tanto a Terminologia quanto a Documentação empregam seus parâmetros teóricos às diversas áreas, a fim de disseminar conhecimentos para os usuários da língua, os quais têm interesse pela coleta de informações necessárias às atividades que exercem.

O processo de organização do conhecimento envolve Análise Documentária (AD), que consiste em “um conjunto de procedimentos efetuados com o fim de expressar o conteúdo dos documentos sob formas destinadas a facilitar a recuperação da informação”, com base na definição dada por Cunha (1990, p. 59). Na Análise Documentária, estão envolvidas 3 linguagens: a linguagem natural (LN), objeto de estudo da linguística; as linguagens de especialidade (LE), Terminologia e as linguagens documentárias (LD), Documentação. A linguística colabora com a AD no reconhecimento dos textos e na estruturação das LDs (CUNHA, 1990, p. 60).

Ambiguidade, polissemia, holonímia, sinonímia, lematização na forma canônica constituem fenômenos linguísticos que influenciam na recuperação e organização da informação nos modelos de representação do conhecimento. Por isso, o elaborador de tesauro precisa aplicar técnicas lexicológicas, lexicográficas e terminológicas, uma vez que “a Ciência da Informação não dispõe de toda base teórica e metodológica para resolver os problemas da análise documentária,” conforme Medeiros (1999, p.16) explicou. No processamento automático de conteúdos de informação, é adotado o uso da linguagem natural e, no momento de passar para a linguagem artificial, é necessário utilizar recursos lexicológicos, lexicográficos e terminológicos.

Ao retomarmos os conceitos e as aplicações das disciplinas Lexicologia, Lexicografia, Terminologia e Ciência da Informação, torna-se nítido o liame que apresentam entre si, pois seus respectivos princípios teóricos contribuem mutuamente para o desenvolvimento de diferentes ciências com convergência de conteúdo. Além disso, como o tesauro é um modelo

de representação do conhecimento, foi necessário nos situar no âmbito da Organização do Conhecimento, processo de modelagem do conhecimento, que tem como base a análise do conceito e de suas características, para estabelecer a posição ocupada por cada conceito em um determinado domínio e as relações com os demais conceitos que compõem o sistema nocional. O processo de Organização do Conhecimento serve para elaborar a representação do conhecimento, que, por sua vez, constitui-se numa estrutura conceitual que representa modelos de mundo. A representação do conhecimento é feita por meio de diferentes tipos de sistemas de organização do conhecimento (SOC), que são sistemas conceituais, os quais representam determinado domínio por meio da sistematização dos conceitos e das relações semânticas que se estabelecem entre eles. Os denominados objetos informacionais, que são as unidades de informações organizáveis postuladas por Taylor (2003), precisam de modelos de representação do conhecimento para que sejam estruturados (BRÄSCHER & CAFÉ, 2008).

Após retomarmos aos conceitos de Organização do Conhecimento, de representação do conhecimento e de objetos informacionais, podemos inferir que dicionário analógico e tesouro documentário são modelos de representação do conhecimento, pois sistematizam conceitos expressos por meio de lexemas e de termos e apresentam as relações semânticas que as unidades linguísticas estabelecem. Assim sendo, os dois modelos de representação do conhecimento supracitados servem para organizar os conjuntos de unidades linguísticas que são os objetos informacionais. Como já apresentamos os dicionários analógicos nos capítulos 3 e 4, falta-nos discutir conotações de *thesaurus* e de tesouros documentários, assuntos que serão abordados na seção seguinte.

5.2 Conotações de *thesaurus* e de tesouro documentário

O lexema *thesaurus*, de origem greco-latina, consta nos dicionários mais antigos sob a forma “thesouro”. Na época do renascimento, os dicionários de uma língua se chamavam ‘*thesaurus*’, como o *Thesaurus linguae latinae*, de Robert Estienne (1532) e *Thesaurus graecae linguae*, de Henri Estienne (1572). Um tempo depois, *thesaurus* passou a ser entendido como um instrumento lexicográfico muito extenso, considerado como representante dos exemplos do uso linguístico. Uma das primeiras obras a incluir esta expressão no seu título foi o *Thesaurus linguae romance et Britannica*, de Cooper, publicado em 1565 (HAENSCH, 1982, p. 106). Assim sendo, inicialmente, *thesaurus* (tesouro, tesouro) era

conhecido como dicionários de língua com grande quantidade de palavras registradas. Faulstich (1995, p. 283) definiu tesouro como “dicionário de língua que cobre de maneira exaustiva as unidades de um vasto *corpus* representativo de uma língua. Em relação ao dicionário geral, o tesouro apresenta uma quantidade muito maior de entradas e de informações lexicográficas”.

Neste caso, tesouro tem o significado de tesouro. Para Roget (1852), *Thesaurus* tem outro conceito e outra finalidade. Designa “coleção de palavras e frases ordenadas não classificadas em ordem alfabética, como se encontra em um dicionário comum, mas de acordo com as ideias que representam”, conforme Roget (1852)

Além dos significados mencionados que servem para denotar tesouros de língua, surgiram, com o passar do tempo, os tesouros documentários com outra definição e para outras finalidades. O termo Tesouro começou a ser utilizado na Ciência da Informação, em especial no processo de recuperação da informação, como um instrumento capaz de transportar conceitos e suas relações mútuas, tal como expressos na linguagem dos documentos com controle de sinônimos e estruturas sintáticas simplificadas (DODEBEI, 2002, p. 66).

Historicamente, o tesouro documentário surgiu como uma relação estruturada de termos constituídos. Em 1950, Hans Peter Luhn, do *Research Center* da IBM nos Estados Unidos, no âmbito da Ciência da Informação, foi o primeiro a utilizar o termo *Thesaurus* para nomear seu sistema de palavras autorizadas, com uma estrutura de referências cruzadas. Após ter notado que uma simples listagem alfabética não solucionaria o problema de localizar a palavra/ideia mais adequada à recuperação, evidenciou em sua obra que ideias afins precisavam estar ligadas uma palavra à outra, por isso estabeleceu relações entre as palavras. Quando nomeou esta nova lista de palavras, chamou-a de *thesaurus*, influenciado pelo trabalho de Roget (CAMPOS & GOMES, 2006, p. 349- 350).

A priori, os tesouros eram arranjados em ordem alfabética, modo que não expressava os relacionamentos entre os termos. Além disso, os tesouros não possuíam bases teóricas regulamentadas para sua criação. Os primeiros tesouros formalmente construídos apareceram a partir de 1960.

Os tesouros documentários surgiram da necessidade de manipular grande quantidade de documentos especializados. Era preciso organizar vocabulário mais especificamente e com uma estrutura mais apurada que a dos cabeçalhos de assunto (remissivas e referências cruzadas). Assim, além da especificidade, cuidou-se de melhorar a estrutura e as referências cruzadas que deram lugar às relações hierárquicas e associativas. Pelo fato de esse novo

instrumento da documentação possibilitar, por meio do agrupamento dos termos, o acesso a uma ideia, as novas listas estruturadas de termos passaram a ser chamadas tesouros ou *thesaurus*, por analogia ao *Thesaurus of English words and phrases Classified and Arranged so as to facilitate the expression of ideas and to assist in literary composition*, de Roget (1852), embora com a função de indexar e recuperar informação (GOMES, 1990, p. 14).

Existem várias definições para tesouro. Cavalcanti (1978, p. 27) o definiu como “uma lista estruturada de termos associados empregada por analistas de informação e indexadores, para descrever um documento com a desejada especificidade, em nível de entrada, e para permitir aos pesquisadores a recuperação da informação que procura”. A definição apresentada é clássica na literatura e proporciona uma ideia geral do objeto, porém, é questionável, já que o tesouro possui tanto os termos “associados”, como Cavalcanti (1978) mencionou, quanto os subordinados, aos quais o autor não se referiu ao definir o objeto em análise.

Austin (1991, p. 14), por sua vez, com ponto de vista assertivo, postulou que tesouro documentário pode ser entendido como “vocabulário controlado de uma linguagem de indexação, formalmente organizado para explicitar as relações *a priori* entre conceitos”. Para compreendermos a definição de Austin (1991), é necessário retomarmos aos conceitos de linguagem de indexação e de vocabulário controlado. Para Taylor (2003, p. 334), “vocabulário controlado é uma lista, ou banco de dados, criado para controlar termos, de modo que os termos e as frases que representam o mesmo conceito são organizados juntos”. A linguagem de indexação, também chamada de Linguagem Documentária, é um conjunto controlado de termos usado para representar os conteúdos dos documentos, além de ser constituída por sistemas artificiais de signos normalizados que servem de ponte entre a linguagem que utilizam os especialistas na literatura publicada e a que os usuários utilizam no momento de consulta. O objetivo da Linguagem Documentária é controlar a terminologia de área ou áreas do conhecimento por meio do estabelecimento de um conceito/interpretação definido aos termos de acordo com as necessidades de uso do sistema (TRISTÃO et al, 2004, p. 162; FUJITA & CESSSEL, 2000; CARDONA RAVE et al, 2002, p. 345).

Cabré (1993), de forma menos exaustiva que Austin (1991), afirmou que tesouros “são recopilações de termos relacionados semanticamente, que servem como ferramentas para organizar e recuperar a informação”. A definição de Cabré é útil por dar uma noção geral do objeto em análise sem empregar termos complexos, o que facilita o entendimento do leigo.

De nossa parte, afirmamos que tesouro documentário é um vocabulário controlado que apresenta os termos de uma linguagem de especialidade de uma área do conhecimento, os

quais são relacionados por equivalência, hierarquia e associação. Emprega a linguagem documentária para controlar os termos usados na indexação, de modo que traduz a linguagem natural dos usuários e indexadores para uma linguagem mais controlada. É utilizado por analistas de informação, indexadores, a fim de descrever um documento com especificidade e por pesquisadores que desejam recuperar informações.

O tesouro documentário serve como um instrumento de representação do conhecimento em Sistemas de Recuperação da Informação. “A função do tesouro é poder representar os assuntos dos documentos e das solicitações de busca”, com base em Gomes (1990, p. 16), sendo que a representação do assunto se dá mediante o processo de indexação, e a representação da solicitação de busca ocorre quando o usuário procura uma informação no sistema. Assim sendo, os tesouros dão suporte para a recuperação da informação ao fornecerem os termos adequados às estratégias de busca, além de serem úteis como instrumentos de controle de termos empregados na indexação. A indexação que pode ser definida como “processo de analisar o conteúdo informacional dos registros do conhecimento e sua expressão na linguagem do sistema de indexação”, segundo Borko e Bernier (1978, p. 8).

Conforme Lara (2002, p. 134), “os tesouros representam uma das formas mais consistentes de apresentar uma proposta de organização de um domínio, já que são formulados segundo princípios lógico-semânticos por meios dos quais é possível constituir um todo significativo”. A padronização por meio do uso da linguagem documentária, a limitação do número de termos necessários à explicitação dos conceitos expostos pelos autores de uma área, ao incluir as terminologias normatizadas e o estabelecimento do lugar dos termos em relação aos demais contribuem para que o tesouro documentário sirva como instrumento de organização de uma determinada área especializada, favorecendo o controle terminológico.

O tesouro documentário pode ser utilizado tanto por leigos quanto por especialistas, assim como por tradutores, bibliotecários, documentalistas, com o objetivo de proporcionar a compreensão e o uso adequado dos termos utilizados para denominar os conceitos principais de um campo de especialidade e evitar equívocos e más interpretações. Bibliotecários e documentalistas, especificamente, utilizam um tesouro como linguagem de indexação (CARDONA RAVE et al, 2002, p. 345).

Os componentes fundamentais dos tesouros são os termos, os quais, na etapa da indexação, são convertidos em palavras-chave. A seleção dos termos que compõem o

vocabulário básico do tesouro pode ser feita por meio de métodos, os quais podem ser usados de forma combinada, como:

- i) analítico – estabelecido por análise da terminologia encontrada nos documentos. São extraídos os termos significativos de documentos. Incluem-se os conceitos encontrados na etapa de indexação, ou entrada, obtendo-se assim um inventário dos conceitos.
- ii) sintético – estabelecido por meio da análise comparativa com os termos colhidos nas obras de referências, relativos ao assunto objeto do levantamento comparativo.
- iii) *a priori* – estabelecido por consulta a especialistas que resulta em um esquema preciso (CAVALCANTI, 1978, p. 29).

A estrutura do tesouro baseia-se em descritores reunidos por áreas específicas do conhecimento. Os descritores consistem em termos ou expressões atribuídos a um documento para descrever seu conteúdo, os quais são escolhidos entre o conjunto de termos considerados como equivalentes para representar um conceito essencial e possibilitam estabelecer relações semânticas entre eles (GUSMÃO, 1985, p. 24, 29). Assim sendo, ao elaborar um tesouro, o especialista busca o termo mais adequado para expressar um conceito e em seguida estabelece as relações entre os termos. A elaboração das redes relacionais podem ser de 3 tipos: equivalência, hierárquica, associativa. No processo de indexação e de estruturação da lista dos termos, as relações são expressas por meio de uso de abreviaturas.

A relação de equivalência se dá entre o termo preferido (descritor) e o não-preferido (não- descritor), de modo que 2 ou mais termos são considerados, para fins de indexação, como referentes ao mesmo conceito. Essa relação se estabelece entre termos sinônimos, quase sinônimos e variantes lexicais. As abreviaturas usadas nesta relação são: USE, para indicar o termo preferido, e UP, que significa *usado para* e que indica o termo não preferido (AUSTIN, 1991, p. 42). Ao pesquisar o termo *aipim* no Tesouro de Folclore e Cultura Popular Brasileira, os resultados são os termos *macaxeira*, *mandioca-doce*, *mandioca-mansa* indicados como termos não preferidos.

Sobre a relação hierárquica, Austin (1991, p. 44) afirma que:

baseia-se em graus ou níveis de superordenação ou subordinação, em que o termo subordinado se refere a seus membros ou partes. A reciprocidade é expressa pelas abreviaturas TG para o termo genérico (superordenado), TE para o termo específico (subordinado).

As relações de superordenação mostram os termos mais gerais e as relações de subordinação mostram os termos mais específicos. A relação hierárquica pode ser subdividida

em 3 tipos, a saber: gênero-espécie, partitiva e enumerativa. Essas 3 relações hierárquicas podem ser representadas pelas abreviaturas TG ou TE ou pelas demais que mencionaremos.

A relação gênero-espécie (genérica) “identifica a ligação entre a classe ou categoria e seus membros ou espécies”, segundo Austin (1991, p. 46). Nesta relação, o conceito genérico é denominado Termo Geral Genérico (TGG) e o conceito específico, Termo Específico Genérico (TEG).

EX: Relação Gênero/Espécie

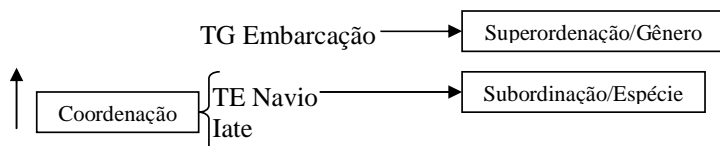


Figura 53: Relação gênero-espécie
Fonte: (CINTRA et al, 2002, adaptado).

De acordo com a representação da figura 53, *embarcação* é o termo genérico, *navio* e *iate* são termos específicos, sendo que os dois últimos termos apresentam relação de coordenação entre si, pois herdam características comuns do termo superordenado.

Na relação hierárquica partitiva (todo-parte), os termos são organizados em hierarquia, de modo que o termo designativo do todo, conhecido como Termo Geral Partitivo, abreviado por TGP, é superordenado, e o termo que representa a parte, chamado de Termo Específico Genérico, abreviado por TEG, é subordinado (AUSTIN, 1991, p. 47). “O relacionamento hierárquico todo-parte abrange número limitado e classes de termos, em que o nome da parte, a despeito do contexto, subentende o nome do todo, de modo que os termos podem ser organizados como hierarquias lógicas” com base em IBICT (1984, p. 27).

Como exemplo disso, basta observarmos a figura subsequente, na qual *navio* é o termo geral, que representa o todo, enquanto *casco* e *quilha* são os termos específicos, que denotam as partes do *navio*.

EX: Relação Partitiva

TG Navio
TE Casco
Quilha

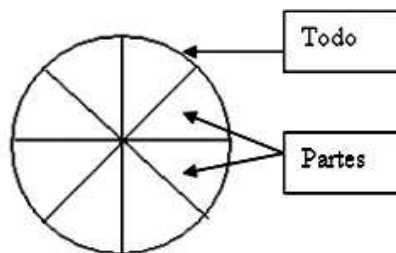


Figura 54: Relação partitiva
Fonte: (CINTRA et al, 2002).

Outra relação a mencionar é a enumerativa (de exemplo), que “identifica a ligação entre uma categoria geral de objetos ou eventos, expressa por um substantivo comum, e um exemplo individual daquela categoria, geralmente um substantivo próprio”, com base na ANSI/NISO Z39. 19-2005 (49). Usa-se Termo Geral Exemplo (TGE) para o geral e Termo Específico Exemplo (TEE) para o termo específico na relação enumerativa. Os termos específicos *Andes* e *Himalaia* são exemplos de termos específicos do termo geral *Regiões Montanhosas*, assim como a figura a seguir representa:



Figura 55: Relação enumerativa
Fonte: (CINTRA et al, 2002).

Por fim, a relação associativa cobre as relações entre pares de termos que são mentalmente associados de tal maneira que a conexão entre eles deve ser feita explicitamente no tesauro, uma vez que este recurso oferece termos alternativos que poderiam ser utilizados para a indexação ou recuperação. Esta relação é indicada pela abreviatura TR (termo relacionado) ou TA (termo associado). Os termos associados não são membros de um conjunto de equivalência, nem podem ser organizados em uma hierarquia em que um termo se subordina a outro (AUSTIN, 1991, p. 50).

Em certas situações, é necessário explicitar o uso de um termo em um contexto específico. Neste caso, acrescenta-se ao termo uma nota de aplicação, também chamada de nota explicativa, que serve para indicar seu significado específico dentro de uma linguagem de indexação (AUSTIN, 1991, p. 15; CURRÁS, 1995, p. 106).

Com a função de sintetizar informações, o quadro, a seguir, apresenta as abreviaturas mais frequentes que aparecem nos tesauros e suas respectivas significações.

Quadro 13: Abreviaturas presentes nos tesauros e suas respectivas significações

NE ou NA	Nota Explicativa ou Nota Aplicativa
TE	Termo Específico
TEE	Termo Específico Exemplo
TEP	Termo Específico (partitivo)

TG	Termo Genérico
TGE	Termo Genérico Exemplo
TGM	Termo Genérico Maior
TGP	Termo Genérico (partitivo)
TR ou TA	Termo Relacionado, ou Termo Associado
UP	Usado Para, indica o Termo Equivalente (não-preferido)
USE	descriptor (termo preferido)

Fonte: (CURRAS, 1995, p. 108, adaptado).

O tesouro é organizado com base em uma sistematização, mesmo quando se apresentam em ordem alfabética, visto que sua estrutura é regida pelas relações estabelecidas entre os termos. Pode ter parte sistemática e/ou alfabética e também há os tesouros conceituais que agregam as definições aos termos. É possível que esteja na forma de apresentação planigráfica, na qual os termos estão dispostos hierarquicamente em gráficos bidimensionais, assim como a parte sistemática encontra-se no Tesouro do Folclore e Cultura Popular.

Apresentaremos na próxima seção a análise do Thesaurus Brasileiro da Educação (Brased), para que possamos verificar o modo como o tesouro documentário é organizado na prática.

5.3 Resenha terminológica do Thesaurus Brasileiro da Educação sob a forma de ficha terminográfica

O Thesaurus Brasileiro da Educação (Brased) é um vocabulário controlado que reúne termos e conceitos, extraídos de documentos analisados no Centro de Informação e Biblioteca em Educação (CIBEC), relacionados entre si, com base em uma estrutura conceitual da área de educação. Os termos, chamados descritores, são destinados à indexação e à recuperação de informações.

Para avaliar o Thesaurus Brasileiro da Educação (Brased), servimo-nos da ficha de avaliação de dicionário e glossários científicos e técnicos de Faulstich (1998, p. 234-235) – apresentada no capítulo 4, na seção 4.2.1 desta pesquisa – e dos critérios para avaliação de tesouro documentário postulados por GOMES et al (2004), a saber:

1. Domínio de Conhecimento coberto pelo Tesouro
2. Apresenta Introdução? Qual o conteúdo? está redigida de forma clara a possibilitar o uso do instrumento?

3. Forma de apresentação
 - a) Apresenta parte alfabética
 - b) Apresenta parte sistemática
4. Idioma: monolíngue ou multilíngue?
5. Unidade linguística utilizada:
 - a) Conceito
 - b) Palavra
 - c) Assunto
6. Quais os tipos de relação encontrados?
7. Aspectos ligados à consistência:
 - a) Consistência das relações entre os termos?
 - b) Consistência no uso do plural e do singular?
 - c) Consistência no nível de especificidade?
8. Nota de aplicação/Escopo: apresenta a definição do termo e/ou a política de indexação?

Com base nos documentos de Faulstich (1998) e de Gomes (2004), elaboramos uma ficha terminográfica de avaliação de tesouro documentário, como apresentamos a seguir.

Título:

Autor:

Editora/ edição/ data:

Local de publicação:

1. Sobre o autor

- 1.1. Trata-se de pessoa reconhecida na área de ciência da informação ou de terminologia?
- 1.2. Fez parte de grupo de pesquisa da área de ciência da informação ou de terminologia?
- 1.3. Qual a formação acadêmica do autor principal e dos participantes do grupo de pesquisa?
- 1.4. Qual a profissão exercida na época da publicação da obra em análise?

2. Sobre a apresentação da obra pelo autor

- 2.1. Há introdução na qual apareçam claramente:
 - a) os objetivos da obra?
 - b) o público para o qual o conteúdo se dirige?
 - c) as informações sobre como consultar o tesouro documentário ou o vocabulário controlado?
 - d) referências à bibliografia de onde foi extraído o corpus?
 - e) delimitação da área específica que a obra cobre?
- 2.2. Há bibliografia de consulta justificada pelo autor?

3. Sobre a apresentação material da obra

- 3.1. As ilustrações, se houver, estão adequadas à microestrutura informacional?
- 3.2. A utilização de negrito, de itálico e de outros recursos gráficos está de acordo com o equilíbrio visual da obra?
- 3.3. A obra é apresentada em ordem alfabética? Em ordem sistemática?
- 3.4. Há atualizações da obra?
- 3.5. A obra contempla uma só língua? Mais de uma?
- 3.6. O formato da obra permite manuseio prático e fácil?
- 3.7. A qualidade do acabamento garante a sua durabilidade?
- 3.8. A obra está editada em suporte informatizado?
- 3.9. O sistema de abreviações e de símbolos aparece corretamente no corpo do texto?
- 3.10. A obra possui ampla divulgação?

4. Sobre o conteúdo

- 4.1. As entradas cobrem de modo completo a área de especialidade?
- 4.2. Quais os tipos de relação encontrada na obra? Há consistência das relações entre os termos?
- 4.3. Há consistência no uso do plural e do singular?
- 4.4. A obra apresenta:
 - a) categoria gramatical?
 - b) gênero?

- c) indicação de área ou subárea de especialidade?
 - d) contexto? (exemplo ou abonação?)
 - e) origem?
 - f) etimologia?
 - g) nomenclatura científica?
 - h) remissivas úteis entre conceitos?
 - i) fontes?
 - j) notas?
 - 4.5. Nota de aplicação/Escopo apresenta a definição do termo e/ou a política de indexação?
 - 4.6. Há definição? A definição é constituída de um enunciado de uma só frase?
- 5. Sobre a edição e publicação**
- 5.1. Recomenda-se a edição e a publicação da obra?
 - 5.2. Quais serão os principais pontos de difusão da obra?

Para o preenchimento da ficha de avaliação de tesouro documentário, extraímos as informações do site www.inep.gov.br/pesquisa/thesaurus/e da publicação de Lo Manaco (2006).

A ficha está estruturada como se apresenta a seguir:

- Título: Thesaurus Brasileiro da Educação (Brased)
- Autor: Brasil
- Editora/data: 2001
- Local de publicação: Brasília

1. SOBRE O AUTOR

1.1. Trata-se de pessoa reconhecida na área de Ciência da Informação ou de Terminologia?

Não é mencionado.

1.2. Fez parte de grupo de pesquisa da área de Ciência da Informação ou de Terminologia?

Não é mencionado.

1.3. Qual a formação acadêmica do autor principal e dos participantes do grupo de pesquisa?

Gaetano Lo Monaco é licenciado em Filosofia pela Faculdade Dom Bosco de Filosofia Ciências e Letras de São João Del-Rei (MG), bacharel em Pedagogia pelo Centro de Ensino Unificado de Brasília (CEUB) e fez curso de Terminologia no Departamento de Linguística da Universidade de Brasília (UnB). Hagar Espanha Gomes e Marisa Bräscher Basílio são bibliotecárias, Sérgio Ricardo Pereira dos Santos, linguista, Francisco Salatiel de Alencar Barbosa, sociólogo e não é mencionada a formação acadêmica dos demais membros da equipe.

1.4. Qual a profissão exercida na época da publicação da obra em análise ?

O Professor Gaetano era técnico em Assuntos Educacionais no Centro de Informação e Biblioteca em Educação (CIBEC) na época da publicação da obra em análise. A obra foi elaborada por um grupo de profissionais, dentre as mais reconhecidas há Hagar Espanha Gomes e Marisa Bräscher Basílio, da área de Ciência da Informação. A equipe que elaborou o esquema conceitual do âmbito educacional da obra foi formada por uma comissão interinstitucional composta pelos servidores Gaetano Lo Monaco (coordenador) e Lidia Alvarenga Nery, do Inep; Diogo José Ayrimoraes, do Conselho Federal de Educação (CFE); Lauro de Barros Silva Filho, da Secretaria de Ensino de Primeiro e Segundo Grau (SEPS); e Elza de Oliveira, da Funarte. O trabalho passou por 3 fases de avaliação por parte de consultores especialistas. A primeira fase da avaliação, de caráter semântico, feita pelo linguista Sérgio Ricardo Pereira dos Santos, constatou que, na redação apresentada, o aspecto epistemológico predominava sobre o semântico, fugindo dos padrões de uma metalinguagem que deveria estar baseada nos princípios linguísticos. A segunda fase da avaliação, de caráter técnico, feita por Hagar Espanha Gomes e Marisa Bräscher Basílio Medeiros, bibliotecárias e, à época, mestres em Ciência da Informação, constatou a necessidade de, primeiramente, conceituar cada termo para melhor estabelecer as relações entre eles. A terceira fase da avaliação, de caráter epistemológico, feita pelo sociólogo Francisco Salatiel de Alencar Barbosa, convalidou, de modo geral, a matriz conceitual do Thesaurus, mas sugeriu algumas modificações na estrutura temática e a introdução de novos termos para completar algumas cadeias conceituais.

2. SOBRE A APRESENTAÇÃO DA OBRA PELO AUTOR

2.1. Há introdução na qual apareçam claramente:

a) os objetivos da obra?

Um dos objetivos do Brased é atender às exigências teóricas e concretas do pensar, fazer e gerir educação dentro de uma sociedade em desenvolvimento, facilitar a pesquisa em educação. Além disso, foi criado a fim de permitir a indexação e a recuperação de informações de modo sistematizado, possibilitando a otimização de seu uso por pesquisadores, gestores e estudiosos. Possibilita tanto o desenvolvimento das relações conceituais entre os termos utilizados, quanto a busca por novas formas de análise do contexto educacional.

b) o público para o qual o conteúdo se dirige?

O conteúdo da obra se dirige aos pesquisadores, professores e demais estudiosos da

área. Destina-se também, a ser utilizado principalmente pelos serviços de documentação institucionais, pelos centros de análise e de indexação e pelos produtores de bancos de dados documentais da área de educação.

c) as informações sobre como consultar a obra?

No site onde o Thesaurus pode ser encontrado, há a seção **Thesaurus Brasileiro da Educação** na qual há breves instruções sobre como a pesquisa terminológica pode ser feita. Há a explicação de que o usuário pode pesquisar o que deseja, ao clicar sobre um termo genérico na categorização dos termos, ou ao digitar um termo específico no campo de pesquisa de termos na caixa de busca. A pesquisa por meio da caixa de busca permite digitar o termo desejado, que remete a outros termos e a suas relações, conforme a figura subsequente nos mostra. A pesquisa por meio do uso da caixa de busca funciona como um índice alfabético, pois relaciona os termos apresentados em forma de hipertexto e em ordem alfabética, de modo que remete o usuário para a parte sistemática.

Figura 56: Campo de pesquisa de termos do Brased (2001)
Fonte: (BRASIL, 2001).

Na seção **Matriz Conceitual**, há esclarecimentos para que o usuário compreenda a lógica de categorização da obra regida pela matriz conceitual. É preciso que ele compreenda a ordem de disposição das informações a fim de que possa encontrar o que procura. A classificação tem a vantagem de deixar em evidência as relações conceituais estabelecidas entre os termos que compõem a nomenclatura da obra. A maior desvantagem, todavia, é clara: para poder encontrar a informação desejada, o usuário deve primeiro compreender a organização interna da obra para depois poder utilizá-la com eficiência.

d) referências à bibliografia de onde foi extraído o corpus?

Sim. Na seção **o que é thesaurus?**, há a subseção **Histórico do Thesaurus Brased**, informando que, em 1980, foi iniciada a recolha da listagem dos termos coletados durante a análise de documentos e por meio da consulta de fontes como Thesaurus Eudised e o Thesaurus da Educação da Unesco. As definições dos termos foram elaboradas por meio de consulta a várias obras. Para compor as definições, são apresentadas citações de autores. No entanto, falta a lista com todas as referências bibliográficas de forma acessível ao usuário online.

e) ***delimitação da área específica que a obra cobre?***

A obra cobre a área da educação e inclui outras áreas, que diretamente são relacionadas com a Educação, constituindo um conjunto interdisciplinar. Apesar do Brased parecer pluridisciplinar, os vários aspectos abordados servem para possibilitar a compreensão total da educação, que é interpretada como um fenômeno humano pluri e interdisciplinar.

2.2. ***Há bibliografia de consulta justificada pelo autor?***

Não é mencionado.

3. **SOBRE A APRESENTAÇÃO MATERIAL DA OBRA**

3.1. ***As ilustrações, se houver, estão adequadas à microestrutura informacional?***

A única ilustração que há é a da matriz conceitual, a qual é adequada à microestrutura informacional, tendo em vista que essa matriz que rege a organização dos termos.

3.2. ***A utilização de negrito, de itálico e de outros recursos gráficos está de acordo com o equilíbrio visual da obra?***

Sim. Na obra, há o uso de cores e alguns termos são destacados em negrito ou em caixa alta, de modo atrativo.

3.3. ***A obra é apresentada em ordem alfabética? Em ordem sistemática?***

A obra é apresentada em ordem sistemática. O ponto de partida para a estruturação do thesaurus foi a matriz conceitual elaborada com base em uma análise da realidade educacional e de seu contexto. A base conceitual considera a educação, em um contexto global e interdisciplinar, como processo pelo qual o ser humano desenvolve seu intelecto, suas potencialidades, sua cultura, satisfaz suas necessidades e se torna agente de sua história interagindo constantemente com o meio. Assim sendo, o homem está posicionado no centro do sistema educacional e a educação encontra-se inserida dentro do contexto global, sem o qual não é possível compreendê-la. Foram consideradas as áreas relacionadas com a educação ao delimitar o seu âmbito temático, conforme a figura a seguir representa.

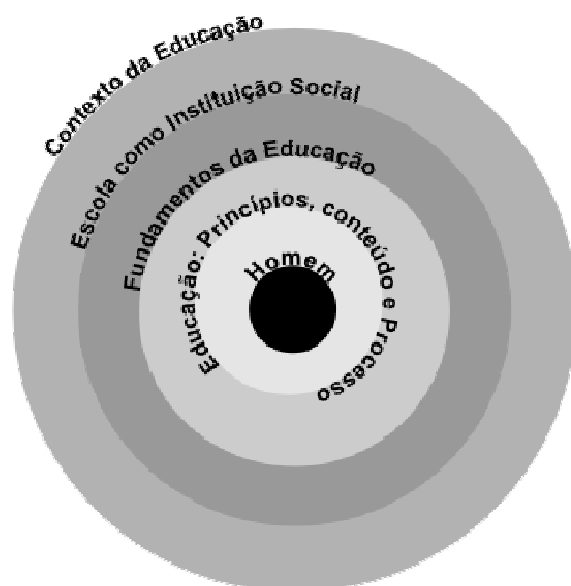


Figura 57: Matriz Conceitual do Thesaurus Brased (2001)
Fonte: (BRASIL, 2001).

A organização do Brased é regida pela matriz conceitual e pelas relações de equivalência, hierárquica, associativa estabelecidas entre os termos. De acordo com a matriz conceitual, o Thesaurus Brased compõe-se de 5 campos temáticos (ou subáreas), assim como está representado no quadro 14, a seguir, no qual há campos temáticos, que estabelece a abrangência da Educação, e breves esclarecimentos sobre as subáreas.

Quadro 14: Campos temáticos do Brased (2001) e informações sobre as subáreas

100 - Contexto da Educação	A educação do homem se realiza dentro da realidade global e em interação com esta; fora desta não há educação.
200 - Escola como instituição social	A Escola é a educação institucionalizada; na sociedade politicamente organizada, de fato, encontraremos todas as condições para que a educação do Homem socialmente aconteça.
300 - Fundamentos da Educação	A educação é o principal processo do desenvolvimento humano, que é pluri e interdisciplinar, isto é, muitas ciências fundamentam e integram no processo e a ação educativos.
400 - Educação: princípios,	O homem evolui interagindo constantemente com o meio:

conteúdo e processo	é a Educação propriamente dita com seus princípios, conteúdo e processo.
---------------------	--

Fonte: Thesaurus Brased (2001)

Há, ainda, a categoria 900 - Identificadores e Especificadores de Informação, que classifica e complementa as informações relacionadas aos 4 primeiros campos mencionados.

Na estrutura do Thesaurus, há a categorização de termos agrupados por subáreas (destacadas em caixa alta) e suas respectivas categorias e subcategorias, que não apresentamos aqui por afastar-se de nosso principal objeto de estudo.

3.4. *Há atualizações da obra?*

Sim. Em 1989, para atender às necessidades do Sistema Nacional de Informações Bibliográficas em Educação (Sibe), foi apresentada a primeira versão do Brased. Em 1997, iniciou-se a elaboração da segunda versão do Brased, buscando o aperfeiçoamento da linguagem documentária com 3 objetivos principais: sua informatização, para facilitar a sistematização e a recuperação das informações, e sua disponibilização para o público. A segunda versão obedeceu às seguintes fases: i) análise de um corpo de documentos primários e secundários, para seleção e coleta de novos termos; ii) introdução de novos termos e preparação da proposta da nova versão; iii) análise dessa proposta pela equipe de analistas, que teve como resultado uma nova estrutura e novos descritores relacionados; e iv) informatização da nova versão. Nessa nova versão, para facilitar a compreensão do Thesaurus, buscou-se maior clareza e transparência na lógica da estrutura conceitual. Em 2001, foi lançada a segunda versão do Thesaurus.

3.5. *A obra contempla uma só língua? Mais de uma?*

Sim. O tesouro é monolíngue.

3.6. *O formato da obra permite manuseio prático e fácil?*

Sim. Além de possibilitar a consulta de forma sistemática, baseada na matriz conceitual, possibilita que o usuário faça pesquisa de caráter semasiológico por meio do uso da caixa de busca.

3.8. *A qualidade do acabamento garante a sua durabilidade?*

No caso desta obra que está em formato informatizado, esta pergunta não se aplica.

3.9. *A obra está editada em suporte informatizado?*

A primeira versão da obra não estava em formato informatizado, mas a segunda versão, a atual, está disponível no site do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP).

3.10. O sistema de abreviações e de símbolos aparece corretamente no corpo do texto?

Nem sempre o sistema de abreviações aparece corretamente no corpo do texto, pois há a abreviatura TG e não há seu significado registrado na obra. Apesar de o usuário especialista entender a abreviatura, para a consulta do leigo é necessário explicitar o significado. É relevante a explicação oferecida ao usuário quando clica no símbolo (?). São apresentadas legendas explicativas para os símbolos presentes no tesouro. No quadro, a seguir, registramos os esclarecimentos a respeito dos símbolos do Brased.

Quadro 15: Esclarecimento a respeito dos símbolos no Brased (2001)

Termo	Significado	Abreviaturas
Termo	Pode ser <ul style="list-style-type: none"> • Termo descritor: termo autorizado para representar determinado conceito. • Termo não descritor: termo não autorizado, que remete para um termo autorizado equivalente. 	
Conceituações	Conceitos e variações conceituais sobre o termo em pauta, encontrados na documentação analisada.	
Nota Explicativa	Quando necessário, ela orienta o usuário sobre como e em que sentido deve ser usado o termo.	(NE)
Usado Por	É o oposto de Use; no Thesaurus podem existir 3 ou mais termos equivalentes, mas só um deles é autorizado como descritor - o termo em tela é usado no lugar deste(s). Empregado para indicar o Descritor não autorizado, em favor do Descritor autorizado, sob o qual a informação é colocada.	(UP)
Termo(s) Associado(s)	Termos empregados para estabelecer associação entre um Descritor cujo significado se relaciona semanticamente com outro, mas sem nenhuma relação hierárquica entre si. Note-se que estão assinalados com TA somente os termos associados de outras facetas, porque os termos coordenados da própria faceta, em princípio são próximos entre si.	(TA)
Período de	O número constante nesta linha indica o ano em que	

validade	<p>foi criado como descritor.</p> <p>Se na linha constam 3 números separados por um traço, o segundo número indica o ano em que o termo foi invalidado como descritor e remete para um descritor equivalente, indicado por USE.</p> <p>Para a pesquisa bibliográfica, utilize também o termo invalidado, se a pesquisa abrange o período em que ele era descritor.</p>	
----------	--	--

Fonte: (BRASIL, 2001).

3.11. *A obra possui ampla divulgação?*

Sim. Como a obra está disponível gratuitamente na internet, a maior facilidade para ser divulgada.

4. **SOBRE O CONTEÚDO**

4.1. *As entradas cobrem de modo completo a área de especialidade?*

Não. É necessário incluir novos termos que vêm sendo usados no âmbito da educação, os quais surgiram com o desenvolvimento da sociedade atual, tais como, tecnólogo, sequencial, postar, plataforma, entre outros.

4.2. *Quais os tipos de relação encontrada na obra? Há consistência das relações entre os termos?*

As relações associativa, de equivalência e a hierárquica são encontradas na obra, sendo que as duas primeiras são indicadas por meio de suas respectivas abreviaturas, enquanto a última é explicitada na *estrutura de relação hierárquica*, que aparece após o acesso a alguma das 4 subáreas da seção **Estrutura do Thesaurus**. A relação hierárquica pode ser localizada quando se faz a pesquisa de um termo por meio da caixa de busca. Os termos que aparecem como resultados da pesquisa vêm acompanhados da abreviatura TG e do respectivo termo geral ao qual são subordinados. Por exemplo, ao digitar os termos *ensino a distância* no campo de busca, obteremos os termos apresentados do seguinte modo:

- CENTRO DE ENSINO A DISTÂNCIA (TG: CENTRO DE EDUCAÇÃO ABERTA)
- CURSO DE ENSINO A DISTÂNCIA (TG: ENSINO A DISTÂNCIA)
- ENSINO A DISTÂNCIA (TG: EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA)
- METODOLOGIA DO ENSINO A DISTÂNCIA (TG: MÉTODOS DE ENSINO A

DISTÂNCIA)

- MÉTODOS DE ENSINO A DISTÂNCIA (TG: MÉTODOS E MODALIDADES DE EDUCAÇÃO)
- TECNOLOGIA DO ENSINO A DISTÂNCIA (TG: TECNOLOGIA EDUCACIONAL)

Há falta de indicação da relação hierárquica nas fichas terminológicas dos termos. Nessas fichas, vários termos não apresentam os relacionamentos, como ocorre com os termos: *solo*, *favela*, *recursos naturais*, *cadeia alimentar*, *bairro*, entre outros. A título de ilustração, a figura, a seguir, mostra como o termo *solo* está registrado:

Termo (?):	SOLO
Conceituações (?):	
Documentos Indexados:	Monografias: 0 Periódicos : 2 Prolei: 0 BVE: 0 Outras Mídias : 2
Período de validade (?):	2001 -

Figura 58: Estrutura do termo *solo* no Brased (2001)
Fonte: (BRASIL, 2001).

4.3. Há consistência no uso do plural e do singular?

Não. Há termos registrados no plural e no singular; ao pesquisar termos no plural, o sistema de busca não remete aos mesmos termos no singular e vice-versa. Essa falha pode ser observada, ao pesquisar, na caixa de busca, os termos *instituição* e *instituições*; para o termo no singular são encontrados 37 termos, para o termo no plural, quarenta e termos, não havendo remissões entre as formas no singular e no plural dos termos.

4.4. A obra apresenta:

a) categoria gramatical?

Não.

b) gênero?

Não.

c) indicação de área ou subárea de especialidade?

Não.

d) contexto? (exemplo ou abonação?)

Não.

e) origem?

Sim. Em algumas conceituações, há informações sobre a origem do termo.

f) *etimologia?*

Sim. Em algumas conceituações, há informações sobre a etimologia do termo.

g) *nomenclatura científica?*

Há nomenclatura científica, pois se trata de tesouro de uma área de especialidade.

h) *remissivas úteis entre conceitos?*

Sim. As remissivas são estabelecidas por meio das abreviaturas, as quais indicam as relações que há entre termos.

i) *fontes?*

Sim. Em algumas conceituações, há a citação de onde a informação foi extraída.

j) *notas?*

Sim. Há as notas presentes nas conceituações.

4.5. *Nota de aplicação/Escopo apresenta a definição do termo e/ou a política de indexação?*

As notas explicativas servem apenas para orientar o usuário sobre como e em que sentido o termo deve ser usado, dando instruções de uso de alguns termos, não aborda a política de indexação. As notas explicativas são indicadas de maneira diferenciadas e são separadas dos termos a que se referem, posto que “as notas não fazem parte do termo ao qual estão apenas” (GOMES, 1990, p. 55). No campo “período de validação”, há informação sobre a política de indexação, já que apresenta o ano que o termo foi incluído no tesouro.

4.6. *Há definição? A definição é constituída de um enunciado de uma só frase?*

Alguns termos possuem definições, presentes no campo conceituações da ficha terminológica. De acordo com a ideia inicial de elaboração da obra, não haveria definições para os termos, mas após a sugestão das consultoras Hagar Espanha Gomes e Marisa Bräscher Basílio Medeiros, houve uma tentativa por parte da equipe organizadora de incluir as definições. No entanto, o coordenador da obra reconheceu que, embora tenham sido acatadas as sugestões das avaliadoras, não foi possível eliminar as deficiências originadas pela falta de definição conceitual de cada termo, ponto fundamental para a elaboração de um thesaurus. Apesar de a obra ter sido publicada com a versão atualizada em 2001, ainda hoje falta terminar a elaboração de definições para uma grande quantidade de termos.

Aos interessados em colaborar com o desenvolvimento da obra, no site do INEP, há a seção “Proposta de Termos e Conceitos para o Thesaurus Brasileiro da Educação”, presente na figura a seguir, que possui a ficha terminológica para os usuários que quiserem enviar proposta de inclusão e de exclusão de termos. Para o preenchimento da ficha terminológica do

Thesaurus Brased, é necessário informar o termo proposto, variações terminológicas; indicar se a proposta é de inclusão, exclusão ou alteração de termo ou, de inclusão de conceito; justificar a importância da proposta apresentada; apresentar conceituações, informações complementares e suas respectivas fontes.

Descrição do termo:	
Termo proposto:	<input type="text"/>
Variações terminológicas:	<input type="text"/>
Sugere-se:	<input checked="" type="checkbox"/> Inclusão do termo <input type="checkbox"/> Exclusão do termo <input type="checkbox"/> Alteração por: <input type="text"/> <input type="checkbox"/> Inclusão de conceitos
Justificativa:	
<input type="text"/>	
Conceituações:	
1:	<input type="text"/>
Fonte:	<input type="text"/>
Outros dados (Informações complementares interessantes retiradas da fonte)	<input type="text"/>
2:	<input type="text"/>
Fonte:	<input type="text"/>
Outros dados (Informações complementares interessantes retiradas da fonte)	<input type="text"/>

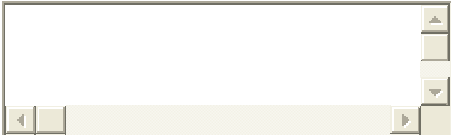
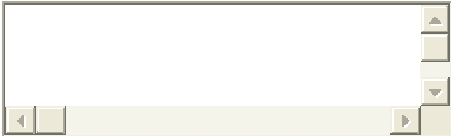
3:	
Fonte:	<input type="text"/>
Outros dados (Informações complementares interessantes retiradas da fonte)	
Apresentada por:	
Nome:	<input type="text"/>
E-mail:	<input type="text"/>

Figura 59: Ficha terminológica para preenchimento de Proposta de Termos e Conceitos para o Brased (2001)
Fonte: (BRASIL, 2001).

5. **SOBRE A EDIÇÃO E PUBLICAÇÃO**

5.1. ***Recomenda-se a edição e a publicação da obra?***

Sim. Trata-se de uma ferramenta consistente. É uma referência conceitual na área educacional que abre caminho para uma nova forma de trabalhar a gestão da informação educacional no Brasil. A elaboração da obra demandou grande tempo. No entanto, para atender as demandas da sociedade moderna, novos termos precisam ser inclusos, além de ser necessário aperfeiçoar as definições e as relações entre os conceitos.

5.2. ***Quais serão os principais pontos de difusão da obra?***

Apesar de a obra ser útil para um público amplo, não há informações sobre os seus principais pontos de difusão, supomos que os indexadores da área de educação devem utilizá-los.

Após o preenchimento da ficha de avaliação de tesouro documentário, selecionamos o termo *escola* para demonstrar como é organizada no Thesaurus Brased, assim como a seção subsequente nos mostra.

5.4 **Comentário a respeito do termo *escola*, extraído do tesouro documentário selecionado**

Para compreender o funcionamento do Thesaurus Brased, digitamos o termo *escola* no campo de pesquisa de termos, como resultados foram encontrados 756 termos. Os termos encontrados abrangem o conteúdo de toda estrutura da matriz conceitual, não só os termos gerais, mas também os específicos e os associados pertencentes à subcategoria 200 – Escola.

Ao utilizarmos o outro caminho, para pesquisar, na estrutura do Thesaurus, procuramos o termo genérico *escola*, que apresenta a classificação numérica 200 e possui 9 categorias, a saber: 210 Pesquisa da educação, 220 Estatística da educação, 230 Política da educação, 240 Administração da Educação, 250 Educandos, 260 Profissionais da Educação, 270 Instituições de ensino, 280 Administração escolar, 290 Economia da educação. As subdivisões das 9 categorias totalizam quarenta subcategorias. Ao clicar sobre a classificação 200 – Escola, aparece a seguinte representação:

Estrutura das relações hierárquicas	
<ul style="list-style-type: none"> ▣ CONTEXTO DA EDUCAÇÃO ▣ ESCOLA-INSTITUIÇÃO ▣ PESQUISA DA EDUCAÇÃO ▣ ESTATÍSTICA DA EDUCAÇÃO ▣ POLÍTICA DA EDUCAÇÃO ▣ ADMINISTRAÇÃO DA EDUCAÇÃO ▣ EDUCANDOS ▣ PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO ▣ INSTITUIÇÕES DE ENSINO ▣ ADMINISTRAÇÃO ESCOLAR ▣ ECONOMIA DA EDUCAÇÃO ▣ FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO ▣ EDUCAÇÃO ▣ IDENTIFICADORES E ESPECIFICADORES DE INFORMAÇÃO 	

Estrutura do termo	
Termo (?):	ESCOLA-INSTITUIÇÃO
Conceituações (?):	"Instituição que se propõe a contribuir para a formação do educando como pessoa e como membro da sociedade, mediante a criação de condições e de oportunidades de ampliação e de sistematização de conhecimentos. O termo Escola é considerado genérico e abrange conceitualmente a escola como instituição social, sua função e sua estrutura dentro da sociedade politicamente organizada e administrada. O termo Escola vem do grego <i>σχολή</i> , que significa descanso, ou o que se faz na hora do descanso, pois na Grécia Antiga a escola era para os que não precisavam trabalhar." (DUARTE, S.G. DBE, 1988)
Documentos Indexados:	Monografias: 55 Periódicos: 85 Prolei: 0 BVE: 0 Outras Mídias: 0
Nota Explicativa (?):	Termo genérico que abrange conceitualmente a Escola Como Instituição Social, sua estrutura e sua função dentro da sociedade legalmente organizada.
UP (?):	INSTITUIÇÃO ESCOLAR
TA (?):	ESCOLA EDUCAÇÃO
Período de validade (?):	2001 -

Figura 60: Representação do termo *escola* na estrutura dos termos do Brased (2001)
Fonte: (BRASIL, 2001).

Do lado esquerdo da representação, há a estrutura das relações hierárquicas, conforme a organização da matriz conceitual e da categorização de termos. Do lado direito, há a estrutura do termo de acordo com o esquema, composto por termo, conceituações, documentos indexados, nota explicativa, UP, TA, período de validade.

Com o objetivo de encontrar o termo *escola* como entrada do Thesaurus, na categorização de termos, foi possível localizar *escola* na subcategoria 272 – Escolas, que é subordinada à subcategoria 270 – Instituições de Ensino. Ao clicar na categoria 272 – Escolas aparecem os termos subsequentes:

Escola

Características da escola

Centro de Atividades extra-escolares

Denominação da escola

Escola de periferia urbana

Escola de tempo integral

Escola especializada

Escola experimental

Escola indígena

Escola internacional

Escola mista

Escola sem grau

Estabelecimentos (est.)

Organização de instituições de ensino

Tipo de escolas

Dos termos acima, os que estão sublinhados são os que no esquema estão preenchidos apenas os documentos indexados e os períodos de validação, sem a inclusão da definição e das relações que possuem com outros termos.

Montamos o quadro comparativo subsequente que possui os termos *escola–instituição*, que encabeçam a categoria escola (200) e, *escola*, termo específico da subcategoria instituição de ensino, a fim de mostrar como os termos se organizam na estrutura do Brased. Excluímos os campos documentos indexados, período de validade, tendo em vista que não são relevantes no âmbito dessa pesquisa.

Quadro 16: Estrutura de termos instituição-escola e escola no Brased (2001)

TERMO	ESCOLA-INSTITUIÇÃO	ESCOLA
Conceituações	"Instituição que se propõe a contribuir para a formação do educando como pessoa e como membro da sociedade, mediante a criação de condições e de oportunidades de ampliação e de sistematização de conhecimentos. O termo Escola é considerado genérico e abrange conceitualmente a escola como instituição social, sua função e sua estrutura dentro da sociedade politicamente organizada e administrada. O termo Escola vem do grego <i>σχολή</i> , que significa descanso, ou o que se faz na hora do descanso, pois na Grécia Antiga a escola era para os que não precisavam trabalhar." (DUARTE, S.G. DBE, 1986)	-
Nota Explicativa	Termo genérico que abrange conceitualmente a Escola Como Instituição Social, sua estrutura e sua função dentro da sociedade legalmente organizada.	Indica a unidade escolar ou o conjunto concreto das unidades escolares onde se ministra educação de qualquer nível e modalidade: a instituição, o edifício em que ela funciona, os alunos, os professores, o pessoal da escola, etc...
UP	INSTITUIÇÃO ESCOLAR	-
TA	ESCOLA EDUCAÇÃO	ESCOLA- INSTITUIÇÃO

Fonte: (BRASIL, 2001).

O termo *escola-instituição* possui o termo equivalente (UP) *instituição escolar* e os termos associados (TA), *escola* e *educação*, enquanto o termo *escola* só apresenta o TA *escola-instituição*. A ausência de conceituação para *escola* é questionável. Contudo, as notas explicativas acima são pertinentes. Há, erros de digitação como “strutura” e o uso do lexema “etc” juntamente com reticência não é adequado por ser abrangente e abstrato. A conceituação de *escola-instituição* apresenta informação etimológica e histórica sobre o termo, a qual

deveria ser indicada como uma nota explicativa e não como parte da definição. Um ponto positivo na estrutura do tesouro é a citação das fontes de onde foram extraídas as conceituações.

É possível comparar dicionário analógico e tesouro documentário, após as análises que fizemos das obras, assim sendo a seção seguinte apresentará tal comparação.

5.5 Tesouro documentário X dicionário analógico

Comparamos tesouro documentário e dicionário analógico, a fim de identificar as semelhança e diferenças que possuem. A relação entre a estrutura desses dois tipos de obras surgiu depois que foi publicado o Thesaurus de Roget (1852), obra lexicográfica, que serviu de base para elaboração de tesouros documentários. É necessário esclarecermos que tesouro documentário não é um dicionário, mas sim um instrumento com itens lexicais recolhidos de uma estrutura conceitual, com a finalidade de contribuir para a indexação e para a recuperação de informações do domínio de conhecimento.

Podemos constatar que tesouro documentário e dicionário analógico possibilitam o encontro da unidade lexical mais adequada, mesmo quando o usuário ou consulente desconhece ou esquece o significante exato para representar o conceito procurado. Ao apresentar outra unidade lexical, as obras mostram diversos significantes que podem ser tão oportunos ou mais que aquele que veio à mente. Isso significa que essas obras são de caráter onomasiológico, pois partem da ideia em direção à unidade lexical. Tanto esse tipo de dicionário quanto o tesouro estruturam-se em ordem sistemática, possuem um sistema de classificação por meio do qual as categorias estão dispostas.

Os dicionários analógicos podem ser constituídos pelas seguintes partes: i) plano de classificação das ideias, que possui a categorização do léxico de uma língua; ii) quadro resumo das categorias, que é formado pelo detalhamento da classificação; iii) parte analógica, que apresenta ideias-chave seguidas pelos agrupamentos de lexemas afins; iv) índice remissivo, que é constituído por lexemas organizados em ordem alfabética e seus respectivos números remissivos; v) parte alfabética, que apresenta a parte analógica em ordem alfabética ou possui os lexemas em ordem alfabética e suas respectivas definições.

Os tesouros documentários podem ser constituídos por i) categorização específica, que sistematiza os termos de um domínio em ordem hierárquica; ii) parte sistemática, a qual

contém os termos hierarquizados e as redes lógico-semântica entre descritores; iii) parte alfabética, que apresenta os termos em ordem alfabética e as redes lógico-semântica entre descritores; iv) parte planigráfica, que disponibiliza os termos em gráficos bidimensionais; v) índice alfabético, que remete o usuário à parte sistemática, o que possibilita a dispensa da inclusão da parte alfabética.

Tanto nos tesouros documentários quanto nos dicionários analógicos, é feita a categorização hierarquizada, de modo que as unidades linguísticas são distribuídas em categorias que possuem a classificação numérica. A organização sistemática de ambas as obras precisam de índice alfabético que remeterá o usuário ao sistema de categorização.

No dicionário analógico de Língua Portuguesa, de Azevedo (1950), e no Thesaurus Brased (2001), as categorias são estabelecidas e enumeradas. Os grupos de ideias relacionados a essas categorias serão suas subcategorias que, por sua vez, possuem enumeração respectiva. Como em dicionários analógicos e em tesouros documentários encontramos uma classificação, retomaremos aos conceitos de categorização e de categoria. Acrescentemos que, no âmbito desta pesquisa, categorização e classificação são entendidas como sinônimos.

Classificação é a divisão em grupos ou classes, segundo as diferenças ou semelhanças; é a disposição de conceitos, segundo suas semelhanças e diferenças, em certo número de grupos metodicamente distribuídos (PIEIDADE, 1977, p. 9). Podemos complementar a definição dada por Piedade (1977), ao incluir a de Sager & Kageura (1994), quando afirmou que:

processo de categorização consiste em agrupar itens de experiência em classes de entidades conceituais com base em algumas similaridades percebidas e de nomear o grupo. O princípio que dirige este processo é um desejo pela ordenação de acordo com critérios ou características que nos parecem relevantes para os tipos particulares de itens em questão. Com essa intenção, procuramos por características idênticas ou similares e excluímos características consideradas irrelevantes.

Assim sendo, podemos afirmar que a categorização é o processo cognitivo no qual o mundo é dividido, de acordo com a experiência humana, em categorias, que compartilham atributos em determinados contextos. O uso de categorias auxilia a organização dos conceitos, pois possibilita o entendimento da natureza do conceito e a formação de estruturas conceituais, além de ser útil para a sistematização do conhecimento.

Clas (2001, p. 33) postulou que:

a categorização faz-se pela generalização do que é, ou parece, comum, por propriedades reconhecidas como comuns. Isso pode parecer muito tranquilizador e evidente. E, no entanto, subsistem algumas dificuldades, especialmente porque a classificação nada tem de universal e porque depende da língua. Em outras palavras, uma classificação não é tão racional, nem mesmo tão sistemática quanto se pretende.

Ela depende, amplamente, dos hábitos culturais, ou mais, ela parece até um pouco preestabelecida.

O processo de elaboração de categorização do léxico de uma língua, ou de um vocabulário específico não é muito simples, pois está sujeito à visão de mundo do elaborador e por mais sistemático que tente ser, será influenciado por costumes culturais e linguísticos. Desse modo, os hábitos culturais pré-estabelecidos pela sociedade geram agrupamentos de classes, que reúnem objetos que nem sempre possuem propriedades comuns.

Retomando a comparação entre tesouro documentário e dicionário analógico, percebemos que aquele é formado por termos estruturados com base em relações associativas, hierárquicas e de equivalência e é a linguagem de especialidade que é usada. O mapeamento temático da área é essencial na elaboração de tesouro, para que os conceitos principais vinculados ao domínio e a sua rede de relações sejam identificados. O dicionário analógico compõe-se de lexemas organizados por associações de significados e utiliza a língua comum. Nas duas obras, “a capacidade de estabelecer aproximações e analogias entre os conceitos é própria do raciocínio humano”, assim como Dodebei (2002, p. 102) afirmou. No tesouro documentário, o elaborador estabelece os relacionamentos semânticos entre os termos por meio das linguagens documentárias e, no dicionário analógico, por sua vez, cabe ao lexicógrafo organizar as relações lexicais entre os lexemas por meio do uso da linguagem natural.

Os tipos dos relacionamentos semânticos entre os termos são especificados por abreviaturas nos tesouros, o que não ocorre no dicionário analógico, no qual as relações lexicais não são explicitadas. Ao comparar os tipos de relacionamentos que há entre os termos no tesouro e as relações lexicais que ocorrem entre os lexemas no dicionário analógico, foi possível traçar o quadro a seguir, que mostra a existência de 5 relações semelhantes entre as obras.

Quadro 17: Relações no dicionário analógico e no tesouro documentário

TESAURO DOCUMENTÁRIO	DICIONÁRIO ANALÓGICO
relação de equivalência	Sinonímia
relação gênero-espécie	hiperonímia e hiponímia
relação enumerativa	hiperonímia e hiponímia
relação hierárquica todo-parte	Holonímia e meronímia
relação associativa	conceito conexo

Fonte: (MACHADO OLIVEIRA, 2010).

No tesauro documentário, as relações de equivalência, gênero-espécie, enumerativa, todo-parte, associativa, correspondem, no dicionário analógico, respectivamente, às relações de sinonímia, hiperonímia e hiponímia, hiperonímia e hiponímia, holonímia e meronímia, conceito conexo. A relação de equivalência e a sinonímia podem ser equiparadas por representarem a relação de semelhança entre as unidades lexicais. A relação hierárquica utilizada na Ciência da Informação pode ser dada de dois modos no âmbito da Linguística: relação de hiperonímia e hiponímia e relação holonímia e meronímia. Hiperonímia e hiponímia dão conta da relação gênero-espécie, capaz de expressar que (x) é uma espécie do gênero (y) e que (z) é um tipo de (y), de acordo com a relação enumerativa. A relação associativa e o conceito conexo representam a relação que não é hierárquica, não é de equivalência, nem tampouco os termos associados e os conceitos conexos podem ser considerados sinônimo, hiperônimo, hipônimo, holônimo, merônimo.

Em síntese, é possível declararmos que, por um lado, o tesauro documentário e o dicionário analógico possuem em comum: i) apresentação em ordem sistemática de unidades linguísticas, de acordo com a categorização estabelecida; ii) relações entre unidades linguísticas, que apresentam liame entre si; iii) índice alfabético, que auxilia o usuário/consultante a encontrar o que procura; iv) inclusão de definição, que caracteriza as unidades linguísticas; v) aproximações por analogia entre conceitos ao relacionar determinadas unidades linguísticas. Por outro lado, o tesauro documentário e o dicionário analógico se distinguem, tendo em vista que aquele apresenta termos de um domínio específico, explícita os relacionamentos entre conceitos por meio de abreviaturas e do uso de linguagem documentária, e este disponibiliza lexemas de língua comum, por meio do uso de linguagem natural, e as relações lexicais não são explicitadas. Além do mais, nos vocabulários controlados, a linguagem documentária é utilizada para controlar os termos usados na indexação, de modo que traduz a linguagem natural dos usuários e indexadores para uma linguagem mais controlada, o que não ocorre nos repertórios lexicográficos analógicos, pois estes apenas apresentam os lexemas em linguagem natural. Por fim, o tesauro documentário possui uma padronização proveniente das normatizações, as quais abordaremos na próxima seção, enquanto o dicionário analógico carece desse tipo de padronização.

Para a elaboração dos tesauros e dos dicionários analógicos são adotados os procedimentos a seguir: i) delimitação das unidades lexicais que compõem o *corpus*; ii) preenchimento de fichas lexicográficas ou terminológicas com as informações sobre as unidades lexicais, sendo que, esta etapa, são estabelecidos os relacionamentos ou as relações lexicais e elaboradas as definições para as unidades linguísticas; e iii) sistematização das

informações para que sejam apresentadas de forma coerente ao usuário ou ao consultante, que pode ser feita por categorização das unidades lexicais.

Os trabalhos lexicográficos, terminológicos e os tesouros documentários precisam determinar os princípios linguísticos que regerão a organização das obras, principalmente na etapa de seleção do conjunto de termos que comporão o *corpus*, pois, nesta etapa, devem ser tomadas decisões com relação à forma de registro, tais como homonímia e polissemia, singular e plural, variantes lexicais, palavras compostas, expressões. O trabalho terminológico tem relativa preocupação com a univocidade entre termo-entrada e conceito, porém, para indexar termos nos tesouros, o cuidado da parte do indexador é fundamental, para evitar ambiguidades de significado. A fim de aprofundar o estudo que desvende a ligação entre o tesouro documentário e a Terminologia, apresentaremos a seção subsequente.

5.6. Tesouro Documentário e a interface com a Terminologia

A prática da Terminologia se realiza por meio de um estudo sistemático dos termos, no qual a atividade do terminólogo consiste em recolher e organizar os termos e as noções de uma mesma área (REY REBOVE, 1979 apud FAULSTICH, 1993b, p. 147). Na estrutura do tesouro, é necessário utilizar o estudo sistemático para incluir os termos e estabelecer as relações entre eles. Além disso, a terminologia especializada e o tesouro focalizam o termo como objeto de análise, pois “a terminologia constitui uma das bases dos tesouros, posto que a expressão de qualquer relação de conteúdo entre os conceitos se efetua por meio de um termo”, assim como Cabré (1993, p. 112) afirmou.

Procedimentos terminológicos são adotados na etapa de construção de tesouros, a saber:

- mapeamento temático da área para identificar a posição de cada conceito e assim estabelecer de modo coerente as relações entre eles.
- Emprego de fichas terminológicas, que são conjuntos estruturados de informações sobre os termos. A recuperação da informação, em banco de dados terminológico, pode ser sistemática por meio de blocos de informações procedentes de um campo léxico sistematizado em um conjunto de fichas. O procedimento usado nesse tipo de operação é idêntico ao do tesouro em que os termos se relacionam segundo categorias ou classes. (FAULSTICH, 1993b, p. 163).

- Normatizações terminológicas do tipo internacional que são feitas por meio de organizações internacionais, como a Organização Internacional de Normalização (ISO). Nesse caso, as atividades de normalização obedecem ao consenso dos Estados membros dessas organizações (FAULSTICH, 1998, p. 262). Tal normalização resulta de um acordo por meio do qual os termos técnicos serão utilizados em uma norma, que especifica as características segundo as quais os termos escolhidos devem ser compreendidos (PAVEL & NOLET, 2002). Com base na padronização estabelecida, tem-se maior facilidade na comunicação em áreas especializadas, gerando a harmonização terminológica e a oficialização. Os tesouros são padronizados pelas normas ISO 2788 (1986) e ISO 5964 (1985).

Os estudos da Terminologia, para o estabelecimento de definições precisas, são úteis no processo de elaboração de tesouro, porque identificam a posição de um conceito na elaboração conceitual de um campo do conhecimento e porque estabelecem as relações entre os conceitos. Além disso, os princípios de denominação podem contribuir para indicar os termos adequados para representar os conceitos (MEDEIROS, 1985, p. 10).

Para que o tesouro cumpra a função de estabelecer o controle terminológico do vocabulário de uma área de especialidade, indicando as relações entre os conceitos a serem indexados, cabe utilizar os princípios da Terminologia, de modo que seja gerada uma padronização, a qual facilitará a recuperação da informação.

Por meio dos estudos que realizamos, constatamos que a Linguística, a Lexicografia, a Lexicologia, a Terminologia e a Ciência da Informação são complementares entre si. Para que seja feito o controle terminológico nos tesouros, usam-se os parâmetros da Terminologia. Os elaboradores dessa obra devem tomar providências com relação a questões linguísticas que afetam a recuperação da informação, fatores que mostram a relação entre a Linguística e a Ciência da Informação. Alguns princípios para a organização das unidades lexicais no dicionário ideológico e no tesouro podem ser compartilhados, o que nos permite confirmar o liame lexical e semântico entre a Lexicologia, a Lexicografia e a Ciência da Informação.

Para a construção de obras lexicográficas e terminográficas, as ontologias são bastante úteis por servirem como sistema de representação de organização de conhecimento, assim como trataremos na próxima seção.

5.7 Ontologia: definição, funcionalidade e estrutura

Do ponto de vista da diacronia, o termo ontologia tem origem no grego *óntos*, ‘ser’, e *logos* - ‘palavra’, ‘discurso’, ‘razão’. Ontologia designa a ciência que estuda os seres, preocupa-se “com a identificação das características comuns a todos os seres”, segundo Moreira (2007, p. 10). O termo original surgiu na Filosofia e representa a palavra aristotélica “categoria”, que pode ser usada para classificar alguma coisa (ALMEIDA & BAX, 2003, p. 8). Do ponto de vista da sincronia, o tema ontologia vem sendo discutido e aplicado não apenas na filosofia, mas em diversas áreas do conhecimento, tais como: Sistemas de Informação, Linguagem e Cognição, Inteligência Artificial, Banco de Dados, entre outras. Na literatura, há diversas definições para as ontologias e diversos tipos de aplicação nas áreas de conhecimento, de modo que diferentes definições podem ser encontradas em uma mesma área.

Uma das definições mais conhecidas e aplicáveis aos mais variados contextos é a de Gruber (1993, p. 199), ao postular que ontologia “é uma especificação formal explícita de uma conceituação compartilhada”, sendo que explícita quer dizer que os conceitos usados e as delimitações de uso são estabelecidos de modo explícito na linguagem documentária; formal significa que é lida pela máquina; conceitualização, que é uma visão do mundo abstrata e simplificada que se deseja representar, e compartilhada, que apresenta um conhecimento consensual de uma comunidade.

A ontologia pode ser entendida como a ciência que classifica as entidades que existem e estabelece a definição explícita de conceitos e suas relações, propriedades e restrições expressas formalmente. Para compreender a estrutura de uma ontologia, podemos considerar a opinião de Uscholde e Jasper (1999) quando disseram que:

Uma ontologia pode ter uma variedade de formas, mas necessariamente inclui um vocabulário de termos e alguma especificação de seu significado. Isto inclui definições e uma indicação de como conceitos são inter-relacionados, os quais impõem coletivamente uma estrutura sobre o domínio e restringe as possíveis interpretações do termo.

Assim sendo, as ontologias podem ser estruturadas utilizando variados tipos de ferramentas, no entanto será sempre composta por conjuntos de conceitos acompanhados de suas respectivas definições e organizados de forma relacionada, para que seja compreendido o seu significado e sua posição no sistema classificatório. A ontologia pode ser caracterizada “por um sistema classificatório bem delineado e definido, que permite ter estrutura interna clara e passível de formalização e entendimento para a máquina e um vocabulário de um

domínio, formado essencialmente por conceitos e por uma rica rede de relações”, conforme Gonçalves & Souza (2008) declararam.

As ontologias desempenham papéis relevantes nas diversas áreas do conhecimento devido às suas finalidades, pois “servem como um meio para a representação de informações que contêm um caráter semântico comum, que podem ser aplicadas em situações diversas do mundo real,” de acordo com Santos & Vale (2008). Permite, ainda, aos múltiplos agentes compartilharem o conhecimento, ajudar pessoas a compreenderem melhor uma certa área de conhecimento e possibilita um consenso no entendimento de um domínio específico. Estas são funcionalidades de ontologias.

Acrescentemos que as ontologias são utilizadas em projetos de domínios como gestão do conhecimento, comércio eletrônico, processamento de linguagens naturais, recuperação da informação na Web, de cunho educacional, entre outros, além de existir ontologias disponíveis para uso ou para modelar a construção de outras ontologias (ALMEIDA & BAX, 2003, p. 9).

Os componentes básicos de uma ontologia são classes, organizadas em uma taxonomia; relações que represente o tipo de interação entre os conceitos de um domínio; axiomas, usados para modelar sentenças sempre verdadeiras; instâncias, que são espaço e tempo determinados, utilizadas para representar elementos específicos, ou seja, os próprios dados (GRUBER, 2005). Para ilustrar como os componentes básicos da ontologia se organizam na prática, podemos considerar a figura a seguir.

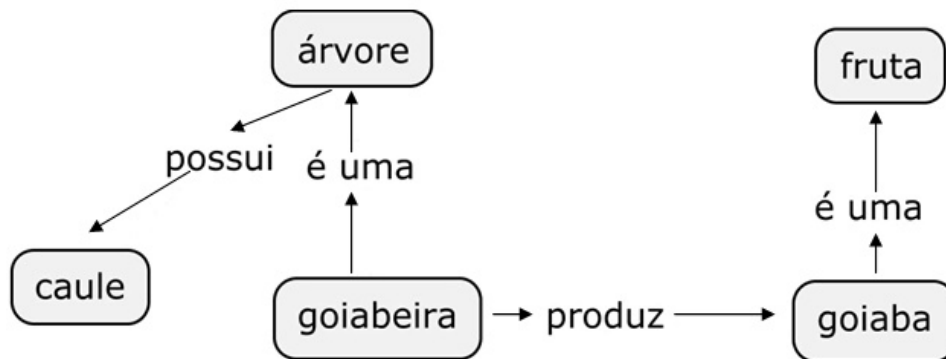


Figura 61: Relações entre conceitos em um subconjunto do domínio sobre plantas
Fonte: (MOREIRA, 2002, adaptado).

De acordo com a representação da figura 61, *caule*, *árvore*, *goiabeira*, *goiaba* e *fruta* são instâncias da classe planta, as quais são relacionadas, posto que caule (b) é uma parte da árvore (a), cuja relação ontológica se dá por meronímia e holonímia; goiabeira (d) é um tipo

de árvore (c), logo a relação é inclusiva de hiponímia e hiperonímia. Ao registrar os dados, para a construção da ontologia, é necessário estabelecer axiomas, tais como: fruta é (x), logo goiaba é (x); árvore é (y), logo goiabeira é (y). Desse modo, a ontologia se organiza e as informações da figura precisam ser formalizadas.

As linguagens, ferramentas e metodologias para a construção de ontologias devem ser discutidas e analisadas, para determinar melhor sua utilização, contribuindo para o avanço da área de representação do conhecimento (ALMEIDA & BAX, 2003, p. 17). Entre os diversos exemplos de ontologia, podemos mencionar a WordNet (“rede de palavras”), que é um grande banco de dados lexicais do Inglês, desenvolvido pelo grupo de Ciências Cognitivas da Princeton University, sob a direção de George A. Miller; é um sistema gratuito disponível na internet, útil para a Linguística Computacional e para o Processamento de Língua Natural.

A WordNet é classificada como uma ontologia linguística genérica (*top-level*), que “descreve conceito geral como espaço, tempo, matéria, objeto, evento, ação, etc., independentemente de um domínio ou problema particular”, segundo Guarino (1998). A WordNet constrói redes semânticas entre palavras da língua comum, apresenta um jogo de cadeias de associações que, na maioria dos casos, não estão baseadas em relações lógicas (CAMPOS, 2005).

Dias da Silva et al (2007, p. 12) afirmaram que “a ideia básica utilizada na WordNet é a representação das palavras e de seus significados em uma matriz lexical que consiste em um mapeamento entre palavras e conjuntos de sinônimos.” A rede de palavras divide o léxico em 5 categorias: substantivos, verbos, adjetivos, advérbios e palavras funcionais. As categorias são chamadas *synsets*, isto é, “conjunto de sinônimos”, que estão interligadas por meio de relações lexicais e relacionamentos morfológicos, para reduzir a forma da palavra. As relações lexicais incluem hiperonímia, hiponímia, meronímia, holonímia, antonímia.

Ao acessar a WordNet, versão 2.1, no campo de pesquisa de palavra, “search word”, digitamos o lexema *school*, equivalente à escola na Língua Portuguesa. O resultado da busca está na figura subsequente.

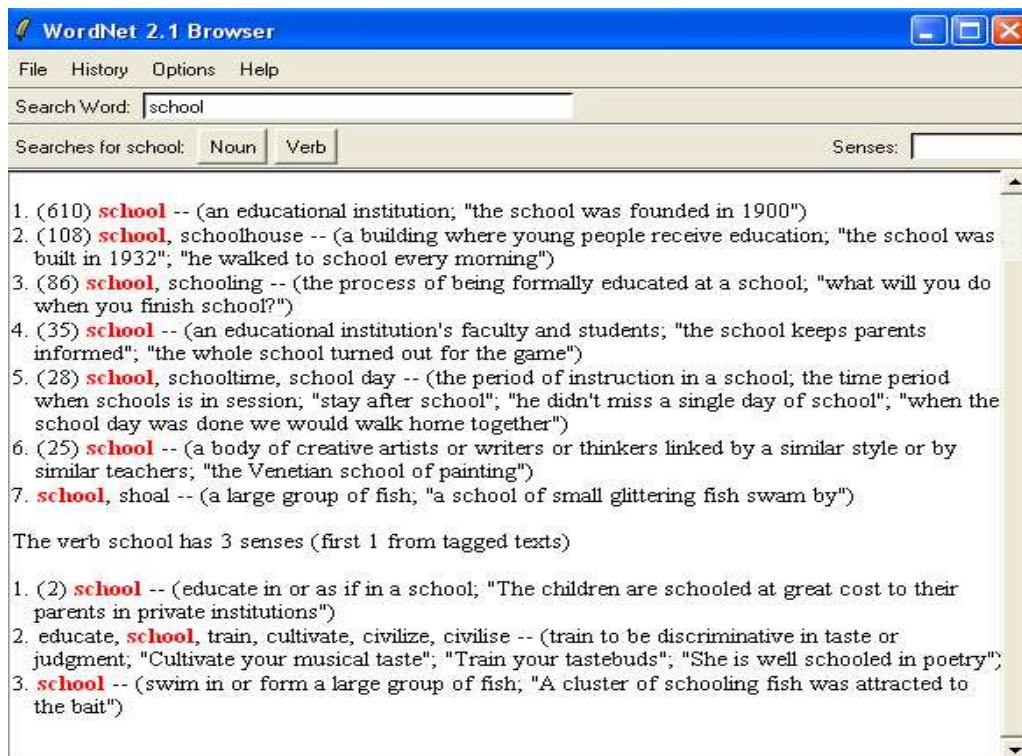


Figura 62: Pesquisa do lexema *school* na WordNet
 Fonte: (WORDNET 2.1, extraído de <http://wordnet.princeton.edu/>).

Com base nos dados da figura acima, podemos notar que há várias acepções do lexema *escola*, cada uma delas estão numeradas, sendo que 7 são para o substantivo e 3, para os verbos. Nas acepções, são apresentados o lexema *escola*, outros lexemas relacionados à *escola*, as definições e os contextos entre parênteses.

Diante do campo de pesquisas para *escola* (*searches for school*), clicamos na categoria substantivo (*noun*), na qual encontramos o leque de opções das relações, que podem ser acessadas, e escolhemos *merônimos* (*partes da escola*), *regular* (*meronyms* (*parts of school*), *regular*), assim como a figura 63 nos mostra:

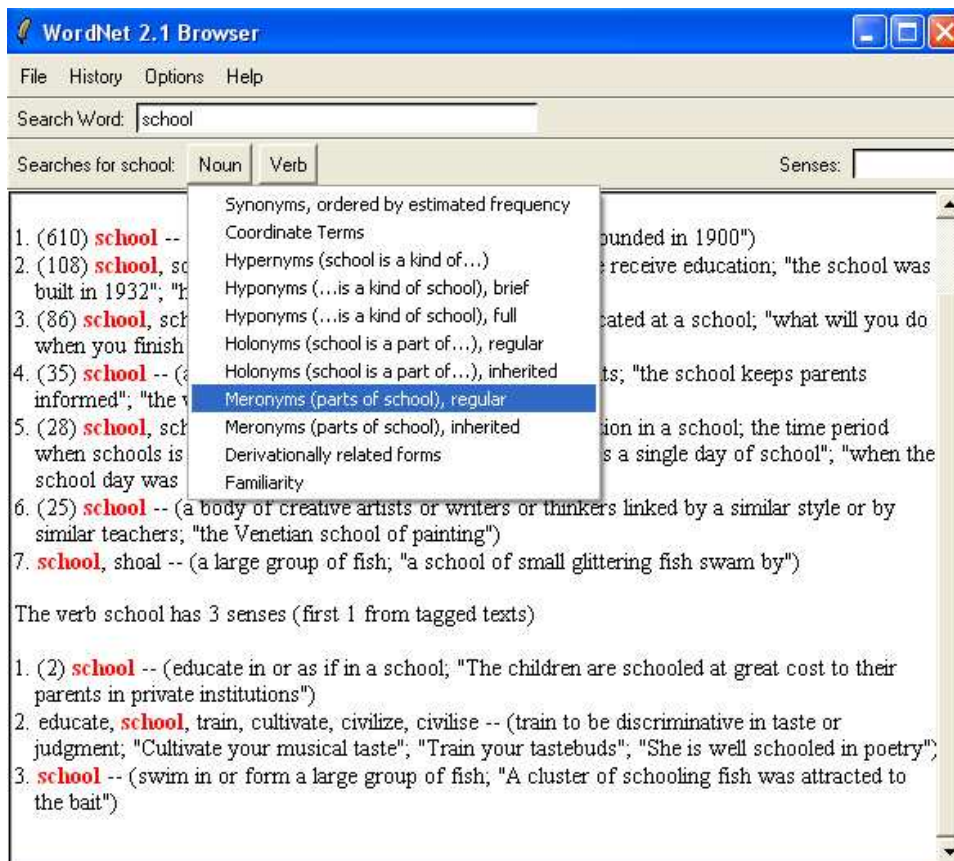


Figura 63: Opções de relações para a categoria substantivo do lexema *escola* na WordNet
 Fonte: (WORDNET 2.1 extraído de <http://wordnet.princeton.edu/>).

Como resultado da busca pelos merônimos (partes da escola), regular de escola, conforme representado na figura a seguir, há as acepções 1, 2, 5 e 7 que possuem merônimos, sendo que podem ser membro ou parte. Na acepção 2, por exemplo, além de encontrarmos o lexema *escola*, os lexemas relacionados à escola, a definição e os contextos, assim como aparece na figura anterior; em seguida, foram acrescentados os merônimos do lexema relacionado à escola, juntamente com a definição.

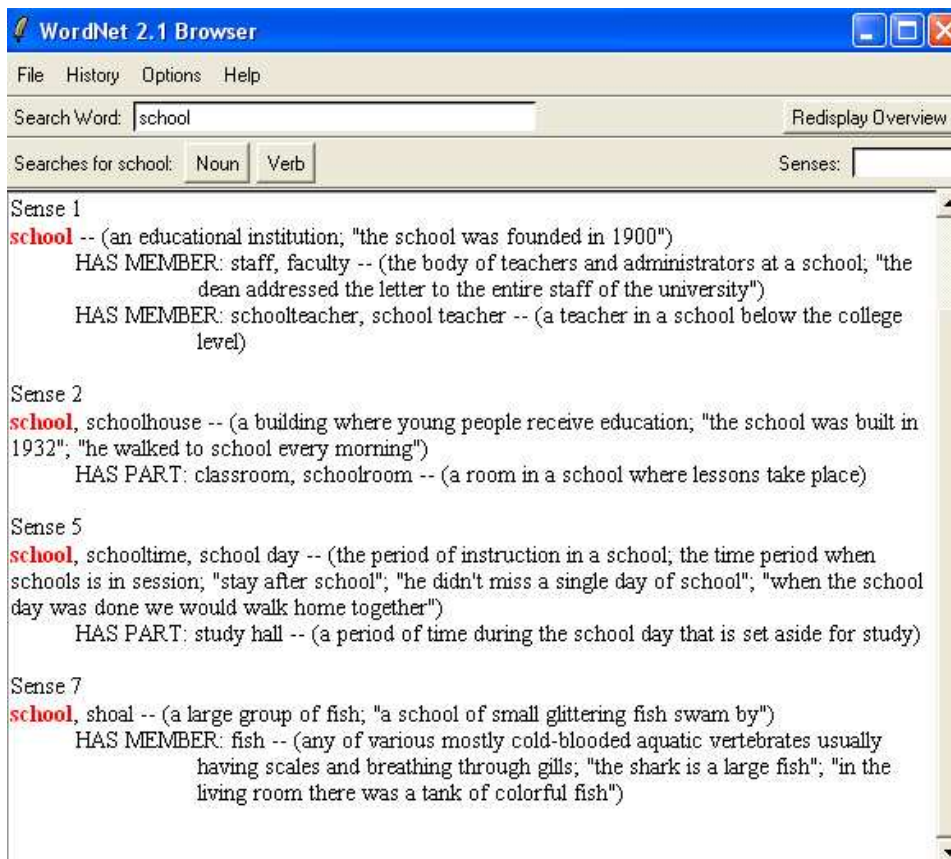


Figura 64: Resultado da busca dos merônimos do lexema *school* na WordNet
 Fonte: (WORDNET 2.1 extraído de <http://wordnet.princeton.edu/>).

Conclui-se, por meio de nossas análises, que a construção de ontologias só tende a enriquecer a área da Linguística por disponibilizar ferramentas capazes de aperfeiçoar a organização de unidades lexicais, o que facilita o acesso à informação, auxilia o estabelecimento de relações entre os conceitos, aprimora as opções de busca, entre outros.

Neste capítulo, foi realizado um estudo sobre os sistemas de representação do conhecimento dicionário analógico, tesouro e ontologia, a fim de compreender a conexão que há entre Lexicologia, Lexicografia, Terminologia e Ciência da Informação. Em nossos estudos, pudemos notar que as áreas compartilham princípios, os quais contribuem para a disseminação de informação, de modo que facilita a consulta do usuário. No próximo capítulo, apresentaremos o novo modelo de dicionário analógico.

6 NOVO MODELO DE DICIONÁRIO ANALÓGICO

6.1 Apresentação de um novo modelo de dicionário analógico

Por meio dos estudos realizados nesta pesquisa, foi possível identificar a ausência de um modelo de dicionário analógico coerente. Para preencher a lacuna na lexicografia, propomos o novo modelo de dicionário analógico, que chamamos de Novo Dicionário Analógico de Língua Portuguesa (NDALP), o qual faz parte da dissertação de mestrado em Linguística – UnB – sob o título Confluência entre dicionário analógico e tesouro documentário como modelo de dicionário analógico. No processo de elaboração do NDALP, adotamos a Proposta metodológica para elaboração de léxicos, dicionários e glossários, de Faulstich (2001), desenvolvida no Centro de Estudos Lexicais e Terminológicos, Centro Lexterm, da Universidade de Brasília (UnB).

O *corpus* do NDALP é o vocabulário básico de Língua Portuguesa e seu conteúdo se dirige aos:

- i. elaboradores de exercícios de aprendizagem do léxico da língua, de palavras cruzadas, de jogos de palavras que consultam conjunto de unidades linguísticas afins;
- ii. professores, alunos, conferencistas, relatores que precisam de um leque de opções de palavras na produção oral e escrita e que estão em busca de ampliação de vocabulário;
- iii. compositores, poetas, escritores, tradutores, jornalistas, que procuram arranjos de palavras com significados relacionados;
- iv. lexicógrafos, dicionaristas, terminólogos e terminógrafos que necessitam identificar os campos nocionais, semânticos, léxicos, associativos e as relações lexicais, para estabelecerem as redes remissivas nos dicionários, glossários, léxicos e vocabulários e
- v. pesquisadores, indexadores, documentalistas e curiosos que almejam fazer consultas de caráter onomasiológico e que queiram ver como as palavras de uma língua podem ser categorizadas de maneira sistemática.

O objetivo da obra é oferecer lexemas que são relacionados entre si com base no critério analógico ao consulente. Diante da falta da expressão para designar determinados conteúdos, o NDALP funciona como instrumento facilitador, tendo em vista que disponibiliza vários lexemas que são ligados a uma ideia central. Assim sendo, o usuário poderá solucionar os problemas de desconhecimento e de esquecimento dos significantes que representem os

significados que necessita empregar, bem como poderá encontrar tanto as relações lexicais que há entre a ideia e os respectivos lexemas relacionados, quanto às valências verbais propostas por Borba (1996).

6.1.1 Macroestrutura do Novo Dicionário Analógico de Língua Portuguesa

Não apresentamos introdução, prefácio, bibliografia, entre outras informações referentes à macroestrutura do novo modelo de dicionário analógico, por tratar-se de obra lexicográfica que faz parte de uma dissertação. Apresentaremos apenas a lista de abreviaturas.

abus.: abusivo

aç.: ação

aç.proc.: ação-processo

adapt.: adaptado

ang.: antiguidade

ANT.: antônimo

arc.: arcaico

C.-O: Centro-Oeste

Cabo-V.: Cabo Verde

CON.: conceito conexo

corr.: corrente

DEHLP: Dicionário eletrônico Houaiss de língua portuguesa

desus.: desusado

DUP.: Dicionário de usos do Português do Brasil

elev.: elevado

est.: estado

f.: feminino

fam.: familiar

G.-Biss.: Guiné-Bissau

gír.: gíria

HIP.: hipônimo

HIPE.: hiperônimo

hist.: histórico
HOL.: holonímia
Id. M.: Idade Média
inj.: injúria
joc.: jocoso
lit.: literário
m.: masculino
MER.: merônimo
M. O.: Machado Oliveira
Moç.: Moçambique
mod.: moderno
N.: Norte
NDA: Novo Dicionário Aurélio
N.E.: Nordeste
p.us.: pouco usado
pej.: pejorativo
poét.: poético
Port.: Portugal
proc.: processo
s.: substantivo
S.: Sul
S.E.: São Tomé e Príncipe
SIN. sinônimo
triv.: trivial
v.: verbo
vulg.: vulgar

6.1.2 *Microestrutura do verbete do Novo Dicionário Analógico de Língua Portuguesa*

Organizamos os verbetes em ordem alfabética e sistemática. Os lexemas analógicos à palavra-entrada foram divididos em duas categorias: substantivos (⊙) e verbos (◊). Os

lexemas analógicos estão distribuídos de acordo com a relação lexical que estabelecem com a entrada. Assim, os lexemas aparecem nos conjuntos:

SIN. = sinônimo

HIPE. = hiperônimo

HIP. = hipônimo

HOL. = holônimo.

MER. = merônimo

CON. = conceito conexo

As relações lexicais são utilizadas para unir os lexemas que possuem características comuns, as quais são ligadas ao conceito. As relações lexicais entre lexemas e palavra-entrada levaram em conta traço(s) do conceito de cada palavra, de tal forma que a relação se faça pela aproximação do significado dos signos e não pela associação de ideias.

Os lexemas são ordenados por hierarquia de significado, do mais geral para o mais específico, que formam subagrupamentos analógicos. Em cada subagrupamento analógico, os lexemas são apresentados em ordem alfabética.

A maneira como o verbete se estrutura obedece ao paradigma presente no quadro 18:

Quadro 18: Estrutura do verbete

+entrada, +categoria gramatical, +gênero, ±marca de uso, +definição, +fonte da definição, +substantivo, +relação lexical (±sinonímia, ±hiperonímia, ±hiponímia, ±holonímia, ±meronímia, ±conceito conexo), ±marca de uso, +substantivos analógicos, +verbo, +classificação sintático-semântica dos verbos (±ação, ±ação-processo, ±processo, ±estado), +verbos analógicos, ±marca de uso, ±fraseologia, ±fraseologias analógicas.

Fonte: (MACHADO OLIVEIRA, 2010).

A entrada, indicativa da unidade lexical, aparece em caixa alta e em negrito.

A categoria gramatical, indicativa da categoria na gramática da língua a que pertence a unidade lexical, aparece abreviada, na cor verde e em itálico.

O gênero, indicativo do gênero a que pertence a unidade lexical na língua, aparece abreviada, na cor verde e em itálico.

As marcas de uso são instrumentos do lexicógrafo para categorizar a variação linguística nos dicionários, aparecem indicadas por abreviaturas, entre colchetes e em itálico, podem ser apresentadas antes das definições, dos substantivos analógicos e dos verbos analógicos. Adotamos as marcas de uso propostas no estudo de Strehler (1997, p. 83), as


quais são apresentadas e explicadas na figura a seguir, que mostra as abreviaturas e seus respectivos significados.

Marcas	Definição
<i>abus.</i>	<i>Abusivo.</i> Designa palavra ou emprego criticado (empréstimo desnecessário, solecismo, falso sentido etc.).
<i>Ang.</i>	Angola.
<i>Ant.</i>	<i>Antigüidade.</i> Designa uma palavra ou um sentido que diz respeito à antigüidade ocidental.
<i>Arc.</i>	<i>Arcaico.</i> Designa palavra ou sentido fora de uso, bcn como significado de difícil compreensão na linguagem contemporânea.
<i>C.-O.</i>	Centro-Oeste.
<i>Cabo-V.</i>	Cabo Verde.
<i>Corr.</i>	<i>Corrente.</i> Designa palavra ou sentido pertencente à linguagem corriqueira.
<i>Desus.</i>	<i>Desusado.</i> Designa palavra ou sentido muito pouco empregado na língua de hoje, mas ainda compreensível em geral.
<i>Elev.</i>	<i>Elevado.</i> Designa palavra ou sentido que é empregado com preocupação de elegância e correção na língua falada e escrita. Existe normalmente equivalente mais comum.
<i>Fam.</i>	<i>Familiar.</i> Designa palavra ou sentido pertencente à língua falada e às vezes à escrita cotidiana.
<i>G.-Biss.</i>	Guiné-Bissau.
<i>Gír.</i>	<i>Gíria.</i> Designa palavra ou sentido cuja emprego se limita a grupos sociais particulares, em geral desconhecido fora deles e freqüentemente evitado em discurso preocupado da correção.
<i>Hist.</i>	<i>Histórico.</i> Designa palavra ou sentido relativo a um fato que não existe mais na civilização contemporânea.
<i>Id. M.</i>	<i>Idade Média.</i> Designa uma palavra ou um sentido que diz respeito à Idade Média.
<i>Inj.</i>	<i>Injúria.</i> Designa palavra ou sentido que visa caluniar.
<i>Joc.</i>	<i>Jocoso.</i> Emprego que visa divertir ou provocar o riso.
<i>Lit.</i>	<i>Literário.</i> Designa palavra ou sentido preferencialmente reservado à linguagem escrita literária. Existe normalmente um equivalente corrente.
<i>Moç.</i>	Moçambique.
<i>Mod.</i>	<i>Moderno.</i> Designa uma palavra ou um sentido da língua contemporânea quando houver dúvida sobre sua pertinência ao registro contemporâneo.
<i>N.</i>	Norte.
<i>N.E.</i>	Nordeste.
<i>Pej.</i>	<i>Pejorativo.</i> Designa palavra ou sentido que visa depreciar.
<i>Poét.</i>	<i>Poético.</i> Designa palavra ou sentido literário usado exclusivamente na poesia.
<i>Port.</i>	Portugal
<i>P. us.</i>	<i>Pouco usado.</i> Designa palavra ou sentido que se emprega só excepcionalmente.
<i>S.</i>	Sul.
<i>S.E.</i>	Sudeste.
<i>São-T.</i>	São Tomé e Príncipe.
<i>SP, DF, RJ etc.</i>	(Abreviações oficiais dos estados brasileiros)
<i>Triv.</i>	<i>Trivial.</i> Designa palavra e sentido usado primordialmente na comunicação oral, mas evitado nos meios socioculturais privilegiados. Antigas gírias são muitas vezes assim marcadas.
<i>Vulg.</i>	<i>Vulgar.</i> Designa palavra ou sentido que choca e que é evitado num discurso preocupado com correção e decência, independentemente de classes sociais.

Figura 65: Proposta de marcas de uso
Fonte: (STREHLER, 1997, p. 83).


A definição, indicativa do sistema de distinções recíprocas que servem para descrever significados pertinentes aos lexemas, é elaborada de acordo com os princípios linguísticos da paráfrase definitória. Empregamos a definição por paráfrase definitória que se “constitui de gênero próximo + características específicas ou + informações acerca da utilização do objeto”, assim como Nascimento (2001, p. 85-86) postulou.

A fonte da definição, registro do nome do autor, da obra, data, de onde foi compilada a definição; aparece abreviada entre parênteses.

O substantivo, indicativo da classe gramatical dos nomes, que serve como uma subentrada para apresentar os substantivos analógicos, é indicado pelo símbolo .

A relação lexical, indicativa de ligação semântica entre unidades lexicais, a qual serve para apresentar as relações de forma e conteúdo entre a palavra-entrada e os substantivos analógicos, pode aparecer subdividida em sinonímia, hiperonímia, hiponímia, meronímia, holonímia e conceito conexo, e são indicadas em negrito e abreviadas. Os critérios para o estabelecimento das relações lexicais são definidos conforme é apresentado no capítulo 3, subseção 3.3.2, com exceção da antonímia.

Os substantivos analógicos são os nomes que apresentam liame com a palavra-entrada, podendo ser sinônimo, hiperônimo, hipônimo, merônimo, holônimo e conceito conexo da entrada.

O verbo, classe gramatical que indica ação, processo, estado, serve como uma subentrada para apresentar os verbos analógicos; é indicado pelo símbolo .

A classificação sintático-semântica dos verbos indica as classes dos verbos que podem ser ação, processo, ação-processo e estado, conforme a teoria da valência dos verbos estabelecida por Borba (1996, p. 57-60). A classificação sintático-semântica dos verbos aparece entre chaves em negrito e na cor roxa.


Os verbos de ação expressam uma atividade realizada por um sujeito agente e apresentam, pelo menos, um argumento. Nos casos em que apresentam dois argumentos, o segundo será um experimentador.

Os verbos de processo expressam um evento ou sucessão de eventos que afetam um sujeito paciente ou experimentador. O sujeito afetado pelo verbo pode ser experimentador ou beneficiário, sendo que o experimentador expressa uma experiência ligada a uma disposição mental, uma sensação, uma emoção; beneficiário é sede da transferência do destinatário de um benefício e, neste caso, o verbo apresenta mais de um argumento. Os verbos de processo podem apresentar-se sob a forma pronominal ou não.

Os verbos de ação-processo expressam uma ação realizada por um sujeito agente, ou uma causação levada a efeito por um sujeito causador, que afeta um complemento, tem no mínimo 2 argumentos (agente/causativo ou afetado/efetuado). A ação-processo sempre atinge um complemento que expressa uma mudança de estado, de condição ou de posição, ou, então, algo que passa a existir.

Os verbos de estado não expressam uma propriedade localizada no sujeito, que é mero suporte da propriedade ou experimentador ou beneficiário. Apresenta, pelo menos, um argumento, que é inativo.

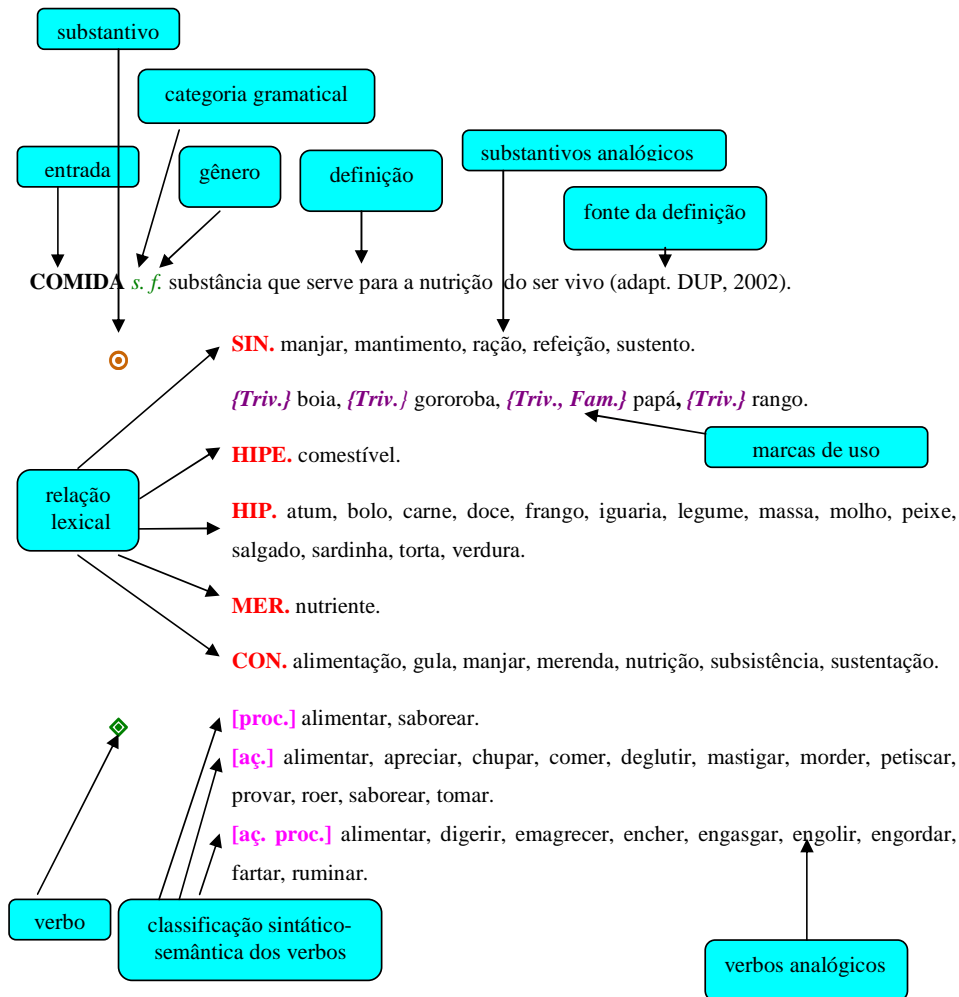
Os verbos analógicos são os que apresentam relação com a palavra-entrada, podendo ser classificados em uma ou mais de uma das classes ação, processo, ação-processo e estado.

A fraseologia é o conjunto de formas complexas que pertence a diversas categorias sintáticas, figuradas ou não, mais ou menos fixas, qualquer que seja o nome genérico que se dê a esses fenômenos e o ponto de vista descritivo que se adote; é um dos instrumentos que permitem caracterizar um texto ou suas partes. A fraseologia é constituída de combinações recorrentes, mais ou menos estabilizadas, de formas lexicais e gramaticais. Tais unidades aparecem como fixações, isto é, conjuntos mais ou menos longos de formas simples construídas em contextos restritivos, capazes, contudo, de algumas variações (FIALA, 1987, p. 32). A fraseologia é indicada pelo símbolo .

A fraseologia analógica apresenta fraseologia que possui relação com a palavra-entrada.

Acrescentemos que a relação lexical antonímia e a fraseologia foi excluída do NDALP por serem assuntos que exigem a maior dedicação de tempo para chegar a conclusão. O NDALP não possuirá remissiva, uma vez que as relações lexicais constituem uma rubrica de circulação, as quais funcionam como verdadeiros trajetos de reconstituição de significados.

Apresentaremos a seguir um exemplo de um verbete pronto:



6.2 Novo Dicionário Analógico de Língua Portuguesa

Os modelos de verbetes são apresentados a seguir:

i) comida:

COMIDA *s. f.* substância que serve para a nutrição do ser vivo (adapt. DUP, 2002).

- **SIN.** manjar, mantimento, ração, refeição, sustento.
{Triv.} boia, {Triv.} gororoba, {Triv.} papá, {Triv.} rango.
- HIPE.** comestível.
- HIP.** arroz, bolo, carne, doce, feijão, frango, iguaria, legume, massa, molho, peixe, refeição, salgado, salada, torta, verdura.
- MER.** nutriente.
- CON.** alimentação, almoço, café da manhã, ceia, gula, jantar, lanche, manjar, merenda, nutrição, subsistência, sustentação.
- ◆ **[proc.]** alimentar, saborear.
- [aç.]** alimentar, apreciar, chupar, comer, deglutir, mastigar, morder, petiscar, provar, roer, saborear.
- [aç. proc.]** alimentar, digerir, emagrecer, encher, engasgar, engolir, engordar, fartar, ruminar, tomar.

ii) divertimento:

DIVERTIMENTO *s. m.* atividade que o ser humano faz para se divertir (M.O., 2010).

- **SIN.** desatenção, descanso, desenfado, distração, diversão, entretém, entretenimento, entretimento, esparecimento, passatempo, recreação, repouso, solaz.
- HIPE.** lazer.
- HIP.** dança, esporte.
- MER.** bar, boate, cinema, circo, clube, fazenda, jardim zoológico, parque, parque de diversão, praia, sambodrómo, sítio, teatro.
- CON.** alegria, brincadeira, férias, festa, folga, jocosidade, ócio, piada, recreio, riso.
- ◆ **[proc.]** desenfadar, desenojar, desentediado, desestressar, distrair, divertir, entreter, folgar, recrear, viajar.

- [aç.] aventurar, folgar, passear.
 [est.] descansar.
 [aç. proc.] descansar, desenfadar, desenjoar, desentediado, desestressar, distrair, divertir, entreter, folgar, passear, recrear, viajar.

iii) escola:

ESCOLA *s. f.* estabelecimento onde se ministra ensino sistemático (adapt. DUP, 2002).

- ⊙ **SIN.** colégio, estabelecimento de ensino, faculdade, instituição de ensino, instituição educacional, liceu, universidade.
- HIP.** academia, creche, escola infantil, escola particular, escola primária, escola pública, escola técnica, jardim de infância, seminário.
- MER.** coordenador, diretor, docente, doutor, especialista, instrutor, mestre, monitor, orientador, professor, professorado, reitor, tutor.
 aluno, aprendiz, bacharelado, colega, discente, discípulo, doutorando, educando, estudante, licenciando, mestrando, orientando.
 apontador, apostila, boletim, borracha, cadeira, caneta, cantina, carteira, corretivo, diário, dicionário, giz, giz de cera, lápis de cor, lapiseira, livro, mochila, pincel, quadro, quadro-negro, régua.
 biblioteca, classe, sala de aula, sala de estudo, sala dos professores.
- CON.** alfabetização, conhecimento, educação, ensinamento, ensino, estudo, formação, instrução, leitura, lição, orientação, saber.
 conteúdo, disciplina, formatura, matéria, recreio.
 doutorado, especialização, graduação, magistério, mestrado, pós-graduação.
 dissertação, exame, monografia, prova, tese, teste.

aprovação, evasão, expulsão, recuperação, reprovação.

- ◆ **[proc.]** aprender, colorir, desenhar, educar, formar, ouvir.
- [aç.]** admoestar, advertir, apresentar, cabular, colar, cursar, dar, decorar, desenhar, discutir, ditar, doutrinar, estudar, evadir, fazer, formar, frequentar, guiar, instruir, ler, matricular, ministrar, orientar, ouvir, participar, soletrar.
- [aç. proc.]** alfabetizar, apagar, aprender, apresentar, cabular, colorir, copiar, dar, desenhar, doutrinar, educar, ensinar, escrever, expulsar, fazer, formar, instruir, matricular, orientar, pintar, preparar, reprovar, trabalhar, trancar, treinar.

Embora tenhamos notado a presença da categorização do léxico em dicionários analógicos avaliados, optamos por não apresentar o plano de classificação de ideias e o quadro sinóptico de categorias, tendo em vista que até o momento final deste estudo, não foi possível classificar o léxico da língua portuguesa de modo coerente, o que pode ser feito em outro momento nas pesquisas futuras. Além do mais, o NDALP pode ser informatizado por meio do uso do informatizado do software Ztermino, criado no Laboratoire de Linguistique et de Linguistique Applique (LILLA), França, por Henri Zinglé e pelos colaboradores do Centro Lexterm da Universidade de Brasília. O Ztermino permite a formatação e a recuperação dos dados no processo de edição do dicionário em ambiente Windows.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, a noção de signo linguístico é entendida conforme foi estabelecido por Saussure (1915) e por Hjelmslev (1943). Assim sendo, signo linguístico é constituído por duas faces, com base na relação entre significado e significante, de modo que conceito não é necessariamente igual ao significado, pois o conceito é um constructo mental e o significado é de natureza social.

Constatamos que a semasiologia e a onomasiologia são formas distintas de organizar a composição estrutural e funcional de dicionários, glossários, léxicos e vocabulários para sistematizar léxicos. Geralmente, a Terminologia utiliza o percurso onomasiológico e a Lexicografia, o percurso semasiológico, conforme está registrado na literatura tradicional. No entanto, não há uma separação estrita com relação ao uso desses percursos, pois a Terminologia e a Lexicografia empregam ambos, de acordo com as necessidades que surgem, assim como verificamos que os dicionários analógicos utilizam recursos da Terminologia.

A priori, pressupúnhamos que dicionário analógico e dicionário ideológico eram objetos distintos. Porém, averiguamos que designam o mesmo objeto e que a diferenciação na designação do dicionário analógico ocorre devido à variação terminológica. Como na literatura falta a delimitação do que é um dicionário analógico, definimo-lo como repertório lexicográfico, de caráter onomasiológico, no qual os lexemas são organizados em ordem sistemática, com base nas ideias ou nos conceitos para chegar às unidades lexicais. O consulente pode encontrar a expressão exata de um conteúdo que queira vincular.

A estrutura do repertório lexicográfico analógico é constituída por lexemas agrupados por analogia, que é entendida como semelhança, identidade de relações, posto que as unidades lexicais são ligadas por conexões de caráter semântico em torno de uma ideia central. O agrupamento analógico dos lexemas possibilita ao consulente desvendar as relações de forma e conteúdo entre palavras, tais como: sinonímia, antonímia, hiperonímia, hiponímia, meronímia, holonímia, conceito conexo.

A finalidade do dicionário analógico é disponibilizar ao consulente o lexema apropriado para o contexto desejado, de modo que possa solucionar os problemas de desconhecimento e de esquecimento dos significantes que representem os significados que necessita empregar, bem como encontrar as relações lexicais que há entre a ideia e os respectivos lexemas relacionados.

Verificamos que os dicionários analógicos existentes foram influenciados, principalmente, pelo *Thesaurus of English Words and Phrase Classified and Arranged so as to Facilitate the Expression of Ideas and to Assist in Literary Composition*, de Roget (1852), e pelo *Dictionnaire Analogique de la langue Française*, de Boissière (1862). O Thesaurus de Roget (1852), além de ser uma obra inspiradora no âmbito da Lexicografia, serviu de base para o surgimento de tesouro documentário, que é um vocabulário controlado que apresenta os termos de uma linguagem de especialidade de uma área do conhecimento, os quais são relacionados por equivalência, hierarquia e associação.

O tesouro documentário serve para controlar os termos usados na indexação, descrever documento com especificidade, organizar e recuperar a informação. A estrutura do tesouro baseia-se em descritores reunidos por áreas específicas do conhecimento. Os descritores consistem em termos ou expressões atribuídos a um documento para descrever seu conteúdo, os quais são escolhidos entre o conjunto de termos considerados como equivalentes para representar um conceito essencial e possibilitam estabelecer relações semânticas entre eles.

Ao cotejar dicionário analógico e tesouro documentário, percebemos que, são obras de caráter onomasiológico, visto que possibilitam o encontro da unidade lexical mais adequada, mesmo quando o usuário ou consultante desconhece ou esquece o significante exato para representar o conceito procurado, estruturam-se em ordem sistemática, possuem um sistema de classificação por meio do qual as categorias estão dispostas. Em ambas obras são feitas analogias ao aproximar os conceitos relacionando as unidades linguísticas, sendo que o repertório lexicográfico é estruturado pelas relações lexicais e o vocabulário controlado é constituído por termos organizados com base nos relacionamentos semânticos.

Ao identificar que o tesouro documentário explicita os relacionamentos semânticos por meio de abreviaturas, utilizamos esse procedimento para agrupar os substantivos analógicos com base nas relações lexicais.

O tesouro documentário e o dicionário analógico se distinguem, uma vez que aquele apresenta termos de um domínio específico, explicita os relacionamentos entre conceitos por meio de abreviaturas e do uso de linguagem documentária, e este disponibiliza lexemas de língua comum por meio do uso de linguagem natural e as relações lexicais não são explicitadas.

Para a construção de tesouro documentário e de dicionário analógico, é preciso delimitar as unidades lexicais que compõem o *corpus*; preencher fichas lexicográficas ou terminográficas com as informações sobre as unidades lexicais; sistematizar informações para

que sejam apresentadas de forma coerente ao usuário ou ao consulente; o que nos permite afirmar que apresentam confluências em seus modos de organização.

Ao analisar o repertório lexicográfico analógico e compará-lo com o tesouro documentário, identificamos a interface que há entre a Lexicografia, a Terminologia e a Ciência da Informação, pois procedimentos terminológicos são adotados na etapa de construção de tesouros e de dicionários analógicos, ao mapear os conceitos para sistematizar as obras. No processo de preenchimento das fichas lexicográficas e terminográficas, são empregados os princípios da Lexicografia e da Terminologia. O repertório lexicográfico e o vocabulário controlado são objetos de representação do conhecimento, úteis na organização e na recuperação de informações.

Os procedimentos metodológicos empregados na elaboração do tesouro documentário que podem contribuir para o novo modelo de dicionário analógico são provenientes da Terminologia, tais como: o preenchimento das fichas terminológicas e o mapeamento para identificar a posição de cada conceito, o que permite relacionar os conceitos de modo coerente.

Além disso, percebemos a presença da Ontologia em dicionários analógicos e tesouros documentários por possuírem categorização, procedimento ontológico que classifica as entidades que existem e estabelece a definição explícita de conceitos e suas relações, propriedades e restrições expressas formalmente. A Ontologia funciona como um meio de representação de informações que pode ser aplicada em situações diversas em variadas áreas do conhecimento.

Na busca de encontrar um modelo para classificar e organizar o léxico da Língua Portuguesa de forma analógica, analisamos a WordNet, ontologia linguística, que constrói redes semânticas entre palavras da língua comum e que apresenta associações baseadas em relações lexicais. Desse modo, compreendemos que o uso de ontologias enriquece a área da linguística por disponibilizar ferramentas capazes de aperfeiçoar a organização de unidades lexicais, o que facilita o acesso à informação, auxilia o estabelecimento de relações entre os conceitos, aprimora as opções de busca, entre outros.

Tomando como base as análises dos objetos de estudo, propomos um novo modelo de dicionário analógico, a fim de preencher uma lacuna na lexicografia, uma vez que os dicionários analógicos existentes possuem estruturas incoerentes, as quais não facilitam a consulta.

O novo modelo de dicionário analógico chama-se Novo Dicionário Analógico de Língua Portuguesa (NDALP), que organiza os lexemas com base em critérios bem estabelecidos e explicitados, com o objetivo disponibilizar uma obra lexicográfica coerente.

As vantagens do NDALP em relação a outros dicionários são: i) possibilitar modos de consulta que o dicionário de língua comum não disponibiliza, posto que apresenta agrupamentos de lexemas analógicos e desvenda as relações lexicais entre a palavra-entrada e os agrupamentos de lexemas analógicos; ii) estabelecer o lugar dos lexemas e suas relações em um conjunto nocional e permite, que, nesse, conjunto, as expressões formem um campo conceitual, tendo o conceito como ponto de partida, ao invés de associar ideias, como ocorre em outros dicionários analógicos; iii) registrar os lexemas que estão em uso na língua do ponto de vista sincrônico, assim excluimos os lexemas em desusos que são apresentados em outros dicionários analógicos.

Sabemos que o modelo proposto não se apresenta completo, pode ser aperfeiçoado e concluído em outro momento por meio de pesquisas futuras. Constatamos que o uso da ontologia linguística pode ser um método para classificar o léxico da língua portuguesa.

Como identificamos que as principais confluências entre o tesouro documentário e o dicionário analógico são oriundas dos procedimentos da Terminologia e que o emprego de métodos ontológicos podem aperfeiçoar obras lexicográficas, podemos concluir que há um liame entre a Lexicografia, a Terminologia e a Ciência da Informação e que o compartilhamento de princípios teóricos dessas áreas só tende a enriquecer os modelos de representação do conhecimento.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. B.; BAX, M. P. Uma visão geral sobre ontologias: pesquisa sobre definições, tipos, aplicações, métodos de avaliação e de construção. *Ci. Inf.*, Brasília, v. 32, n. 3, p. 7-20, set./out. 2003.

ALTHUSSER, L. *Ideologia e aparelhos ideológicos do estado*. Lisboa: Presença, 1974.

AUSTIN, D. W. *Diretrizes para o estabelecimento e desenvolvimento de tesouros monolíngues*. Brasília: Inst. Bras. de Inform. em Ciência e Tecnologia, 1991.

AZEVEDO, F. F. S. *Dicionário analógico da língua portuguesa: ideias afins*. Brasília: Coordenada, 1950.

BABINI, M. Dicionário analógico do padre Carlos Spitzer: uma versão do thesaurus de Roget?. *Caderno de tradução*, v. 2, n. 12, p. 65-73, 2003.

_____. Do conceito à palavra: os dicionários onomasiológicos. *Ciência e Cultura*, São Paulo, v. 2, p. 38-42, 2006.

BALDINGER, K. *Teoría semántica: hacia una semántica moderna*. Madrid: Alcala, 1970.

BARBOSA, Maria Aparecida. Relações de significação nas unidades lexicais. In: ENCONTRO NACIONAL DO GT DE LEXICOLOGIA, LEXICOGRAFIA E TERMINOLOGIA DA ANPOLL, 1., 1995, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: CNPq, 1998. p. 19-40.

BASÍLIO, M. Estruturas lexicais. In: MATEUS, M. H. Mira; CORREIA, C. N. (Org.). *Saberes no tempo*. Lisboa: Colibri, 2002.

BENOT Y RODRIGUEZ, E. *Diccionario de ideas afines y elementos de tecnologia*. Madrid: M. N. Samper, 1899.

BIDERMAN, M. T. C. A ciência da lexicografia. *Alfa*, São Paulo, v. 28, p. 1-26, 1984.

_____. As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, A. M. P. P., ISQUERDO, A. N. (Orgs.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo grande: UFMS, 2001.

_____. *Teoria linguística: linguística quantitativa e computacional*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978.

BIVAR, A. *Dicionário geral e analógico da língua portuguesa*. Porto: Ed De Ouro, 1948.

BOISSIÈRE, P. *Dictionnaire Analogique de la langue Française*. Paris: Aug; Boyer, 1890. Disponível em : <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k22361w.image.f4.langPT/>>. Acesso em: 20 jan. 2009.

BORBA, F. da S. *Gramática de valências para o português (uma)*. São Paulo: Ática, 1996.

_____. ; et al. *Dicionário de usos do Português do Brasil*. São Paulo: Ática, 2002.

BRÄSCHER, M.; CAFÉ, L. Organização da informação ou organização do conhecimento?. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 9., 2008, São Paulo. *Anais...* Brasília: ANCIB, 2008.

BRASIL. *Thesaurus Brasileiro da Educação*. 2001. Disponível em: <<http://www.inep.gov.br/pesquisa/thesaurus/>>. Acesso em: 20 ago. 2009.

BORKO, H. BERNIER, C. *Indexing concepts and methods*. New York: Academic Press, 1978.

BOULANGER, J. C. Convergências e divergências entre a lexicografia e a terminologia. In: LIMA, M. S.; RAMOS, P. C. (Org.). *Terminologia e ensino de segunda língua: Canadá e Brasil*. Porto Alegre, UFRGS, 2001.

BUENO, F. S. *Grande dicionário etimológico-prosódico da língua portuguesa*. São Paulo: Saraiva, 1963.

CABRÉ, M. T. *La terminología: teoría, metodología, aplicaciones*. Barcelona: Editorial Antártida/Empúries, 1993.

CAMPOS, M. L. A. A problemática da compatibilização terminológica e a integração de ontologias: o papel das definições conceituais. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 6., 2005, Florianópolis. *Anais...* Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2005. Disponível em: <<http://biblioteca.ibict.br/phl8/anexos/Camposprob.pdf> >. Acesso em: 1 out. 2009.

_____. ; GOMES, H. E. Metodologia de elaboração de tesauro conceitual: a categorização como princípio norteador. *Perspect. ciênc. inf.*, Belo Horizonte, v. 11, n. 3, 2006. Disponível

em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-99362006000300005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 14 ago. 2009.

CARDONA RAVE, B. N. et. al. Tesouro colombiano de seguridad social. In: Correia, Margarita (Org.). *Terminologia, desenvolvimento, e identidade nacional: actas do VI Simpósio Ibero-Americano de Terminologia*. Lisboa: Edições Colibri; ILTEC, 2002.

CASARES, J. *Diccionario ideológico de la lengua española*. 2. ed. Barcelona: G. Gili, 1941.

CAVALCANTI, C. R. *Indexação e tesouro: metodologia e técnica*. Brasília: ABDF, 1978.

CHAPMAN, R. (Ed.). *Roget's International Thesaurus*. 5. ed. [S.l.]: Harper L., 1992.

CINTRA, A. M. M. et al. *Para entender as linguagens documentárias*. 2. ed. São Paulo: Polis, 2002.

CLAS, A. Terminologia e terminologia lexicográfica. In: Lima, M. S.; Ramos, P. C. (Org.). *Terminologia e ensino de segunda língua: Canadá e Brasil*. Porto Alegre: UFRGS, 2001.

COSERIU, E. *Teoria da linguagem e linguística geral*. Rio de Janeiro: Presença; São Paulo: Edusp, 1977.

COSTA, Firmino. *Vocabulário analógico*. São Paulo: Melhoramentos, 1939.

CUNHA, I. M. F. *Do mito a análise documentária*. São Paulo: Ed Univ. São Paulo, 1990.

CURRÁS, E. *Tesauros: linguagens terminológicas*. Brasília: IBICT, 1995.

DEPECKER, L. *Entre signe et concept: éléments de terminologie générale*. Paris: Presses de la Sorbonne Nouvelle, 2002.

DIAS DA SILVA, B.C.; et. al. *Introdução ao processamento das línguas naturais e algumas aplicações*. São Carlos: São Paulo, 2007. (Série de Relatórios do NILC). Disponível em: <<http://www.letras.etc.br/ebralc/NILCTR0710-DiasDaSilvaEtAl.pdf> >. Acesso em: 06 out. 2009.

DODEBEI, V. L. D. L. de M. *Tesauro: linguagem de representação da memória documentária*. Niterói: Intertexto, 2002.

DUTCH, R. A. *Roget's thesaurus of english words and phrases*. London: Longmans, 1962.

FAULSTICH, E. L. J. *Como ler, entender e redigir um texto*. 19. ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

_____. Da linguística histórica à Terminologia. *Investigações, linguística e teoria literária*, Pernambuco, v. 7, p. 71-101, 1997.

_____. *Lexicologia: A linguagem do noticiário policial; para uma análise estrutural de campos semânticos*. Brasília: Horizonte, 1980.

_____. Metodologia para o projeto terminográfico. In: *Léxico e Terminologia*. Brasília: Universidade de Brasília, 1993.

_____. Perspectivas da atividade terminológica no Brasil. In: MATEUS, M. H., CORREIRA, M. (Coord.). *Terminologia: questões teóricas, métodos e projectos*. Lisboa: Europa-América, 1998.

_____. *Proposta metodológica para elaboração de léxicos, dicionários e glossários*. Brasília, 2001. Disponível em: <http://canaluniversitario.desenvolvimento.gov.br/monografias/doc/met_can_uni.zip> Acesso em: 14 out. 2009.

_____. Redes de remissivas em um glossário técnico. *Cadernos do Instituto de Letras*, Porto Alegre, n. 10, p. 91-97, jul. 1993.a

_____. Socioterminologia: mais que um método de pesquisa, uma disciplina. *Ciência da Informação*, v. 24, n. 23, p. 281-288, set./out., 1995.

_____. Spécificités linguistiques de la lexicologie et de la terminologie. *Nature épistémologiques, Meta*, v. 2, n. 41, 1996.

FERREIRA, A. B. de H. *Novo Dicionário Aurélio da língua portuguesa: século XXI*. 3.ed. Curitiba: Editora Positivo, 2004.

FERNANDES LEBORANS, M. J. *Campo semántico y connotación*. Madrid: Cupsa, 1977.

FIALA, P. Pour une approche discursive de la phraséologie: remarques en vrac sur la locutionnalité et quelques points de vue qui s'appuient, sans doute. *Langage et société*, s. l., n. 42, Maison des sciences de l'homme, 1987.

FLORENZANO, E. *Dicionário de ideias semelhantes*. 13. ed. Rio de Janeiro: Inst. Villas Lobos, 1961.

FUJITA, M. S. L.; CESSSEL, V. L. Avaliação de linguagens documentárias para controle terminológico em áreas especializadas. In: SIMPÓSIO IBERO-AMERICANO DE TERMINOLOGIA, 2000, Lisboa. *Resumos...* Lisboa: Instituto de Linguística Teórica e Computacional, 2000.

GOMES, H. E. *Manual de elaboração de tesouros monolíngues*. Brasília: Programa Nac. Bibl. Inst. Ens. Sup., 1990.

_____. ; CAMPOS, M.L.A, MOTTA, D.F. *Elaboração do tesouro documentário: tutorial*. 2004. Disponível em: <<http://conexaorio.com/bit/tesouro>>. Acesso em: 11 nov. 2005.

GONÇALVES, J. A.; SOUZA, R. R. As relações semânticas em ontologias: contribuição para análise conceitual. In: SEMINÁRIO DE PESQUISA EM ONTOLOGIA NO BRASIL, 2008. *Anais...* Niterói: UFF, 2008.

GRUBER, T. R. A translation approach to portable ontology specifications. *Knowledge Acquisition*, s. l., v. 5, n. 2, p. 199-220, jun. 1993.

_____. *What is an ontology?* [S. n: s. l.]: 2005. Disponível em: <<http://www-ksl.stanford.edu/kst/what-is-an-ontology.html>>. Acesso em: 10 nov. 2009.

GUARINO, N. Formal ontology and information systems. In: _____. (Ed.) *Formal ontology in information systems*. Amsterdam: IOS Press, 1998. Disponível em: <<http://www.ladseb.pd.cnr.it/infor/Ontology/Papers/FOIS98.pdf>>. Acesso em: 1 out. 2009.

GUSMÃO, H. R. *Tesouros: Análise e utilização*. Niteroi: Univ. Fed. Fluminense, 1985.

HAENSCH, G. et al. *La lexicografía: de la lingüística teórica a la lexicografía práctica*. Madrid: Gredos, 1982.

HJELMSLEV, L. *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*. São Paulo: Perspectiva, 1975.

HOUAISS, A. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa: versão 3.0*. São Paulo: Objetiva, 2009.

HÜLLEN, W. *A history of Roget's Thesaurus: origin, development and design*. Oxford University Press, 2004. Disponível em: <<http://books.google.com/books?hl=pt-BR=A+history+of+Roget%C2%B4s+Thesaurus>>. Acesso em: 3 out. 2009

_____. *English dictionaries 800 – 1700: the topical tradition*. Oxford: Clarendon, 1999. Disponível em: <<http://books.google.com/books?hl=pt-BR=English+Dictionaries+800+%E2%80%93+1700>>. Acesso em: 24 nov. 2009

_____. *Networks and knowledge in Roget's Thesaurus*. Reino Unido: Oxford University Press, 2009.

INSTITUTO BRASILEIRO DE INFORMAÇÃO EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA. *Diretrizes para a elaboração de tesouros monolíngues*. Brasília: IBICT, 1984.

INTERNATIONAL STANDARD ORGANIZATION. *ISO 1087-1990: Terminology / Vocabulary*. Geneva, 1990.

_____. *ISO 1087-1: 2000: terminology work, vocabulary, part 1: theory and application*. Geneva, 2000.

KRIEGER, M. G. O dicionário de língua como potencial instrumento didático. In: ISQUERDO, A. N., ALVES, I. M. (Org.). *As ciências do léxico*. Campo Grande: Ed. UFMS; São Paulo: Humanitas, 2007.

JARMASZ, M. "*Roget's Thesaurus*" as a lexical resource for natural language processing. 2003. 231 f. Dissertação (Master of computer science) – University of Ottawa, Canadá, 2003.

LARA, M. L. G. de. O processo de construção da informação documentária e o processo de conhecimento. *Perspectivas em Ciência da Informação*, Belo Horizonte, v. 7, n. 2, p. 127-139, jul./out. 2002. Disponível em: <<http://www.eci.ufmg.br/pcionline/index.php/pci/article/view/399/216>>. Acesso em: 07 jul. 2009.

LEHRER, A. *Semantic fields and lexical structure*. Amsterdam: North-Holland, 1974.

LO MONACO, G. O thesaurus brasileira da educação. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Brasília: v. 87, n. 215, p. 81-86, jan./abr., 2006.

LLOYD, Susan M. *Roget's thesaurus of english words and phrases*. Harmondsworth: Penguin, 1984.

LOPES, A. C. M.; RIO-TORTO, G. *Semântica*. Lisboa: Caminho, 2007.

LYONS, J. *Semantics*. Cambridge: Cambridge Univ Press, 1984. 1 v.

MAIMIEUX, J. de. *Pasigraphie*, Paris, 1797. Disponível em: <<http://www.archive.org/details/pasigraphieoupre00maimuoft>>. Acesso em: 28 set. 2009.

MAQUET, C. *Dictionnaire analogique, repertoire moderne des mots par les idees des idees par les mots*. Paris: Larousse, 1936.

MARRONI, Gilza Núria Brandão. *Identificação e delimitação de relações associativas em tesouros: um estudo de caso na área do direito do trabalho*. 2006. 127 f. Dissertação (mestrado em Ciência da Informação) – Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

MARX, K.; ENGELS, F. *Ideologia alemã: Feuerbach(a)*. São Paulo: Grijalbo, 1977.

MARX, M. H.; HILLIX, William A. *Sistemas e teorias em psicologia*. São Paulo: Cultrix, 1974. Disponível em: <http://books.google.com/books?id=l3HoDoLBWnQC&pg=PA123&lpg=PA123&dq=Sistemas+e+teorias+em+psicologia+associacionismo&source=bl&ots=9r1Lp8hNla&sig=TYVfSvhftA85m8JfAdkWrE51ZfQ&hl=ptBR&ei=JzxeSsKYJ8OkIAfyq6zpDA&sa=X&oi=book_result&ct=result&resnum=1>. Acesso: 15 jul. 2009.

MAWSON, C. O. S. *Roget's pocket thesaurus*. New York: Pocket Books, 1967.

MEDEIROS, Marisa Bräscher Basílio. *Levantamento e análise da terminologia brasileira em ciência da informação*. 1985. 192 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade de Brasília, Brasília, 1985.

_____. *Tratamento automático de ambiguidades na recuperação da informação*. 1999. 290 f. Tese (doutorado em Ciência da Informação) – Universidade de Brasília, Brasília, 1999.

MILLER, G. A. WordNet - About Us. *WordNet*. Princeton University, 2009. Disponível em: <http://wordnet.princeton.edu>. Acesso em: 15 out. 2009.

MINGORANCE, L. M. La lexicografía onomasiológica. In: HERNÁN, Humberto (Org.). *Aspectos de lexicografía contemporánea*. Barcelona: Bibliograf, 1994.

MOREIRA, A. Uso de ontologia em sistemas de informação computacionais. *Perspect. cienc. inf.*, Belo Horizonte, v. 7, n. 1, p. 49 - 60, jan./jun. 2002.

MOREIRA, W. Lexicologia, terminologia, ontologia e representação documentária: Estudos de interface por meio de análise de periódico de Ciência da Informação. *Biblios: Revista de Bibliotecología y Ciencias de la Información*, Peru, ano 8, n. 27, fev./mar., 2007. Disponível em: <<http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/pdf/161/16102705.pdf>>. Acesso em: 21 jul. 2009.

NASCIMENTO, Maria do Rosario Loiola Do. *Definição: Paráfrase ou perífrase? Análise da estrutura de definições nos dicionários*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2001.

NASCIMENTO, M. F. B. do; RIVENC, Paul; CRUZ, Maria Luísa Segura da. *Português Fundamental: métodos e documentos*. Lisboa: Inquérito de Frequência, 1987.

NATIONAL INFORMATION STANDARDS ORGANIZATION. *ANSI/NISO Z39.19-2005: guidelines for the construction, format, and management of monolingual controlled vocabularies*. Maryland: NISO Press, 2005. Disponível em: <<http://www.niso.org/standards/resources/Z39-19-2005.pdf>>. Acesso em: 11 out. 2009.

PAVEL, S.; NOLET, D. *Manual de terminologia*. Ottawa: Public Works and Government Services, 2002 (Adaptado para a língua portuguesa por Enilde Faulstich).

PIEADADE, M. A. R. *Introdução a teoria da classificação*. Rio de Janeiro: Interciência, 1977.

POTTIER, B. *Estruturas linguísticas do português*. São Paulo: Difusão Européia do livro, 1973.

REHFELDT, G. K. *Polissemia e campo semântico: estudo aplicado aos verbos de movimento*. Porto Alegre: Ed Univ Fed Rio Grande Do Sul, 1980.

REY-DEBOVE, J. Léxico e dicionário. *Alfa*, São Paulo, v. 28 supl., p. 45-69, 1984.

ROBERTSON, T. *Dictionnaire idéologique: recueil des mots, des phrases, des idiotismes et des proverbes de la langue française classés selon l'ordre des idées*. Paris: BookSurge Publishing, 1859. Disponível em: <http://books.google.com/books?id=Q3wCAAAAQAAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_v2_summary_r&cad=0#v=onepage&q=&f=false>. Acesso em: 15 ago. 2009.

ROGET, P. M. *Thesaurus of English words and phrases: classified and arranged so as to facilitate the expression of ideas and to assist in literary composition*. London, New York, Toronto: Longmans, green and co, 1936.

ROUAIX, P. *Dictionnaire-manuel-illustré des idées suggérées par les mots*. Paris: A. Colin, 1897.

SAGER, J. C.; KAGEURA, K. Concept classes and conceptual structures, their role and necessity in terminology, terminology and lsp linguistics, studies in specialised vocabularies and texts. *Actes de Langue Française et Linguistique*, [S. l.], v. 7-8, p. 191-216, 1994.

SANTOS, M. C. A.; VALE, Oto Araújo. Abordagem linguística no desenvolvimento de ontologias: proposta de construção de uma ontologia do domínio futebol. In: SEMINÁRIO DE PESQUISA EM ONTOLOGIA NO BRASIL, 2008, Niterói. *Anais...* Niterói, 2008.

SANTOS, R. *Categorias*. Lisboa: Porto, 1995.

SAUSSURE, F. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 1999.

SEIDE, M. S. A semântica de Michel Bréal e a terminologia de contacto. In: ESTUDOS Linguísticos XXXV. Paraná: Universidade Estadual do Oeste do Paraná, 2006.

SILVA, B. C. D; et. al. *Introdução ao processamento das línguas naturais e algumas aplicações*. São Carlos: São Paulo, 2007. (Série de Relatórios do NILC). Disponível em: <<http://www.letras.etc.br/ebralc/NILCTR0710-DiasDaSilvaEtAl.pdf> >. Acesso em: 6 out. 2009.

SILVEIRA, N. *Jung: vida e obra*. 12. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

MARTÍNEZ DE SOUZA, José. *Diccionario de lexicografía práctica*. Barcelona: Bibliograf, 1995.

SPITZER, C. *Dicionário analógico da língua portuguesa: tesouro de vocábulos e frases da língua portuguesa*. Porto Alegre: Globo, 1936.

STREHLER, René G. *Análise de categorias de marcas de uso em dicionários*. 1997. 110f. Dissertação (mestrado) – Universidade de Brasília, Brasília, 1997.

TAYLOR, A. *The organization of information*. 2. ed. Connecticut; London: Libraries Unlimited, 2003.

TRISTÃO, A., FACHIN, G., ALARCON, O. Sistemas de classificação facetados e tesouros: instrumentos para organização do conhecimento. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 33, n. 2 maio/ago. 2004. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/index.php/ciinf/article/view/88/82>>. Acesso em: 3 ago. 2009.

ULLMANN, S. *Lenguaje y estilo*. Madrid: Aguilar, 1977.

_____. *Semântica: uma introdução a ciência do significado*. 2. ed. Lisboa: Fund. C. Gulbenkian, 1970.

UNIVERSIDAD DE ALCALA DE HENARES. Departamento de Filología. *Señas: diccionario para la enseñanza de la lengua española para brasileños*. 2. ed. São Paulo: M. Fontes, 2001.

USCHOLD, M; JASPER, R. A Framework for Understanding and Classifying Ontology Applications. In: WORKSHOP ON ONTOLOGY AND PROBLEM SOLVING METHODS: Lessons Learned and Future Trends, 1999. *Proceedings...* Stockholm, 1999. Disponível em: <<http://CEUR-WS.org/Vol-18>>. Acesso em 15 jul. 2009.

VANOYE, F. *Usos da linguagem: problemas e técnicas na produção oral e escrita*. 2. ed. São Paulo: M. Fontes, 1981.

WELKER, H. A. *Dicionários: uma pequena introdução à lexicografia*. Brasília: Thesaurus, 2004.

WHORF, B. L. Semântica Linguística. In: RECTOR, Mônica. *Manual de semântica*. Rio de Janeiro: ao livro técnico, 1980.

WOLF, L. Signo lingüístico y estructuras semánticas. In: HAENSCH, G. et al. *La lexicografía lexicografía - de la lingüística teórica a la lexicografía práctica*. Madrid: Editorial Gredos, 1982.

ANEXO – A: Verbetes cores e sinais de cavalos de Azevedo (1950) e de Costa (1936)

440a. Cores e sinais de cavalos:

alazão, cor de canela;

amame, de duas cores, preta e branca;

argel, que tem brancos os pés traseiros;

arminado: que tem malha de cabelos, branca ou preta, perto do casco, contrastando com a cor do mesmo;

atavanado, preto ou castanho, com malhas brancas nos ilhais ou nas espáduas;

baio, cor de ouro desmaiado; castanho ou amarelo torrado;

calçado, que tem malhas nos pés;

cambráia, completamente branco;

camurça, diz-se de certa cor de pelo pardo-vermelho dos muares;

celheado, de sobrancelhas brancas;

cnairelado, de mancha branca no seladouro;

crinalto, que tem a crina mais clara que os outros pelos do corpo;

crinipreto, que tem crina preta e de outra cor os outros pelos;

descopado, que, visto de lado, é mal apumado;

douradilho, de cor amarelada, com reflexos dourados quando exposto ao sol;

estrelado, que tem uma malha na testa;

estrelheiro, que levanta muito a cabeça ao andar, à menor pressão do freio;

façalco, que tem grande sinal branco no focinho;

ferreiro, que tem pelo cor de rato;

fouveiro, castanho claro;

frontaberto, que tem malha branca de alto a baixo na testa;

frontino, que apresenta malha branca na testa;

gateado, de pelo amarelo-avermelhado;

isabel, de cor entre branco e amarelo;

lobuno, que tem o pelo escuro; acinzentado, cor de lobo;

lontra, baio bem sujo;

malhado, que possui malhas ou manchas;

manalvo, que tem manchas alvas nas mãos;

maskarado, de qualquer cor, mas com a cara branca;

melanócomo, que tem o pelo escuro;

melroado, que tem a cor escura do melro;

mil-flôres, mesclado de branco e vermelho;

morzelo, da cor da amora;

mouro, preto salpicado de pintinhas brancas;

nevado ou *interpolado*, que tem pelos brancos entremeados com pelos escuros;

olhalvo ou *olhibranco*, de olhos cercados de malhas brancas, ou que, ao erguer a cabeça, põe os olhos em alvo;

olhizarco, que tem cada olho de uma cor;

pampa, de cara branca, ou malhado no corpo inteiro;

pangaré, diz-se do cavalo que tem a parte inferior do ventre e as regiões entre os membros, a garganta e o focinho, esbranquiçados, como que desbotados;

pedrado, salpicado de preto e branco;

pedrês, salpicado de preto e branco;

picarço ou *pigarço*, de cor grisalha;

pinhão, de cor vermelha, semelhante ao pinhão;

pombo, de pele preta, coberta de pelos brancos e com crinas de igual cor;

praleado, branco, mascarado, com pintas pelo corpo;

quatrabo, malhado de branco até os joelhos;

queimado, tordilho claro;

rabalvo, de rabo branco;

rabilongo, de cauda longa;

rabicurto = *rabão*, que tem a cauda curta ou cortada;

rabicão, que tem a cauda entremeada de fios brancos;

raudão ou *rosilho*, que tem o pelo avermelhado e branco, dando o aspecto de cor rosada;

rengo, manco de uma perna;

ruano ou *ruão*, de pelo branco e pardo ou de pelo branco com malhas escuras e redondas; de cor clara e crinas amarelas;

ruço, pardacento;

sabino, de pelo branco mesclado de vermelho e preto;

testicondo, cujos testículos estão recolhidos no ventre;

tordilho, o mesmo que ruço;

velhori, de cor acinzentada;

zaino, de pelo todo castanho escuro;

zarco, que tem malha branca em volta de um ou ambos os olhos;

zebruno, de cor mais ou menos escura;

Fonte: AZEVEDO (1950: 191-193)

Côres e signaes de Cavallos

Alazão, côr de canela; tam-
bem se diz *lazão*.

Amame, de duas cores, preta
e branca.

Argel, que tem malha branca
no pé direito: *argel travado*, si
a malha tambem existe na mão
direita; *argel trastravado*, malha-
do no pé direito e na mão es-

Azulego, (bras. do sul), azul
quasi preto com pintas brancas,
cujo conjuncto, á certa distancia,
parece de côr azulada. Os ani-
maes desta côr são excellentes,
porêm mui raros. ROMAGUERA
CORRÊA, *Voc. Sul Rio-grandense*.

Baio, côr de ouro desmaiado. O
sr. ROMAGUERA CORRÊA descre-
ve as seguintes variedades: *baio
amarelo*, quando sobrees a côr
amarela; *baio ruano*, quando as
crinas são um tantó esbranquiça-
das e o corpo amarelo; *baio
oveiro*, em que ha manchas bran-
cas ou amarelas; *baio encerado*,
quando apresenta a côr um tanto
escura, com poucos cabellos ama-
relos, parecendo-se com a cera
escura; *baio tobiano*, que tem a
cauda ou a raiz desta manchada
de branco e o resto do corpo
amarelado, ou então o que pos-
sue, alem das manchas amare-
las, outras brancas em certas e
determinadas regiões do corpo;
baio sebruno, cuja côr pouca dif-
ferença faz da do *encerado*.

Barroso, (bras. do sul), escu-
ro acinzentado, côr de barro.

Bragado, que tem as pernas
de côr differente da do resto do
corpo.

Branco-couros-negros, (bras.
do sul), pêlo completamente cla-
ro, sendo negro o couro.

Bugiado, diz-se do cavallo cu-
já côr lembra a do bugio. A. DE
E. TAUNAY, *Lexico de Lacunas*.

Cabeça de mouro, que tem
cabeça negra e outra côr no res-
to do pelame.

Calçado, que tem malhas nos
pés ou nas pernas.

querda; *argel trevalvo*, calçado
do pé direito e das duas mãos;
argel quadralvo, malhado dos
quatro pés.

Armino, malha de cabellos no
casco do cavallo, armim.

Atavanado, ou *atavonado*, es-
curo com pintas nas ancas ou
nas espaduas.

Cambraia, (bras.), completa-
mente branco.

Camurça, baio muito claro,
com a clina e a cauda mais cla-
ras do que as do baio.

Cardão, o mesmo que ruço:
«O cavallo *cardão*, que elle mon-
tava, parecia comprehendel-o».
JOSÉ DE ALENCAR, *O Sertanejo*,
I, 16.

Careto, diz-se do burro, que
tem o focinho todo negro.

Castanho, côr de castanha.

Colorado, (bras. do sul), ver-
melho, encarnado.

Debruado, diz-se do cavallo
cujo pêlo tem listas brancas.
A. DE E. TAUNAY, *Lexico de La-
cunas*.

Douradilho, de côr averme-
lhada; (bras. do sul), correspon-
dente a castanho.

Entrepelado, (bras. do sul),
que tem tres cores muito mistu-
radas: branco, vermelho e preto.

Façalvo, que tem o focinho
quasi todo coberto de um signal
branco.

Ferreiro, (bras.), que tem o
pêlo côr de rato.

Fornceiro, de côr ruiva.

Frontino, que apresenta ma-
lha branca na testa.

Gargantilho, (bras. do sul),
que tem o pêlo da garganta
manchado de branco.

Gateado, (bras. do sul), pêlo
que se aproxima do amarelo
desmaiado.

Interpolado, que tem pêlos
brancos entremeados com pêlos
escuros.

Isabel, em que cada pêlo é

metade branco e metade amarelo; côr de camurça.

Lavado, na expressão *castanho lavado*, em que a côr castanha é muito pronunciada ou tirante a amarelo.

Lobuno, (bras.), que tem o pêlo escuro e é um tanto acinzentado como o do lobo. Usa-se também das fórmulas *lobuno* e *libuno*: «O corseel *lobuno*, pastor da tropilha». AFFONSO ARINOS, *Pelo Serião*, 62. — «Era um potro *libuno*». COELHO NETTO, *Serião*, 80.

Lontra, baio bem sujo, com a cara às vezes baia.

Lunarejo, (bras. do sul), que se distingue por qualquer mancha ou signal no pêlo.

Malacara, (bras. do sul), que, tendo o corpo de uma ou mais cores, apresenta na testa uma mancha branca.

Malhado, que possui malhas ou manchas.

Manalvo, que tem manchas brancas nas mãos.

Mascarado, de qualquer côr, mas com cara branca.

Melado, (bras. do sul), de pelle e pêlos brancos, tendo quasi sempre os olhos ramelosos.

Melroado, que tem a côr escura do melro.

Mil-flores, mesclado de branco e vermelho.

Mosqueado, malhado de escuro em qualquer ponto limitado dos pelames de côr clara.

Morzelo, de côr preta.

Mouro, (bras. do sul), preto salpicado de pintinhas brancas.

Náfego, que tem um quadril ta ou cortada; rabicó, rabucho, rabichão.

Rabicão, que tem a cauda mesclada de branco.

Rato, o mesmo que pêlo de rato.

Raudão, synonymo de rosilho: «Cavalgava um cavallo *raudão*». ALEX. HERCULANO, *O Monge de Cister*, I, 289.

Remendado, malhado ou mosqueado: «O cavalleiro estava em cavallo fomeeiro *remendado* e grande». PALMEIRIM, *Galeria de Figuras Portuguezas*, I, 304.

Rodado, que tem pequenas malhas arredondadas: «Sahiu em cima de um cavallo ruço *rodado*». PALMEIRIM, *Galeria de Figuras Portuguezas*, I, 419.

Rosilho, que tem pêlos brancos de mistura com maior numero de outros vermelhos ou escuros, conforme o cavallo é *rosilho vermelho* ou *rosilho mouro*; rucilho.

Ruano ou *ruão*, mais claro que o alazão, apresentando a cauda e as crinas amarelas esbranquiçadas, bem como a ponta do focinho, orelhas e cabellos das mãos.

ou anca mais pequena que a outra.

Nambi, (bras. do sul), com uma ou duas orelhas caídas, muito pequenas.

Nevado, o mesmo que interpolado.

Oveiro, (bras. do sul), que tem manchas avermelhadas ou pretas sobre o corpo branco. Póde também o corpo ser preto ou vermelho com manchas brancas.

Pampa, (bras.), de duas cores.

Pangaré, (bras.), de pelame vermelho escuro ou amarelado, tendo o focinho vermelho claro ou desmaiado.

Pedrez, salpicado de preto e branco.

Pêga, o mesmo que malhado.

Pêlo de rato, de côr parda.

Pêlo de tigre, mosqueado como a pelle de tigre; tigrado, atigrado, tigre.

Pezenho, côr de pez, pezanho.

Picasso, (bras.), que tem o corpo preto, a testa e os pés brancos, ou então somente a testa desta côr.

Figarço, malhado de preto e branco ou de côr grisalha, picarço.

Pinhão, zaino claro, côr de vinho carregado.

Pombo, de pelle preta, coberta de pêlos brancos e com crinas de igual côr.

Pateado, branco, mascarado, com pintas pelo corpo.

Quatr'alvo, malhado de branco até os joelhos, quadralvo.

Queimado, tordilho claro.

Rab'alvo, de cauda branca.

Rabão, que tem a cauda curta.

Ruço, pardo claro; que tem mistura de pêlos brancos e pretos.

Sabino, de pêlo branco, mesclado de *vermelho e preto*.

Salgo, (bras.), que tem um ou ambos os olhos brancos, e em geral palpebras inflamadas e sem cilios; sapiroca.

Sapecado, diz-se do cavallo cujo pelo é vermelho tostado. A. DE E. TAUNAY, *Lexico de Lacunas*.

Sopa de leite, de côr branco tirando á isabel.

Tiçonado, malhado de negro: ruço tiçonado.

Tordilho, equivalente a ruço: *tordilho negro*, quando sobresaem os pêlos escuros; *tordilho sabino*, quando é salpicado o pêlo branco de manchas vermelhas.

Tostado, escuro: «Cavalgava em um cavallo alazão *tostado*». PALMEIRIM, *Galeria de Figuras Portuguezas*, I, 130.

Zaino, de pêlo todo castanho escuro; salno.

Zarco, o mesmo que salgo.

Zebruno, côr mais ou menos escura; sebruno.